



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA

ANA PAULA DAMASCENO SIQUEIRA

A imagem de Goiânia: a aula passeio e a imaginabilidade da cidade pelos
estudantes da Vila Pedroso

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Ana Paula Damasceno Siqueira

3. Título do trabalho

A imagem de Goiânia: a aula passeio e a imaginabilidade da cidade pelos estudantes da Vila Pedroso

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Professor do Magistério Superior**, em 28/10/2025, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Damasceno Siqueira, Discente**, em 06/11/2025, às 23:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5749571** e o código CRC **023BF4DC**.

ANA PAULA DAMASCENO SIQUEIRA

**A imagem de Goiânia: a aula passeio e a imaginabilidade da cidade
pelos estudantes da Vila Pedroso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás (UFG) como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino de História

Área de concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Professor Dr. Cristiano Pereira Alencar Arrais.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SIQUEIRA, Ana Paula Damasceno
A IMAGEM DE GOIÂNIA [manuscrito] : a aula passeio e a imaginabilidade da cidade pelos estudantes da Vila Pedroso / Ana Paula Damasceno SIQUEIRA. - 2025.
217 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Pereira Alencar ARRAIS.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, lista de figuras.

1. Ensino de História. 2. Cidade. 3. Memória. 4. História local. I. ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 057/2025 da sessão de Defesa da **Dissertação** de ANA PAULA DAMASCENO SIQUEIRA, que confere o título de **MESTRA em Ensino de História (ProfHistória/UFG)**, na área de concentração em **Ensino de História**.

Ao/s dezessete dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e cinco, a partir da(s) 14h00min, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **"A imagem de Goiânia: Materialidade e imaginabilidade dos estudantes de história na Vila Pedrosa, Goiânia"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Cristiano Pereira Alencar Arrais (ProfHistória/PPGH-UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Jiani Fernando Langaro (ProfHistória/PPGH-UFG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Sandra Mara Dantas (UFTM)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o **Julgamento da Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Cristiano Pereira Alencar Arrais**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dezessete dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

A imagem de Goiânia: a aula passeio e a imaginabilidade da cidade pelos estudantes da Vila Pedrosa



Documento assinado eletronicamente por **Breno Mendes, Coordenador de Pós-Graduação**, em 25/11/2025, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Professor do Magistério Superior**, em 25/11/2025, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Professor do Magistério Superior**, em 25/11/2025, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
informando o código verificador 5811711 e o código CRC 5A05D883.

Referência: Processo nº 23070.050053/2025-18

SEI nº 5811711

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire (1996, p. 53)

[...] devemos abominar [...] o ensino que não vivifica. [...] Decerto que temos necessidade da história, mas temos necessidade dela de uma maneira diferente. [...] quero dizer que temos necessidade dela para a vida e para a ação.

Nietzsche (1992, p. 110).

*A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. [...] Os homens modernos precisam enxergar uma espécie de despojamento do olhar, identificando, simplificando e reduzindo a multiplicidade de traços que uma cidade oferece para dizer quem é. [...] como um organismo que, num mesmo espaço, carrega consigo e reatualiza relíquias de um outro tempo, **a cidade precisa ser descoberta pelo olhar.** Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 14-17, grifo nosso)*

AGRADECIMENTOS

À luz divina que me guia.

À minha família pela força e apoio nesse período tão desafiador: minha mãezinha Sílvia, irmãos Valquíria e Vanessa, sobrinhos Dan e Yasmin, afilhada Nayanne, à memória do meu pai, e ao meu querido Gerson Jr., sempre ao meu lado para o que precisar.

A meu orientador, Cristiano Pereira de Alencar Arrais, pela sensibilidade, escuta e apoio nesse processo de produção desta dissertação, no qual encontrei segurança, organização e embasamento teórico para concluir essa empreitada. Ele, que também foi professor da educação básica da rede municipal de educação, e é tão conhecedor quanto eu do cotidiano de uma unidade escolar.

Aos meus professores do ProfHistória pelas aulas, textos e espaço para a reflexão e aprendizado, todos demonstrando respeito pelo nosso trabalho enquanto também professores de História, em especial à Sônia Maria Magalhães e ao professor Breno Mendes, que estiveram à frente da coordenação e foram tão solícitos.

Aos meus colegas do ProfHistória pelo incentivo, pela troca de ideias, experiência e reflexão sobre a nossa árdua e bela caminhada enquanto professores de História da educação básica e pesquisadores.

Aos meus queridos e queridas alunos(as) de 2024 das turmas de 8º e 9º anos e suas famílias pela participação nesse projeto e por terem me permitido trazer para a academia o conhecimento e as vivências produzidas no chão da escola.

À Secretaria Municipal de Educação (SME) por ter autorizado o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas professores da Escola Municipal Madre Francisca, que foram os facilitadores desse projeto, sem os quais teria sido inviável. À minha amiga e excelente professora, mestre em Geografia, Jocelane Rabelo, por ter me acompanhado nas aulas-passeio e ajudado a instigar os estudantes a conhecer e perceber o lugar onde vivem. Ao professor Henrique A. Silveira, que esteve presente em todas as visitas, sendo um apoio importante na organização dessas aulas fora do espaço escolar. Obrigada aos meus colegas das outras áreas de ensino, que, à época, estiveram me dando forças, trocando ideias e incentivando os estudantes a participar do projeto.

À equipe gestora, na pessoa do professor doutor em Geografia Hugo Gabriel da Silva Mota, diretor da Escola Municipal Madre Francisca, que foi o grande facilitador e incentivador

para a conclusão desta pesquisa, por acreditar no meu trabalho e me dar total apoio e autonomia para executá-lo. À coordenadora pedagógica professora Melina Arantes, que, mesmo sozinha à época na coordenação, ofereceu valioso auxílio na articulação e organização da logística das aulas-passeio.

Gratidão a todas as pessoas e instituições que me apoiaram na execução desta dissertação, como a Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc), por ter me concedido um ano e meio de licença-aprimoramento. Sem esse período fora da sala de aula pela rede estadual, não teria conseguido terminar o mestrado, pois continuei trabalhando na rede municipal. Aos meus colegas do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CEPMG) Major Oscar Alvelos, no qual estava lotada, como o professor Alexandre Magno, a coordenadora-geral Mariza Roza e o comandante/diretor Marcos Rabelo, que foram facilitadores para a viabilização dessa licença-aprimoramento.

Ao Ministério da Educação (MEC), por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela disponibilização da bolsa de estudo remunerada por dois anos, auxiliando nas despesas com o curso e redução da carga horária na rede estadual. Fui bolsista na condição de estudante cotista autodeclarada preta/parda, aliás, a única mulher negra dessa turma do ProfHistória.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) (Chamada Pública: 03/2022 - Programa de Auxílio à Pesquisa Científica e Tecnológica: Memória, historiografia e usos do passado), sob a coordenação do professor Cristiano Arrais, pelo custeio do produto desta dissertação: a construção de um *site* para a divulgação do trabalho.

Enfim... Gratidão. Gratidão. Gratidão.

RESUMO

A dissertação tem como objeto de estudo a cidade de Goiânia, a partir do Ensino de História de Goiás, tendo como principal referencial teórico-metodológico Kevin Lynch. O objetivo é analisar a imagem da capital a partir da percepção dos alunos do ensino fundamental de 8º e 9º anos da Escola Municipal Madre Francisca, localizada na Vila Pedroso. Por meio de esboços de desenhos de vários percursos e aplicação de questionários, busca-se investigar a percepção da imagem da cidade pelos estudantes, antes e após a realização de visitas pedagógicas a lugares considerados centrais de Goiânia, onde se deu a origem da cidade considerada planejada; além de outros percursos que incluem as adjacências da casa à escola. O intuito é identificar a imagem da cidade a partir dos espaços de vivência, da arquitetura atual e discursos imagéticos sobre a sua fundação, e relacionar as partes mais vivas para a memória do observador, analisando se coincidem com a imagem da cidade projetada pelos urbanistas. São utilizados os conceitos de imagem, memória, monumento, cidade, centro e periferia. A parte propositiva consiste na construção de um material visual da cidade a partir da percepção dos alunos, a ser divulgado em um *site*, com textos de apoio sobre o tema pesquisado e sequências didáticas realizadas para o desenvolvimento do projeto de pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de História, cidade, memória, história local.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the city of Goiânia, examining it through the lens of the teaching of Goiás History, with Kevin Lynch as the main theoretical-methodological reference. The aim is to analyze the image of the capital as perceived by 8th and 9th grade elementary school students from Escola Municipal Madre Francisca, located in Vila Pedroso. By means of sketch drawings of various routes and the application of questionnaires, the research investigates students' perceptions of the city's image before and after pedagogical visits to central sites in Goiânia—places considered foundational to the planned city's origins—as well as other routes, including the areas between home and school. The objective is to identify the image of the city based on lived spaces, current architecture, and imagistic narratives about its founding. The study seeks to relate the most vivid aspects of the city for these observers' memories and whether these coincide with the city image envisioned by urban planners. Concepts such as image, memory, monument, city, center, and periphery will be employed. As a propositional element, the project includes constructing a visual representation of the city based on student perceptions to be published on a website, along with supporting texts on the researched theme and didactic sequences developed during the research project.

Keywords: History teaching, city, memory, local history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Eduardo Bilemjian, 1933.....	41
Figura 2 - Fotografia de Sílvio Berto. Grande Hotel, 1937.....	42
Figura 3 - Fotografia de Hélio Oliveira, 1969, verticalização de Goiânia, Avenida Goiás	43
Figura 4 - Construção da Praça Cívica. Goiânia, 1933. Foto de Alois Feichtenberger.....	43
Figura 5 - Cabana (Trabalhadores construindo suas moradas). Goiânia, 1936. Fotografia de Alois Feichtenberger.....	44
Figura 6 - Vila de Operários. Goiânia, 1937. Fotografia de Alois Feichtenberger	44
Figura 7 - Fotografia do Museu Pedro Ludovico	48
Figura 8 – Fotografia da Casa de Pedro Ludovico, erguida entre 1935 e 1937	48
Figura 9 - Fotografia do monumento equestre de Pedro Ludovico Teixeira.....	50
Figura 10 - Fotografia do busto de Pedro Ludovico Teixeira em frente ao Palácio das Esmeraldas.....	53
Figura 11 - Fotografia da fachada do Museu Zoroastro Artiaga	55
Figura 12 - Fotografia do Palácio das Esmeraldas	56
Figura 13 - Fotografia do vitral do primeiro andar – Palácio das Esmeraldas	56
Figura 14 - Fotografia da torre do relógio na Avenida Goiás	58
Figura 15 - Fotografia do Teatro Goiânia.....	58
Figura 16 - Fotografia da antiga Estação Ferroviária de Goiânia.....	59
Figura 17 - Fotografia do Monumento a Goiânia – “Monumento às Três Raças”	60
Figura 18 - Fotografia do Obelisco da Praça Cívica	61
Figura 19 - Fotografia da Praça Cívica na década de 1950, de Hélio de Oliveira, com o obelisco original.....	61
Figura 20 - Fotografia da Praça Cívica com o Monumento a Goiânia.....	62
Figura 21 - Fotografia da Praça Attílio Corrêa Lima, chamada de Praça do Bandeirante, em 1953	66
Figura 22 - Fotografia do cruzamento das Avenidas Anhanguera e Goiás, com o monumento ao bandeirante ao centro	66
Figura 23 - Monumento aos trabalhadores em Goiânia	67
Figura 24 - Fotografia de Alois Feichtenberger – 1961 – da Praça do Trabalhador.	68
Figura 25 - Fotografia do Monumento “A todos nós”, de Siron Franco	70
Figura 26 - Fotografia do Monumento “A todos nós”, de Siron Franco	70

Figura 27 - Fotografia do quadro após a aula no 8º B.....	80
Figura 28 - Fotografia dos alunos do 9º B realizando o mapa mental.....	81
Figura 29 - Fotografia de uma aula no 8º A	81
Figura 30 - <i>Slides</i> apresentados em sala	82
Figura 31 - <i>Slides</i> apresentados em sala	83
Figura 32 - Registro na porta da escola antes da saída ao centro de Goiânia.....	86
Figura 33 - Fotografia dos estudantes interagindo com o Monumento às Três Raças.....	88
Figura 34 - Fotografia dos estudantes observando a fachada do Palácio das Esmeraldas	89
Figura 35 - Fotografia dos alunos com a gameleira na Praça Cívica	90
Figura 36 - Fotografia de aluna interagindo com o monumento “Caleidoscópica” na Praça Cívica.....	91
Figura 37 - Fotografia de alunos conversando com o Sr. Luiz no Museu Pedro Ludovico	92
Figura 38 - Fotografia de aluno no lugar onde era a antiga Praça do Bandeirante. Ao fundo, o monumento ao Anhanguera.....	93
Figura 39 - Fotografia da interação dos estudantes com a “Maria-Fumaça” na antiga estação ferroviária	98
Figura 40 - Desenhos do percurso casa – escola produzidos pelos alunos.....	107
Figura 41 - Fotografia dos alunos jogando futebol na quadra e, ao fundo, a Escola Municipal Madre Francisca	108
Figura 42 - Fotografia da quadra onde alunos jogam e, ao fundo, a Escola Municipal Madre Francisca.....	109
Figura 43 - Desenhos feitos pelos estudantes antes da visita ao centro de Goiânia	110
Figura 44 - Desenhos do percurso ao centro após a visita.....	114
Figura 45 – Imagem do site em construção. Aba: O Projeto.....	122
Figura 46 - Imagem do <i>site</i> em construção. Seção: Sequências didáticas.....	122
Figura 47 - Imagem do <i>site</i> em construção. Seção: Goiânia aula-passeio.	123
Figura 48 - Imagem do <i>site</i> em construção. Aba: Fotos e vídeos.....	123

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCC	Comando de Caça aos Comunistas
CEPMG	Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás
DC-GO	Documento Curricular para Goiás – Ampliado
EBEF	Exame Bimestral do Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Fabec	Faculdade Brasileira de Educação e Cultura
Fapeg	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás
Fundiart	Fundição Artística Ltda.
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OBA	Onésio Brasileiro Alvarenga
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
Seduc	Secretaria de Estado da Educação de Goiás
SESI	Serviço Social da Indústria
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFG	Universidade Federal de Goiás
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CIDADE DE GOIÂNIA: ENTRE A MATERIALIDADE E A SENSIBILIDADE	24
1.1 Os estudos relacionados ao urbano.....	24
1.2 O urbanismo moderno da capital e o aumento populacional.....	33
1.3 O centro da cidade e a produção imagética do espaço urbano de Goiânia.....	39
1.4 A capital monumental do mito ludoviquismo	46
1.5 O <i>Art Déco</i> em Goiânia.....	53
1.6 Outros monumentos da capital	59
1.7 O ensino de História e pesquisas relacionadas ao urbano e aulas-passeio.....	72
2 A IMAGEM DA CIDADE DE GOIÂNIA PELOS ESTUDANTES DA VILA PEDROSO	76
2.1 A escola campo e o desenvolvimento inicial da pesquisa	77
2.2 Desenvolvimento da sequência didática antes da visita ao centro de Goiânia	79
2.3 A escolha dos roteiros de visita à cidade	84
2.4 Relatos de experiência das aulas-passeio pela professora pesquisadora	86
2.4.1 A primeira visita.....	86
2.4.2 A segunda visita.....	94
2.4.3 A terceira visita	96
2.5 A imagem da cidade pelos estudantes.....	99
2.5.1 <i>Da cidade local para a central.....</i>	<i>109</i>
2.5.2 <i>A avaliação da experiência da aula-passeio pelos estudantes.....</i>	<i>115</i>
2.5.3 <i>Que imagem da cidade é essa? O ensino de História, a cidade central e a afetiva</i>	<i>117</i>
2.6 A parte propositiva: um <i>site</i>	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ANTES DA VISITA (AULA-PASSEIO).	134
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APÓS A VISITA.....	135
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS ANTES DA VISITA DE ALGUNS ESTUDANTES	136
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS DEPOIS DA VISITA DE ALGUNS ESTUDANTES.....	178
APÊNDICE E – DESENHOS DO PERCURSO CASA-ESCOLA	217

INTRODUÇÃO

Ao propor pesquisa vinculada ao ProfHistória, inicio com a provocação de Rüsen (2011): “Pode-se melhorar o ontem?” A História e o ensino de História têm essa função social de fazer com que o passado se torne melhor. A possibilidade de melhorar o passado tem utilidade para a orientação da vida humana, da vida prática. Apropriar-se da experiência possibilita compreender a si mesmo e ao mundo no reconhecimento de identidade. Permite dar voz e lugar a grupos silenciados, abordando o passado a partir de uma nova interpretação, mostrando ações, possibilidades e valores em que esse passado tenha sentido e orientando a vida prática das pessoas no presente, na esperança de um mundo melhor.

Objetividade e engajamento podem existir na Teoria da História, de Rüsen (2011). Dado que o ser humano é um ser incompleto, carente de orientação, o pensamento histórico busca responder a suas inquietações, retornando à vida para orientá-lo na prática. Rüsen (2011) é otimista ao mostrar que o passado é uma força existencial que constitui o que nós somos, pois temos carência de orientação e perspectiva de futuro. O passado não é um repositório de acontecimentos que não têm interferência no presente. Não podemos mudar os fatos, mas podemos alterar o sentido que damos ao passado. Por isso, a história está sendo sempre reescrita.

Melhorar o passado é assumir que é possível transformar o sentido dos acontecimentos sem abandonar a factualidade. Mostrar que esse passado não é tão heroico quanto se supõe. O mal não era absoluto, pois havia resistência, e o resultado tampouco era inevitável, pois vários futuros eram possíveis. Nesse pensamento, qual a função social do historiador? O historiador pode ser curador de histórias de grupos sociais ao socializar esse conhecimento além da academia, considerando que todos têm direito à história, já que somos seres históricos.

É assim que percebo e acredito na História e, por consequência, no ensino de História, como um meio de orientar a vida prática dos nossos estudantes, possibilitando dotar esse passado de uma história plena de significados para o presente. Mais do que isso, reitero o que é defendido por Nietzsche: uma história para a vida que possa servir aos homens em seu presente. Ele é incisivo nessa abordagem em *Considerações Intempestivas*: “[...] devemos abominar, segundo a palavra de Goethe, o ensino que não vivifica. [...] Decerto que temos necessidade da história, mas temos necessidade dela de

uma maneira diferente. [...] quero dizer que temos necessidade dela para a vida e para a ação” (Nietzsche, 1992, p. 110).

É nessa relação entre a academia e o chão da escola, no desejo de uma história para a vida e a ação, que a cidade de Goiânia se torna objeto de estudo, com o intuito de identificar a imagem que os estudantes de 8º e 9º anos do ensino fundamental da educação básica fazem dela a partir do ensino de História de Goiás. Essa imagem é observada tanto na arquitetura atual e nos discursos sobre sua fundação quanto nas memórias que os alunos mobilizam, sendo nosso objetivo verificar se elas coincidem com a imagem da cidade projetada pelos urbanistas. Para isso, são analisados os esboços de desenhos de percursos feitos pelos alunos, bem como suas respostas aos questionários aplicados antes e após as visitas pedagógicas a lugares considerados centrais de Goiânia, onde se deu a origem da cidade considerada planejada; além de outros percursos que incluem as adjacências da casa à escola.

A pesquisa considera a materialidade da arquitetura da cidade e a problematiza as contradições entre o passado e o presente, o centro e a periferia, identificando pontos fracos e fortes dessa orientação espacial. Ela busca compreender como os estudantes se familiarizam com o meio na leitura imagética da capital, proporcionando a eles o contato físico, a experiência sensorial, a aprendizagem sobre sua formação e desenvolvimento. São utilizados conceitos de cidade, memória, patrimônio/monumento, centro e periferia nessa observação da urbe pelos alunos, tendo como estratégias as visitas pedagógicas, isto é, aulas-passeio, e como parte propositiva a construção de um material visual da cidade a partir da percepção dos alunos, a ser divulgado por meio de um *site*, com textos de apoio sobre a temática pesquisada.

Esse projeto adquiriu forma a partir da minha experiência de vinte anos de docência na rede pública estadual e municipal, durante as vivências pedagógicas com os alunos do ensino fundamental regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio de visitas a lugares considerados históricos da região, como a Cidade de Goiás e Pirenópolis. As dificuldades são inúmeras ao propor qualquer experiência fora da escola para estudantes da rede pública. Contudo, determinada a fazer com que os alunos experimentassem uma forma de aprendizagem além dos muros escolares, realizei várias viagens a essas cidades do século XVIII, onde se deu a origem do estado de Goiás, impulsionada pela Corrida do Ouro. A maioria dessas visitas foi financiada pelos próprios

estudantes, já que a escola não dispunha de verba para locação de ônibus, alimentação ou taxa para entrada nos museus.

Percebia nessas ocasiões a alegria dos alunos por vivenciarem com seus pares a oportunidade de conhecer uma cidade nunca visitada, entrar pela primeira vez em um museu, interagir com o lugar e com a memória ali presente. Retornando eufóricos com tudo o que tinham visto e aprendido com a experiência, eles cobravam que eu organizasse outros momentos semelhantes, o que me motivava a realizar mais visitas a esses “lugares de memória”.

Ser professora nesses mais de vinte anos em sala de aula representou um grande aprendizado para a vida, sobretudo, com relação à empatia, sensibilidade e escuta. Não trabalhamos com máquinas, mas sim com seres humanos em salas de aula heterogêneas. A escolha dessa profissão veio tardiamente, após ter trabalhado em supermercado e escritórios. Tudo começou em 2000, quando iniciei o curso de História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). No processo de preparação para ingressar na universidade, sabia que tinha de prestar vestibular na área de humanas, pois, dois anos antes, havia feito o curso técnico pós-médio em Saneamento na antiga Escola Técnica e percebido que não tinha aptidão para a área de biológicas, nem pelos cursos de engenharia civil ou arquitetura.

Foi uma conquista quando iniciei o curso de História. Durante o ensino médio, essa era a minha disciplina favorita, e poder cursá-la em uma universidade pública, gratuita e de qualidade era um privilégio. No primeiro ano de faculdade, atuei como estagiária no Serviço Social da Indústria (SESI) pelo programa “Educação para o trabalhador”, ministrando aulas para jovens e adultos trabalhadores da indústria, experiência que durou dois anos.

No 3º ano da faculdade, lecionei por quase um ano para jovens e adultos à noite, na condição de contrato temporário pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc), mas tive de deixar a escola quando chegou um professor efetivo. Retornei para o SESI lecionando para trabalhadores de uma fábrica de adubos, os quais, após o dia de trabalho, dirigiam-se a uma sala de aula improvisada pela indústria para terminar o ensino fundamental. Lembro-me de cruzar a cidade por quase duas horas em ônibus coletivo para chegar ao local, sendo gratificante encontrar os estudantes à minha espera para as aulas do dia. Tudo isso fazia com que eu visse a profissão como desafiadora e, ao mesmo tempo, dotada de um valor social imenso.

No último ano de faculdade, em 2003, houve concurso público para professor pela Seduc. Tive de colar grau às pressas para tomar posse no início do ano letivo de 2004. A partir desse ano, fui modulada em uma escola em Aparecida de Goiânia, onde à noite atendia alunos da EJA, ensino fundamental e médio. Permaneci até 2021, quando a escola se integralizou e o estado fechou o curso noturno, o que me deixou indignada. Depois de 17 anos na escola trabalhando com a EJA, foi triste ver os alunos lamentando o fim da modalidade no bairro. Muitos não sabiam se iriam continuar os estudos, talvez desistissem de estudar.

Tudo isso ocorreu após a pandemia. O esforço de toda a equipe de professores, coordenação pedagógica e gestão para impedir a desistência e atender os alunos em grupos de estudos pelo WhatsApp, produzindo videoaulas e atividades, foi ignorado pelo poder público.

Tinha uma grande satisfação em dar aula para os alunos dessa modalidade de ensino. Quando iniciei na rede estadual lecionando na EJA em 2004, atendíamos apenas jovens e adultos acima de 18 anos. Com o tempo, passamos a atender adolescentes acima de 15 anos. Geralmente, os reprovados no ensino regular diurno eram encaminhados para o noturno, o que ampliava os desafios. Parte desses alunos mais jovens não ia para a escola a fim de estudar; às vezes, ia para atrapalhar as aulas, fazer uso de drogas ou até mesmo comercializá-las. Os mais velhos demonstravam insatisfação com essa situação e cobravam da gestão mudanças.

Em 2008, realizei o concurso para professor pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de Goiânia e, atualmente, leciono também para adolescentes de 6º a 9º anos no período matutino. Entrei quando a rede estava organizada em Ciclos de Formação de Aprendizagem, com uma proposta de educação mais humanizada, com flexibilização dos tempos-espacos e foco na garantia da aprendizagem e não na reprovação. Atualmente, o ensino é regular e seriado. A partir de 2016, foi sendo reestruturado para ser igual ao da rede estadual, extinguindo-se os “ciclos”, o que, para mim, foi uma perda, pois se aderiu completamente a uma educação meritocrática e tecnicista.

No estado, em 2022, fui modulada em um colégio militar. Na verdade, com a integralização das escolas, os Colégios Estaduais da Polícia Militar de Goiás (CEPMGs) acabaram sendo uma das poucas opções para quem trabalha em duas redes de ensino, por não atenderem no período integral. Apesar de, na época, ter resistência em trabalhar em

uma escola militarizada, era uma unidade escolar muito próxima da minha casa e me permitia dar aulas à noite.

Atualmente, o período noturno, que atendia ao ensino médio regular, foi extinto no CEPMG e em escolas não militarizadas. Lamentavelmente, a Seduc adotou uma política de fechamento de turmas desse turno, priorizando a educação a distância ou técnica na modalidade de EJA, o que tem relação direta com a estratégia do poder público de garantir avanços no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). A medida se explica por dois motivos: porque a carga horária no noturno é menor que a do diurno e porque os alunos, geralmente trabalhadores, apresentam rendimentos inferiores nessas avaliações externas.

No final do ano passado, ao ser aprovada no mestrado do ProfHistória pelo sistema de cotas, mal pude acreditar. Fiquei feliz e ao mesmo tempo temerosa de enfrentar mais este desafio: trabalhar e estudar. Havia muito tempo, almejava cursar uma pós-graduação *stricto sensu*, por dois motivos: pelo prazer de estudar e pelo desejo de obter uma promoção na carreira. Dois fatores que me auxiliaram a concluir o mestrado do ProfHistória foram ter conseguido licença-aprimoramento pela SME no segundo ano de mestrado e ter recebido bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Sempre gostei muito de estudar e já realizei diversos cursos de formação, o que me proporcionou valioso auxílio na prática pedagógica em sala de aula. Fiz duas pós *lato sensu* na área de História: “História Cultural” na UFG, em 2006, e a outra em Educação, no curso de “Psicopedagogia”, na Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (Fabec), em 2012. Com o ProfHistória, pude recomeçar a vida acadêmica, estagnada havia tempos, com muita alegria por ser um mestrado profissional que tem como público-alvo professores que atuam na rede básica de ensino. O fato de poder ter acesso ao curso sem um projeto já elaborado foi decisivo, pois o cotidiano da sala de aula, a elevada carga horária (60 horas semanais) e a alta concorrência na prova de seleção não encorajam a fazer um mestrado. Retornar à UFG, casa da minha primeira formação acadêmica, pela qual tenho muitas memórias afetivas e cuja equipe de professores é muito qualificada, foi um sonho realizado.

Nesse retorno, percebi algo diferente no mestrado profissional: a universidade queria nos ouvir! Nós, professores da educação básica, estávamos levando para a academia nossa experiência do chão da escola; por outro lado, estudávamos a fim de

produzir conhecimento científico a partir do ensino de História na academia. Isso foi enriquecedor. Quantas excelentes aulas, textos, cursos e discussões com os professores e os colegas! Ainda mais porque voltávamos da pandemia e sofriamos as dificuldades acarretadas pelo autoritarismo e pelo negacionismo.

Quando se iniciou o curso do ProfHistória, levei para a academia várias indagações e angústias, resultado dos tempos difíceis enfrentados pela educação e pelo ensino de História em sala de aula. Enfrentei vários desafios nesses tempos de polarização política, e acredito ainda enfrentar, pois o estudo de temas considerados sensíveis, como as relações de gênero e étnico-raciais, encontra resistência entre os estudantes e/ou famílias. Por outro lado, discutir temas como racismo estrutural, relações de gênero e povos originários possibilita, por meio da memória, o resgate identitário dos nossos alunos a partir do direito ao ensino de História. A área de ciências humanas – e especificamente o ensino de História – tem o compromisso de promover uma educação inclusiva, laica, democrática, o que é embasado em documentos como a Constituição Federal de 1988, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), entre outros.

Amo a minha profissão e me sinto desempenhando um papel social relevante, apesar das várias limitações nas condições de trabalho e da desvalorização da carreira docente, pelo fato de nós, professores, não sermos reconhecidos como intelectuais, apenas como executores de algo dado e pronto. Assim, as escolas deixam de ser um espaço de reflexão e produção de conhecimento. Nesse contexto, o que me estimulou a continuar na profissão foi o desejo de contribuir para que cada adolescente, jovem e/ou adulto tivesse consciência histórica, a fim de transformar o presente, coletivamente, diante das necessidades sociais.

São muitos os desafios na educação relacionados à falta de políticas públicas, à desvalorização dos profissionais que atuam na área, à meritocracia, à carga horária de trabalho excessiva e à polarização política, que fazem com que a educação e o ensino de História sejam alvos de ataque e de resistência. Porém, é possível contribuir para a formação humana, o chão da escola pública, porque o verdadeiro reconhecimento vem dos próprios estudantes.

Esse projeto desenvolvido no Mestrado do ProfHistória foi a oportunidade de produzir conhecimento na academia a partir da experiência das aulas-passeio, semelhantes àquelas realizadas por mim quando lecionava na EJA, na rede estadual, e

com os adolescentes do ensino fundamental regular, na rede municipal. Na conversa com o orientador, a pesquisa a ser desenvolvida passou a ter como objeto de estudo a cidade, isto é, “a imagem da cidade”, a partir da proposta teórica de Kevin Lynch (2011). A cidade a ser utilizada como fonte de pesquisa poderia ser a capital do estado, Goiânia, ou a Cidade de Goiás; e os alunos seriam o laboratório na construção de um material visual da cidade. Delimitei Goiânia por ser mais fácil o deslocamento e por ser o lugar onde vivem os alunos.

Para a maioria dos estudantes, o centro da cidade é algo distante da realidade cotidiana. Eles conhecem pouco ou desconhecem a história da formação de Goiânia a partir da Praça Cívica e suas avenidas centrais, marco da construção da capital como cidade planejada. Por outro lado, pretendo confrontar a imagem da cidade não só a partir da cidade central, mas também da cidade periférica, que abrange as adjacências entre o bairro onde moram e a escola.

Como diz Pesavento (2007, p. 17),

[...] os homens modernos precisam exercer uma espécie de despojamento do olhar, identificando, simplificando e reduzindo a multiplicidade de traços que uma cidade oferece para dizer quem é. Como uma máquina que compõe, repõe e readapta suas funções, ou como um organismo que, num mesmo espaço, carrega consigo e reatualiza relíquias de um outro tempo, a cidade precisa ser descoberta pelo olhar.

Há algumas pesquisas que têm como objeto de estudo a cidade, o urbano, mas a maioria aborda a educação patrimonial, e nenhuma inclui como parte propositiva a construção de um material visual de Goiânia a partir da observação dos alunos. Para Pesavento (2007), citando Walter Benjamin, as cidades são materialidade e podem ser lidas por meio de narrativas presentes na arquitetura, em fotografias, no cinema, na música, na literatura, na oralidade dos seus habitantes sobreviventes ao tempo, mas sempre pensadas pelas lentes do presente, numa tarefa de identificação das suas representações.

Para a realização deste trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica a partir da busca, em bancos de dados, por dissertações e teses que abordassem o objeto de estudo. Foram selecionados, preferivelmente, os trabalhos que estivessem relacionados à imagem da urbe no ensino de História. A base teórica desta dissertação terá autores como Kevin Lynch, Sandra Jatahy Pesavento, Françoise Choay, Giulio Carlo Argan, além de autoras

como Circe Bittencourt e Ana Maria Monteiro, que tratam do Ensino de História e da História Local.

A coleta de dados foi operacionalizada por meio da aplicação de questionários e pela realização, por parte dos alunos, de desenhos de roteiros da cidade. Além disso, foram utilizados textos de apoio sobre a fundação da cidade de Goiânia e documentos visuais (fotografias) referentes tanto ao período da construção de Goiânia quanto ao período posterior, marcado pelo seu crescimento e desenvolvimento, com aumento populacional.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois analisa a imagem da cidade de Goiânia tendo em vista uma complexidade de valores, visão de mundo e familiaridade entre o observador e o objeto, buscando entender como essa imagem é construída por meio dos olhares sobre sua arquitetura, ruas, praças, edificações, parques e bairros que demonstram o social, movimento, sentimentos, identidade, o passado.

Antes de realizar a pesquisa em campo (aula-passeio), foi desenvolvida uma sequência didática na qual foram exibidas imagens (fotografias) e apresentados textos de apoio sobre a história da cidade de Goiânia, abordando a transferência da capital, a construção da cidade a partir de uma perspectiva de planejamento, os discursos sobre a sua origem e desenvolvimento até os anos de 1960, em um contexto de defesa da modernidade e do desenvolvimento.

A sequência didática foi estruturada em cinco aulas. A proposta não tinha a intenção de ser rígida, pois, dependendo da participação dos alunos, poderia se estender para mais momentos. A primeira aula, intitulada “A cidade – o conceito e o sentimento por ela”, teve como objetivo identificar o que os alunos sabiam sobre o tema. O que é cidade? Quais as origens de uma cidade? São planejadas ou não? Quais memórias coletivas ou individuais elas carregam sobre a experiência humana? Como são evidenciadas, em seu conjunto arquitetônico e nas relações pessoais e de poder, as desigualdades sociais? Quais são os problemas da cidade onde os alunos vivem? É possível enfrentá-los e minimizá-los?

É importante considerar que, na execução do projeto, os alunos participantes eram de 8º e 9º anos e, por isso, possuíam conhecimentos acumulados no estudo do urbano nas diferentes disciplinas ao longo de sua trajetória estudantil. Numa aula expositiva e dialogada, podia-se instigá-los a responder a questões sobre o tema de forma coletiva (numa discussão entre professor e alunos), ou com eles divididos em grupos, para em

seguida apresentar reflexões para toda a sala. O importante era montar um quadro ou painel com as respostas apresentadas.

Outra atividade para estimular os estudantes a refletir sobre a urbe consistiu em uma dinâmica sobre “O que tem na minha cidade”? Numa folha de caderno ou sulfite, os estudantes deveriam responder, de forma objetiva, sobre o que conheciam da cidade onde viviam. Eles deveriam citar o nome de um *shopping*, teatro, parque, time de futebol, comida típica, hospital, praça, estádio, prédio público, música que faz parte da cultura goiana, cantor ou cantora, do que mais gostavam e menos gostavam da cidade, um lugar que evocava uma memória afetiva, o que deveria haver na cidade que poderia melhorar a qualidade de vida dos jovens. O objetivo da dinâmica foi observar o que os estudantes conheciam sobre a cidade e sua cultura. Esperava-se que a atividade, sendo coletiva, proporcionasse interação entre eles, já que precisariam compartilhar as experiências vivenciadas.

A segunda aula, intitulada “A minha cidade”, foi o momento de os alunos produzirem um mapa mental de um percurso feito todos os dias, sendo sugerido que o trajeto fosse o da casa para a escola. Os resultados deveriam considerar as imagens do ambiente a partir da relação estabelecida entre o observador e o lugar, pois a realidade pode variar entre diferentes observadores e a forma como é feito esse percurso: a pé, carro, ônibus ou bicicleta.

Após a conclusão, foi realizado um momento para que os alunos pudessem compartilhar espontaneamente a experiência, indagando-lhes: o que foi mais fácil de identificar? O que foi difícil? Quais pontos se destacaram no esboço do mapa? A proposta os ajudou a perceber melhor o lugar onde vivem?

Na terceira aula, “A história da cidade por meio de imagens”, foram mostradas várias imagens da cidade – alguns monumentos, conjunto arquitetônico, avenidas, ruas, objetos, traçados, cores, arte –, contemplando a história da sua fundação, os discursos problematizados nas fotografias da cidade e o conceito de memória nos monumentos do centro de Goiânia.

Assim, foram abordados os assuntos abaixo:

1. A história da construção de Goiânia por meio de imagens:
 - a) Transferência da capital relacionada à conjuntura política de Marcha para o Oeste do período varguista e Pedro Ludovico Teixeira.

- b) Os motivos da construção de uma nova cidade para ser a capital e a disputa de poder entre as oligarquias regionais;
- c) A escolha do local, o nome dado à cidade e o projeto arquitetônico idealizado por Atílio Corrêa Lima e Armando de Godoy;
- d) Os trabalhadores da construção de Goiânia;
- e) O crescimento da cidade entre o centro e a periferia.

2. Fotografias da região central com seus monumentos, museus, conjunto arquitetônico e o acervo *Art Déco* da cidade.

A quarta aula foi direcionada para a aplicação do questionário antes da visita. Os alunos deveriam responder às seguintes perguntas: Quando ouve a palavra Goiânia, do que se lembra imediatamente? Como descreveria a cidade em linhas gerais? O que sabe sobre ela, sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes etc.? Quais são os lugares da cidade que costuma frequentar? Se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Cite um elemento na cidade que você considera como favorito e que, se você pudesse, tombaria como um patrimônio a ser preservado? Faça um mapa (esboços de percursos) do centro de Goiânia – da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo à rodoviária de Goiânia), descendo a Avenida Goiás – como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

O bairro onde está a escola fica localizado na região leste da cidade. Foi explicado que o objetivo seria chegar ao centro pela Avenida Universitária até a Praça Cívica de ônibus.

- Na Praça Cívica, a pé, seria iniciado o trajeto:
 - a) Museu Zoroastro Artiaga, onde não entraríamos para a visita. O objetivo seria observar a arquitetura do prédio e as características do *Art Déco* do lado externo;
 - b) Fonte luminosa;
 - c) Monumento às Três Raças. Desse local, seria observado o traçado da cidade;
 - d) Palácio das Esmeraldas;
 - e) Monumento “Pedro Ludovico montado a cavalo”;
 - f) Monumento “A todos nós”.
- Visita à antiga casa de Pedro Ludovico Teixeira – museu.

- Passeio pela Avenida Goiás.
 - a) Coreto;
 - b) O relógio;
 - c) Grande Hotel;
 - d) Monumento do Bandeirante no cruzamento entre as Avenidas Anhanguera e Goiás;
 - e) Avenida Paranaíba – monumento de Andreino Rodrigues de Moraes, que doou parte das terras para a construção da capital.
- Praça dos Trabalhadores (antiga estação ferroviária) com seu monumento à “Maria-Fumaça”.

A quinta aula ou momento consistiu na aplicação de um questionário após a visita, de forma escrita e/ou gravada, em que os estudantes tiveram que informar inicialmente se nasceram em Goiás, Goiânia ou se vieram de outro lugar e há quanto tempo moravam na capital. O objetivo do questionário elaborado foi induzir os alunos a relatar a experiência da aula-passeio pelo centro de Goiânia do momento em que acordaram naquele dia até o retorno à escola.

O ponto central da pesquisa foi o trabalho de campo, a visita ao centro de Goiânia, numa estratégia pedagógica de aula-passeio, a fim de identificar nos percursos os pontos fortes, ou seja, os referenciais da cidade notados pelo observador durante as visitas pedagógicas, e os pontos fracos, isto é, os referenciais da cidade ignorados pelo observador e que tivessem uma conotação histórica e arquitetônica planejada por urbanistas/arquitetos. Essa observação deveria partir de uma perspectiva individual, com o intuito de abarcar o coletivo, considerando ser os observadores adolescentes, de classes populares e moradores da periferia de Goiânia.

A pesquisa teve dois pontos de abordagem: o primeiro, referente à construção da imagem da cidade percebida pelos alunos a partir da observação da arquitetura e monumentos que a cidade oferece. A proposta consistiu em construir percursos mentais por meio de desenhos dos trajetos familiares, isto é, conhecidos pelos alunos, como também dos trajetos não familiares, ou seja, pouco ou nada conhecidos, por exemplo, os lugares centrais da cidade, confrontando as imagens da cidade central e da periférica onde moram e estudam. O segundo ponto foi o conhecimento histórico sobre a cidade onde vivem por meio do estudo do urbano.

Com a finalidade de apresentar os resultados da pesquisa sobre a imagem da cidade de Goiânia a partir da observação dos estudantes, será criado um *site* para disponibilizar o material visual da cidade, as sequências didáticas das aulas, os textos de apoio para professores da temática pesquisada, as fotografias da visita e os relatos dos próprios alunos.

A dissertação está estruturada em dois capítulos. O primeiro contém a revisão bibliográfica sobre o tema estudado, que tem como objeto de estudo a cidade, considerando alguns teóricos que discutem urbe, imagem, monumento e memória. Aborda-se também o processo de construção e transferência da capital até a década de 1960, a partir das imagens dos chamados fotógrafos pioneiros.

O segundo capítulo realiza uma discussão sobre a sequência didática desenvolvida em sala de aula para o estudo da urbe, bem como a preparação para o trabalho de campo relacionado à saída com os alunos ao centro de Goiânia. Também é feita a análise dos questionários aplicados antes e após a visita. Apresentam-se os resultados da pesquisa com o material visual da cidade a partir da observação dos alunos, incluindo sua percepção da cidade periférica e da central. Informa-se ainda como foi feita a estruturação do *site* a ser divulgado no *Google Sites* sobre a pesquisa desenvolvida e a preparação da aula-passeio ao centro de Goiânia.

1 CIDADE DE GOIÂNIA: ENTRE A MATERIALIDADE E A SENSIBILIDADE

Não há como descrever a cidade meramente como um espaço onde um vasto conjunto de pessoas se concentra para morar. Como lembra Pesavento (2017), a cidade, além de sua materialidade, é também sensibilidade. Por isso, é capaz de se apresentar mais “real” à percepção de seus habitantes do que seria se fosse restrita à sua materialidade concreta. Apesar de muitas cidades serem planejadas e projetadas por urbanistas, arquitetos e poder público, são as experiências e vivências cotidianas das pessoas que dão sentido a elas.

1.1 Os estudos relacionados ao urbano

Os estudos sobre cidade encontraram solidez a partir da metade do século XIX, quando o campo de pesquisa e discussão se tornou interdisciplinar, incluindo não só historiadores, mas também sociólogos, geógrafos, urbanistas, antropólogos e economistas. Desde os anos 1990, com a emergência da história cultural, a urbe deixou de ser apenas um lugar privilegiado de produção para se converter em um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que são produzidas e que impulsionam práticas sociais.

Dessa forma, a imagem da cidade segundo a percepção de seus sujeitos pode também implicar a construção de uma memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), para se desenvolver, a memória coletiva precisa estar inserida no espaço em que vivemos, ao qual temos acesso e que é reconstruído pela nossa imaginação ou pensamento. No espaço, é possível recuperarmos o passado nas nossas lembranças, considerando que a memória coletiva se compõe de um conjunto de memórias individuais – de indivíduos inseridos em grupos menores – por meio de representações coletivas. A cidade também tem os seus “lugares de memória”, conceito utilizado pelo historiador francês Pierre Nora (1993), e criá-los e preservá-los é uma forma de resistência por meio da qual se busca manter a memória coletiva de momentos históricos de determinados grupos sociais ao longo do tempo.

O desenvolvimento desta pesquisa, que se relaciona com o ensino de História e a História urbana e local, buscando identificar a imagem de Goiânia pelos olhares de alunos de 8º e 9º anos de uma escola pública da periferia da capital, tem como embasamento

teórico-metodológico as ideias propostas por Kevin Lynch (2011) na obra *A imagem da cidade*. A percepção dos habitantes da cidade, ou seja, a imagem mental que os indivíduos fazem dela, pode fornecer elementos simbólicos e memórias coletivas importantes para a comunicação entre os grupos.

Kevin Lynch (2011) propõe um estudo da imagem mental que os habitantes têm de sua cidade, considerando-a não a partir de sua materialidade, planejada ou modificada, mas a partir de sua percepção. Para ele, as imagens mentais são resultado da interação entre o observador e o meio ambiente, podendo abranger três componentes: identidade, estrutura e significado. O observador tem uma identificação particular (individual) com o que observa, podendo selecionar, organizar e dotar de sentido o que vê.

Por isso, os estudos dele se concentram em problematizar a identificação de um objeto particular pelo indivíduo inserido numa estrutura (espaço), isto é, considerando a relação do objeto com o observador e outros objetos. A questão é se o *design* da cidade oferece imaginabilidade ao observador, se o objeto físico apresenta uma forma forte, isto é, visibilidade ou legibilidade intensa aos nossos sentidos, destacando-se entre outros e inserindo-se numa realidade visual da cidade. “Uma cidade altamente imaginável (aparente, legível ou visível), neste sentido particular, pareceria muito bem formada, distinta, notável; como convidaria os olhos e os ouvidos a uma maior atenção e participação” (Lynch, 2011, p. 11).

O *design* de uma cidade é uma arte temporal. Para o autor, nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação ao que está ao seu redor, ao que traz significados e lembranças de experiências passadas e memórias afetivas, fazendo com que cada pessoa tenha diferentes associações com alguma parte de sua cidade. Tudo no urbano deve ser considerado, desde os elementos móveis, em especial as pessoas e suas atividades, até as partes físicas.

Para Lynch (2011, p. 2), “não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele, compartilhamos o mesmo palco com os outros participantes”. É como uma banda cujos participantes tocam diferentes instrumentos e que, para produzir uma boa sonoridade, precisam estar em sintonia. A cidade nunca é um resultado acabado, nem algo inerte percebido e desfrutado por milhares de pessoas de classes sociais e estilos diferentes, mas um palco dinâmico, sujeito a contínuas transformações e fases sucessivas.

Segundo o autor, a imagem da urbe pode variar entre observadores segundo diversos fatores: familiaridade, identidade ou estereótipo. Assim, os habitantes da cidade

têm uma imagem única e própria dela que muitas vezes não coincide com a imagem pública. A percepção das pessoas é influenciada não só pelos elementos físicos da cidade, mas por fatores imateriais, incluindo o significado social de uma área, a sua história, a sua função ou até o seu nome.

A imagem da cidade será mais precisa, segundo Lynch (2011, p. 8),

[...] à medida que os observadores sejam agrupados em classes cada vez mais homogêneas de idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade. Cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo.

Apesar de os urbanistas serem os manipuladores do ambiente físico e se preocuparem com o aspecto externo, é importante considerar que ambientes diferentes podem dificultar ou facilitar o processo de produção de imagens. É mais provável que observadores agrupados em classes cada vez mais semelhantes, segundo idade, sexo, filiação cultural, familiaridade ou profissão, produzam algo consensual no processo de criação de imagens. Por isso, os planejamentos urbanísticos consideram essas imagens grupais, comuns a um número grande de pessoas, na hora de criar ambientes destinados ao uso coletivo. O autor trabalha com a análise das chamadas “imagens públicas”, ou seja, as imagens mentais comuns a uma quantidade considerável de habitantes de uma cidade, referentes aos sistemas de orientação, como ruas, marcos, limites, bairros ou aqueles direcionados à pessoa, à casa, ao mar, ao rio etc.

Lynch (2011, p. 3) esclarece:

Ainda que a clareza ou a legibilidade não seja, de modo algum, o único atributo importante de uma bela cidade, é algo que se reveste de uma importância especial quando consideramos os ambientes na escala urbana de dimensão, tempo e complexidade. Para compreender isso, devemos levar em consideração não apenas a cidade como coisa em si, mas a cidade do modo como a percebem seus habitantes.

Para o teórico, “precisamos aprender a ver as formas ocultas na vasta extensão de nossas cidades” (2011, p. 14), isso porque é estranho a nós imaginar um ambiente artificial como a cidade numa visão mais ampla. Porém, a complexidade das nossas atividades diárias nos obriga a identificar as suas partes e a estruturar o todo.

Para Pesavento (2007), a cidade precisa ser descoberta pelo olhar, pois assim ela se individualiza de outras cidades, torna-se única, peculiar aos homens que a habitam, com elementos que a diferem de outras. É um processo imaginário de construção de

espaço-tempo, em que se inventa o passado e o futuro, sempre explicados a partir do presente. É essa identidade do modo de ser que possibilita às pessoas uma sensação de pertencimento e identificação. Para a autora (2007, p. 16), “a cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas no presente”. Assim, é possível fazer uma leitura no tempo da cidade como um espaço construído.

A partir dessa perspectiva de como a cidade é representada por seus agentes sociais, isto é, como objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social, é que se pode pensar numa cidade sensível e imaginária, podendo ser percebida e sentida por seus sujeitos, tornando-se campo de investigação para o historiador, como pontua Pesavento (2007). Esse espaço se transforma em lugar portador de significado e de memória no tempo, como também de identidade, ao fornecer às pessoas uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade. O estudo da imagem da cidade é materialidade e sensibilidade perceptíveis no discurso construído a partir da sua arquitetura, nas muitas cidades que convivem em uma mesma cidade, as do passado e do presente, da periferia e do centro, de grupos sociais, práticas de interação e de oposição, ritos e festas.

Em *História da arte como história da cidade*, na discussão sobre urbanismo, espaço e ambiente, Argan (2014) afirma que a cidade, no passado um lugar fechado e seguro, torna-se, após a Revolução Industrial, o lugar da insegurança, da inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia e do desespero. Anteriormente, havia fronteiras separadas entre natureza e cidade, em que a primeira estava além dos muros da cidade, sendo um espaço não organizado, não protegido, não construído. O lugar ao redor do urbano – o campo e sua gente – estava ligado aos ritmos sazonais e aos ciclos da natureza, longe do recinto sagrado da cidade, da civilização.

Por outro lado, houve a exigência de defender coisas que conservavam na cidade moderna um valor e um significado, distinguindo-se os chamados “centros históricos” – protegidos por vínculos – das periferias, que muitas vezes cresciam sem planejamento, às margens do urbano. Argan (2014) problematiza a ideia de considerar a cidade como instituição constituída de uma parte histórica, com um valor qualitativo, e de outra não histórica, com caráter puramente quantitativo. Isso porque a paralisia econômica e social dos centros históricos é quase inevitável, e o processo de abandono torna-se uma

realidade. As gerações que nos precederam construíram monumentos, palácios e catedrais para a sua existência e não para a nossa, o que impõe desafios e limites para o planejamento urbano.

Por outro lado, quando se pensa em projetos para a cidade relacionados ao futuro, a cidade é concebida como algo infinitamente grande, mas, para a massa, ela permanece infinitamente pequena. Sem a visão global disposta no plano, perde-se a ideia de horizonte, o que nos coloca ao mesmo tempo no centro (de nossa existência) e na periferia (em relação ao todo).

Para Argan (2014), as cidades não têm mais muros, isto é, a natureza não está mais além dos seus muros. Elas agora são

[...] labirintos de cimento, desfiam-se nas sórdidas periferias de barracos e, para lá da cidade, ainda é cidade, a cidade das autoestradas e dos distribuidores automáticos, dos campos cultivados industrialmente. E mesmo que algum pedaço de natureza sobrevivesse, escapando da especulação imobiliária ou da indústria turística, não o veríamos, porque o atravessaríamos a 200 quilômetros por hora no automóvel, ou o sobrevoaríamos a jato (Argan, 2014, p. 222).

Quando se pensa em um espaço urbanístico, qualquer elemento no ambiente que prenda por algum instante nossa atenção, obrigando-nos a reconhecer, deveria ser considerado como tema de pesquisa urbanística. Para Argan (2014, p. 224), “todas as pesquisas visuais deveriam ser organizadas como pesquisas urbanas”. Ao ensinar urbanismo, educa-se para a construção de cidades a partir da sensibilidade, reconhecendo o seu problema de unidade urbana e a importância de reconhecê-la como um organismo histórico em desenvolvimento.

Tanto é assim que as gerações anteriores à nossa construíram monumentos, palácios e catedrais cuja preservação é considerada em um planejamento urbano. Os antigos construíram esses edifícios para as suas realidades e necessidades culturais, e não para a nossa existência. Portanto, se optamos por preservar esses monumentos, fazemos isso porque é uma exigência (desejo) da nossa cultura, trata-se mais de uma herança e não de um planejamento.

Quando se elabora um plano diretor com o intuito de planejar a cidade, não se está buscando impor à cultura do futuro nossas exigências? Segundo Argan (2014), não planejamos para o futuro; na verdade, o homem do presente faz uma projeção da situação atual, avalia a conveniência de fazer mudanças ou garantir a permanência, sem pensar em

deixar algo disponível para quem virá depois de nós. É a partir dessa perspectiva que o futuro é abordado no planejamento urbano.

Se o futuro é problematizado em um plano diretor, o passado não deve ser ignorado. É necessário coordenar as metodologias da proteção com as do projeto e formar equipes de historiadores da arte e arquitetos que estudem o estado atual das cidades e seus impulsos evolutivos, comparando-os ao ritmo de seus desenvolvimentos passados. Projetar é ainda conservar e transmitir; a questão é o que deve ser conservado. O que tem valor? Valor estético e/ou histórico? São os homens que atribuem valor à cidade, isto é, toda a comunidade. É preciso analisar como essa atribuição de valor aos dados visuais da cidade ocorre em todos os níveis culturais. Isso porque os dados visuais do contexto urbano carregam valores simbólicos que são interpretados de forma distinta por cada indivíduo, o que faz com que cada um atribua diferentes significados a eles.

No livro *Alegoria do patrimônio*, Choay (2017) problematiza em um de seus capítulos “*a invenção do patrimônio*”, discutindo como historicamente surgiu a noção de patrimônio urbano histórico. Até a segunda metade do século XIX, a ideia de conservação se resumia aos monumentos e não incluía o espaço urbano numa perspectiva histórica. A cidade era vista a partir de suas estruturas econômicas, sociais e instituições jurídicas, políticas e religiosas, porém, o espaço era ignorado. A história da arquitetura não incluía a cidade.

Entre a Segunda Guerra Mundial e a década de 1980, ainda eram poucos os historiadores e os historiadores da arte que trabalhavam com a ideia de espaço urbano. Desse período em diante, houve um florescimento de trabalhos sobre a morfologia das cidades pré-industriais e das aglomerações da era industrial. Os primeiros a considerar a cidade na perspectiva histórica foram os arquitetos e os engenheiros. A partir daí, floresceu a discussão sobre a necessidade de preservação do patrimônio urbano histórico, o que representou uma reação aos princípios racionais e técnicos que guiavam a organização da cidade moderna, segundo os quais o antigo deveria ser demolido em nome da higiene, do trânsito e até da estética.

A defesa da cidade antiga pré-industrial envolve diferentes debates: primeiro, devido à questão de sua estética artística em contraposição a uma arquitetura técnica acadêmica. Segundo, diante da ameaça constante de desaparecimento, ela é concebida como um valioso objeto para a arte e a história, devendo ser considerada como figura museal, isto é, a ser conservada nos museus, tornando-se histórica. Isso, porém, acarreta

o risco de ela perder a sua historicidade, porque é preparada para viajantes, cientistas e turistas. Percebe-se assim que as cidades antigas não podem ser colocadas em uma redoma, rejeitando-se a ideia de cidade histórica. Logo, “todo fragmento urbano antigo deve ser integrado num plano diretor (*piano regolatore*), local, regional e territorial, que simboliza sua relação com a vida presente” (2017, p. 200).

Choay também problematiza as práticas patrimoniais, mostrando a diferença entre monumentos e monumentos históricos. Para ela, monumento é aquilo que evoca lembranças e desperta a emoção por meio da memória. Chama

[...] monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória (p. 18).

Assim, o monumento é algo que transporta o indivíduo para um passado, fazendo-o se sentir mais tranquilo diante da incerteza das suas origens. O objetivo é contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, seja familiar, nacional, étnica ou religiosa, buscando fornecer a ideia de perenidade diante da angústia da morte e do desaparecimento. O monumento conecta a experiência do tempo vivido com a memória, tanto que aparece sob diferentes formas em todos os continentes e em praticamente todas as sociedades, com ou sem escrita.

Porém, o papel do monumento foi perdendo a ligação com a memória para ser identificado como objeto histórico, passível de conservação. A necessidade de conservá-lo se iniciou na Europa e se espalhou pelo mundo após o século XVIII, com as luzes e a Revolução Francesa. Na Antiguidade ou na Idade Média, não havia esse movimento, pois a prática da destruição era vista como algo costumeiro, com novos monumentos se sucedendo aos antigos.

É recente o questionamento sobre as práticas de conservação do patrimônio. As ameaças constantes da destruição do patrimônio vêm daqueles que reivindicam o direito de dispor livremente dos seus bens em nome do progresso técnico e social, sob o argumento de que é muito caro mantê-los para a posteridade, devendo as verbas ser utilizadas para ações sociais. Porém, há um consenso em favor da conservação e de sua proteção em nome da ciência, estética e memória em sociedades industriais avançadas. Assim, o monumento, antes valorizado apenas pelo seu valor memorial, passou a ser interpretado como um signo de múltiplos significados. As obras arqueológicas, como as

pirâmides do Egito e o Coliseu, permanecem para mostrar a grandeza de séculos passados. Monumentalizar as obras arquitetônicas e todos os tipos de edificações não serve apenas para preservar a memória, mas também para transmitir ideias de embelezamento, de grandeza e de poder.

A escrita, graças à imprensa, começou a registrar o que anteriormente era confiado à memória, criando memórias artificiais. No século XVIII, a História, como disciplina, busca fazer o registro de uma memória viva ao ressuscitar um passado privilegiado, objetivo, indo na contramão do monumento como um objeto metafórico de significado subjetivo. Outras maneiras de conservação do passado surgem a partir do século XIX com a fotografia e o cinema, baseados nas técnicas de gravação da imagem e do som, trazendo uma certeza maior que os escritos, afetando e ao mesmo tempo encantando da mesma forma que o monumento.

Legitimar e dar autenticidade a uma réplica visual de qualquer construção, atribuindo-lhes um valor, é um exemplo de monumentação moderna. Os campos de concentração, por exemplo, são melhores do que as fotografias, porque aqueles lugares preservados com seus prédios, cercas e objetos trazem à tona uma realidade em que “os mortos e seus carrascos haverão de advertir eternamente aqueles que vão a Dachau ou a Auschwitz” (Choay, 2017, p. 24). Os monumentos históricos são invenções do Ocidente, e seu conceito se difundiu para fora da Europa a partir da segunda metade do século XIX, construído por historiadores e amantes da arte. Há um processo de seleção, entre os edifícios existentes, daqueles que serão preservados e intitulados como monumentos, apenas uma pequena parte.

Choay (2017) diferencia o monumento do monumento histórico:

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa concepção linear de tempo – neste caso, seu valor cognitivo relega-se inexoravelmente ao passado, ou antes à história em geral, ou à história da arte em particular; [...] neste caso, ele se torna parte constitutiva do presente vivido, mas sem a mediação da memória ou da história (p. 26).

O monumento está exposto ao tempo vivido com relação ao esquecimento e ao desapareço. A falta de uso faz com que sejam abandonados ou deixados de lado, podendo ser destruídos pelo desejo de destruir ou para que seja construído algo mais belo, perfeito, moderno. A destruição pode ocorrer por questões políticas, religiosas ou ideológicas. A capital do México, por exemplo, foi construída pelos colonizadores espanhóis no mesmo

local da capital do Império Asteca – Tenochtitlán. Os monumentos históricos, por sua vez, beneficiam-se de projetos de conservação mais efetivos por serem testemunhos da história ou obras de arte. Foi no contexto da Revolução Francesa que se elaborou o conceito de monumento histórico, bem como os instrumentos de preservação, como museus, inventários e tombamentos.

Pierre Nora (1993) contribuiu teoricamente ao problematizar esses lugares de memória, relacionando esses lugares – museus, arquivos, festas, artesanatos, monumentos e outras manifestações – ao desejo de retorno a ritos que identifiquem e diferenciem os segmentos sociais. Essa dinâmica nos impele a repensar didaticamente o local ou um contexto maior num sentimento de identidade. Buscamos unir a prática pedagógica à problematização do conceito, pois, a partir das fronteiras entre memória e história, esses lugares de memória são identificados. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea; é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas – operações não naturais.

Por isso, o estudo da imagem da cidade, além de considerar esses “lugares de memória”, inclui também a ideia de representação: imagem e imaginário. O processo do imaginário se constitui a partir “da relação entre o sujeito e o objeto [...] que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação do real”, como propõem Laplantine e Trindade (2003). As nossas experiências visuais anteriores dão forma às imagens, que são construídas no nosso universo mental e estão relacionadas a como percebemos a vida social, as pessoas ao nosso redor e a natureza.

Para Tadeu Arrais (1999, p. 16),

Nunca é demais lembrar que o fato de não vivenciarmos a cidade por inteiro não nos impede de construir representações de seus lugares mais longínquos. Discursos e imagens são formas de representar a cidade. São maneiras de agir no urbano. Para entender o urbano é necessário compreender a constituição dos discursos e das imagens. É preciso olhar para o cotidiano. Considerar sua existência nesses mesmos discursos, nessas mesmas imagens.

Em sua pesquisa sobre a percepção das pessoas sobre espaços públicos da capital, como os parques, Arrais (1999) afirma que os modos de agir e representar a cidade estão presentes nos discursos e imagens construídas nos mais diferentes lugares na cidade, nos becos, na casa, no bairro. Dependendo do lugar e do contexto sociocultural em que as pessoas estão inseridas, elas formulam seus discursos e constroem suas imagens de um

certo ponto da cidade, isto é, de onde constroem suas vivências cotidianas, no lugar. O espaço vivido, praticado, também recebe influência dos diferentes espaços não vividos que compõem a cidade.

1.2 O urbanismo moderno da capital e o aumento populacional

O urbanismo do estado de Goiás é marcado por várias marchas para o Oeste no território goiano. A primeira foi com os bandeirantes no século XVIII, que, ávidos por ouro, desbravaram os sertões, “abriram picadas na mata quase virgem, colecionaram doenças, inventaram roças de sobrevivência e chegaram à terra dos índios goyazes. E mais: chegaram ao ouro dos índios goyazes” (Chaul, 2000, p. 113).

A procura por índios e os indícios da existência de ouro em Goiás fizeram com que inúmeras bandeiras penetrassem as terras goianas. Várias delas cruzaram essa região, até a de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. A partir daí, a notícia da descoberta de ouro se espalhou, atraindo pessoas de diferentes lugares do Brasil e até de Portugal, que edificaram construções urbanas de uma arquitetura colonial nas terras às margens dos ribeirões do ouro, em 1726. A Cidade de Goiás, outrora chamada de Arraial de Santana e Vila Boa, tornou-se a principal cidade do estado, a sua capital, perdendo esse título apenas na década de 1930, durante a República oligárquica, com a construção de Goiânia e a transferência da capital.

Que devaneio construir uma cidade para 50 mil habitantes! A ideia de progresso, de um novo tempo, disseminada pela Revolução de 30, casou-se com a política de Pedro Ludovico e sua proposta de mudança da capital. A construção da cidade de Goiânia é entendida dentro desse contexto de ascensão de Getúlio Vargas ao poder e, com ele, em Goiás, dos setores oligárquicos reformistas do sul e sudoeste do estado na Revolução de 1930. No projeto varguista da Marcha para o Oeste, as fronteiras a serem desbravadas incluíam a ideia de conquista e ocupação do centro. A direção era o centro do país, numa concepção nacionalista de integração, acompanhada de um discurso urbanista de modernidade.

Para Bernardes (2000), o traçado de Goiânia possibilita uma leitura moderna, podendo dialogar bem com as ideias de modernidade e progresso em substituição às de decadência e atraso. Seu idealizador foi Atílio Corrêa Lima, que se formara em Paris durante o período de 1925 a 1930. Essa foi uma época de grandes debates internacionais

na área da arquitetura, tendo gerado um importante documento, a Carta de Atenas, que preconizava um urbanismo racionalista, isto é, funcional. A tendência moderna do urbanismo é visível nos planos de Atílio. Ao ser contratado por Pedro Ludovico Teixeira para planejar a futura capital de Goiás, ele se baseou na concepção de um planejamento regional, entendendo ser importante o conhecimento da história e da formação da região para que nela pudesse atuar.

Nesse traçado, segundo o plano de zoneamento, Goiânia seria dividida em zonas – administrativas, comercial, industrial, residencial e rural –, que deveriam ser harmonicamente interligadas, previstas para uma população de 50 mil habitantes. No centro administrativo, deveriam ficar localizados todos os prédios públicos administrativos federais, estaduais e municipais, sendo essa zona planejada para não ter tráfego ou circulação intensa de moradores, que ficariam restritos ao centro comercial, onde haveria ruas e avenidas largas.

Arrais (2019, p. 235) reforça “que o plano urbano é pensado em uma relação de subordinação: à sede de poder executivo estadual”. Os sistemas de vias se deslocariam para o centro administrativo, onde haveria restrição do trânsito local: “esse destaque seria reforçado pela composição com a Avenida Pedro Ludovico ‘de caráter pitoresco e monumental’”. O tráfego destina-se ao centro administrativo, que se prestava para as demonstrações cívicas. O duplo anel viário, que separaria o centro cívico-administrativo do restante da cidade, fornece uma relativa tranquilidade dentro do espaço urbano ao poder público ali instalado.

Atílio destaca as duas principais funções a serem desempenhadas pela nova capital: política e econômica. A econômica seria a de estimular o comércio, os bancos e as indústrias, sendo esboçada para isso a Avenida Anhanguera, que é cortada pelas três principais avenidas da cidade – Araguaia, Goiás e Tocantins –, todas se dirigindo ao centro cívico-administrativo. A função política seria a responsável por ser a cabeça orientadora da urbe em seu plano urbanístico, mostrando “a desproporcional ênfase na vitalidade do poder executivo em relação aos outros poderes republicanos” (Arrais, 2019, p. 240).

A zona industrial seria localizada no setor norte da cidade, próximo ao local destinado à construção da estrada de ferro, responsável pelo escoamento da produção industrial para outras cidades por meio do transporte férreo. A zona residencial seria distante das zonas de movimento mais intenso, sendo dividida nos setores central, norte,

sul, oeste e leste. O setor norte, sede das indústrias, seria o abrigo dos trabalhadores, originando o bairro operário. Foi pensada também uma zona rural destinada à pequena agricultura. O urbanista ainda se preocupou com detalhes relacionados às condições de higiene, em contraponto às péssimas condições oferecidas pela Cidade de Goiás: o lixo de Goiânia deveria ser recolhido e ter um destino correto, onde deveria ser cremado ou reaproveitado, a exemplo da gordura para fazer sabão.

O traçado prevê que as três avenidas principais convergiram para o centro administrativo (a Praça Cívica). Bernardes (2000), em sua pesquisa, reforça que a inspiração de Atílio ao fazer o esboço desse traçado de efeito monumental, guardadas as devidas proporções, vinha de Versalhes, Carlsruhe e Washington. No entanto, a arborização posterior da Avenida Goiás acabou destruindo esse efeito de perspectiva da visão das três avenidas.

Preocupado em proteger a qualidade da água que abasteceria futuramente a cidade, evitar a poluição por agrotóxicos e a contaminação por resíduos industriais ou dejetos, Atílio também sugeriu a compra das áreas em volta da cidade, o que garantiria a posse de novos mananciais de água que se tornariam necessários ao crescimento da cidade. A intenção do arquiteto era que a área urbana da capital se limitasse a uma área doada e compreendida entre os córregos Botafogo e Capim Puba, caso contrário, prejudicaria o desenvolvimento urbano.

Para a escolha do centro cívico, de início, discordou de um local chamado Paineiras, que julgava estar longe da estrada de rodagem (hoje Avenida Anhanguera), pois desejava que o núcleo central fosse cortado por ela. Por outro lado, defendia a configuração de um terreno com declividade suave, devido à necessidade do tráfego, do zoneamento, além de amenizar a velocidade das águas das chuvas e possíveis danos causados pelas enxurradas.

Para Bernardes (2000, p. 163),

O urbanista, ao conceber Goiânia, se libera da concepção que liga o plano ao exercício gráfico e apreende os conteúdos simbólicos de mudança política na proposta para a nova capital. Certamente, o tratamento delegado ao centro administrativo de Goiânia, como um núcleo de afirmação e irradiação de poder, respondia a esses anseios.

A concretização do centro cívico e o seu relevo no ponto mais alto têm um significado que vai além de questões ambientais ou de pensar o zoneamento urbano, inserindo-se no contexto político da época e se relacionando com os motivos da

transferência. A escolha do local buscava se contrapor às limitações da antiga capital e refletir a ascensão de um novo poder oligárquico. Arrais (2019) afirma que, em Goiás, não estava em jogo a ideia da centralidade ou de união territorial, mas sim a definição de mando na política regional. Considerando a localização da nova cidade, não seria uma capital para o estado, mas para o sul do estado, atendendo à reordenação geopolítica pela qual passava Goiás no período. A transferência da capital era desejável para a base econômica que sustentava Pedro Ludovico.

Os constantes atrasos de pagamento e a enorme distância entre o Rio de Janeiro e o Centro-Oeste fizeram com que Atílio Corrêa Lima rescindisse o contrato ainda no início da obra. Para Arrais (2019, p. 230), a história da participação de Atílio no planejamento de Goiânia teve ares de tragédia:

A tragédia é a forma mais apropriada para compreender a participação de Atílio Corrêa Lima no planejamento da nova capital de Goiás. A trajetória de elaboração do desenho inicial e na concepção da cidade, oposta aos interesses dos irmãos Coimbra Bueno, seu afastamento das obras e, finalmente, as alterações em seu projeto e o eclipsamento de seu nome por parte da empresa construtora de Goiânia nos anos seguintes definem esse arco trágico.

Outro ponto de destaque no plano urbanístico da cidade por Atílio era a sua preocupação com a arborização de ruas e avenidas e a previsão de parques florestais, jardins e estacionamentos arborizados. Devido ao seu afastamento do projeto urbanístico, o plano não foi executado integralmente. Coube a Armando de Godoi, com os engenheiros Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno, dar prosseguimento à empreitada.

Godoi faz alterações no plano original de Goiânia, com redefinições de bosques e jardins, que passariam a fazer um anel verde em torno da cidade. Os novos bairros deveriam se localizar em regiões após esse anel, formando cidades-satélites. Projeta o Setor Sul, inspirado nos projetos de cidade-jardim da Europa e dos Estados Unidos, em que os fundos das residências dariam em “vielas” onde se executariam serviços, como coleta de lixo, e as fachadas ficariam de frente para os parques internos. No decorrer da formação do bairro, inverteram-se as posições: as fachadas passaram a ser o fundo, abandonando-se os parques internos.

Os engenheiros Coimbra Bueno reservaram uma extensa área para a parte oeste da cidade, projetada na década de 1950, atualmente o Setor Oeste. O norte dessa área seria a zona universitária, onde futuramente se planejava construir uma universidade, o

que não ocorreu. Essa área constitui atualmente o Setor Aeroporto, enquanto a área universitária se localiza na região leste.

Bernardes (2000), em seus estudos, pontua que Atílio considerou a preservação de áreas verdes para proteção dos mananciais de água, mediante a concepção de parques lineares, como o Capim Puba, Botafogo, Buritis, Jardim Botânico, Areião e Jaó. No caso dos parques lineares Capim Puba e Botafogo, os irmãos Coimbra Bueno buscaram dar continuidade à proposta de Atílio, mas não tiveram êxito. O desenvolvimento urbano posterior à cidade planejada acabou alterando o projeto inicial, que “visava à proteção da vegetação nativa e até mesmo à arborização das áreas que margeavam os córregos” (Bernardes, 2000, p. 166).

Com o crescimento da cidade, todos esses locais tiveram suas áreas reduzidas por loteamentos legais ou ilegais, com edificações de prédios públicos e privados. Por exemplo, o Parque Botafogo, com sua localização entre o Centro e a Vila Nova, sofreu com o loteamento ilegal nas décadas de 1960 e 1970, a construção da Avenida Marginal, de escolas, residências particulares e comércio em geral. A preocupação de Atílio e Godoi com o controle do crescimento da cidade não foi seguida pela empresa Coimbra Bueno & Cia, que solicitou em 1937 ao governador a ampliação da área comercial localizada na Avenida Anhanguera. A partir disso, o que se viu foi a iniciativa privada tomando as rédeas do plano de urbanização de Goiânia.

Segundo Luiz Sérgio Duarte da Silva (2000, p. 133), “Goiânia tem sua história ligada ao ludoviquismo, ao pessedismo e ao varguismo”, porém o plano de Atílio Corrêa Lima (de dividir a cidade em centro administrativo, centro comercial, zona industrial, zona residencial e zona rural) e de Armando de Godoi teve um alcance limitado, só atingindo um terço da área planejada. O resto da cidade expandiu-se de acordo com os interesses dos proprietários de terras, de forma desordenada, sem qualquer tipo de planejamento.

Assim, a proposta de cidades-satélites, com bairros mais afastados dos setores centrais e que abrigariam o excedente populacional projetado por Atílio, ficou só na prancheta. Nos anos de 1940 e 1970, Goiânia era apresentada, nas propagandas dos cartões-postais ou em cartazes espalhados nas rodoviárias e estações de trem do país, com destaque para São Paulo, Minas Gerais e Bahia, como um lugar moderno e tranquilo de viver. Isso fez da capital uma mercadoria explorada pela propaganda imagética

promovida pelos poderes público e privado, que tentavam vender a ideia de uma cidade moderna e com um potencial de prosperidade antes mesmo da sua ocupação de fato.

Segundo Carlos Vainer,

[...] a cidade é uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo [...]. Isto explicaria que o chamado *marketing urbano* se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão das cidades. [...] a venda da cidade é, necessariamente, a venda daqueles atributos específicos que constituem, de uma maneira ou outra, insumos valorizados pelo capital (*apud* Silva, 2019, p. 90).

Entre as décadas de 1950 e 1960, o poder público foi pressionado a aumentar a venda de lotes pelos proprietários de terras localizadas próximo à zona urbanizada, bem como por especuladores ligados às grandes imobiliárias – como o caso da Construtora Coimbra Bueno. Goiânia sofreu com a explosão demográfica, não prevista no planejamento urbanístico inicial. A cidade, que havia sido planejada para 50 mil habitantes, já abrigava mais de 53 mil pessoas em 1950. Na década de 1960, o número quase triplicou, saltando para 151.013, sendo intenso o fluxo de migrantes que ocuparam Goiânia.

Para Karinne Silva (2019), a explicação para o crescimento populacional está relacionada aos seguintes fatores: a chegada da ferrovia em Goiânia (1950), a retomada da política de interiorização de Vargas entre 1951-1954 e a construção de Brasília em 1960. O transporte ferroviário foi fundamental para o escoamento de mercadorias e da produção local, permitindo que Goiás se tornasse competitivo no cenário econômico nacional. Contudo, a autora salienta que a construção e a instalação dos trilhos da estrada de ferro ocorreram de forma morosa, devido ao desinteresse dos grupos oligárquicos e à falta de recursos.

Apesar das dificuldades iniciais, em 1950, a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro, com a construção da Estação Ferroviária de Goiânia, possibilitou a ligação da capital com os centros metropolitanos da economia do país, promovendo a circulação de mercadorias e pessoas. O período de 1896 a 1964 marcou a construção férrea em Goiás, com linhas que partiam de Araguari (MG) – já conectada à Mogiana e ao Porto de Santos – e avançavam pelo interior do estado, alcançando cidades como Roncador, Catalão, Pires do Rio, Silvânia, Leopoldo de Bulhões, Anápolis, Jarina e, finalmente, Goiânia, chegando até Campinas.

Para Barsanúfo Gomides Borges (2000, p. 253), “com a fronteira ‘aberta’ até os anos 60, Goiás recebeu um grande contingente populacional de outras unidades da federação, principalmente de Minas Gerais”. Porém, esses migrantes eram formados tanto por “trabalhadores pobres como por grandes fazendeiros”, que chegavam ao estado buscando terras com preços acessíveis para a exploração agropecuária. Foi esse intenso movimento migratório que ocasionou o vertiginoso crescimento da população local da época.

O projeto de construção de Brasília também contribuiu para o aumento desse fluxo populacional para Goiás, especialmente para Goiânia. A ocupação econômica do território brasileiro, marcada pelo avanço da fronteira agrícola para o Centro-Oeste, modificou a geografia econômica e política do país, o que foi impulsionado pela implantação da rede de estradas de rodagem, uma consequência da construção da nova capital federal. A construção de rodovias como a BR-060 (Anápolis-Brasília) e a BR-153 (Belém-Brasília), que penetraram o Pará, Maranhão, Tocantins e Goiás, contribuiu para o florescimento socioeconômico e a expansão territorial tanto do Centro-Oeste quanto do norte do país.

1.3 O centro da cidade e a produção imagética do espaço urbano de Goiânia

O estudo das fotografias e dos fotógrafos pioneiros é importante para revelar como esses profissionais tiveram peso na produção imagética do espaço urbano de Goiânia nas décadas de 1930 a 1960. Karinne Silva (2019) afirma que, “em uma perspectiva crítica da pesquisa iconográfica, todo o circuito das imagens – produção, circulação e consumo – interessa ao pesquisador” (p. 110). Importante salientar que a produção de imagens não está desvinculada da técnica utilizada, muito menos do olhar do fotógrafo, pois, segundo a autora, “esses sujeitos possuem olhares sobre a realidade social, e modos individualizados de interpretá-la que permitem a identificação de importantes processos geo-históricos” (2019, p. 116).

A investigação abarca fotógrafos pioneiros, como Alois Feichtenberger, Sílvio Berto, João de Paula T. Filho, Eduardo Bilemjian e Hélio de Oliveira, que se preocuparam em produzir imagens para as esferas de poder. Esses profissionais foram responsáveis por mostrar o espaço urbano para os seus moradores e também para aqueles que aqui não viviam. A área central da capital foi o espaço escolhido para ser representado nas imagens

desses fotógrafos, por ser a partir dali que se deu a origem da cidade através de seus traçados urbanísticos, e por conter um registro do lugar idealizado pelo discurso oficial. Para Silva (2019, p. 118),

[...] a escolha do setor Central de Goiânia como paisagem idealizada e tão fotografada confirma nossa leitura de que Goiânia também foi edificada como uma *representação* e, enquanto tal, foi erigida sobre uma tríade que anelava: os fotógrafos, a cidade e o discurso oficial. Dito de outra forma: sobre a materialidade concreta da cidade que era erguida, sob a tração dos carros de bois e do braço operário, as lentes fotográficas registraram uma *cidade inventada* que correspondia ao desejo de modernidade veiculado pelo discurso do Estado, consubstanciado tanto na figura de Pedro Ludovico quanto na de Getúlio Vargas.

Na maioria das vezes, o exercício da profissão desses fotógrafos pioneiros, vindos de São Paulo, deu-se em parceria com o poder público, com o objetivo de disponibilizar uma determinada visualidade da cidade. Esses profissionais enfrentavam diversas dificuldades em uma urbe ainda em construção, que iam desde “comprar equipamentos fotográficos [até a] falta de água para revelar as fotos” (Silva, 2019, p. 113). A autora, ao problematizar a fotografia numa perspectiva acadêmica, tem como propósito pensar a narrativa sobre a cidade e o discurso articulado a ela, identificando também os sujeitos e sob quais condições foram produzidas as visualidades da cidade.

O trabalho de Eduardo Bilemjian, segundo Silva (2019), como o da maioria dos fotógrafos pioneiros, tem uma relação estreita com o governo de Goiás, ao registrar os eventos políticos, como também o espaço urbano em construção. O primeiro jornal a receber as fotos de Eduardo Bilemjian foi *O Popular*. O periódico, fundado em 1938, foi o precursor do jornalismo escrito e televisivo goiano. Seu fundador, Jaime Câmara, apoiado por Joaquim Câmara Filho, construiu o grupo de comunicação de maior alcance da região Centro-Oeste, recebendo críticas desde então por estar aliado aos interesses dos governos estaduais.

Sobre a emblemática fotografia de Eduardo Bilemjian da incipiente Avenida Goiás, tirada em 1933, Silva afirma:

Saindo da prancheta para a realidade concreta, no solo seco do cerrado goiano, o nascedouro da Avenida Goiás, com sua fiação, calçamento, meio-fio, circulação e edificação, foi registrado em 1933 pela lente determinada do fotógrafo pioneiro, Eduardo Bilemjian. A imagem panorâmica, tirada de uma das lajes do Palácio das Esmeraldas, na época ainda em construção, foi feita com o ângulo aberto e baseada num construto horizontal, mostrando a direção norte da cidade (2019, p. 176).

A fotografia abaixo, de Eduardo Bilemjian, mostra a vista de Goiânia. Ao centro, em segundo plano, vê-se a Avenida Goiás. Ao fundo, em terceiro plano, pode-se observar o Grande Hotel.

Figura 1 - Fotografia de Eduardo Bilemjian, 1933



Fonte: Silva (2019, p. 175).

Outro fotógrafo citado por Silva (2019) é Sílvio Berto, que desembarcou em Goiânia em 1936. Instalou-se, inicialmente, no Setor Campinas, que, na época, oferecia as melhores condições urbanas e abrigava a vida cultural nascente. Entre 1936 e 1973, o fotógrafo produziu vistas urbanas que construíram a memória visual dos primeiros anos da nova capital, além de confeccionar retratos de pessoas ilustres da sociedade goianiense. Circulava entre a elite regional da época documentando a vida social e o crescimento urbano. Com um estúdio bem equipado e a melhor estrutura nas primeiras décadas de Goiânia, prestou serviços para o governo estadual de Pedro Ludovico Teixeira na produção de vistas urbanas, assim como produziu álbuns por encomenda. Consolidou-se como o “fotógrafo das elites” ao ser chamado para produzir um quadro do governador Pedro Ludovico e retratos de sua esposa, D. Gercina Borges.

Na fotografia a seguir, tirada por Berto em 1937, podemos ver o Grande Hotel recém-construído. O prédio tem três pavimentos, fachada simples, de linhas retas, janelas retangulares e uma sacada em forma de hemisfério ao centro, abaixo da qual pode ser observada a porta de entrada. Algumas árvores, dispostas em fileira, erguem-se ao longo da calçada.

Figura 2 - Fotografia de Sílvio Berto. Grande Hotel, 1937



Fonte: Silva (2019, p. 171).

Hélio de Oliveira foi outro importante fotógrafo regional que registrou imagens da incipiente capital. Conforme Silva (2019), ele iniciou sua carreira na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, nos anos de 1940. Ingressou no jornalismo e, em meados dos anos 1950, confeccionou cartões-postais para venda em bancas de jornal. Realizou trabalhos fotográficos para o maior periódico da época, o jornal *O Popular*, e acompanhou governadores durante viagens no estado de Goiás, registrando as atividades políticas de Pedro Ludovico Teixeira, do prefeito Venerando de Freitas e do governador Mauro Borges. “Em termos quantitativos, a produção de Hélio foi mais expressiva entre os anos de 1950 e 1970. Seus registros acompanharam as inúmeras transformações na malha urbana de Goiânia, bem como a série de eventos políticos nos primeiros anos da nova capital” (Silva, 2019, p. 138).

Na foto a seguir, Oliveira captura uma imagem da Avenida Goiás, em 1969, mostrando suas duas pistas largas, com alguns automóveis em trânsito e outros estacionados. As fileiras de árvores à esquerda, na faixa central e à direita indicam a preocupação da cidade nascente com a arborização. A fotografia também captura o intenso processo de verticalização da cidade nesses anos iniciais, sendo possível observar, ao lado de prédios já totalmente construídos, a presença de vários esqueletos de prédios ainda em construção. Neles, nota-se a presença de andaimes, colunas e lajes, bem como a ausência de janelas e vidros.

Figura 3 - Fotografia de Hélio Oliveira, 1969, verticalização de Goiânia, Avenida Goiás



Fonte: Silva (2019, p. 174).

Apesar de a maioria dos fotógrafos pioneiros estar aliada a uma narrativa oficial da construção e do espaço urbano em desenvolvimento da capital, Silva (2019) cita o fotógrafo austríaco Alois Feichtenberger (1908 -1986), que migrou para o Brasil em 1925, estabelecendo-se em São Paulo, e aqui, no sertão goiano, fazia um trabalho explorando o paradoxo entre o moderno e o arcaico. É dele a fotografia abaixo, que mostra o Palácio das Esmeraldas, construído segundo padrões modernos de arquitetura, mas utilizando de recursos antigos, como os carros de bois.

Figura 4 - Construção da Praça Cívica. Goiânia, 1933. Foto de Alois Feichtenberger



Fonte: Silva (2019, p. 128).

Em sua pesquisa, Silva (2019) mostra que Alois Feichtenberger se tornou uma exceção entre os profissionais da época, sendo o único fotógrafo profissional entre os pioneiros a documentar os espaços e personagens que não coincidiam com a visão oficial da cidade, que buscava mostrar uma urbe moderna e em pleno desenvolvimento. A foto abaixo, do fotógrafo, mostra “os trabalhadores que ergueram Goiânia, [que] viviam nos arredores do imenso canteiro de obras. Suas moradias eram erguidas por eles mesmos, em forma de cabanas de pau a pique, cobertas com folhas de palmeira de guariroba” (Silva, 2019, p. 191).

Figura 5 - Cabana (Trabalhadores construindo suas moradas). Goiânia, 1936. Fotografia de Alois Feichtenberger



Fonte: Silva (2019, p. 185).

Figura 6 - Vila de Operários. Goiânia, 1937. Fotografia de Alois Feichtenberger



Fonte: Silva (2019, p. 186).

O olhar do fotógrafo descortinou o outro lado de uma Goiânia composta de trabalhadores que foram excluídos dessa urbe planejada e moderna, cujo lugar estava à margem das grandes avenidas e dos prédios com sua arquitetura *Art Déco*. Ao contrário, suas casas eram de pau a pique, com cobertura de palhas. Esse outro lado da urbe, que não deveria ser visualizado, mas encoberto por não ser vendável, nem atrativo para os cartões-postais da propaganda difundida pelos órgãos oficiais, foi o tema de várias de suas fotografias.

Segundo Bernardes (2000), a ocupação do espaço não planejado ocorre paralelamente à construção dos edifícios da cidade. Isso porque não foi reservado um espaço no plano da cidade para aqueles que vieram trabalhar na construção de Goiânia. Essa mão de obra mais qualificada teria de vir de outros estados, já que Goiás era um estado predominantemente rural. O recrutamento foi realizado por escritórios instalados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Vieram trabalhar em Goiânia 4 mil operários, originários do Ceará, Piauí, Maranhão, principalmente de Minas Gerais e do interior de Goiás, motivados pelo sonho de uma vida melhor. Viajavam por meses, percorrendo longas distâncias, chegando até mesmo a pé.

O sonho de uma vida melhor acabava logo, devido à falta de moradia e de dinheiro. Sem meios econômicos para se abrigar em Campinas ou comprar um lote no Bairro Popular, esses operários se alojavam às margens dos córregos, como o Botafogo, fundando as primeiras invasões públicas da capital. Assim, surgiram os bairros Setor Universitário, Vila Nova, Nova Vila, Fama, Macambira (Setor Pedro Ludovico), Criméia e outros.

Para Bernardes (2000), o processo de exclusão, marcado pelo surgimento de invasões, teve origem com o plano urbanístico de Attílio, que propunha um espaço funcional, porém homogêneo, sem considerar as diferenças de classes entre os futuros habitantes da cidade. Enquanto esteve à frente da gestão do estado, Pedro Ludovico preocupou-se com o crescimento acelerado da capital, que já em 1944 contava com 30 mil habitantes, quase atingindo o patamar estabelecido para o futuro. Sob sua gestão, o estado procurou manter o controle do uso do solo e a venda de lotes para fins urbanos. Após o afastamento de Pedro Ludovico, que se deu com o fim do Estado Novo, de Getúlio Vargas, foi editado, em 1947, o Código de Edificações, pelo prefeito Ismerino Soares de Carvalho, que permitia parcelar o solo pela iniciativa privada. A partir de 1950, ao isentar

o loteador da responsabilidade de infraestrutura, a medida provocou a explosão demográfica da cidade.

A construtora dos irmãos Coimbra Bueno “representou esses *promotores imobiliários*, na medida em que ao construir Goiânia, na condição de empresa contratada pelo poder público, também adquiriu grandes porções de lotes” (Silva, 2019, p. 95). Setores como o Bueno, Aeroporto e Coimbra, devido à proximidade com a área central, receberam maior “infraestrutura, meios de transporte e equipamentos públicos”, obtendo uma maior valorização do que os bairros mais distantes: “as camadas mais pobres da população carente não tinham acesso a esses lotes, devido ao seu alto valor comercial”. (Silva, 2019, p. 95). Houve uma facilitação do poder público para a especulação imobiliária, fazendo com que “setores dotados de melhores equipamentos urbanos, como os setores Sul e Oeste, acabassem sendo ocupados pela elite econômica, donos de imobiliárias e famílias tradicionais” (Silva, 2019, p. 96).

1.4 A capital monumental do mito ludoviquismo

Tendo como ponto de partida o centro cívico-administrativo (a Praça Cívica) e, próximo dali, o museu Pedro Ludovico Teixeira (sua antiga residência), há dois aspectos a serem observados nos monumentos ali presentes: a narrativa centrada no mito fundador da cidade e as edificações em *Art Déco* de Attílio Corrêa Lima.

Essas representações simbólicas referentes à construção de Goiânia e a Pedro Ludovico são recentes, datando de 1986 em diante. Até então, para muitos, os “remanescentes arquitetônicos *Art Déco* não eram destacados” (Barreto, 2005, p. 2). Pelo contrário, representavam um entrave para a expansão urbana e econômica do município, sendo alvo de especulação imobiliária. A princípio, somente a casa de Pedro Ludovico, a ser adquirida pelo governador Ari Ribeiro Valadão, serviria como um “lugar de memória”.

A partir de 1986, esses “espaços [foram] ressignificados juntamente com outros”, (Barreto, 2005, p. 2), que teriam sido incorporados ao programa de política cultural, com a abertura do Centro Cultural Gustav Ritter – um antigo seminário católico em Campinas. Destaca-se também o teatro Martim Cererê, instalado num antigo reservatório de água no Setor Sul, usado durante o período militar como centro de tortura de presos políticos. Dava-se assim outro significado para um espaço marcado pela repressão e violência,

agora voltado para atividades teatrais e musicais amadoras, uma forma de “sanear do presente a experiência traumática do passado” (Barreto, 2005, p. 2).

Para Le Goff (2003, p. 422), os psicanalistas e psicólogos demonstraram que a recordação e o esquecimento são “manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual”. O mesmo acontece em termos coletivos: exercer o controle sobre a memória coletiva por meio de mecanismos de manipulação que envolvem os esquecimentos e silêncios da história é uma das preocupações de quem mantém o domínio das sociedades no passado e no presente.

Carla Luciana Silva (2014) afirma que toda e qualquer memória é uma construção social coletiva, direta ou indiretamente assentada na história, isto é, na produção de conhecimento do passado. O que nos leva a debates contemporâneos sobre os “usos do passado” por diferentes grupos com posicionamentos políticos ideológicos de esquerda ou direita, situação ou oposição. A mobilização da memória a partir de perguntas, lutas e disputas do presente pode apaziguar o conflito ou reavivá-lo com o intuito de libertação. Os mortos nunca terão sossego, porque há combates e discursos permanentes da memória e da história na disputa pela hegemonia.

A memória é social, não existe apenas uma memória, e sim várias possibilidades de elaborações no campo da memória, socialmente compartilhada. Mesmo um grupo formador de memórias coletivas terá distinções nos seus relatos individuais, de acordo com as formas de apropriação da realidade histórica. [...] As tentativas de formular uma única memória são próprias da “memória oficial” ou aos escritos da mídia (Silva, 2014, p. 140).

Para Barreto (2005), a construção dessa “memória oficial” está atrelada a questões políticas. O silêncio e abandono dos referenciais *Art Déco* – principalmente o Museu Pedro Ludovico – confirmam que a preservação dos marcos simbólicos é vulnerável às injunções de diferentes interesses políticos, e que nem sempre existe a preocupação de reforçar os laços identitários locais. Por várias vezes, o esquecimento tem sua funcionalidade.

Inaugurado em 18 de maio de 1987, o Museu Pedro Ludovico caiu no “esquecimento” ou “silenciamento” nos anos posteriores, permanecendo fechado até 1989. No plano das estratégias de preservação da memória, havia dois discursos, segundo Barreto (2005): um que defendia identificar o passado histórico da região na construção

de Goiânia; e outro, que defendia a valorização das tradições culturais locais, orientadas pela cultura popular.

Figura 7 - Fotografia do Museu Pedro Ludovico



Fonte: <https://curtamais.com.br/goiania/muscus-goiania/>.

Figura 8 – Fotografia da Casa de Pedro Ludovico, erguida entre 1935 e 1937



Fonte: <https://curtamais.com.br/goiania/conheca-a-casa-historica-que-abriga-museu-e-foi-residencia-do-fundador-de-goiania/>.

Essa casa foi construída em estilo *Art Déco* entre 1935 e 1937, projetada pelo urbanista Atílio Corrêa Lima, responsável pelo plano de Goiânia, e edificada pela equipe

do escritório Coimbra Bueno especialmente para abrigar o fundador da capital. Para Rildo Souza (2019a), o imóvel passou a ter importância e interesse para a história de Goiânia, lembrando que, nos períodos em que Pedro Ludovico foi governador e senador, não habitou o lugar, transferindo-se para o Palácio das Esmeraldas ou mudando-se para o Rio de Janeiro. Apenas em 1969, os Ludovicos voltaram a habitá-la, o que perdurou até a morte do patriarca, em 1979.

A tentativa de preservar, a partir de 1987, a memória do museu onde outrora fora a residência dos Ludovicos e de garantir posteriormente seu funcionamento representou uma estratégia dos líderes políticos da época de se apoiarem na imagem de Pedro Ludovico e de acumular poderes. Para Barreto (2005), seria também um jeito de “manipular e controlar o imaginário social”, de “potencializar a memória ludoviquista”, de se beneficiar de seu capital político, “seja incentivando a monumentalização do legado de Ludovico, seja comemorando datas simbólicas, como o centenário de seu nascimento” (p. 5).

Em 1991, na comemoração do centenário do nascimento de Pedro Ludovico Teixeira, Nion Albernaz e os escritores Bernardo Élis e José Mendonça Teles propuseram a construção de um monumento para homenagear o idealizador da cidade. Segundo Souza (2019b), a obra foi encomendada pela prefeitura de Goiânia à artista Neusa Moraes, nascida na Cidade de Goiás e graduada na Escola de Belas Artes de São Paulo, onde se especializara em escultura. A artista sugeriu a criação de uma estátua equestre, vislumbrando-a, desse modo, no alto do Morro da Serrinha, de onde, presume-se, Pedro Ludovico avistou o terreno plano e teve a certeza de que ali seria o lugar ideal para a construção da nova capital.

A estátua, de sete metros de altura, quase dois de largura e três de comprimento, com o peso de duas toneladas, foi confeccionada em gesso e ferro. A ideia inicial era que a cobertura fosse feita de bronze, mas a prefeitura não quis assumir o custo. Ela ficou abandonada até 2003, quando o governo do estado se comprometeu a terminá-la após um acordo com a prefeitura, encaminhando-a à Fundação Artística Ltda. (Fundiar), em Piracicaba, para enfim receber o revestimento em bronze. Neusa Moraes morreu em 2004 sem ver a sua obra concluída.

Figura 9 - Fotografia do monumento equestre de Pedro Ludovico Teixeira



Fonte: <https://curtamais.com.br/goiania/7-motivos-para-visitar-a-praca-civica-em-goiania/>.

Segundo Souza (2019b), desde que foi criado, o monumento foi alvo de polêmicas, que envolveram desde o tempo de espera para ser concluído até o local onde seria exposto. Inicialmente cogitado para ser instalado no Morro da Serrinha – onde enfrentou objeção por se tratar de um lugar de preservação ambiental –, foi colocado provisoriamente ao lado do centro administrativo. A família fez campanha para que ele não ficasse ali, mas sim na Praça Cívica. Contudo, houve resistência da parte dos urbanistas, que alegavam que a praça central, pela sua configuração e dimensão, não era adequada para receber uma escultura de 7 metros de altura, a não ser que o objetivo fosse ofuscá-la em meio a outros monumentos existentes ali. Por fim, o movimento para instalar a estátua na Praça Cívica saiu vitorioso.

Ao criar um monumento de Pedro Ludovico montado a cavalo, Neusa Moraes foi criticada por não levar em conta a história do ex-governador, um homem estiloso e contemporâneo. Segundo Souza (2019b), a estátua equestre, mesmo imponente, não condizia com a vida do homenageado: “um médico que soube usufruir da Belle Époque carioca, que lia romances, poetas, ensaístas e filósofos em várias línguas, [...] não encaixa na concepção de cavaleiro colocado pela escultora” (p. 6).

Barreto (2005) afirma que o poder e a autoridade política ocorrem por meio de rituais de afirmação de identidade. Se, no passado, a legitimidade dos grupos políticos era baseada no rótulo de “coronelismo” ou do “domínio oligárquico”, o que se pretendeu construir a partir de 1930, com Pedro Ludovico Teixeira, seria uma nova identidade representada pela afinidade com a ciência, a arquitetura moderna de Goiânia e o planejamento. Foi isso que tendeu a prevalecer: uma memória em que o moderno pudesse

superar o passado, rotulado de “oligárquico” ou marcado pelo “coronelismo”. Por isso, a imagem de Ludovico a cavalo, que ia na contramão de uma narrativa que se buscava construir do seu legado, tornou-se alvo de críticas.

Aos monumentos e ao museu que outrora fora a casa de Pedro Ludovico, no centro da cidade, coube a tarefa de articular um sentido de unidade à vivência histórica, demarcando o lugar da memória do progresso em contraposição ao passado, ao atraso, lembrado sempre pelo domínio da família Caiado. Contudo, mesmo com a narrativa do novo, o fato é que o passado oligárquico nunca deixou de estar presente. Os Caiados não abandonaram o cenário político, nem deixaram de defender seus interesses como proprietários de terras. O próprio Ronaldo Caiado retornou ao Palácio das Esmeraldas em 2019 por meio do voto popular.

Para Ana Lúcia da Silva (2001), que investigou a “Revolução de 30” em Goiás, as oligarquias que anteriormente estavam no poder agiam de acordo com a lógica da dominação quando utilizavam as forças policiais para reprimir movimentos considerados “conturbadores da ordem”. O movimento de 30 nas terras goianas não representou modificações na estrutura de classes, visto que os grupos oligárquicos (opositores no período anterior a 30) permaneceram no poder: “as forças policiais continuaram com suas funções, quais sejam, as de mantenedoras da ordem e garantidoras da segurança pública. No caso, a ‘ordem’ é a que convém às oligarquias” (Silva, 2001, p. 133).

Em Goiás, a Revolução de 1930 não promoveu realmente transformações na estrutura social, limitando-se a reorganizar as oligarquias existentes e garantir o equilíbrio de poder. O movimento foi conduzido por dissidências oligárquicas, apoiadas mais por tropas da intervenção da Aliança Liberal do que pelas ações dos opositores locais. Ao tomar o poder, essas dissidências tiveram de intervir nos municípios, destituindo prefeitos e nomeando outros. Devido à falta de pessoal para realizar essas substituições, foi preciso empossar nos cargos gestores alguns opositores ao poder vigente da chefia caiadista local, o que não significava adesão à Aliança Liberal. Para Silva (2001, p. 151), “mudando a capital, as dissidências oligárquicas diminuíram o número de problemas que deviam enfrentar com a antiga situação, que resistia não só ao movimento revolucionário como à mudança da capital”.

É inegável que, em um breve passeio por Goiânia, a lembrança e a imagem de Pedro Ludovico são evocadas a todo instante. Souza (2019b) argumenta que são esses signos espalhados pela metrópole que impulsionam a perpetuação do mito, apesar de

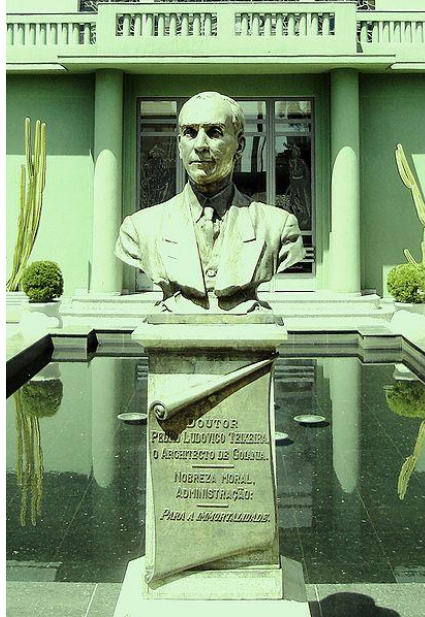
haver críticas com relação a isso, como lembrado por ele ao comentar uma matéria do *Jornal Opção*:

Em 2010, o *Jornal Opção* afirmou que os goianos “parecem acometidos por uma nova doença, a ‘ludoviquice aguda’”. Parece obrigatório que praças, bairros, centro administrativo, talvez até bidês, tenham o nome de Pedro Ludovico. A crítica ganha ares de sarcasmo logo pelo título: “O ‘mítico’ Pedro Ludovico é candidato a Deus”. O jornalista não o poupa em sua argumentação, ao dizer que Pedro Ludovico foi um “interventor-ditador do varguismo”, que, embora “pareça um homem sem defeitos”, liderou em Goiás “um governo tão despótico quanto o de Getúlio Vargas, com perseguição implacável aos adversários políticos”. Nem mesmo Mauro Borges escapa ao afirmar que o mesmo apoiou o golpe militar, e depois de renunciar é “tratado como santo, como se tivesse sido contra, desde a primeira hora”. Essa matéria foi feita em meio à polêmica do lugar em que deveria ser instalada a estátua equestre de Pedro Ludovico e a crítica ressalta que em Goiânia tudo lembra o seu idealizador, enquanto outros nomes importantes da história de Goiás foram relegados ao esquecimento (2019, p. 9).

É notório que a força do discurso ludoviquista conseguiu romper as barreiras do tempo, colocando-o em um lugar de destaque. Segundo Karinne Silva (2019, p. 10), “nesse discurso do vencedor não há espaço para outra memória”, o que quase o sacraliza perante a cidade. Não é difícil encantar-se com o “mito ludoviquista” nas andanças pela Praça Cívica e ao conhecer o museu que recebe o seu nome e onde foi sua antiga residência. “Embora cheia de bustos e referências a outras personalidades, somente o de Pedro Ludovico é tratado com certa deferência, principalmente pelos lugares estratégicos em que seu nome é colocado” (Souza, 2019b, p. 10).

Para Souza (2019b), há duas referências de construção da memória local: a de Pedro Ludovico Teixeira e a de Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), o bandeirante que descobriu ouro nas terras goianas, impulsionando a urbanização e o surgimento da capitania de Goiás. Se na “Avenida Anhanguera ergue triunfante a estátua do que evoca um passado de fausto aurífero nos sertões dos Guayazes, a estátua de Pedro Ludovico sinaliza para o tempo da modernidade”. Mesmo havendo uma distância temporal entre os dois personagens, “são apenas esses dois tempos que devem ser lembrados e perpetuados pela memória” (2019b, p. 10).

Figura 10 - Fotografia do busto de Pedro Ludovico Teixeira em frente ao Palácio das Esmeraldas



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro_Ludovico_Teixeira.JPG.

Os monumentos, assim como o museu, são lugares de memória. A memória é objeto de uma constante disputa de poder para eleger o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

1.5 O *Art Déco* em Goiânia

Art Déco é um estilo artístico que surgiu na Europa nos anos 1920 e influenciou as artes, a moda, o cinema, a arquitetura, o *design* de interiores, entre outras áreas que fazem uso de formas geométricas, ornamentos e *design* abstrato. A paisagem urbana da nova capital de Goiás encontrou no estilo *Art Déco* a expressão da modernidade pretendida, com forte influência do urbanismo francês e norte-americano.

No projeto de Atílio Corrêa Lima, as avenidas do Setor Central, os jardins geométricos espalhados pelos canteiros centrais, o Palácio das Esmeraldas –sede administrativa –, o Museu Zoroastro Artiaga e a casa de Pedro Ludovico Teixeira, entre outras edificações, apresentam o traço desse estilo artístico. O mesmo se dá com as fachadas dos edifícios, a pintura em vitrais, o mobiliário, as luminárias, os portões e as ornamentações de portarias de Goiânia.

Para Karinne Silva (2019), alguns pesquisadores da arquitetura defendem que o *Art Déco* não pode ser visto como um movimento, mas como uma mistura de outros estilos, como o clássico, o moderno e o eclético. No Brasil, além de Goiânia, é possível

encontrá-lo no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. O estilo é valorizado a partir da ascensão de Getúlio Vargas em 1930, em um contexto em que a população urbana cresce em relação à rural, graças à modernização, ao crescimento de indústrias e à consolidação da República. É claro que, além “do *Art Déco*, o governo de Vargas aproximou-se da modernidade de vanguarda, da arquitetura classicizante de influência fascista e do neoclássico” (Silva, 2019, p. 149).

A autora também pontua que, no planejamento de Goiânia, a opção pelo *Art Déco* não foi só uma questão de estética, mas também contou com um viés político na medida em que objetivava construir avenidas e edifícios monumentais que refletissem o poder a ser constituído. Além da utilização de um novo sistema de construção com o concreto armado, o *Art Déco* contribuiu para edificações com aspectos modernos e de custo não muito elevado.

Estão concentrados na Praça Cívica os principais edifícios administrativos e, na parte externa, há o encontro das principais avenidas. “As linhas retas, o caráter sóbrio em que a horizontalidade é tomada como símbolo do poder, o escalonamento no jogo de volumes e a composição volumétrica integrando formas geométricas com o conjunto arquitetônico” fizeram com que Corrêa proporcionasse uma “perspectiva monumental dos prédios administrativos e a simbologia dos edifícios, construídos nos principais pontos da cidade” (Silva, 2019, p. 152).

A Praça Cívica, tombada em dezembro de 2002 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tem seu conjunto arquitetônico formado pelo coreto, fontes luminosas, obeliscos com luminárias, torre do relógio, Palácio das Esmeraldas, antiga chefatura de Polícia, atual Museu Zoroastro Artiaga, Centro Cultural Marieta Telles, prédio do Tribunal Regional Eleitoral e a casa de Pedro Ludovico Teixeira, entre outros. Ao andar pelo lugar, é possível verificar uma simetria rigorosa e a utilização dos elementos característicos do *Art Déco*.

Silva (2019) descreve o atual Museu Goiano Zoroastro Artiaga: “além do calçamento de desenhos geométricos, o edifício apresenta intrincados detalhes geométricos na composição da entrada principal”. É perceptível a simetria, além da existência de colunas, corredores e adornos geométricos.

Figura 11 - Fotografia da fachada do Museu Zoroastro Artiaga



Fonte: Silva (2019, p. 157).

O Palácio das Esmeraldas é outra edificação com as características do *Art Déco*, sendo a mais imponente das edificações instaladas na Praça Cívica. Não há como explorá-la sem querer observá-lo de perto. Ao passar pelo busto de Pedro Ludovico Teixeira logo na entrada, próximo à fonte de água interna, o visitante depara-se com seus vitrais. Segundo Arrais (2019, p. 247), os “vitrais da praça central de Goiânia desempenharam funções semelhantes às obras de arte realizadas nas catedrais na Idade Média europeia, qual seja, um papel pedagógico”, pois tinham a intenção de transmitir ensinamentos e preceitos morais aos observadores.

Silva (2019) descreve assim a imponentia do Palácio das Esmeraldas, com seu

[...] calçamento e jardins geométricos às platibandas. [...] edifício de três pavimentos, construído com o propósito de demarcar na paisagem urbana a imponentia do poder político, possui uma impressionante riqueza de detalhes. Além de pisos de mármore de Carrara, assoalhos de madeira de lei e lustres elegantes, a pintura externa é revestida por uma massa colorida, preparada com pó de pedra verde, material fosforescente e pequenos pedaços de garrafa verde. A ideia é inserir na paisagem urbana uma referência cromática ao bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhanguera*, levado a desbravar o sertão de Goiás caçando *esmeraldas*. Assim, simbolicamente, Goiânia torna-se o tesouro perseguido por Anhanguera, representada exatamente ali: no centro de poder da Praça Cívica (p. 158).

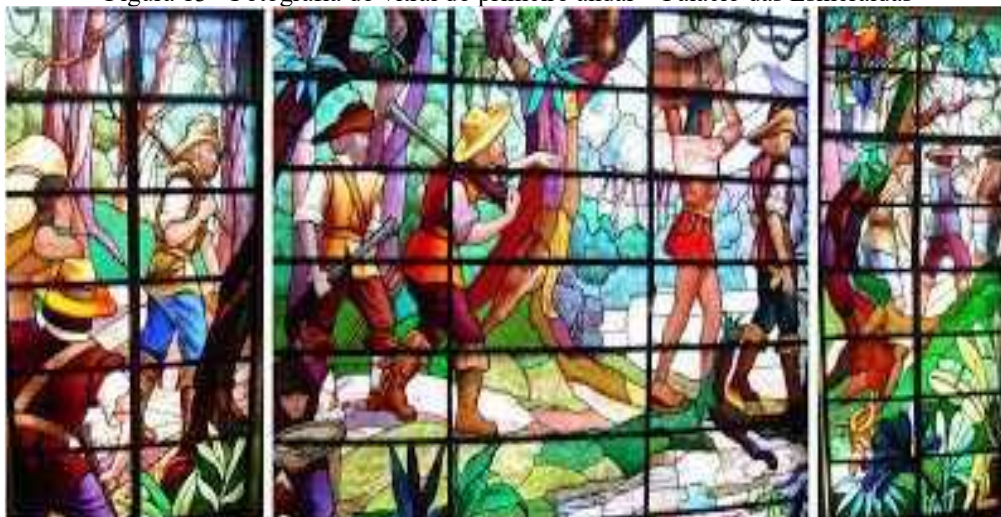
Figura 12 - Fotografia do Palácio das Esmeraldas



Fonte: Silva (2019, p. 158).

Seus vitrais foram construídos em meados de 1936, por um artista russo de nome Conrado Sorgenitch, radicado em São Paulo. É o mesmo artista que produziu os vitrais do Mercado de São Paulo, do Palácio das Indústrias e da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na capital paulista. Segundo Silva (2019, p. 160), os vitrais na sede do governo estadual “são uma narrativa visual [em] que se expressa a leitura histórica que as elites, ora representadas no Palácio das Esmeraldas, fazem de si e do seu passado”. Assim, incluem-se tanto os índios, habitantes nativos da região, como também “os bandeirantes que, *ajudados pelos índios*, [como serviçais] caminham para ‘frente’, apontando destemidamente para o *futuro*. Futuro esse pensado e construído a partir do modo de vida e visão de mundo de uma elite branca predominantemente” (Silva, 2019, p. 160).

Figura 13 - Fotografia do vitral do primeiro andar – Palácio das Esmeraldas



Fonte: Silva (2019, p. 160).

Todavia, a história presente nos murais do Palácio das Esmeraldas representa a história socioeconômica do estado de Goiás, privilegiando seu aspecto cívico-monumental, e é essa a “história autorizada, institucionalizada que vemos ali representada” (Arrais, 2019, p. 147). Eles retratam os mineradores com suas bateias, alavancando a atividade da mineração a partir de 1722, e os lavradores, já que a pecuária foi a principal atividade econômica após o período do esgotamento do ouro no final do século XVIII. A análise dos vitrais evidencia uma história que leva em conta o projeto colonizador, o que é destacado por Arrais (2019):

[...] três fases distintas do projeto colonizador, cada qual respondendo a um dos pavimentos do edifício, em escala evolucionária: no pavimento térreo, duas grandes matrizes de formação na nacionalidade são representadas pela natureza selvagem (o indígena e a onça) e a civilização (a caravela e o navegador). No primeiro andar, a caracterização clássica da bandeira do século XVIII: o paulista, representado em suas duas principais atividades, a pesquisa e prospecção mineral e a preação indígena, já o índio é agora representado de maneira servil, agindo como carregador na longa jornada pelos sertões e auxiliando na prospecção. No segundo andar, a prospecção de ouro divide espaço com a atividade agrícola, com destaque para a criação de gado. É somente nesse pavimento, na última cena, que surge uma figura de origem africana, dividindo o espaço da mineração (p. 248).

Por isso, ao considerar o processo histórico, é possível desmistificar a ideia de que os povos indígenas não tiveram importância na história do estado. É crucial perceber que eles foram protagonistas ao impor limites ao colonizador desde o início, resistindo à violência do dominador, que, amparado pela Igreja e pela metrópole, invadia e ocupava territórios e matava impunemente seus habitantes. Foram utilizadas nesse processo várias estratégias de “apagamento” do protagonismo indígena, sustentadas por uma ideologia eurocêntrica que causou uma enorme destruição. Além disso, milhares de indígenas desapareceram devido à catástrofe biológica provocada por doenças como varíola, gripe e sarampo, pois o vírus se deslocava mais rápido que os europeus em seu processo de expansão conquistadora.

Após esse período colonial, os povos indígenas tiveram que se reagrupar e se reinventar, apesar de suas diferenças culturais e linguísticas. Reescrever a história indígena a partir da destruição provocada pela empresa capitalista colonial é buscar compreender o protagonismo indígena e suas estratégias de resistência, ressignificação e organização social.

Além dos vitrais do Palácio das Esmeraldas, o estilo *Art Déco* encontra-se em outros espaços da paisagem urbana de Goiânia, como a Torre do Relógio, localizada no

canteiro da Avenida Goiás, o Teatro Goiânia, inaugurado em 1942, e a antiga estação ferroviária, de 1950.

Figura 14 - Fotografia da torre do relógio na Avenida Goiás



Fonte: <https://www.maisgoias.com.br/divirta-se/simbolo-do-art-deco-em-goiania-torre-do-relogio-volta-a-funcionar/>

Figura 15 - Fotografia do Teatro Goiânia



Fonte: <https://diaonline.ig.com.br/2019/04/03/teatro-goiania-verdadeiro-patrimonio-historico-da-cidade/>

Figura 16 - Fotografia da antiga Estação Ferroviária de Goiânia



Fonte: <https://curtamais.com.br/goiania/goiania-a-heranca-cultural-e-artistica-da-cidade/>

1.6 Outros monumentos da capital

Inaugurado em 3 de novembro de 1967, o “Monumento a Goiânia” é considerado a primeira escultura de livre expressão instalada em espaço urbano da nova capital de Goiás. Encontra-se no centro da Praça Cívica, projetada como o marco inicial da cidade por Atílio Corrêa Lima, local de onde é possível ver as três principais avenidas. Considerada pelos goianienses o cartão-postal de Goiânia, é a obra mais expressiva da escultora goiana Neusa Moraes, que foi professora na Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG, de 1971 a 1993. A obra representa as três raças – o índio, o negro e o branco – que trabalharam na construção da cidade. Por isso, recebe também o nome de “Monumento às Três Raças”, “Três Raças”, “Monumento ao Trabalhador”, “Monumento aos Construtores” e “Os Negrões” e simboliza no Plano Urbanístico de Atílio Corrêa Lima o marco inicial da cidade.

Figura 17 - Fotografia do Monumento a Goiânia – “Monumento às Três Raças”



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Tresracas.JPG>

Segundo Cabral e Borges (2009), a obra representa um tributo às raças que formaram o povo brasileiro. Embora tenha sido encomendada inicialmente pelo Rotary Club para homenagear o cinquentenário do Batismo Cultural da capital, recebeu o apoio posterior do governo estadual e da prefeitura de Goiânia. A princípio, a proposta do Rotary era homenagear apenas o imigrante branco, porém, a artista sugeriu também a inclusão do negro e do índio, o que foi aceito.

A solenidade de inauguração do Monumento a Goiânia contou com a presença do Sr. Jacy de Assis, representando o governador Otávio Lage de Siqueira; do prefeito de Goiânia, Íris Rezende Machado; do presidente do Rotary Club de Goiânia, Dr. Luiz Rassi; do presidente do Rotary Goiânia-Oeste, Elias Daher; do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges; da escultora Neusa Moraes, criadora do monumento; e de convidados.

Cumprе lembrar que o Monumento a Goiânia levantou, desde o início, polêmicas e críticas, que circularam nos jornais da época. A começar pela escolha do espaço onde foram instaladas as três luminárias, da década de 1940, com características do *Art Déco*, projetadas por José Neddermeyer, engenheiro-arquiteto. A luminária central e maior, localizada no marco inicial da cidade, semelhante a um obelisco, foi idealizada para

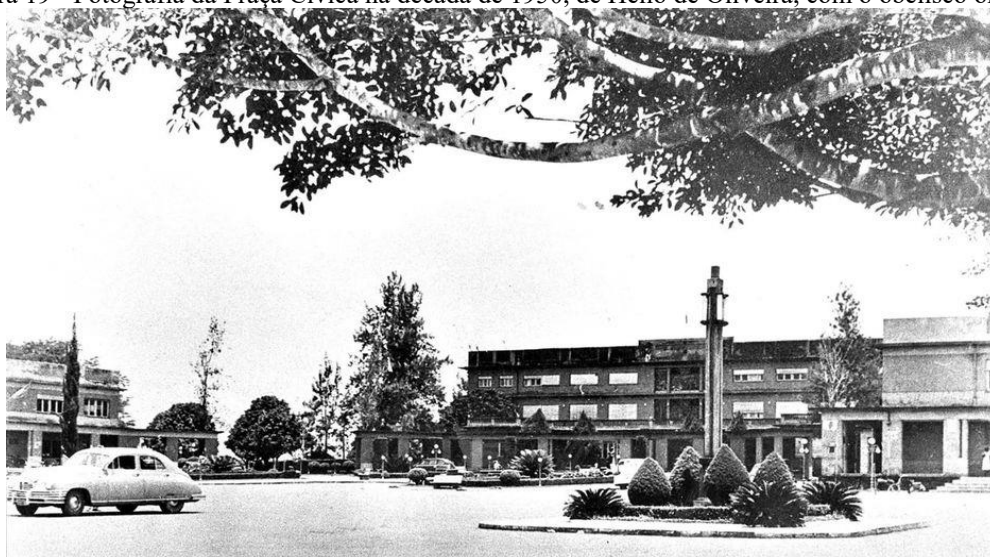
homenagear os trabalhadores anônimos que construíram Goiânia. A luminária foi retirada para que o Monumento a Goiânia fosse instalado, o que não agradou. Além disso, os personagens foram esculpidos nus e só posteriormente vestidos, sendo apelidados de “negrões pelados” ou “negrões da Praça Cívica”. A parceria público-privada para a construção da obra de arte também levantou especulação de corrupção. Também houve a acusação de que a escultura foi imposta à população de Goiânia por um governo autoritário devido ao Regime Militar.

Figura 18 - Fotografia do Obelisco da Praça Cívica



Fonte: freepik.com.br (2024).

Figura 19 - Fotografia da Praça Cívica na década de 1950, de Hédio de Oliveira, com o obelisco original



Fonte: Facebook “Goiânia, ontem e hoje”, visualizada em 2024.

Figura 20 - Fotografia da Praça Cívica com o Monumento a Goiânia



Fonte: tyba.com.br. Visualizada em 2024.

Cabral e Borges (2009, p. 6) explicam que

[...] a Luminária semelhante a um obelisco foi idealizada para homenagear os trabalhadores anônimos que construíram Goiânia. O jornal *Cinco de Março* publicou na coluna “Cafê de Esquina” a *charge* “Aprenda a ver as coisas”, comentando sobre a atitude dos governos autoritários impondo a *não arte* aos olhos goianienses, pois foi retirado um obelisco da época da construção da Capital para ceder espaço aos negrões pelados (10 jul. 1967). Essa coluna era assinada por Zeca Nacionalista e Zé Chapabranca com ilustração de Fróes.

Ao visitar a Praça Cívica, o olhar do transeunte é imediatamente atraído para o monumento, tanto por ocupar um lugar central quanto pelo seu tamanho. De lá, ainda é possível avistar as três principais avenidas da cidade. O desejo de interagir com as esculturas e entender o que realmente significa aqueles três homens levantando uma coluna, como se estivessem edificando algo, desperta a curiosidade. A artista, ao sugerir a inserção do negro e do indígena na obra de arte, fez com que fossem incluídos outros segmentos sociais presentes na história de Goiás e que eram marginalizados nesse contexto socioeconômico; porém, sem a representação das mulheres. Por outro lado, há uma justaposição dos três personagens no mesmo nível, camuflando a realidade de subserviência do negro na condição de escravo e dos indígenas, cuja população foi dizimada com a chegada do branco colonizador, veiculando uma relação romantizada dos três grupos ali representados.

A retirada da luminária (obelisco) projetada na década de 1940 em *Art Déco* para representar os pioneiros, de forma simbólica, do seu local de origem foi considerada uma aberração. Esse espaço “sacralizado” por Atílio Corrêa Lima não era para os “negrões da Praça Cívica”, ainda mais nus. Por isso, proliferaram críticas em forma de artigos de opinião, discursos e charges na imprensa local para alertar a população e moldar a opinião pública sobre o assunto.

O monumento ao bandeirante em Goiânia é um dos mais polêmicos atualmente. Segundo Janaina da Silva (2021, p. 60), apesar de ter sido feito para cultuar o passado glorioso goiano, é interpretado por alguns como a celebração da violência contra minorias. A obra faz um tributo a um bandeirante, Bartolomeu Bueno da Silva, que se consagrou no mito do surgimento do estado como o fundador do Arraial de Santana, que posteriormente passou a ser chamado de Vila Boa de Goiás, núcleo urbano que deu origem à primeira capital de Goiás. Continua a autora:

O bandeirante tornou-se conhecido na história goiana como Anhanguera, nomenclatura atribuída a ele pelas populações indígenas presentes no território [em] que passou a viver. Em uma tradução livre, acredita-se que signifique “Diabo Velho” e faz referência às maneiras violentas que utilizava para obter ouro (Silva, 2021, p. 60).

Foi inaugurado em 9 de novembro de 1942, no Batismo Cultural de Goiânia, e hoje se localiza no cruzamento entre as avenidas Goiás e Anhanguera, lugar de grande fluxo do comércio e alta visibilidade, eixos principais de transporte. Desde 1991, o monumento é reconhecido como patrimônio histórico pela legislação municipal. A história da construção de uma obra em homenagem aos bandeirantes surgiu em 1938, quando a Embaixada Universitária Paulista visitou a capital goiana, levando a Universidade de São Paulo (USP) a propor dar de presente a Goiás um monumento que “condecorasse os grandes feitos de um bandeirante que se tornou referência na narrativa oficial do estado” (Silva, 2021, p. 59). A partir daí, teve início uma campanha para a sua construção, envolvendo os governadores dos dois estados, Pedro Ludovico Teixeira e Adhemar Pereira de Barros. Por fim, oficializou-se a doação da escultura feita por acadêmicos da Faculdade de Direito da USP.

A recém-criada capital precisava construir elementos da história goiana e, para Silva (2021, p. 59), o monumento foi confeccionado como um “ícone do Estado Novo e que trazia a Marcha para o Oeste como forma de celebração, [tornando-se] um retrato das correntes políticas e ideológicas do período: a preocupação com as questões nacionais”.

Feita em bronze e com três metros de altura, a escultura mostra o bandeirante segurando uma bacia e uma arma, posicionado na direção do Oeste e, no totem, a declaração “Aos goyanos, sobre estirpe dos bandeirantes”.

Para Silva e Pinto (2023), a pretensão da construção coletiva de uma memória local por meio do monumento e de um “projeto de modernização ligou as elites paulistanas às elites goianienses em formação, nos anos de 1930 e 1940” (p. 450). Esses grupos, ignorando “toda a violência simbólica que carregava, conceberam o monumento como uma homenagem aos bandeirantes e aos/às nativos/as daquelas terras” (p. 450). Escolheram “um bandeirante, herói inventado, para valorizar o presente, o século XX, a fim de glorificar os novos paulistas, os novos ‘desbravadores’ do sertão” (p. 452). Esses novos “heróis” iriam representar o poder “não mais pela conquista do ouro e da mão de obra escrava, mas pelo desenvolvimento capitalista, da ciência, do rádio, dos jornais, nos bailes, conferências e pactos sociais” (p. 452).

Nesse processo, os paulistas seriam os precursores do progresso no sertão goiano, ao custo da invisibilidade dos indígenas, “representados ao lado do primitivismo da natureza a ser descoberta e desenvolvida, do passado cristalizado no tempo” (Silva; Pinto, 2023, p. 452). Entretanto, a imagem do Anhanguera representa um modelo racista e excludente de nossa sociedade que triunfou.

Janaina da Silva (2021, p. 63) analisa os dois monumentos, o do bandeirante e o das “três raças”, como expressões de “um projeto ideológico para a elaboração de uma narrativa nacional, a valorização da miscigenação e a romantização das violências ocorridas durante o regime escravista, projetadas na construção do mito de uma democracia racial”. Assim, temos um bandeirante herói da história do estado, e três homens que estão “simbolicamente dispostos e efetuando o mesmo trabalho para erguer a cidade de Goiânia”, sem considerar que as relações entre eles são permeadas pela violência, em que negros e indígenas foram submetidos e tratados como sujeitos subalternos na história do estado.

Nos usos do passado voltados à afirmação das identidades, “o monumento suaviza o passado goiano a partir da elaboração de uma narrativa sobre um passado que não resgata historicamente como as questões raciais e étnicas estiveram inseridas na construção do estado” (Silva, 2021, p. 64). Essa versão oficial escamoteia a opressão sofrida por grupos sociais e apaga a pluralidade de povos e experiências que coexistiram nesse processo histórico.

Na época da inauguração do monumento ao bandeirante, havia uma praça popularmente conhecida como a “Praça do Bandeirante”. Atualmente, com o crescimento da cidade e a prioridade dada ao trânsito, existe apenas o monumento, localizado no cruzamento de duas das principais avenidas da cidade, a Goiás e a Anhanguera. Em 24 de julho de 2021, os principais jornais do país estamparam a foto do monumento que homenageia Manuel de Gato Borba, um bandeirante, em chamas. Uma discussão veio à tona em todo o Brasil envolvendo o Parlamento e os meios de comunicação. Em Goiás, a pergunta foi feita: o que representa a manutenção desse monumento ao Anhanguera no território goiano?

Janaina da Silva (2021) desenvolve uma reflexão sobre esse assunto a partir de uma reportagem local que perguntou a alguns indivíduos que estavam próximos ao monumento quais eram suas opiniões a respeito dele. “Os relatos vão desde ‘Ainda tem pessoas que acham legal alguém que massacrou indígenas... Não acho justo.’ Até ‘Não concordo com essa homenagem. A função dele era escravizar e matar índios. Tinha até um apelido, ‘Diabo Velho’” (p. 61). Assim, as narrativas históricas cristalizadas pela memória oficial que identificam os bandeirantes como heróis nacionais estão sendo postas em debate.

As disputas em torno da memória nacional e regional têm se tornado recorrentes, suscitando debates e gerando reavaliações sobre figuras históricas do passado. Janaina da Silva (2021) lembra que está em tramitação na Câmara desde 2020 o Projeto de Lei 1595/19, que tem como objetivo principal proibir homenagens a proprietários de escravos e traficantes de escravos. Os monumentos que fizessem referência ao passado escravista deveriam ser retirados dos espaços urbanos e transferidos para museus. A sociedade civil seria a responsável por escolher os personagens históricos a serem homenageados no lugar dos escravocratas.

A historiografia goiana, entre o final do século XIX e início do século XX, resgatava o passado de glória aurífera e a sua decadência, remontando a origem de Goiás à época das bandeiras e exaltando “os bandeirantes como heróis e pioneiros na formação do Estado” (Silva, 2021, p. 58). Com isso, ela introduzia no imaginário social esses homens como os desbravadores do sertão que almejavam levar o progresso ao lugar de vazio e da inexistência civilizatória.

Figura 21 - Fotografia da Praça Atílio Corrêa Lima, chamada de Praça do Bandeirante, em 1953



Fonte: <https://opopular.com.br/image/policy:1.1387993:1693350108/image.jpg?&f=default>.

Figura 22 - Fotografia do cruzamento das Avenidas Anhanguera e Goiás, com o monumento ao bandeirante ao centro

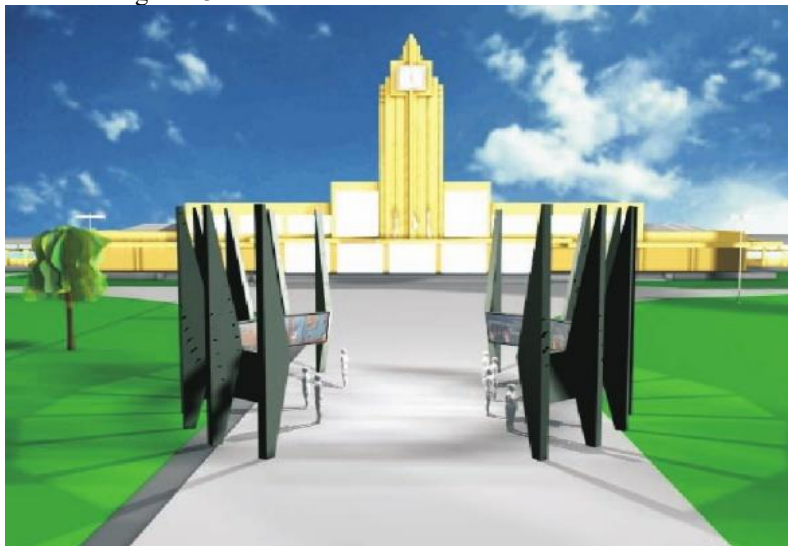


Fonte: <https://opopular.com.br/image/policy:1.1387993:1693350108/image.jpg?&f=default>

Para Rodeghero (2012), a memória e o esquecimento são campos de luta política em diferentes espaços: educação, artes, nas políticas de preservação, na constituição de arquivos, na imprensa, na produção de livros didáticos de História, a fim de definir sentidos do passado que serão considerados mais ou menos legítimos e experiências que serão valorizadas, buscando identificar quais protagonistas serão alçados à condição de heróis ou símbolos da coletividade.

Como o meu objeto de pesquisa é o espaço urbano da cidade de Goiânia, também é possível analisar as lutas políticas envolvendo memória e esquecimento considerando a própria Ditadura Militar em Goiás. Em 1959, foi erguido o Monumento ao Trabalhador, obra que renomearia a antiga Praça Americano do Brasil para o nome atual, Praça do Trabalhador. Dez anos depois, em 1969, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) destruiu com piche os painéis que mostravam, no seu lado direito, o mundo do trabalho e, no seu lado esquerdo, a luta dos trabalhadores. O ataque começou na ditadura, mas a total retirada da obra aconteceu no ano de 1986, quando houve a demolição dos dois cavaletes de concreto que a sustentavam e permaneceriam no local como um ato de resistência.

Figura 23 - Monumento aos trabalhadores em Goiânia



Fonte: <https://jornal.ufg.br/n/99077-aos-trabalhadores-respeito>.

Em seu trabalho sobre os fotógrafos pioneiros da capital, Karinne Silva (2019, p. 188) afirma que “as fotografias de Feichtenberger deixariam para a posteridade o registro de transeuntes no único monumento erguido na Goiânia planejada e que homenageou os operários que a construíram: *o Monumento ao Trabalhador*”.

Figura 24 - Fotografia de Alois Feichtenberger – 1961 – da Praça do Trabalhador.



Fonte: Silva (2021, p. 189)

Segundo Borges (2017), a construção da obra de arte em homenagem aos trabalhadores tinha um valor simbólico na década de 1950, com a efervescência das organizações sociais e lutas operárias no Brasil. A destruição dos painéis pelo CCC traduz o contexto posterior de polarização política e de posicionamentos anticomunistas durante o regime militar. Porém, nos anos posteriores, mesmo encerrados os “anos de chumbo”, não houve iniciativa política para a restauração da obra de arte, pelo contrário, aos poucos, foram sendo retirados os cavaletes até que não existisse mais nada do monumento. Para Borges (2017, p. 366),

Ousamos afirmar, como *insight* para posteriores pesquisas, que esta foi uma das mais incisivas atrocidades cometidas durante a ditadura contra a cultura e as artes em Goiânia, dado o efeito que produziu de banir da memória política da cidade a principal homenagem realizada pelos poderes constituídos aos trabalhadores como classe social.

Aos poucos, a Praça Americano do Brasil foi se tornando popularmente conhecida como a “Praça do Trabalhador”, desde quando ali abrigava a Estação Ferroviária. Era o ponto final dos ônibus, sendo alto o fluxo de trabalhadores no local. Por muito tempo, aquele espaço não era considerado pertencendo ao centro, pois ficava além do Bairro Popular, onde havia apenas fazendas sem urbanização.

A instalação do Monumento aos Trabalhadores deu uma configuração de praça ao lugar e, mesmo com a destruição dos painéis e cavaletes a partir de 1969, no período pós-ditadura, esse ponto da capital não deixou de ser encontro para protestos estudantis e de trabalhadores, além de atividades culturais representando um espaço de arte, luta e

resistência. Atualmente, no prédio da antiga Estação Ferroviária de Goiânia, encontra-se o Museu Frei Confaloni, um espaço dedicado à preservação da cultura e memória goiana, que abriga o Centro de Atendimento ao Turista e outras instalações culturais.

Na Praça Cívica, um monumento que chama a atenção é a obra “A todos nós”, do artista goiano Siron Franco. Em 2015, o centro da capital passou por uma nova revitalização, o que provocou mudanças na Praça Cívica. O prédio “Palácio das Campinas”, conhecido popularmente como “caixotão”, construído em 1960 e que funcionava como a sede da prefeitura de Goiânia, foi demolido com o objetivo de resgatar o espaço inicialmente projetado por Atílio Corrêa Lima. No seu lugar, foi construído o monumento “A todos nós”.

Siron Franco recebeu o convite do então prefeito Paulo Garcia, do Partido dos Trabalhadores (PT), para realizar a empreitada. Com a ideia de homenagear as pessoas, o artista criou a “Caleidoscópica”, instalada na Praça Cívica desde 2015. Seu objetivo era conectar o passado e futuro por meio de totens que representassem os índios Carajás, povos que habitam as margens do Rio Araguaia, em Goiás. Do outro lado da escultura, há um menino e uma menina, além de um espelho em aço que reflete a imagem das pessoas que passam pela Praça Cívica.

Todo esse trabalho de restauração foi acompanhado pelo então prefeito de Goiânia e pelo governador de Goiás, Marconi Perillo, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Siron Franco quis retratar as etnias indígenas em um espaço simbólico como a Praça Cívica, com o objetivo de resgatar o passado dos povos que habitavam essas terras. A obra tem três metros de altura e 11 metros de comprimento e é feita em chapas de aço inoxidável.

Em entrevista ao jornal *online A Redação*, de 2021, o artista afirma que, na sua obra,

[...] todos se veem, é um espelho da cidade. Por isso o nome é Monumento a Todos nós. Somos humanos e toda pessoa que passa pelo local é homenageada também. [...] Eu conheci a cultura indígena muito novo e é uma fonte de conhecimento muito grande. Por isso quis retratar as etnias junto do presente. A arte pública tem essa função de comentar o espaço em que está inserida ou fatos históricos e acaba se tornando uma referência.

Figura 25 - Fotografia do Monumento “A todos nós”, de Siron Franco



Fonte: <https://www.aredacao.com.br/colunas/153999/como-um-espelho-monumento-reflete-passado-presente-e-futuro-de-goiania>.

Figura 26 - Fotografia do Monumento “A todos nós”, de Siron Franco



Fonte: <https://www.aredacao.com.br/colunas/153999/como-um-espelho-monumento-reflete-passado-presente-e-futuro-de-goiania>.

Assim, percebemos a existência de “memórias artificiais”, isto é, de monumentos construídos e preservados de forma cuidadosa, considerados testemunhos da história ou de uma obra de arte. Nesse caso, é uma obra de arte encomendada que busca transmitir uma mensagem sobre a história local ou a vida de seus personagens, o que é um diferencial na concepção de patrimônio. Se a ideia genuína era de preservação enquanto fosse importante para determinado povo, podendo ser abandonado ou substituído na posteridade, a ideia de preservação prevaleceu após a Revolução Francesa. Até chegarmos ao monumento-arte como o monumento “A todos nós”. Arte encomendada,

não produzida por nenhum povo indígena, mas criada para trazer à lembrança a importância dessas etnias como povos originários da região.

Edmar Aparecido de Barra e Lopes (2018) problematiza a questão dos usos do passado na dinâmica entre patrimônio e memória à luz dos conceitos “cidade-monumento” e “cidade-praticada”. Sua proposta é desmistificar a imagem, celebrada pelas elites locais e cristalizada nos discursos oficiais, de que Goiânia é um espaço de modernidade, uma cidade-harmônica representada como cidade-postal ou cidade-monumento, colocando no lugar dessa imagem idealizada as contradições que opõem os diferentes grupos.

Goiânia, “antes de existir como espaço físico, existira como ação narrativa, pois foi também fruto do planejamento urbano e de todas as ideologias que este carrega através de suas práticas, em particular a abstração *cidade-monumento*” (Lopes, 2018, p. 281). O contexto da história da sua fundação é produzido nos anos 1930, no governo Vargas, sob a influência de intelectuais modernistas e da criação do Iphan, época em que predominava a noção de patrimônio histórico e artístico nacional de fatos memoráveis da história do Brasil.

A cidade representada como monumento se distancia da realidade social vivida por sua população, reforçada por uma historiografia tradicional; a narrativa comum da imprensa local sobre a cidade; depoimentos de técnicos, burocratas e pioneiros sobre a construção da cidade, enaltecendo uma memória em detrimento das outras. À medida que esse discurso vai se incorporando às instituições das cidades, alimentado pela concepção de patrimônio cultural e de bens culturais edificados ou tangíveis, temos “um mecanismo degolador de memórias antagônicas ou destoantes dessa ideia de *cidade-patrimônio*”. Para Lopes (2018, p. 283),

O mapa oficial de Goiânia, com seus consagrados lugares de memória (Praça Cívica, Praça dos Bandeirantes, Praça Joaquim Lúcio, Avenida Araguaia, Avenida Tocantins, edificações da época de sua construção segundo estilo *Art Déco* etc.), reforça não apenas uma ideia dominante de cidade e sobre o urbano, mas também de patrimônio, em consonância com um projeto político-econômico determinado de produção e reprodução do espaço urbano.

A partir da década de 1980, há uma revisão teórica e metodológica desse paradigma de patrimônio que oculta os conflitos e tende a produzir a imagem de uma sociedade harmônica, emergindo outras memórias sobre o urbano, tradicionalmente silenciadas. Assim, a concepção de cidade-monumento tem sido problematizada a partir

de um novo horizonte investigativo da Antropologia, da Sociologia, da História, da Museologia, da Geografia e de outras ciências. Nesse contexto histórico, Lopes (2018) faz referência a um contexto internacional favorável, graças ao lançamento da Recomendação de Salvaguarda das Culturas Tradicionais e Populares em 1972 e 1989, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A tendência de valorizar a patrimonialização das diferenças constituiu uma necessidade diante de um mundo crescentemente homogeneizado pelo capitalismo globalizado e neoliberal.

Portanto, há um processo de ampliação do significado de patrimônio dissociado da ideia de monumento ao reconhecer o direito de visibilidade institucional relativo a outras memórias, sendo esse campo atravessado por disputas e tensões. De outro modo, significa entender que o conceito de patrimônio cultural está presente não apenas nos bens culturais materiais, mas é possível identificá-lo no conjunto das relações cotidianas sociais praticadas e ressignificadas.

Para Lopes (2018, p. 288), “é indispensável que procuremos olhar para a cidade de Goiânia não considerando a mesma abstratamente ou através dos atributos sustentados sobre ela pelas tradicionais narrativas locais”, mas realizar uma revisão crítica das convencionais relações entre memória e patrimônio. É preciso que os novos métodos de investigação continuem a contribuir “para abrir espaço para o crescente reconhecimento da cidade e do urbano como produção subjetiva, multifacetada e conflituosa”, no âmbito do patrimônio material e imaterial, ajudando a dar visibilidade a outras memórias silenciadas (Lopes, 2018 p. 288).

1.7 O ensino de História e pesquisas relacionadas ao urbano e aulas-passeio

O ProfHistória tem pesquisas interessantes sobre o urbano, envolvendo, em sua maioria, a história local e a patrimonial. Pacheco (2020), em sua dissertação “*Mas esta não é a minha cidade*”: narrativas e sensibilidades no ensino de história de Fortaleza, propõe debater a questão do ensino de história local no ensino médio a partir das narrativas e experiências que os alunos do Colégio Estadual Liceu do Ceará trazem da cidade em que vivem, Fortaleza – CE. O autor busca conhecer a forma como esses alunos se relacionam, sentem, vivenciam e constroem o sentimento de identidade e pertencimento com a cidade de Fortaleza. A criação de minidocumentários pelos alunos

resultou no produto didático da investigação, que aborda a perspectiva do aluno sobre a cidade em três pontos específicos: o imaginário, os locais de memória e o conhecimento histórico.

Pacheco (2020) conta como foi significativa a reflexão feita sobre a cidade de Fortaleza para os alunos e para ele, professor-pesquisador. Assim, demonstra em sua pesquisa que a cidade, considerada um dos principais pontos turísticos do Brasil, significa muito mais que isso para os estudantes. Estes relatam gostar de morar em uma cidade de praias, mas também citam a desigualdade social, a violência e o preconceito, destacando que o direito de circular pela urbe não é igual para todos. “A história da cidade não se restringe a sua faixa litorânea: Fortaleza do porto do Mucuripe, Beira-Mar e Praia de Iracema que já foi conhecida por sua vida noturna, boêmia. Praia de Iracema dos mares, bares, abraços e segredos. A cidade também se faz em sua periferia, por seus bairros “distantes” (Pacheco, 2020, p. 38). Assim,

[...] do imaginário de cidade de sempre verão, Fortaleza é percebida por estes jovens como uma cidade violenta e perigosa. Violência essa que cerceia a circulação desses estudantes pela cidade e que torna a experiência de vivenciar o mundo urbano de outra forma. As impressões de uma cidade violenta andam de mãos dadas com o discurso de uma cidade extremamente desigual. Esses jovens, em sua maioria, moradores de bairros periféricos, traduzem em seus relatos as consequências de um desenvolvimento econômico-social que não contempla os moradores da cidade de uma maneira mais justa, equilibrada. Ao relembrar o processo de desenvolvimento histórico da cidade, percebe-se que a cidade ainda mantém em sua dinâmica uma ação segregadora. A cidade, que traz em seu nome as origens de seu desenvolvimento, parece ainda manter fortificações que determinam quem pode viver dentro e fora de seus limites de segurança e bem-estar. “Moro em um bairro onde o saneamento básico é para poucos. No bairro que eu moro hoje não existem grandes áreas de lazer.”

Lima (2018), em sua dissertação de Mestrado do Profhistória, *Imagens da cidade de Boa Esperança - PR: as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o ensino de história (1997-2018)*, analisa as imagens do município de Boa Esperança-PR a partir da exposição e das coleções fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho, à luz dos conceitos da Museologia e do Ensino de História Local.

Busca assim a legibilidade urbana representada nas fotografias com a intenção de compreender os discursos por meio das imagens e da própria organização de espaço urbano pelo poder público, procurando verificar como se manifesta a imaginação dos estudantes ao entrarem em contato com o acervo de tal espaço cultural. A aplicação do projeto envolveu alunos do 8º ano do ensino fundamental (8º E.F.) e elaborou como

proposta uma cartilha em formato *flippingbook*, disponível em plataforma *online*, comportando atividades realizadas na escola, na Casa da Cultura e em alguns pontos da cidade (saídas de campo).

Costa (2016), em *A cidade e o ensino de História: patrimônio, museu e história local* – dissertação de mestrado do ProfHistória –, propõe visitas a museus para que os alunos tenham contato com a materialidade histórica, a partir da educação patrimonial, tendo como objeto de estudo a cidade do Rio de Janeiro, que reúne os principais museus históricos e artísticos, monumentos, prédios e construções tombadas pelo patrimônio histórico, a fim de envolver os estudantes e proporcionar uma experiência educativa significativa e interessante. A parte propositiva contém sugestões para professores de como trabalhar a educação patrimonial.

Destaco também a dissertação de mestrado pelo ProfHistória de Margareth Dias de Oliveira, intitulada *A potencialidade de aulas-passeio de História: os professores e suas práticas*, de 2022, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A autora analisa as aulas-passeio como práticas de letramento no ensino de História, pesquisa baseada nas proposições do pedagogo Célestin Freinet, defendendo a ampliação cultural dos alunos a partir dessa estratégia pedagógica. A ideia é que diversificar suas experiências de contato com fontes históricas para além dos muros da escola, valorizando a leitura de mundo que cada aluno tem, repercutirá positivamente no trabalho do professor de História desenvolvido em sala de aula.

O conceito de aula-passeio utilizado por Oliveira (2022) é o defendido pelo francês Célestin Freinet, que denomina de aula-passeio o trabalho pedagógico que retira os alunos de sala de aula, “buscando experimentações físicas e psicológicas do ambiente natural e humano fora do espaço escolar” (p. 20). Continua: “[...] as vivências de diversas situações, para além da sala de aula, contribuem para a aprendizagem, pois trazem significado ao conteúdo abordado no espaço escolar” (p. 18). Assim, ela apresenta entrevistas realizadas com professores de História da educação básica pública que trabalham com a dinâmica de aulas-passeio, analisando atividades elaboradas por eles. Na parte propositiva, ela exhibe uma coletânea com alguns locais históricos visitados pelos professores entrevistados com suas turmas, com as principais características desses lugares, oferecendo dicas de visita.

Notei nas entrevistas realizadas por Oliveira (2022) que todos os professores entrevistados relataram como positiva a experiência das aulas-passeio, e aqueles que, de

alguma forma, preparavam os estudantes para a saída perceberam um maior envolvimento deles com o lugar a ser visitado. É o que proponho na parte propositiva: além de mostrar o material visual da cidade a partir das percepções dos estudantes, apresento uma sugestão de “método” para as visitas ao centro de Goiânia a partir do desenvolvimento de uma sequência didática com foco em imagens, a fim de estimulá-los a querer participar da aula-passeio.

2 A IMAGEM DA CIDADE DE GOIÂNIA PELOS ESTUDANTES DA VILA PEDROSO

Desejar entender a cidade a partir da imagem feita por seus habitantes inevitavelmente nos obriga a entender a urbe não como uma coisa em si, mas como algo repleto de fragmentos não necessariamente conectados que, ao serem analisados, revelam as relações entre si, oferecendo-nos condições de decifrar a cidade não somente por meio dos olhos de especialistas. Kevin Lynch propõe algo que não era usual: conhecer a cidade por meio da visão e percepção de seus habitantes, considerando os ditos “cidadãos-comuns” nas questões urbanas. Isso é importante para resolver problemas entre as chamadas partes formais e informais da urbe, possibilitando projetar uma cidade em que todos tenham direitos e se sintam integrados a ela, independentemente da idade, gênero ou grupo social.

Cada pessoa tem diferentes associações com alguma parte da sua cidade; desse modo, a imagem projetada é carregada de significados e memórias. Nossa visão não é abrangente, é parcial e fragmentada, envolvendo todos os nossos sentidos, que, combinados em diferentes imagens, produzem a imagem da cidade. Assim, as pessoas e suas atividades são tão importantes quanto seus prédios, avenidas, ruas, monumentos, praças, enfim, suas partes físicas.

Para isso, os elementos principais para a estruturação dessas imagens estão nas vias, bairros, limites, marcos. Os habitantes da urbe somente tomam conhecimento dela em larga escala, como imagem forte e inteira, quando estão na condição de turistas. Essa é a proposta principal deste trabalho ao buscar criar um material visual da cidade de Goiânia a partir da percepção dos alunos de 8º e 9º anos de uma escola da rede pública municipal da periferia da capital. Isso significa mostrar os pontos fortes dessa percepção em trajetos que vão da casa à escola, como também em lugares centrais da capital onde se deu sua origem.

Proponho neste capítulo expor as sequências didáticas na execução do projeto, bem como analisar o resultado dos questionários e dos desenhos de percursos realizados pelos alunos no lugar de vivência cotidiana (da casa à escola) e nas andanças ao centro de Goiânia, apresentando o material visual da cidade a partir da percepção e observação dos estudantes. Por fim, mostrarei como será estruturado o *site* a ser veiculado nas redes sociais, que conterà imagens, o roteiro feito nesta pesquisa com os alunos ao centro de

Goiânia, o material visual da cidade percebida por eles, assim como sugestões pedagógicas de organização de uma visita-passeio com indicação de leitura de pesquisas sobre os monumentos visitados, incluindo o espaço da Praça Cívica, o museu Pedro Ludovico Teixeira, a Avenida Goiás até a Praça do Trabalhador, onde se encontra a antiga estação ferroviária de Goiânia.

2.1 A escola campo e o desenvolvimento inicial da pesquisa

A escola municipal Madre Francisca foi fundada no dia 13 de março de 1979. Atualmente, trabalham nela 95 funcionários, que atendem a comunidade em três turnos: no matutino, uma turma de 5º ano e as demais de 6º a 9º anos da segunda etapa do ensino fundamental; o vespertino inclui a educação infantil e turmas de 1º a 5º anos, com 12 salas de aula em funcionamento; no noturno, a EJA. Em sua maioria, são estudantes que estão na escola desde o 6º ano. Alguns ainda vêm do 1º ano, moram no bairro ou na região e vêm de famílias com baixo poder aquisitivo.

A escola é tradicional e bem-vista na região, sendo considerada um bom lugar para estudar, apesar de não possuir uma estrutura que acolha bem a quantidade de alunos matriculados. Não dispõe de espaço para a construção de uma quadra de esporte, nem de um pátio para a realização de atividades extraclasse; assim, no recreio, os alunos se amontoam pelos corredores da unidade escolar. Em 2024, houve o aumento do número de salas, dificultando ainda mais a circulação de alunos na hora do intervalo. Com relação aos profissionais, costumam avaliar o ambiente da unidade escolar como amistoso e acolhedor para o trabalho cotidiano.

A articulação para a aplicação do projeto na escola foi acontecendo desde o início do ano letivo de 2024 com a gestão da unidade escolar. No entanto, ainda precisava da autorização da SME, o que imaginei seria rápido. Contudo, não obtive de imediato o aval afirmativo para a pesquisa, de modo que precisei recorrer várias vezes à SME e conversar com as pessoas responsáveis até que foi liberada a execução do projeto na escola, com ressalvas.

A principal ressalva é de que deveria seguir os cortes bimestrais do Documento Curricular para Goiás – Ampliado (DC-GO). O DC-GO constitui a tentativa de implantar as diretrizes da BNCC na educação infantil e no ensino fundamental no território goiano. A escola não poderia disponibilizar um número excessivo de aulas para o projeto,

pois deveria cumprir os outros objetos de conhecimento (conteúdos) propostos naquele bimestre. A avaliação na rede municipal, atualmente, é composta por atividades internas (provas e atividades), e uma das notas é composta por uma avaliação externa, o Exame Bimestral do Ensino Fundamental (EBEF), que contempla os conteúdos da matriz do DC-GO para aquele corte bimestral.

Tive consciência de que seria desafiador, porque, além de ministrar as aulas propostas no currículo, deveria executar o projeto, estruturado por meio de sequências didáticas em sala, além de realizar os passeios com os alunos ao centro de Goiânia. Assim foi feito. As aulas foram ministradas em cinco momentos. A primeira foi uma aula dialogada em que foi perguntado aos alunos o que é cidade e o sentimento que eles têm por ela, o que despertou seu interesse e participação. O projeto de pesquisa teve como público-alvo todas as turmas dos 8º e 9º anos, sendo ao todo seis turmas, com uma média de 35 alunos cada. Porém, o passeio foi feito somente com aqueles estudantes que receberam a autorização dos pais e/ou responsáveis. Sou professora regente de História das turmas participantes desde os 6º anos, o que implica um entrosamento afetivo e pedagógico na nossa relação cotidiana.

Inicialmente, a pesquisa foi pensada para incluir passeios a outros lugares além do centro de Goiânia, como os espaços de convivência diária, que incluem a região da própria escola. A intenção era fazer visitas nos bairros adjacentes, circulando a pé nas principais avenidas, praças, prédios e comércio; estudar e pesquisar a história da Vila Pedroso, o bairro da escola, o primeiro e o mais tradicional da região leste, acima do Rio Meia Ponte, após o Jardim Novo Mundo. Porém, o tempo disponível para executar a pesquisa era reduzido, incluindo as atividades realizadas em sala de aula e a visita ao centro. Diante da exigência de não poder utilizar muitas aulas com o projeto, pois isso prejudicaria outros conteúdos a serem aplicados no bimestre, necessários para os alunos realizarem a prova externa bimestral da SME, tive que restringir os locais de visita apenas ao centro da cidade.

Com certeza, a gestão da escola, a coordenação pedagógica e os colegas professores foram os facilitadores para a execução do projeto. O gestor, por estar concluindo o doutorado em Geografia pela UFG, deu-me autonomia para a execução do projeto na escola por reconhecer a importância das atividades para a unidade escolar. A coordenação pedagógica ofereceu todo o suporte necessário para viabilizar a organização do passeio com os alunos, seja com a autorização dos responsáveis, o aluguel do ônibus

e o esclarecimento das dúvidas dos pais que procuravam a escola em busca de mais informações sobre o projeto. Os colegas de trabalho, especialmente da área de Geografia, foram parceiros durante as visitas ao centro, e os demais contribuíram incentivando os alunos a participar das atividades. Isso mostra que a execução de projetos como esse seria inviável sem uma rede de apoio, interesse, cooperação e motivação de toda a escola. Tive o privilégio de estar em uma unidade escolar que, apesar de todos os desafios, busca promover uma educação humana e integral, ampliando a experiência dos alunos para além da sala de aula.

2.2 Desenvolvimento da sequência didática antes da visita ao centro de Goiânia

A sequência didática, formada por cinco momentos, continha quatro atividades a serem realizadas antes da visita ao centro de Goiânia:

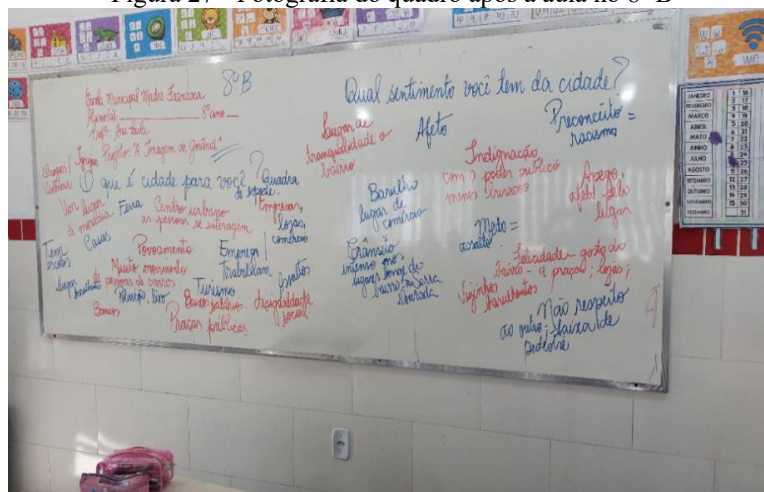
- Levantamento prévio sobre o conhecimento dos alunos acerca da cidade – seu conceito e o sentimento por ela;
- Leitura do texto “Cidades” e construção de mapa mental (esboço) do trajeto que os alunos fazem todos os dias (da casa para a escola), além do trajeto ao centro da cidade;
- Apresentação da história da construção de Goiânia por meio de imagens do conjunto arquitetônico, monumentos, patrimônio e pessoas;
- Aplicação de questionário aos alunos.

A primeira aula foi expositiva e dialogada, em que a participação deveria ser espontânea. Foi perguntado: o que é cidade para você? À medida que os alunos iam respondendo, fui anotando no quadro. “Metrópole; aglomerado de pessoas; lugar onde as pessoas trabalham e vivem; governado por pessoas; comércio; indústrias, casas; grande fluxo de pessoas e veículos; poluição; o lugar planejado ou não para as pessoas morarem; lugar de lazer; praça perto de casa; clube; restaurante; prefeito; desigualdade social; bancos; barulhento; baixos salários; amontoados de gente que tem de viver uns com outros; onde há diferentes culturas e religiões”.

A segunda pergunta indagava pelo sentimento que tinham da cidade onde viviam. Responderam: “de conforto por viver aqui toda a vida; gratidão pela família e os amigos; amo viver aqui; sinto segurança; felicidade por toda família morar aqui; acolhedora; gosto; comidas típicas como pequi; medo de assalto; lugar de tranquilidade o bairro;

insegurança de andar nas ruas; muito trânsito; acidente; decepção pelas ruas estarem cheias de lixo, a prefeitura não recolhe; barulho do comércio na rua perto de casa; muito trânsito nos lugares longe do bairro; indignação com os buracos na rua; vizinhos barulhentos, preconceito e racismo”. Essa aula foi finalizada com a dinâmica “O que tem na minha cidade?”, também realizada de forma coletiva.

Figura 27 - Fotografia do quadro após a aula no 8º B



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

A segunda aula foi o momento de realizar o mapa mental de um percurso da casa até a escola, isto é, um trajeto feito todos os dias pela cidade. A dificuldade nessa atividade foi trazer à memória aquilo que ficava despercebido devido à rotina e à desatenção. Eles tinham que desenhar o trajeto e citar alguns elementos observados no caminho da casa para a escola. Alguns disseram que iam a pé e passavam na casa de um colega; outros de bicicleta ou de transporte escolar. Notei que começaram a partilhar oralmente os trajetos com os colegas próximos, o que era mais fácil e estimulador, para logo após fazer o registro em desenho.

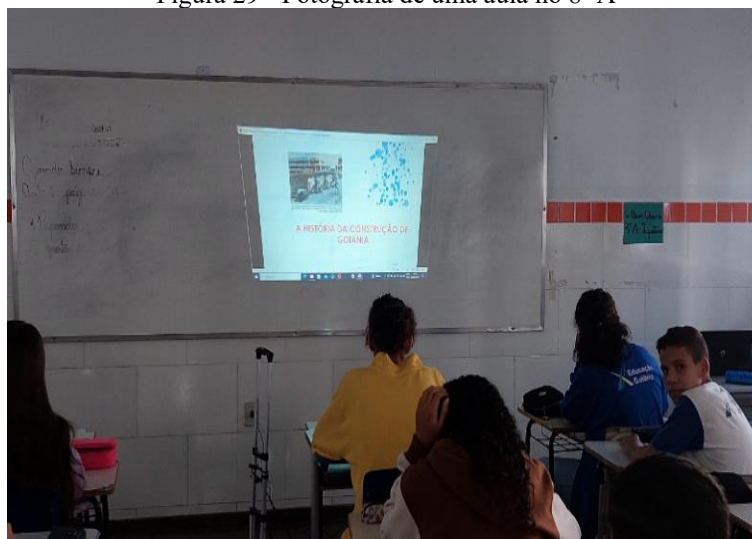
Figura 28 - Fotografia dos alunos do 9º B realizando o mapa mental



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

A terceira aula foi sobre a história da construção e transferência da capital e do crescimento da cidade, incluindo ruas, avenidas, monumentos, o fundador, as pessoas. A intenção foi apresentar a teoria com foco no estímulo visual e problematizar várias imagens (fotografias), a fim de preparar os estudantes para a visita pedagógica ao centro de Goiânia e despertar o desejo em explorar essa parte da cidade.

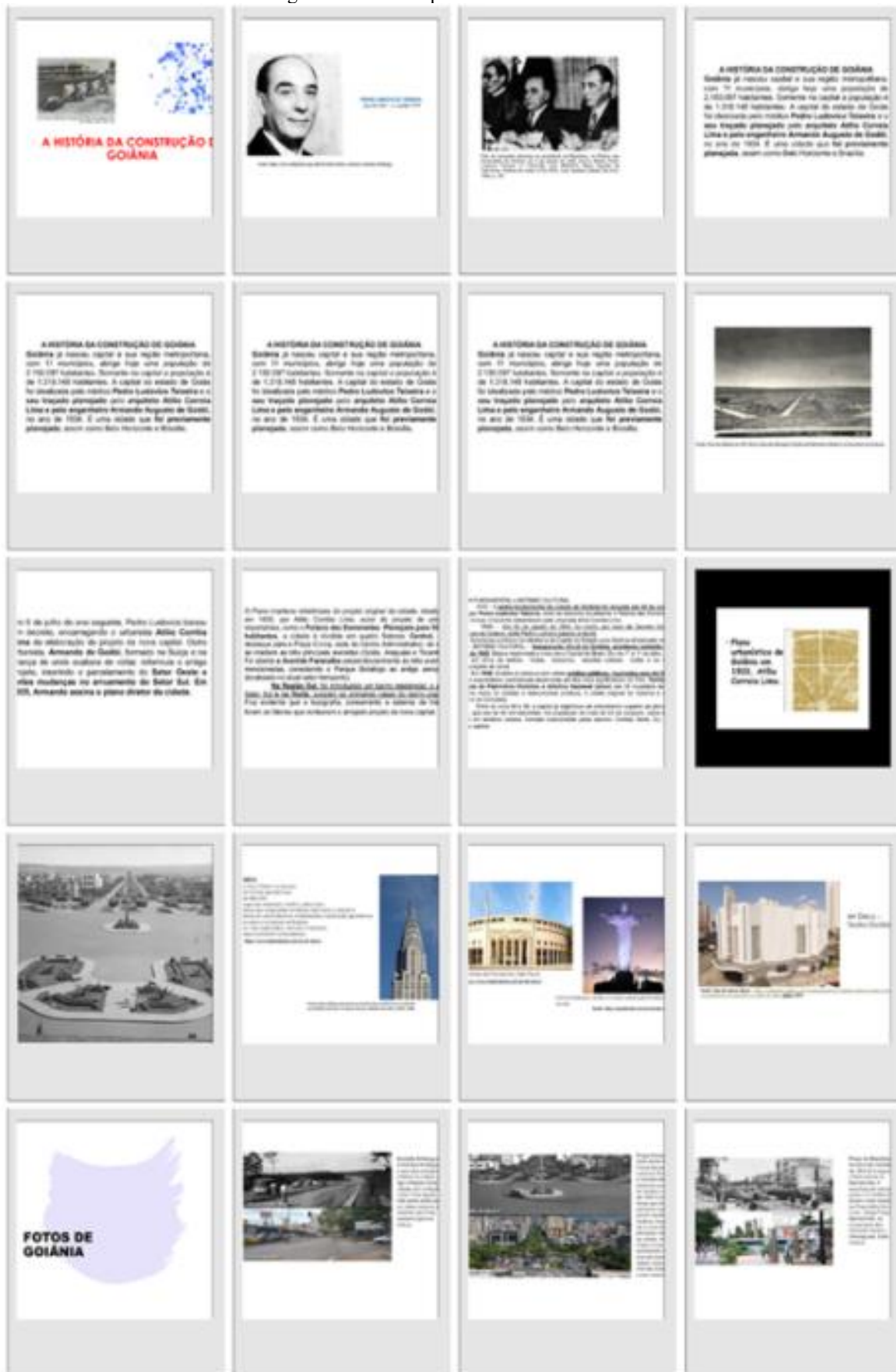
Figura 29 - Fotografia de uma aula no 8º A



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

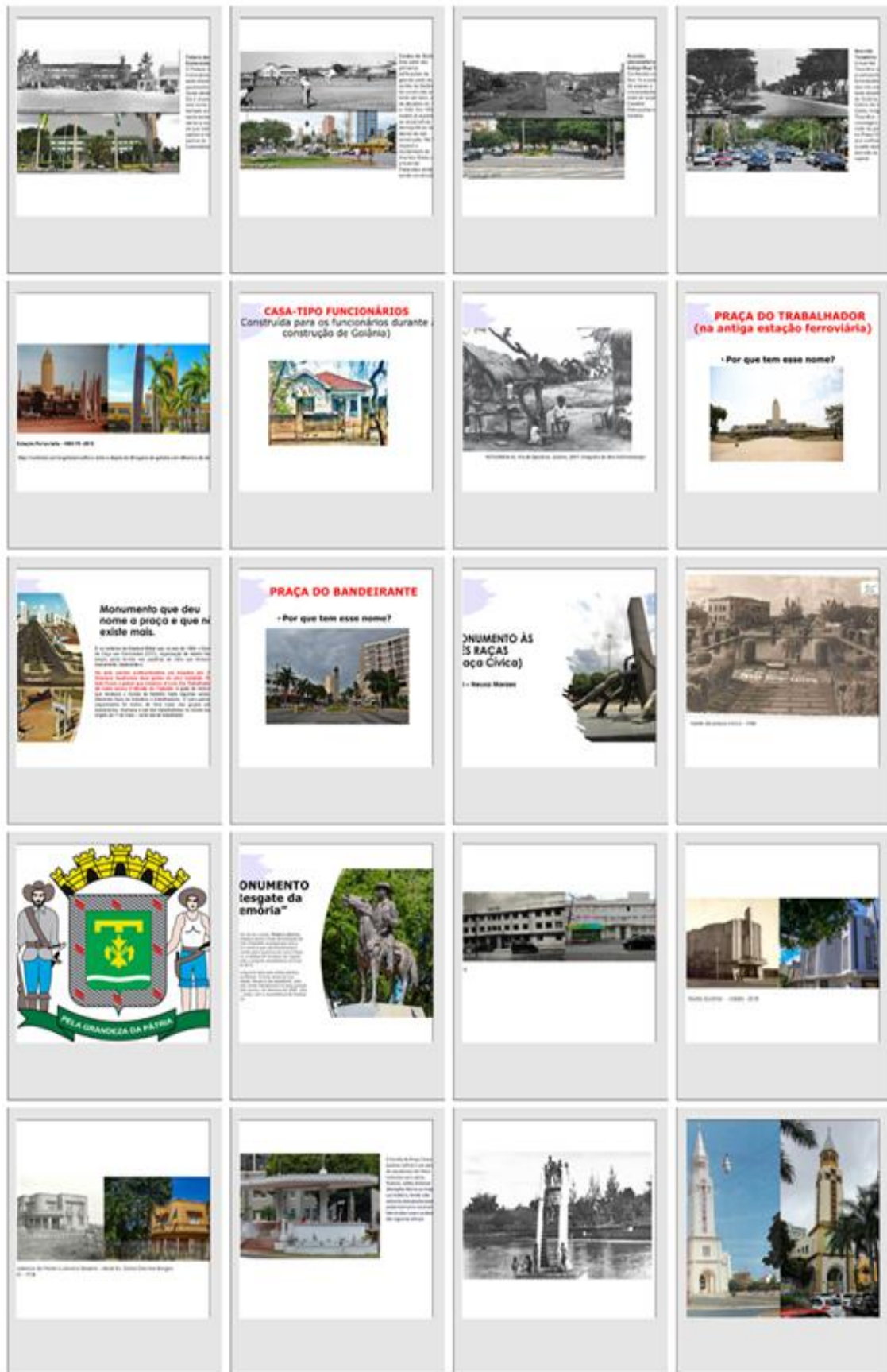
A seguir, estão os *slides* trabalhados nas aulas das sequências didáticas com imagens.

Figura 30 - Slides apresentados em sala



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Figura 31 - Slides apresentados em sala



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Os *slides* abordam a história da construção de Goiânia dentro do contexto varguista e liderado pela oligarquia de Pedro Ludovico Teixeira, apresentando imagens das edificações de arquitetura *Art Déco* e dos monumentos, além de algumas fotografias produzidas pelos fotógrafos pioneiros.

Na continuação da sequência didática, a quarta aula teve como objetivo aplicar o questionário antes da visita de campo. Importante esclarecer que, embora a participação no passeio fosse restrita aos alunos que tivessem autorização dos responsáveis, o questionário foi aplicado a todos os alunos. Toda a organização para o passeio com os estudantes foi realizada por mim com o apoio da gestão da escola: diretor, coordenação pedagógica e colegas de trabalho. Inicialmente, a proposta era realizar apenas uma visita, pois a locação do ônibus seria custeada com recursos da professora pesquisadora, já que os alunos não poderiam ter nenhuma despesa com o projeto. Não foi difícil a ocupação das vagas, pois o interesse em participar da ida ao centro de Goiânia foi perceptível. Resolvi fazer duas visitas ao centro, uma com os alunos dos 8^{os} e outra com os dos 9^{os} anos, em dias diferentes.

Diante do pronto preenchimento das vagas dos ônibus, tive que dar a oportunidade para aqueles que não haviam conseguido participar das duas visitas anteriores. A procura foi grande, principalmente depois que os colegas chegaram dizendo que gostaram muito do passeio e contando o que viram e visitaram por lá. Assim, disponibilizei mais um ônibus para a terceira visita.

Todas as visitas resultaram em experiências positivas, nas quais não foi verificado nenhum problema. Pelo contrário, notava-se uma alegria contagiante e uma grande curiosidade em conhecer uma parte da cidade que era oculta para a maioria dos estudantes. Em uma avaliação conduzida por mim em uma roda de conversa, os alunos disseram ter gostado muito de participar do “passeio”, mesmo com o sol e a caminhada exaustiva da Avenida Goiás até a Praça do Trabalhador.

2.3 A escolha dos roteiros de visita à cidade

Diante da impossibilidade de dedicar mais tempo à execução do projeto, o passeio pelas adjacências da escola foi cancelado. Assim, a estratégia adotada para explorar a cidade próxima, isto é, o espaço de convivência diária, foi a produção de um mapa mental de um percurso frequentemente feito pelos estudantes.

Com relação ao roteiro da caminhada ao centro de Goiânia, a ideia era priorizar o passeio ao ar livre, sendo incluído apenas um museu nesse trajeto por alguns motivos: por ter sido bem flexível o agendamento para a escola, por ter acesso fácil à Praça Cívica e por ter sido a casa do fundador da cidade, Pedro Ludovico Teixeira, com seu estilo arquitetônico *Art Déco*.

Segundo Lynch (1960, p. 1), “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”. A escolha do trajeto a ser explorado com os alunos envolveu questões também da minha memória afetiva. A Praça Cívica, desde criança, despertava encantamento quando, de dentro do ônibus coletivo que a circulava em seu trajeto, eu avistava o Monumento às Três Raças e o Palácio das Esmeraldas, o que me suscitava a vontade de um dia andar por aquele lugar. Até que um dia, próximo ao Natal, meu pai nos levou para ver a decoração, e pude me aproximar daqueles grandiosos homens segurando aquela pilastra, nus, fazendo-me refletir sobre qual era o significado daquele monumento. Infelizmente, não tenho nenhum registro desses momentos, pois fotografia, há quarenta anos, ainda era para poucos, e nossa família tinha poucos recursos financeiros.

Das três avenidas que partem da Praça Cívica, a Avenida Goiás é a central e a principal. Ao longo dela, há vários monumentos que, em nosso *tour*, deveriam ser explorados e observados pelos estudantes, além dos prédios em estilo *Art Déco*, herança do projeto inicial, e de outros construídos nas décadas seguintes. Os alunos também deveriam observar os problemas e a intensidade do tráfego de uma das vias mais simbólicas de Goiânia. O passeio deveria terminar na Praça do Trabalhador, onde se localiza a antiga estação ferroviária de Goiânia, atualmente um dos pontos da capital mais visitados pela população, por estar próximo a uma das feiras mais tradicionais, a Híppie, a rodoviária, e da Rua 44, hoje um polo econômico confeccionista que atrai pessoas da região goiana e do Brasil para a compra de roupas no atacado e varejo.

Quando fiz faculdade de História e passei a lecionar a disciplina, comecei a compreender a importância da Praça Cívica e do centro de Goiânia para a história da cidade e do lugar. Todavia, em sala de aula, o assunto era abordado de forma muito efêmera, pois, por mais que a história de Goiás esteja incluída no currículo como proposta, o número de aulas semanais é insuficiente, o que torna o estudo do local/regional pouco explorado. Até quando decidia sair com os alunos, optava por conhecer a antiga capital,

a Cidade de Goiás, e Pirenópolis. Nesses meus 20 anos de professora da educação básica, visitar museus ou andar por Goiânia para ver seus monumentos, prédios e arte não era a primeira opção.

Esse projeto me obrigou a estudar e a conhecer a farta bibliografia disponível sobre a cidade de Goiânia. Pretendo disponibilizar os conhecimentos adquiridos nesta pesquisa como produto em um *site*, para que colegas professores desejosos de explorar a cidade possam ter acesso a esse material, a fim de poderem elaborar suas aulas e seus *tours* pela urbe goiana.

2.4 Relatos de experiência das aulas-passeio pela professora pesquisadora

Figura 32 - Registro na porta da escola antes da saída ao centro de Goiânia



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

2.4.1 A primeira visita

Às 8h00 da manhã, saímos em direção ao centro de Goiânia com os alunos dos 8^{os} anos do ensino fundamental da Escola Municipal Madre Francisca, situada na Vila Pedroso, região leste de Goiânia.

Inicialmente, a escola serviu pão com leite aos alunos e, após o lanche, fomos para a visita pedagógica. Os alunos estavam eufóricos e animados com o passeio. Dois professores estiveram presentes como apoio, o professor Henrique, de Matemática, para

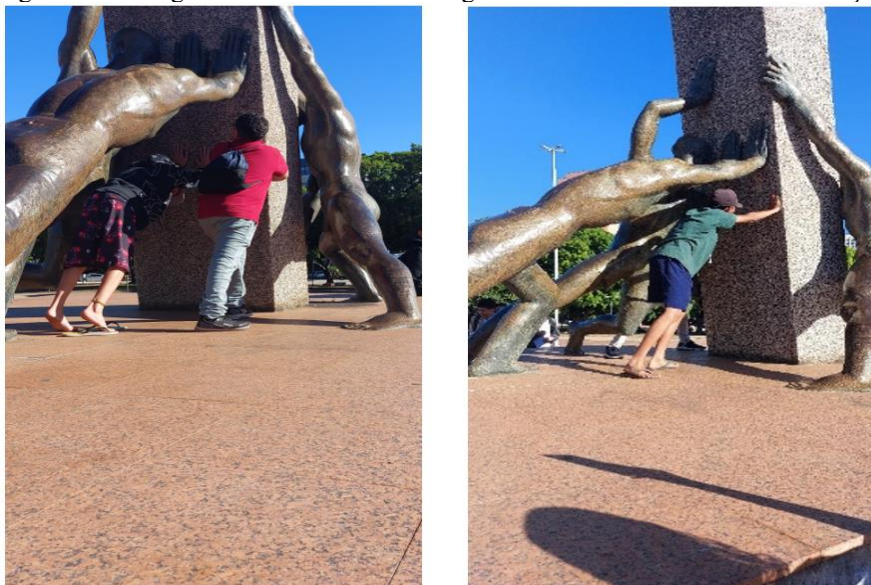
auxiliar na organização, e a professora Jocelane, de Geografia, parceira no projeto na orientação pedagógica durante a visita à cidade.

Antes mesmo de chegarmos à Praça Cívica, quando descíamos a Avenida Universitária, instiguei-os a observar o trajeto e perguntei se lembravam daquele lugar mostrado nas imagens durante as aulas. Alguns alunos responderam que sim. Ao passar pela Catedral, os alunos que estavam do lado direito do ônibus ficaram empolgados e apontaram o prédio: “*Olha professora, a catedral! A senhora mostrou nas fotos*”. A partir desse momento, notei que o olhar para a cidade agora era outro, mais consciente, e não automático.

Ao pararmos em um ponto de ônibus em frente à Praça Cívica, a professora Jocelane fez um esclarecimento preliminar sobre a cidade e suas mudanças, informando que aquele era o ponto inicial da sua história como uma cidade planejada, hoje marcada pela desigualdade social. Logo em seguida, atravessamos a avenida interna da praça em uma faixa de pedestre e começamos a andar pelo lado esquerdo, próximo ao Museu Zoroastro Artiaga, o primeiro museu goiano. Não entramos. Instiguei-os a observar a arquitetura do prédio e perguntei: por que esse prédio é considerado um exemplo de arquitetura *Art Déco*? Os alunos responderam: por causa das linhas, colunas e desenhos geométricos.

Ao continuar o nosso trajeto, os olhares se dirigiram quase que imediatamente para o Monumento às Três Raças. “*O Monumento às Três Raças, professora!*”, gritaram, correndo em direção a ele. “*Podemos subir?*”, perguntaram. Respondi que sim. Eles subiram e brincaram de ajudar os três homens a levantar a coluna. Instiguei-os novamente a pensar sobre o que significava o monumento. Eles ficaram indecisos por um momento, mas logo alguns responderam que a obra retratava o negro, o índio e o branco que fizeram parte da história da cidade.

Figura 33 - Fotografia dos estudantes interagindo com o Monumento às Três Raças



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Observamos de lá as três avenidas principais, lembrando a fotografia de Eduardo Bilemjian que retratava o traçado urbanístico inicial de Atílio Corrêa Lima da praça central (centro do poder), de onde se irradiam as avenidas Goiás, Tocantins e Araguaia. Um aluno comentou: *“igual na foto que depois das avenidas tinha só mato”*. A professora Jocelane, de Geografia, explicou que a Praça Cívica foi construída no ponto mais alto, de modo que fosse possível observar as avenidas que se irradiam dela se estendendo num suave declive. A praça tem uma perspectiva de destaque, o que reflete a ideia de uma cidade hierarquizada.

Em seguida, caminhamos até o Palácio das Esmeraldas, e os alunos ficaram encantados com a fonte na frente da porta principal. Sabiam que o prédio era a sede do governo, mas não a sua residência. Avistamos o busto de Pedro Ludovico Teixeira e, a partir desse ponto, a novidade para eles foi saber que o atual governador de Goiás, Ronaldo Caiado, morava na residência e que, por isso, não seria possível a visita. Alguns alunos, como Kauã, do 8º ano B, ficaram frustrados porque ansiavam entrar para conhecer o lugar.

Figura 34 - Fotografia dos estudantes observando a fachada do Palácio das Esmeraldas



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

O ponto alto da visita foram os vitrais do palácio, cujas pinturas podiam ser avistadas do lado externo. “*Professora: tem bois!*” “O que isso quer dizer?” A aluna lembrou da imagem da época da construção de Goiânia em que os carros de bois compactavam o chão para que fosse assentado o asfalto. Na verdade, o que me surpreendeu foi o aluno Igor ter observado, no vitral próximo à porta do Palácio, o desenho de uma caravela, do colonizador, em referência a Pedro Álvares Cabral, e de um indígena ladeado por uma onça. Anteriormente, ele havia confundido o nome de Pedro Ludovico Teixeira com o de Pedro Álvares Cabral. Ele disse: “*Está vendo, tem aqui também o Pedro Álvares Cabral*”. Assim, passamos a explorar a pintura dos vitrais e sua intencionalidade.

Indaguei: o que a pintura dos vitrais conta sobre a história desse lugar? O aluno Igor disse que o índio atacou Pedro Álvares Cabral com a onça. Fiz um questionamento: o que mais? “*Os dois se atacaram.*” Quem são os vencidos? No início, houve uma confusão sobre o significado da palavra “vencidos”. Insisti: qual lado saiu mais perdendo nesse confronto? Uma colega ajudou e afirmou ser os indígenas. Os vencedores foram quem? Responderam “*os colonizadores*”, concluindo que a maioria dos indígenas foi morta, escravizada ou catequizada.

Avistaram as três bandeiras hasteadas. Foi interessante notar como estavam curiosos e abertos para a descoberta de novos saberes. “*Essa terceira bandeira aí é de onde, professora?*” “É de Goiânia”, respondi. “A do meio é do Brasil, a outra é de Goiás

e essa é de Goiânia. Olhem o brasão da bandeira de Goiânia”, “*Ah! O mesmo do uniforme!*”. A partir desse momento, perguntei o que significavam as imagens do brasão, e eles responderam: um bandeirante e um indígena. “Isso! O bandeirante.” O segundo é um minerador (faiscador), fazendo referência ao surgimento de Goiás com a descoberta de ouro pelos bandeirantes e a chamada “corrida do ouro”, o que ocasionou o processo de urbanização.

Continuando a nossa caminhada, localizaram o monumento de Pedro Ludovico Teixeira montado a cavalo. Em sala de aula, eu havia feito a problematização da obra de arte, citando que, para a família do governador, a estátua não refletia seus ideais de modernidade. Na verdade, o governador gostava de andar de carro. Era comum vê-lo montado a cavalo somente em sua fazenda. Inclusive, a foto que deu origem à estátua foi tirada por lá.

Deixei-os um pouco livres na praça quando avistaram uma gameleira. “*Professora, essa árvore é antiga, né? Mais antiga que Goiânia?*” Respondi que são centenárias, provavelmente já existiam na época da construção de Goiânia e foram preservadas. Imediatamente, lembraram da gameleira próximo à escola e do seu valor afetivo para os moradores da Vila Pedroso, tanto que, no loteamento do bairro, nos anos de 1950, ela foi preservada. Conta-se que Juvenal Pedroso, o dono da fazenda, ao disponibilizar parte de suas terras para o surgimento do bairro, assinou o documento à sombra de suas folhas. No entanto, foi retirada pela prefeitura no final de 2023, causando comoção e indignação na população local.

Figura 35 - Fotografia dos alunos com a gameleira na Praça Cívica



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Passamos pelo monumento “A todos nós”, “Caleidoscópica”. Os alunos perguntaram o que significava. Expliquei que era um monumento novo e os convidei a explorar a obra de arte para tentar entender o seu significado. Eles identificaram os indígenas e, do outro lado, uma menina e um menino. Um espelho refletia a nossa imagem. Poderia estar relacionado à história do passado indígena dessa região e ao presente, que somos nós. O monumento está instalado onde ficava a antiga sede da Prefeitura de Goiânia, tendo sido feito por Siron Franco, em 2015, a pedido do então prefeito de Goiânia, Paulo Garcia. “Caleidoscópica” conecta passado e futuro por meio de totens que representam os índios Carajás de frente para prédios modernos e imagens de um menino e uma menina em direção a edifícios em *Art Déco*. A obra se completa com o reflexo das pessoas que circulam pela praça.

Figura 36 - Fotografia de aluna interagindo com o monumento “Caleidoscópica” na Praça Cívica



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Em seguida, fomos em direção ao museu Pedro Ludovico Teixeira, que os alunos estavam ansiosos por conhecer. Ao chegarmos, pedi que esperassem do lado de fora do portão. Uma aluna perguntou: “*Vamos entrar, professora?*” Respondi que sim. No quintal da casa, fomos avisados pelos responsáveis que o grupo seria dividido em dois, um conheceria primeiro a parte de cima, e o outro a de baixo. A monitora informou que a casa também foi projetada por Atílio Corrêa Lima, inspirada no *Art Déco*. Perguntei aos meninos onde na casa é possível verificar essas características arquitetônicas, e eles foram identificando os lugares.

Dentro da casa, ficaram encantados com os móveis, as obras de arte, a piscina, as fotografias e a história dos moradores. Disseram que, ao olhar de fora, acharam que a casa seria pequena, mas dentro viram que tem vários cômodos. Por ser um museu, a narrativa ali presente conta da vida de seu proprietário e sua família, da transferência da capital, da participação de Pedro Ludovico como combatente contra a revolta constitucionalista de 1932 ao lado das tropas governistas, do lugar da casa onde despachava e recebia as pessoas.

O segundo grupo havia terminado o *tour* pela casa primeiro e estava reunido em torno de um senhor, escutando atentamente o que ele tinha a dizer. Esse homem é o neto de Pedro Ludovico Teixeira e de Dona Gercina, sua esposa. Chama-se Sr. Luiz Carlos Teixeira Bahia, é o mais antigo guia do museu e atende as pessoas que passam por lá. Na década de 1970, aos 26 anos, ele também chegou a dividir a casa com os avós após se separar da esposa. O quadro de Luiz continua intacto desde que morou no local, assim como todo o museu. Os alunos ouviram atentamente suas histórias do tempo de infância na companhia dos avós.

O grupo de alunos que estava com a professora Jocelane, quando terminou a visita pela casa, reuniu-se em volta do Sr. Luiz para ouvir suas histórias. Alguns começaram a gravar o que ele falava e a fazer perguntas relacionadas ao passado, da relação dele com seu avô Pedro Ludovico Teixeira, até de questões políticas. Saíram encantados, dizendo que ele “*era a história viva*”.

Figura 37 - Fotografia de alunos conversando com o Sr. Luiz no Museu Pedro Ludovico



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Despedimo-nos do Sr. Luiz e passamos para a fase final da nossa visita ao centro, que consistia em descer a Avenida Goiás até a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária). Todos estavam muito animados, mas tínhamos que nos apressar, pois o tempo havia ficado curto e precisávamos retornar às 11h25 para a escola. Na Praça Cívica, observamos o Coreto e, mais abaixo, a Torre do Relógio. Enquanto descíamos a avenida, pedi que observassem o roteiro e anotassem o que lhes chamasse a atenção, ou tirassem fotos do que lhes parecesse significativo. Em determinado ponto, próximo a um prédio abandonado e todo pichado, uma aluna me perguntou como os pichadores conseguiam subir tão alto para isso. “Isso te chamou a atenção?”, perguntei. Ela respondeu que sim. “Por que será que fazem isso?”, contrapus.

Paramos em frente ao prédio do Grande Hotel, e alguns alunos disseram que ele parecia baixo. Isso! Hoje parece, mas naquela época não. Era o prédio com maior visibilidade quando da construção de Goiânia. Fomos nos aproximando de onde era a antiga Praça do Bandeirante, agora o cruzamento entre as avenidas Goiás e Anhanguera, onde prevalece a estátua do bandeirante, “o Anhanguera”. Porém, o que mais chamou a atenção na Avenida Anhanguera foi o fato de ela ser a via do “Eixão”, a linha de ônibus. Eles perguntaram se poderiam ir embora por meio dessa baldeação, pois a linha do Eixo Anhanguera corta a cidade de leste a oeste e os bairros onde moram ficam na região leste. O bandeirante foi ignorado.

Figura 38 - Fotografia de aluno no lugar onde era a antiga Praça do Bandeirante. Ao fundo, o monumento ao Anhanguera



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Outros elementos observados pelos estudantes foram as clínicas odontológicas, o comércio da região, como a feira que funciona na Avenida Paranaíba, onde vão acompanhados com os pais, e a Rua 44, para comprar roupas. Um fato observado por eles foi a presença de moradores de rua na descida da Avenida Goiás, principalmente próximo à Praça do Trabalhador, onde ficam acampados. Perguntaram: “*Até aqui tem Cracolândia, professora?*” Não diria Cracolândia, mas é possível observar na cidade a desigualdade social, com pessoas vivendo à margem por diversos fatores: drogas, pobreza, migração. Alguns chegam a Goiânia pela rodoviária e acabam ficando por aqui sem ter onde trabalhar ou morar.

Todos estavam cansados quando atravessamos a Avenida Independência, próximo à estação ferroviária. O ônibus nos esperava mais abaixo. Falei rapidamente onde ficava o Monumento aos Trabalhadores que foi destruído durante o Regime Militar, mas sentiram falta da “Maria-Fumaça”. Onde está? Foi retirada? Até que um aluno a descobriu nos fundos da estação ferroviária. Não foi possível explorar o espaço, pois o tempo estava reduzido, o que nos obrigou a partir rapidamente em direção ao ônibus que nos aguardava rumo à escola.

No ônibus, todos estavam cansados, mas felizes. Era nítida a alegria de uma manhã prazerosa. Agradeceram e disseram ser um dos melhores “passeios” da vida deles. Pedi dentro do ônibus que dissessem em uma palavra o que significou aquela visita. Disseram: “*Maravilhosa*”, “*Goiânia*”, “*Interessante*”, “*Muito boa*”, “*Legal*”. Às 11h36, chegamos à escola.

2.4.2 A segunda visita

A segunda visita ocorreu 14 dias após a primeira e contou com a presença de parte dos alunos dos 8^{os} anos. Porém, a maioria era das turmas dos 9^{os} anos. Assim como na primeira visita, os alunos lancharam e, após esse momento, partimos para o centro da cidade. Com esse grupo, não foi diferente do anterior: um misto de ansiedade e felicidade prevalecia pela oportunidade de fazer uma atividade extraclasse, e fora da escola. O clima no ônibus foi muito tranquilo. O motorista escutava umas músicas antigas da Jovem Guarda, e logo o aluno Breno, do 9^o A, brincou que o passeio já estava no clima da história e do passado.

Ao chegarmos ao centro, paramos na Praça Cívica e seguimos com o grupo até o Museu Zoroastro Artiaga, iniciando o mesmo roteiro do primeiro passeio. Dessa vez, além de mim, estava o professor Henrique, de Matemática, e o professor Hugo, diretor da unidade escolar e professor de Geografia. Em todas as visitas, os colegas da Geografia acompanharam os grupos, estabelecendo uma parceria e interdisciplinaridade com a História, na instigação e estudo da urbe.

A parada em frente ao museu proporcionou uma breve informação sobre ele, o que serviu para instigar os alunos a observar a arquitetura do prédio e as características do *Art Déco* ali presentes, como também da cidade. Nada nesse momento passava despercebido. Era como se fossem turistas explorando um lugar nunca visto ou visitado, o que não deixava de ser para alguns deles. Ao caminhar pela praça, a fonte luminosa chamou a atenção, e um aluno quis saber se havia algum significado em sua construção. Notei que o olhar sobre o lugar não era mecânico, pois havia curiosidade em explorar aquela parte da cidade. No caso desses alunos do segundo grupo, seu interesse em descobrir o lugar havia sido estimulado pelas fotografias e vídeos postados pelos colegas da primeira visita, bem como pelos relatos entusiasmados que ouviram da experiência nas andanças pelo centro de Goiânia.

Após a fonte, avistaram o “Monumento às Três Raças” e conversaram entre si para tentar compreendê-lo, até que uma aluna observou a diferença nas próprias vestimentas que identificavam o negro (escravo), o indígena (povos originários do lugar) e o europeu (o branco colonizador), suscitando uma longa conversa para identificar nos três homens os grupos que representam a miscigenação do povo goiano. Aqui buscamos observar com eles o traçado urbanístico idealizado por Atílio Corrêa Lima da praça central, de onde saem as avenidas Goiás, Araguaia e Tocantins, as duas últimas fazendo referência a nomes de rios goianos.

À frente, estava o Coreto e, no sentido contrário, o Palácio das Esmeraldas, sede do governo estadual. Próximo ao prédio, as paredes esverdeadas e, principalmente, os vitrais chamaram a atenção dos alunos, o que foi explorado para discutir o significado de sua pintura artística. O que mais surpreendeu esse grupo também foi saber que o atual governador do estado fez do palácio sua residência. Nesse momento, o professor Hugo, notando que a polícia nos observava, explicou aos alunos que todo aquele espaço estava sob vigilância, mas que, por sermos de escola, não éramos vistos como uma ameaça ao patrimônio ou à segurança do lugar.

Passamos rapidamente pelo monumento de Pedro Ludovico montado a cavalo, o que não chamou a atenção dos alunos. A próxima parada foi o Museu Pedro Ludovico. Essa turma se mostrou menos curiosa sobre o lugar, e a conversa com o Sr. Luiz, neto de Pedro Ludovico, ficou restrita ao futebol, pois alguns alunos desse grupo são apaixonados pelo esporte e até atuam em times amadores.

Descemos a Avenida Goiás, e o que mais ouvi durante a caminhada foi sobre o trânsito da cidade. Os alunos pediram para entrar na loja chinesa de utilidades, identificaram lugares aonde têm costume de ir com os pais para comprar algo. No local onde era a antiga Praça do Bandeirante, ignoraram o monumento ao Anhanguera. Ainda na Avenida Goiás com a Paranaíba, um aluno identificou o símbolo da maçonaria em um dos prédios, o que fez lembrar das aulas desse ano, quando falávamos sobre a questão religiosa da queda da monarquia.

Continuamos nossa andança pelo centro até chegarmos à Praça do Trabalhador. O ônibus deveria estar lá para o nosso retorno, porém, o motorista ainda não havia chegado, o que permitiu aos alunos descansar nos degraus da antiga estação ferroviária e explorar os fundos, onde estava a famosa “Maria-Fumaça”. Fomos convidados a entrar pela funcionária da estação onde hoje é um museu para conhecermos o prédio e as obras de arte em exposição. Infelizmente, não havia tempo disponível, pois estávamos atrasados para voltar à escola. Chegamos com uma hora de atraso, às 12h24.

2.4.3 A terceira visita

Devido à procura e à frustração de alguns alunos que não haviam conseguido ir nas visitas anteriores, abri uma oportunidade para uma terceira visita. O “sucesso” da primeira e da segunda fez diferença, atestado pelo relato dos próprios alunos sobre como foi interessante o projeto da visita ao centro. Houve uma conversa informal entre eles, o que contribuiu para que mais alunos se sentissem motivados a participar da proposta pedagógica. Alguns dos que haviam ido em visitas anteriores também solicitaram uma vaga no ônibus, mas tiveram o pedido negado, pois a intenção era dar a vez para aqueles que não haviam tido a experiência.

Dessa vez, a equipe da escola presente na visita foi composta pela coordenadora pedagógica, a professora Melina, novamente a professora Jocelane, de Geografia, e, como apoio, o professor Henrique. O grupo, como os anteriores, estava animado e ansioso para

a experiência. Antes de embarcarmos, a professora Jocelane pediu ao motorista que, quando descesse a Avenida Universitária, reduzisse a velocidade ao transitar próximo à Rua 24, para poder falar do acampamento e moradia inicial dos trabalhadores construtores da cidade. Assim foi feito. Fizemos uma reflexão sobre o assunto, mostrando que, na ausência de alojamento, os operários construíram suas casas (ranchos) próximo ao córrego Botafogo e às margens da cidade planejada.

Na Praça Cívica, seguimos o mesmo roteiro das visitas anteriores: Museu Zoroastro Artiaga, fonte luminosa, Monumento às Três Raças, Palácio das Esmeraldas, monumento de Pedro Ludovico sobre o cavalo e o monumento “A todos nós”, de Siron Franco. Nesse grupo, perguntaram se a fonte luminosa estava no projeto inicial da construção de Goiânia. Respondi que sim e conversamos um pouco sobre isso. O que chamou a atenção foi mesmo o Monumento às Três Raças. Os alunos pediram para subir no monumento, e aproveitamos a oportunidade para instigá-los a pensar sobre aquele espaço, destacando o traçado urbanístico pensado por Atílio Corrêa Lima. Do ponto de vista geográfico, o relevo foi considerado. A Praça Cívica é o ponto mais alto e, apesar de a cidade ser plana, foi o lugar escolhido para ser a praça central e de lá irradiar as principais avenidas.

À frente, estavam o Coreto e a Avenida Goiás e, no sentido contrário, o Palácio das Esmeraldas, a sede do governo estadual. Nesse momento, problematizamos os motivos da construção de Goiânia e a transferência da capital. Tal como nos grupos anteriores, o Palácio das Esmeraldas foi novamente o que mais atraiu os olhares dos alunos, que ficaram admirados ao saber que lá é a residência do governador atual, Ronaldo Caiado. Quanto ao busto de Pedro Ludovico Teixeira, a professora de Geografia enfatizou a disputa e a rivalidade das oligarquias e a tendência de continuidade no poder. A Revolução de 1930 tornou vitoriosos Pedro Ludovico Teixeira e os grupos oligárquicos representados por ele, que desbancaram a família Caiado. Hoje, porém, os Caiados têm um representante no poder.

A estética do Palácio das Esmeraldas, a cor das paredes e, principalmente, os vitrais, cuja arte tem como intuito contar a história da origem do Brasil e da região, despertaram a atenção dos alunos. Aproveitamos o interesse deles para fazer um debate sobre a narrativa nos monumentos que privilegiam os fundadores, os colonizadores, deixando em segundo plano os trabalhadores, livres ou escravos, brancos, negros ou indígenas, na história da região.

Após passarmos pelo monumento de Pedro Ludovico Teixeira, os olhares curiosos dos alunos se voltaram para o monumento dos espelhos, que objetiva refletir o passado e o presente do lugar. O passado representado pelos indígenas, e o presente pelos transeuntes, que, ao passarem por ali, veem sua imagem refletida no espelho. Alguns alunos não quiseram ter sua imagem refletida, outros, porém, gostaram de se ver no espelho e tiraram fotografias.

O Museu Pedro Ludovico também foi um local que os alunos apreciaram, como também a conversa ao final com o Sr. Luiz Carlos Teixeira Bahia. Ao descermos pela Avenida Goiás, paramos em alguns pontos, como o relógio, o Grande Hotel, o local da antiga Praça do Bandeirante, o busto na Avenida Paranaíba do fazendeiro Andreilino Rodrigues de Moraes, que cedeu 50 alqueires de suas terras, dando início ao núcleo urbano de Goiânia.

No Grande Hotel, os alunos comentaram que, com o crescimento de Goiânia, o prédio era apenas mais um no meio de tantos. Aliás, a loja de utilidades chinesa ao lado chamou mais a atenção. Um aluno observou um outro hotel mais moderno na Rua 3 e disse: “*o antigo e o moderno juntos*”. No cruzamento entre as avenidas Goiás e Anhanguera, paramos um pouco para falar sobre o monumento ao bandeirante. O trânsito do lugar despertou mais a curiosidade dos adolescentes.

Na Praça do Trabalhador, onde ficava a antiga estação ferroviária, a “Maria-Fumaça” foi a peça do acervo da exposição que os alunos mais desejavam conhecer. Ao vê-la, subiram, tiraram fotos, observaram os trilhos e as engrenagens, admirando-se como aquela locomotiva era movida a carvão e não a diesel.

Figura 39 - Fotografia da interação dos estudantes com a “Maria-Fumaça” na antiga estação ferroviária



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Todo esse trajeto, incluindo o Museu Pedro Ludovico Teixeira, não foi possível concluir em tempo hábil para estarmos na escola às 11h25. Como consequência, mais uma vez, atrasamos quase uma hora no retorno. O período da manhã acabou sendo pouco para tantos detalhes e envolvimento com a cidade. No entanto, foi perceptível mais uma vez a satisfação dos alunos por uma manhã tão dinâmica e por uma experiência tão significativa de interação com uma parte da cidade onde vivem. No ônibus, instiguei o grupo a dizer em uma palavra o que foi a visita para eles. As respostas foram: “*interessante*”, “*maravilhoso*”, “*conhecimento*”, “*inteligente*”, “*história*”, “*início*”, “*legal*”, “*cultura goiana*”, “*foda*”.

A intenção ao relatar as três visitas é mostrar que foram experiências diferentes, ainda que a proposta de roteiro fosse a mesma. Foi satisfatório ver habilidades como a observação e curiosidade aflorando a cada passo durante o percurso, bem como a alegria contagiante dos alunos em aprender, participando de uma aprendizagem significativa. Estudantes que geralmente apresentam dificuldades no letramento interagiram e fizeram a leitura oral do que viam; outros, que em sala têm sérios problemas de indisciplina ou para manter o foco nas aulas em espaço aberto, perguntaram e interagiram com o lugar e os monumentos de forma surpreendente. Ao retornar para a escola e ao cotidiano da sala de aula, sentiram-se mais estimulados a estudar história, mostrando um interesse nunca antes visto.

2.5 A imagem da cidade pelos estudantes

Goiânia: a cidade da casa, do bairro, das construções, das igrejas, sorveterias, pizzarias, supermercados, açougues, academias, *shoppings*, borracharias, restaurantes, farmácias, mecânicas, distribuidoras, praças, campo de futebol de areia, escolas. Cidade que tem cultura relacionada à culinária do arroz com pequi, à galinhada, à pamonha, ao frango caipira, ao feijão tropeiro, em que a interjeição “uai” é o início de uma resposta. Essa é a descrição da cidade feita pelos alunos quando indagados do que se lembravam imediatamente ao ouvir a palavra Goiânia.

Para esses adolescentes, a urbe representa o lugar onde nasceram e/ou moram e que desperta alegria, afeto, conforto, por ser onde constroem vínculos cotidianamente. Fazem referência a uma cidade com prédios, trânsito, barulho, “agro” e a dois estilos musicais bem distintos, porém apreciados pelos alunos: o sertanejo e o eletrofunk. Terra

da Pecuária, lar arborizado, *pitdogs*, roça, represa, com vários times de futebol e do estádio Serra Dourada.

O aluno João, do 8º B, disse que Goiânia o fazia lembrar do pé de manga na frente da sua casa. Para Aiene, do 8º A, é a “*cidade onde nasci, onde moro, as comidas típicas como pamonha [e] aquela jantinha quentinha com um espetinho de noitinha, os lugares onde passeio com minha mãe de ônibus*”. A “jantinha” é um costume goiano e consiste em um prato com arroz, feijão tropeiro, mandioca, vinagrete e um espetinho de carne bovina ou de frango, sendo comercializada em restaurantes e feiras da cidade.

A urbe aparece como uma mistura de cidade com roça, longe de tudo, provavelmente por viverem na periferia ou às margens dela. Do ponto de vista da sua história, a maioria relatou não conhecê-la, e aqueles que se arriscaram a escrever algo citaram o nome de Pedro Ludovico Teixeira, seu fundador, a Praça Cívica, o Teatro Goiânia, o estádio Serra Dourada e o Lago das Rosas.

Quando solicitados a fazer uma descrição da cidade, alguns afirmaram não a conhecer muito bem, enquanto outros estudantes a descreveram a partir das principais edificações e citando novamente a culinária. Sua ideia de cidade se mostrou superficial quando estimulados a pensá-la para além do espaço de vivência. “*Sei que nossa cultura é muito legal: as danças, a música e que tudo é único, mas também tem muitos lugares históricos*”, disse Maryana Nascimento, do 8º C.

A imagem forte era a de uma cidade onde realizavam suas experiências cotidianas, ligada, portanto, ao sentimento de proximidade. O aluno Kauã Marques, do 9º B, disse que “*Goiânia é uma cidade populosa e um lugar que eu gosto porque ando pelo meu bairro com os meus amigos*”. Para Caio Gustavo, do 9º A, a cidade dele “*tem alguns bairros, Vila Pedroso, Grande Retiro*”, demonstrando que a urbe sentida era a local. Na cidade, há lugares de memórias afetivas para seus habitantes. Considerando que os estudantes estavam na adolescência, suas lembranças mais fortes eram da fase anterior: a infância. A aluna Maria Rita, do 9º ano C, comentou:

[...] porque meus lugares favoritos hoje foram os meus lugares favoritos na infância, os prédios que mais gosto ficam no Setor Oeste. O Shopping Passeio das Águas foi onde fui assistir meu filme favorito de infância. Adoro o trajeto que faço todo sábado para o meu curso porque passa pelo Lago das Rosas perto da casa da minha avó, e pelas praças que eu costumava andar de patins na infância.

Ao sair da região onde morava, na periferia, e transitar pela cidade em direção ao curso que faz, ela citou o Setor Oeste, bairro verticalizado, tradicional e de classe média alta da capital, onde se situa o Lago das Rosas, um dos cartões-postais de Goiânia. Os momentos marcantes de sua infância eram aqueles ligados ao Shopping Passeio das Águas, à casa da avó e às praças onde brincava, lugares afetuosos que faziam parte da urbe descrita por essa aluna.

Por outro lado, os estudantes relataram os problemas da cidade, como a falta de recolhimento do lixo, período em que a população da capital sofreu com os atrasos na coleta. A questão de assaltos e violência também foi lembrada. O aluno Gabriel, do 9º ano B, disse ser a cidade “[...] um local muito legal e tenho umas histórias importantes, mas, por ser um bairro mais humilde, existem muitos malas”, referindo-se aos criminosos da região. Ao mesmo tempo, é um lugar de paz, afirmou, ao citar a existência das chácaras para fugir do barulho da urbe.

Do ponto de vista econômico, o aluno Arthur, do 9º C, disse que de uma coisa ele sabia: “*É uma cidade muito poderosa em agronegócio*”. O comércio também está presente quando a “Rua 44”, no centro de Goiânia, aparece na descrição dos alunos. O local é conhecido pela concentração de lojas de roupas, tendo como prioridade a venda no atacado, atraindo compradores do estado e do Brasil.

Os espaços sociais que os adolescentes costumam frequentar para desfrutar de lazer são os *shoppings* da cidade, como o Flamboyant e o Passeio das Águas. Se observarmos a localização geográfica desses dois centros comerciais, constataremos que eles estão próximos à região leste da capital. O aluno Kauã Marques, do 9º B, citou o Shopping Flamboyant como um dos lugares em que costumava ir e, segundo sua orientação, a localização do *shopping* “*é para o lado do centro*”, embora esteja situado na região sul. Isso nos faz refletir sobre a orientação deles na cidade: o que não estiver localizado no bairro e/ou região onde moram, a leste, está para o lado do centro. Isso é coerente se considerarmos que qualquer lugar da cidade pode ser centro ou periferia, longe ou perto, dependendo de onde você se situa ou mora.

A Praça da Juventude, no Jardim das Aroeiras, e a da Vila Pedroso foram bem citadas pelos estudantes, além do pasto do residencial Paulo Estrada, área verde onde realizam disputas de pipas. Outro comentário recorrente na fala dos alunos foi sobre o fato de Goiânia ser uma cidade grande, com milhares de habitantes, possível razão pela qual a urbe percebida se relacionasse com os lugares próximos do local de moradia dos

estudantes. Apesar de a cidade ser considerada grande por eles, a cidade vivenciada, a que impacta a sua vida cotidiana, é a local. O aluno João Victor, do 9º B, disse considerar a Vila Pedroso, local frequentado por ele, como uma região calma, pois não tem muitos prédios nem trânsito intenso. Para João, do 8º B, a cidade se resume à praça perto da sua casa, local que costuma frequentar.

Sem dúvida, as praças são os lugares mais frequentados pelos estudantes, com destaque para aquelas próximas de suas residências, onde há principalmente um espaço para jogar futebol. A “*pracinha perto de casa*” é o local em que esses adolescentes interagem com seus pares para conversar e praticar esportes. A praça da Vila Pedroso localiza-se em frente à Escola Municipal Madre Francisca, e é nesse local que são realizadas as aulas práticas de Educação Física e de esportes, já que a escola não possui uma quadra poliesportiva.

A praça é o ponto de referência mais conhecido da região, por ter uma escola estadual, a Juvenal Pedroso, além de um ginásio e uma quadra de esportes. Como bem disse Samuel Borges, do 8º B, “*a praça da Vila Pedroso eu vou com os amigos jogar bola*”. O bairro também atrai os estudantes para lugares como a pizzaria, “o Giraffas”, o restaurante e a sorveteria.

Em Goiânia, as praças e os parques são pontos de encontro da população goianiense. Na ausência de praias, de rios ou mar, são esses espaços que pessoas de diferentes idades ou poder aquisitivo frequentam para fazer caminhada, praticar esportes, brincar na areia ou em brinquedos públicos (no caso das crianças), passear com *pets* e conversar. Os parques mais visitados e conhecidos pelos estudantes estão em bairros de classe média, como o Parque Areião e o Flamboyant. O aluno Lucas Moreira, do 9º B, disse frequentar “*vários lugares, principalmente as regiões mais nobres de pessoas ricas*”, referindo-se aos parques.

Goiânia é famosa pelas suas feiras, como a do Sol, da Lua, da Marreta e a Hippie, essa última localizada na Praça do Trabalhador, no centro, enquanto as outras se situam em setores mais centralizados, como o Setor Oeste e Vila Nova. São feiras tradicionais onde se comercializam roupas, artesanato e comida; porém, há aquelas regionais, realizadas nos bairros, que ocorrem até três vezes na semana: terça, quinta e domingo, por exemplo. É possível identificar nos questionários menção a essas feiras como lugares frequentados pelos alunos, aonde nem sempre eles vão para comprar, sendo pontos de encontro de jovens e adolescentes.

As igrejas ou outros estabelecimentos religiosos, como centros espíritas, também foram citados pelos alunos. Muitos estudantes frequentam esses locais na capital com assiduidade, e alguns têm nesses lugares a única opção, com exceção da escola, de interação social, por não serem autorizados pelos pais a frequentar outros espaços sem a companhia deles.

O estádio Serra Dourada e outros estádios menores de times locais, como o Onésio Brasileiro Alvarenga (OBA), do Vila Nova, a Serrinha, do Goiás, e o Antônio Accioly, do Atlético Goianiense, aparecem como espaços assíduos para alguns estudantes. É comum os meninos matriculem-se em centros de treinamentos para futebol, como o João Rosa, no bairro Sonho Dourado, na região leste de Goiânia. A paixão pelo futebol alimenta o sonho de um dia serem jogadores bem-sucedidos. É comum esses estudantes fazerem rifas para ajudar no custeio de viagens para o interior, a fim de participarem de campeonatos.

Ir à sorveteria/açaiteria na capital foi bastante citado pelos estudantes. Aliás, esse é um costume tanto em regiões nobres como nos bairros mais pobres da periferia. Também foram citados como opções de lazer as chácaras, as pizzarias, o cinema, os festivais de pipa, os restaurantes da região, como o Sol Nascente, da Vila Pedroso, e o Giraffas, na Avenida Anápolis. Clubes, “pesque-pague” e o município de Senador Canedo foram citados como locais de passeio.

A região da Vila Pedroso, em Goiânia, fica bem próxima à cidade de Senador Canedo, aparecendo no mapa como uma área limítrofe. Por isso, Senador Canedo é bastante frequentada pelos alunos. Os limites da região em que eles vivem desaparecem por causa do fenômeno geográfico da conurbação, no qual Goiânia e Senador Canedo se encontram devido ao crescimento urbano das duas urbes. Por isso, essa cidade vizinha é citada como o local onde costumam ir, sendo confundida como mais um bairro da capital. A aluna Amanda Cristielly, do 9º ano, disse que a “*praça da Aroeira, Senador Canedo, Vila Pedroso*” fazem parte dos lugares de sua convivência. É fácil compreender essa confusão ao considerarmos que o centro de Senador Canedo fica mais próximo da região da Vila Pedroso do que o centro de Goiânia.

O cinema é lembrado por alguns estudantes como um lugar de lazer e entretenimento. Com relação ao teatro, as menções foram escassas. Na dinâmica feita na sequência didática sobre os lugares que conheciam da capital, ficou evidenciado que a maioria dos alunos não costuma frequentar o teatro, o que não é difícil de entender, já que

a população brasileira não tem esse hábito devido ao preço dos ingressos, ou por não ser a primeira opção de lazer cultural. Dois teatros foram lembrados pelos estudantes: o Goiânia e o Rio Vermelho. Contudo, a maioria revelou não fazer parte da plateia habitual desses espaços da arte; quando os frequentou, não foi com os familiares, mas por meio de aulas-passeio em atividades extraclasse propostas pelas escolas. Destaco aqui a importância da escola pública como o principal e talvez o único meio para que crianças e adolescentes tenham acesso a esses espaços culturais.

Outra questão que precisavam responder é se sentiam seguros e confortáveis ao transitar pela cidade. O andar pela cidade e o se sentir seguro estão relacionados ao policiamento nas ruas, isto é, à segurança pública. Enquanto alguns relataram que há policiais nas ruas e praças e, por isso, sentiam-se seguros ao circular pela cidade, outros revelaram sentir medo. O aluno Kauã Marques, do 9º B, disse se sentir “*seguro na luz do dia, à noite me sinto inseguro, pois não tem polícia na praça da Vila Pedroso*”. O aluno Jorge, do 9º C, afirmou ser “*muito perigoso transitar*” por “*lugares como a Vila Pedroso pela área do colégio Juvenal*”. À luz do dia, é tranquilo estar nas praças, mas à noite, “*principalmente na Praça da Vila Pedroso, tem muito bandido e usuários de drogas*”, segundo o aluno do 9º ano B Eduardo Ferreira Gomes.

Além da Vila Pedroso, o bairro Dom Fernando foi rotulado por um aluno como um lugar que “*só tem malandro*”. Outro atribuiu ao “*Quebra-Caixote*” uma área de invasão/favela, próximo à BR-153, no Setor Leste Universitário, como um dos lugares mais perigosos da cidade. A existência de lotes baldios, ruas sem iluminação e com buracos, a falta de policiamento, trânsito movimentado, usuários e traficantes de drogas nas praças, lixo, ou até medo de andar por lugares distantes e se perder foram alguns dos motivos de insegurança citados.

Andar ou circular perto de casa por lugares conhecidos proporciona sensação de segurança. Nycolas César, do 8º C, disse que, no centro da cidade, sente-se inseguro devido ao grande número de veículos. Para Marcos Paulo, do 9º B, “*nos lugares perto da minha casa me sinto seguro, já no centro da cidade eu não me sinto seguro, são muitas pessoas, o trânsito é demais e perigoso*”. O trânsito também é um problema local nos bairros, devido à falta de respeito à sinalização e aos pedestres. A aluna Aghata Victoria, do 9º B, declarou que: “[...] *tem muito trânsito, fora que a maioria dos goianos é mal-educada no trânsito*”. Uma das alunas que trabalha revelou se sentir insegura nos pontos de ônibus de manhã e à noite pela falta de patrulhamento.

Se a insegurança aqui está vinculada à questão do trânsito intenso, por outro lado, a referência de lugar seguro para eles é o local onde moram e conhecem todos. A aluna Ana Clara Barbosa, do 9º C, disse que, no Grande Retiro, conhecia todo mundo e, por isso, sentia-se segura. Augusto Cesar, do 9º A, reforçou: “*me sinto seguro onde moro, pois moro aqui desde a infância*”. A segurança é sentida pelos estudantes nos locais familiares, ou onde o policiamento é ostensivo, ou quando optam por transitar por lugares mais movimentados e evitam sair à noite.

A segurança também envolve a paisagem encontrada por onde andam. A aluna Maria Rita afirmou que, ao visitar sua tia, depara-se no trajeto com “[...] *muitos terrenos baldios, uma praça suja e abandonada*”, incluindo o terminal do Jardim Novo Mundo, onde não se sente segura. Por serem adolescentes, estão começando a sair do controle total dos pais, enquanto há estudantes mais independentes e/ou com pouco acompanhamento familiar. Outros ainda estão sob total dependência e gozam de pouca autonomia para transitar pela cidade sozinhos.

A praça da Vila Pedroso, perto da escola, foi um local apontado como perigoso para transitar, principalmente à noite, devido à falta de policiamento e à existência de problemas relacionados ao tráfico de drogas. A praça está localizada na região central do bairro e, no passado, foi ponto de encontro dos jovens. Atualmente também é, principalmente para a prática de esportes.

Praças e parques foram os pontos fortes da cidade lembrados pelos alunos. Quando indagados sobre os lugares da cidade que costumavam frequentar, a maioria citou, além dos *shoppings* e das igrejas, os parques e as praças com áreas verdes ou que tenham alguma quadra para esportes ou campo de futebol. Parque Mutirama, Zoológico, Bosque dos Buritis, Parque Flamboyant, Estádio Serra Dourada, Bosque do Aroeira, Praça da Vila Pedroso, o pasto do Residencial Paulo Estrada foram alguns exemplos de lugares que, na opinião deles, deveriam ser preservados, sendo espaços na capital favoritos para os estudantes.

No entanto, quando analisados os desenhos do percurso que fazem diariamente da casa para a escola na região, os pontos nodais foram os supermercados, bares, casas, sorveterias, igrejas, padarias, distribuidoras, postos de gasolina, árvores e animais, em um traçado que valoriza as rotatórias e as praças. Enquanto alguns alunos desenharam o percurso com mais detalhes, localizando a casa de parentes, animais pelas ruas ou lotes baldios, outros desenharam apenas o trajeto, sem nenhum detalhe. A aluna Kauana se

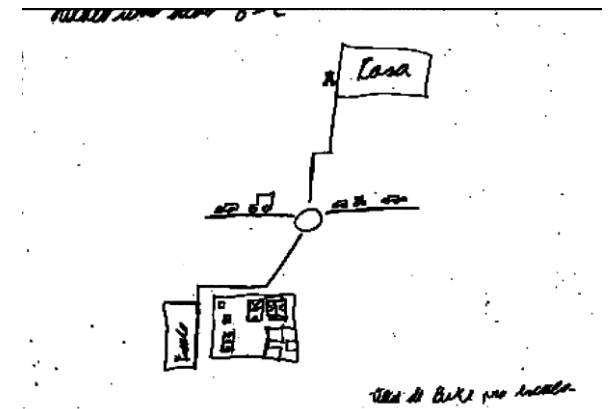
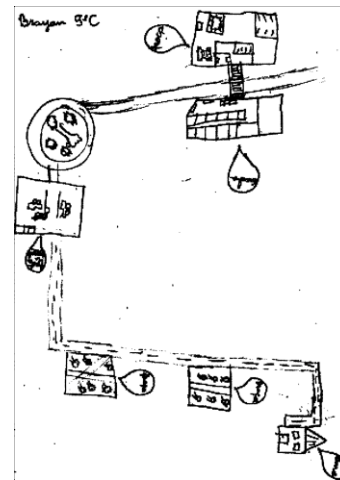
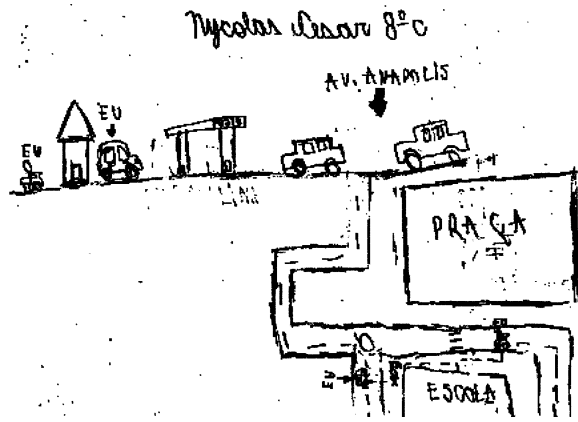
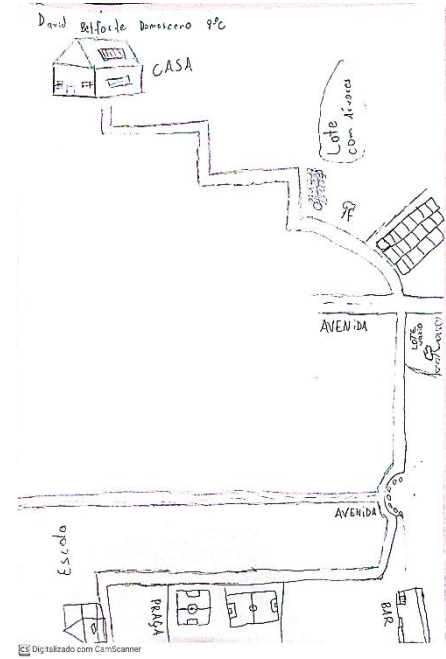
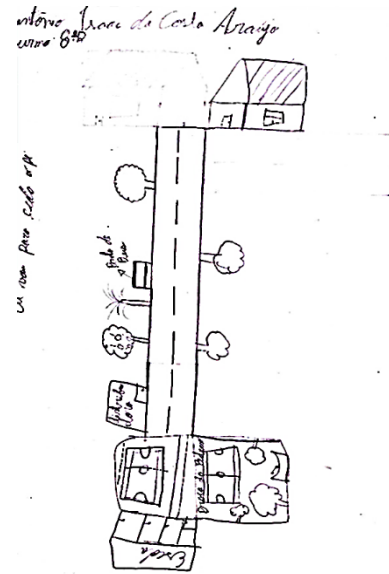
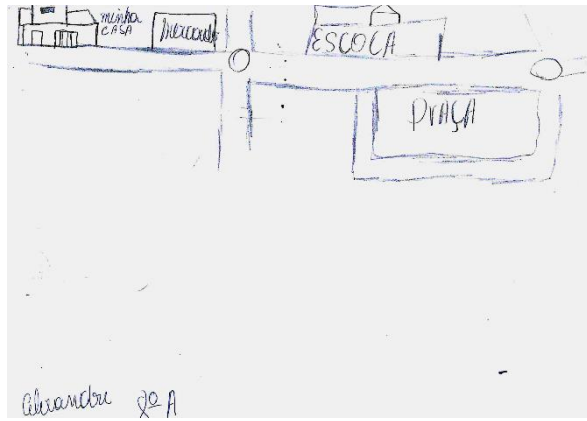
justificou dizendo que faz o trajeto a pé e que já se acostumou a ele, não notando nada de interessante.

Por outro lado, foi possível observar nos desenhos a forte conexão da escola com a praça de frente a ela, por ser o local onde os estudantes realizam as atividades de Educação Física, o que faz dela uma extensão da unidade escolar. A importância desse lugar para os estudantes tem um significado forte, já que lá podem praticar esportes e desfrutar de momentos de descanso e lazer, de ruptura com a rotina exaustiva em sala de aula, assim como circular em um espaço aberto, mesmo sob o acompanhamento do professor responsável.

Moradores antigos afirmam que a abertura de uma rua na frente da escola fez com que ela tivesse o seu terreno reduzido. A comunidade escolar, juntamente com o diretor atual, manifesta o desejo de aumentar o espaço da unidade em direção à praça. Porém, isso requer uma iniciativa política da Prefeitura de Goiânia ou de algum vereador para a viabilização dessas mudanças estruturais. Enquanto as aulas de Educação Física são realizadas no lado externo, a unidade escolar vai enfrentando os desafios diários da interação dos alunos com os transeuntes, alguns dos quais têm intenções ilícitas e, por isso, não são confiáveis. O que se nota em geral é a aceitação e colaboração da comunidade local em permitir que os alunos da Escola Madre Francisca ocupem esse espaço durante o período de aulas.

Uma das atividades propostas em sala de aula solicitou que os estudantes fizessem um esboço do percurso que fazem diariamente da casa para a escola. Ao analisar esses desenhos, ficou evidente a importância dos espaços que incluem praças com áreas verdes, quadras e ginásio para a prática de esportes na percepção dos estudantes. A praça em frente à escola apareceu com destaque nos desenhos, isso quando não tomou uma proporção maior que a própria unidade escolar, o que mostra que não é uma praça qualquer. Observem que, em alguns desenhos, chamam atenção as representações das quadras de futebol.

Figura 40 - Desenhos do percurso casa – escola produzidos pelos alunos



Apesar de as praças quase sempre serem notadas como referência para orientação na cidade, a praça da Vila Pedroso foi observada pelos estudantes não somente como um marco, mas como uma extensão da própria escola. A questão emocional e afetiva é forte por ser o lugar onde realizam as aulas de Educação Física e as principais atividades extraclasse, como o interclasse e a festa junina, levando em consideração o espaço da unidade escolar para isso.

Por outro lado, semelhante às visitas pedagógicas, ou aulas-passeio que estimulam a observação, a curiosidade e o interesse, estar numa quadra em espaço aberto externo à escola é um estímulo para romper com a rotina exaustiva da sala de aula, que, muitas vezes, por falta de uma estrutura adequada, é pequena, quente e lotada. Por isso, a importância de aproveitar o espaço externo à escola.

Abaixo, algumas imagens da quadra em frente à escola.

Figura 41 - Fotografia dos alunos jogando futebol na quadra e, ao fundo, a Escola Municipal Madre Francisca



Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

Figura 42 - Fotografia da quadra onde alunos jogam e, ao fundo, a Escola Municipal Madre Francisca



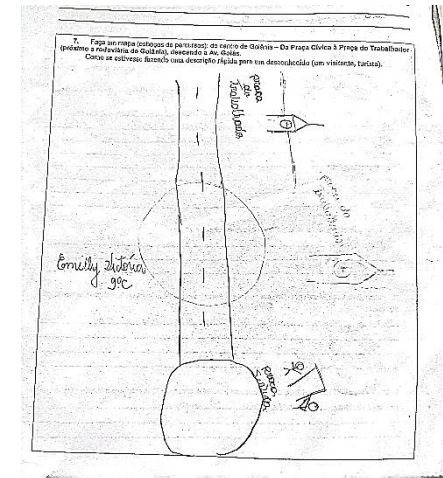
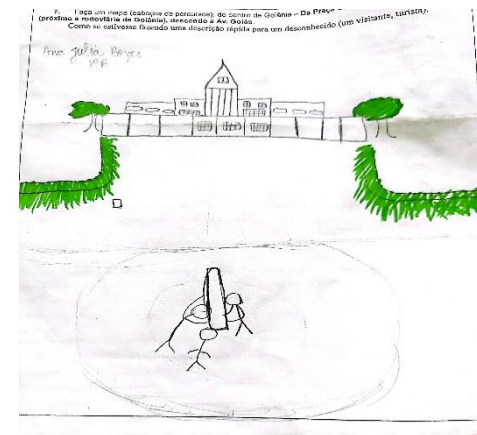
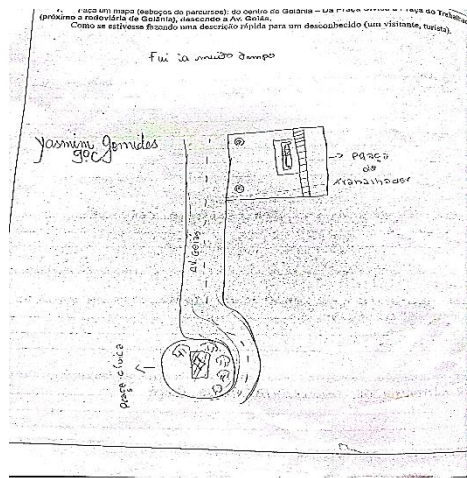
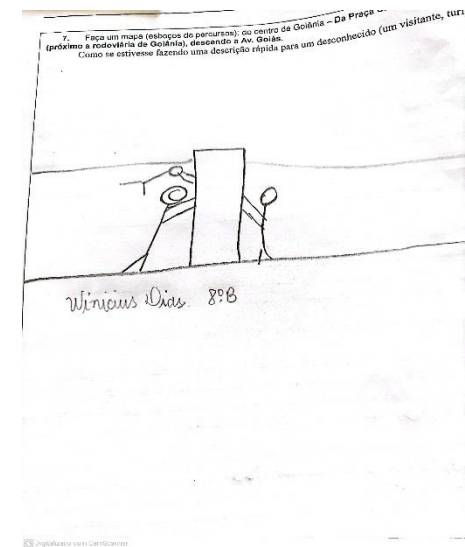
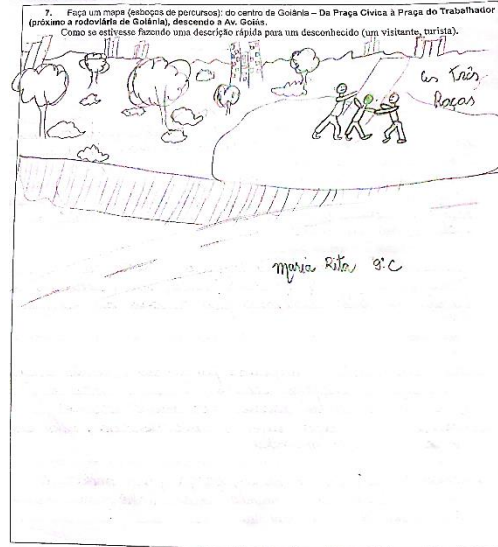
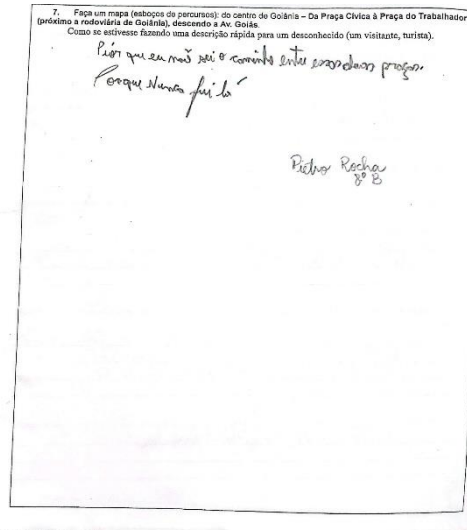
Fonte: Ana Paula Damasceno Siqueira (2024)

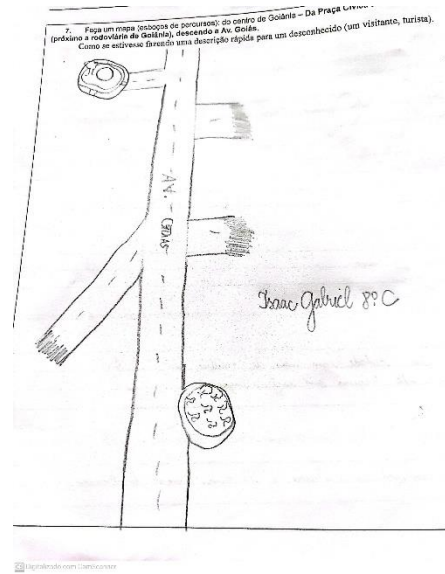
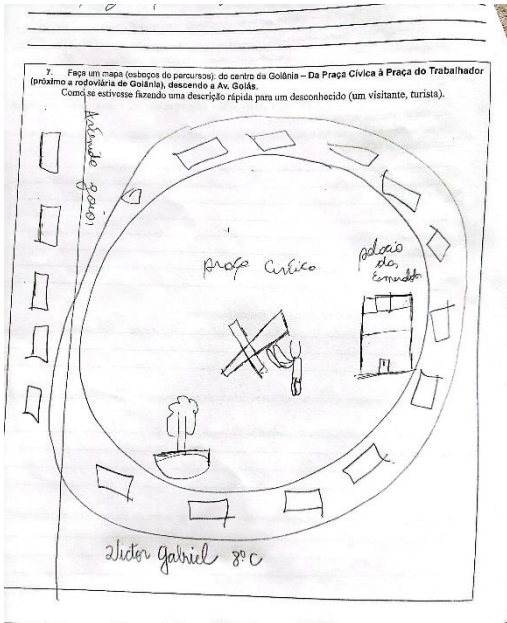
2.5.1 Da cidade local para a central

No questionário aplicado antes da visita, uma das questões pedia que os estudantes desenhassem um mapa (esboço de percurso) do centro de Goiânia – da Praça Cívica à Praça do Trabalhador, trajeto planejado para ser feito a pé. Poucos mostraram conhecer a região, e aqueles que se arriscaram a desenhar algo fizeram a Praça Cívica de forma bem simplória, destacando o Monumento às Três Raças, e a Praça do Trabalhador, com o relógio da antiga estação ferroviária. No cruzamento entre as avenidas Goiás e Anhanguera, o monumento ao bandeirante, ponto da capital considerado forte para a orientação, foi ignorado pela maioria dos estudantes.

Abaixo, temos alguns esboços da Praça Cívica até a antiga estação ferroviária feitos pelos alunos antes da visita ao centro.

Figura 43 - Desenhos feitos pelos estudantes antes da visita ao centro de Goiânia





Nos esboços, é possível notar que o monumento em homenagem às três raças e o Palácio das Esmeraldas se destacaram nas representações antes da visita ao centro da cidade. Contudo, boa parte dos estudantes deixou essa questão sem responder, alegando não se lembrar do centro da cidade ou nunca ter ido aos lugares propostos pela aula-passeio.

Durante o passeio, o percurso escolhido trouxe à tona a narrativa da memória contada a partir da Praça Cívica, cujos monumentos objetivam celebrar os “heróis” da origem da cidade, nesse caso, o próprio Pedro Ludovico Teixeira configura-se como protagonista. Na andança pelo centro de Goiânia, ele é representado como o desbravador, estadista hábil responsável por uma nova proposta de cidade e governabilidade segundo a lógica da modernidade.

Seria difícil para os estudantes não ficarem “encantados” com o mito fundador da cidade, considerando a sequência de locais visitados, que incluiu o Palácio das Esmeraldas, com o busto de Pedro Ludovico Teixeira à frente, a estátua equestre e a sua antiga casa, hoje museu, além das histórias de seu neto que por lá fica para receber os visitantes, o que sela a marca desse homem na história local. Isso foi um ponto forte da observação dos alunos na aula-passeio pelo centro da cidade, ao eleger o Palácio das Esmeraldas e o Museu Pedro Ludovico Teixeira como os lugares que mais gostaram de conhecer e visitar.

A imponência do Palácio das Esmeraldas, com sua cor esverdeada e as pinturas nos vitrais, despertou a atenção dos alunos. O fato de aquele prédio ainda ter funcionalidade para o presente e ser a residência do governador atual, Ronaldo Caiado, provocou surpresa e admiração. O monumento mais citado foi o de homenagem às três raças, seguido pela estátua equestre de Pedro Ludovico Teixeira. O primeiro, por se localizar no ponto central da Praça Cívica, proporcionando vista das principais avenidas, e pela interação dos estudantes com a obra. O segundo, pela sua altura e traços grotescos em sua composição, sendo até risível para alguns alunos. Outros elementos não passaram despercebidos, como as gameleiras, as fontes de água e o Museu Zoroastro Artiaga, com suas formas geométricas em *Art Déco*.

A caminhada pela cidade foi descrita como cansativa, perigosa, excitante, interessante, divertida e cheia de adrenalina. O ponto forte, ao descer a Avenida Goiás, foi o Grande Hotel, não passando despercebido o trânsito intenso, as pichações nos prédios, os moradores de rua e o comércio local, com destaque para a loja chinesa, a loja

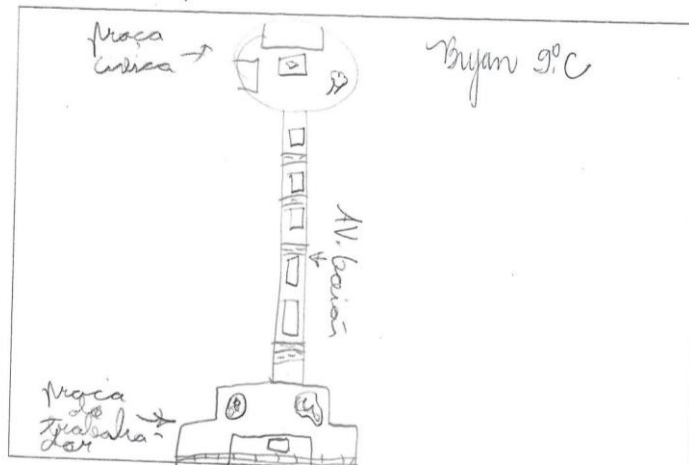
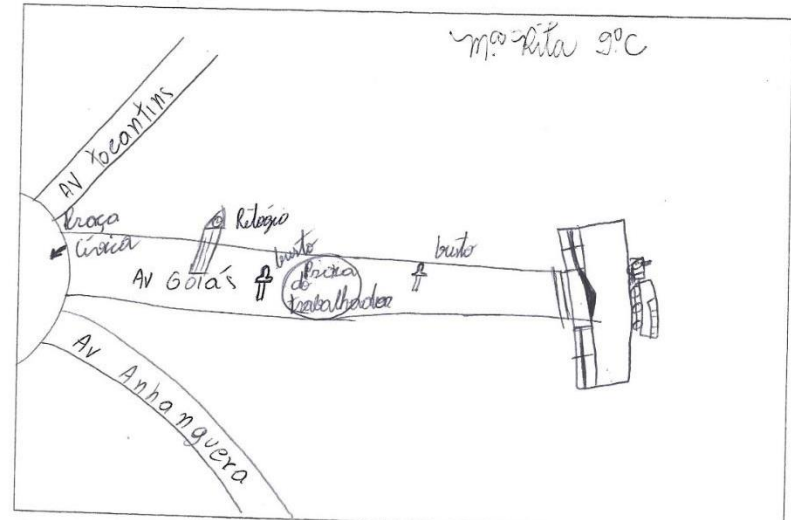
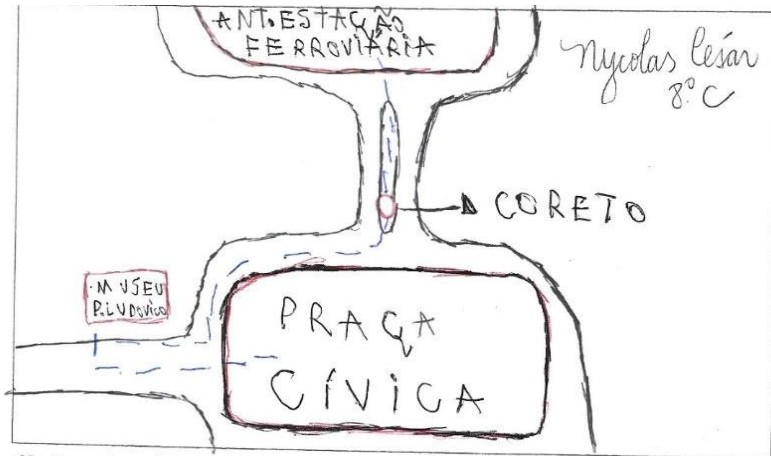
maçônica, a Avenida Paranaíba e o monumento ao bandeirante, no cruzamento entre a Goiás e a Anhanguera. Esta obra suscitou o comentário de um aluno de que o “Anhanguera” havia sido um “*matador de índios*”. No entanto, os demais estudantes mostraram indiferença pelo monumento, tanto que não o mencionaram nos relatórios e questionários pós-visita. Os estudantes ficaram impressionados com o trânsito intenso do lugar e com o “*Eixão*”, ao passo que o bandeirante foi ignorado. Essa linha de ônibus do Eixo Anhanguera atravessa a cidade nos sentidos leste-oeste, sendo a Vila Pedrosa situada na região leste. Por isso, os alunos reconheceram o ônibus como o meio de transporte coletivo para retornar à escola.

A chegada à Praça do Trabalhador significou um alívio depois da longa caminhada pela Avenida Goiás. O ponto alto foi sem dúvida a antiga estação ferroviária e o monumento da “*Maria-Fumaça*”, locomotiva n. 11, usada para o transporte de cargas. Em 1950, a extensão da estrada de ferro de Leopoldo de Bulhões a Goiânia foi possível devido à inauguração de uma estação ferroviária na capital.

Por mais que tivesse problematizado o fato de naquele lugar ter havido um monumento aos trabalhadores destruído durante o Regime Militar, o que eles destacaram em suas observações foi o local ser o ponto de chegada e saída de trabalhadores pela estrada de ferro e poderem conhecer uma locomotiva movida a vapor. Não passou despercebida a identificação da Rua 44 como o polo de comércio atacadista e a Feira Hippie. Não houve menção à rodoviária de Goiânia e ao Shopping Araguaia, que se localizam logo abaixo.

A seguir, estão os desenhos do percurso realizado após a visita por alguns alunos. A maioria não se apegou aos detalhes dos monumentos ou edificações observadas no trajeto, preferindo traçar o caminho percorrido na visita.

Figura 44 - Desenhos do percurso ao centro após a visita



2.5.2 A avaliação da experiência da aula-passeio pelos estudantes

Por meio de uma breve roda de conversa realizada após o retorno das visitas e dos relatórios escritos, foi possível avaliar a experiência pedagógica pelos alunos. O resultado foi bem positivo. Para o aluno Victor Samuel, do 9º C, *“foi como turistas pela cidade conhecendo lugares”*; Ana Luisa Sousa, do 9º A, disse que foi *“diferente”*, pois, por onde passava, sentia que havia história. Maria Rita, do 9º C, afirmou ter sido *“satisfatória”*, porque somente passava de carro e não prestava atenção e *“dessa vez eu estudei e observei tudo sobre”* a cidade. Bryan do 9º C comentou ter sido *“muito divertido conhecer mais a nossa capital”*.

No tocante à ideia e aos sentimentos sobre o centro da cidade antes e após a visita, os alunos disseram que não tinham interesse pelo lugar ou pela história de Goiânia. Alguns estudantes demonstraram ansiedade, curiosidade e outros alegaram acreditar que seria entediante. Contudo, o passeio provocou neles mudanças significativas. Após a experiência, eles tiveram o interesse despertado, conseguiram ampliar o conhecimento e enxergar a urbe de forma diferente. *“Para mim não era tão excitante assim, agora tenho outro olhar, vejo com mais clareza a minha cidade”*, relatou William Pereira, do 8º A. *“Para mim, no centro, só tinha lugar de roupa, aí fui lá e observei um jeito diferente”*, declarou Herick Cavalcante, do 9º B. *“Antes eu achava que Goiânia era uma cidade qualquer, só que depois da visita é muito mais interessante, pois agora sei da história”*, afirmou Carlos Eduardo Soares, do 8º C. *“Antes da visita eu não ficava muito surpreso com as imagens que via na internet, agora sinto que foi uma das melhores visitas que eu já fiz”*, revelou Amanda Eduarda, do 8º B.

O sentimento de ter sido uma experiência positiva está relacionada a vários fatores, como: ser uma atividade extraclasse, estar com os pares, interagir de forma informal com os professores em um espaço externo à sala e poder vivenciar uma experiência de troca sensorial com o objeto de estudo, que, nessa proposta, é a cidade. *“Eu gostei de tudo que teve naquela visita de estar com os amigos, conhecer mais sobre a fundação de Goiânia, visitar a casa de Pedro Ludovico”*, afirmou Amanda Eduarda Rodrigues, do 8º A. *“O melhor foi a caminhada para o museu Pedro Ludovico e na Avenida Goiás, mesmo que eu tenha ido várias vezes, ir com a escola foi bem melhor essa experiência”*, comentou Samuel Souza, do 8º A. *“Eu gostei de ficar vendo e passeando*

por toda a cidade; vimos várias coisas e gostei de ficarmos cansados. Foi top! Aprendi que é bom ter história”, declarou Gyliard Victor, do 8º B.

A seguir, apresentamos os relatos completos de alguns alunos.

Estudante 1 - A minha visita ao centro de Goiânia foi assim: escolhi a minha roupa e a vesti, pentei meu cabelo, passei perfume, arrumei meu lanche, fui para a escola. Entrei no ônibus junto com meu amigo, muito animado para ver as estátuas e museus, conversamos no ônibus sobre o passeio e chegamos na Praça Cívica. O detalhe que me chamou a atenção na Praça foram as fontes d'água; o Monumento das Três Raças, o Palácio das Esmeraldas e a Art Déco, pois esse estilo tem formas geométricas que é diferente de outros estilos de arte e se destaca muito. No museu Pedro Ludovico Teixeira me chamou a atenção os elementos dos anos 50 e 60 que são muito diferentes dos elementos modernos. A Avenida Paranaíba, ao cortar a Goiás e as outras avenidas, me chamou a atenção. Na Praça do Trabalhador, notei que a Art Déco está na antiga estação ferroviária. Antes da visita, o centro era um local onde começou Goiânia. Agora: um local cheio de histórias para contar e pretendo visitar alguns museus nesse lugar que não deu para visitar no passeio. Sobre a experiência vivida, pode melhorar a Praça Cívica e a Avenida Goiás, pois estão cheios de pichações nas estátuas, principalmente no Monumento das Três Raças. Foi incrível o passeio! Pois agora conheço mais sobre a história de Goiânia e quero me aprofundar mais nessa história (Nycolas César de Araújo, 8º C).

Estudante 2 - Me arrumei, comprei meu lanche, fui para a escola e encontrei minhas amigas superanimadas. Conversamos e ficamos uns 40 minutos esperando o ônibus. Quando ele chegou, saímos correndo da sala com um monte de comidas e ansiosos. Chegamos no ônibus e nos sentamos todas juntas, colocamos música na caixinha de som, comemos um pouco, brincamos, tiramos fotos e observamos por onde passávamos. Na Praça Cívica, o Palácio das Esmeraldas me chamou a atenção, pois é um monumento gigantesco com Art Déco, pintura verde e maravilhosas pinturas nos vidros de como era Goiânia antigamente. Foi uma manhã incrível! Além de conhecer toda a história da cidade e seus personagens, também foi muito divertido. Passamos por lojas de doces, a gente quis comprar, mas estávamos atrasados e praticamente a professora expulsou a gente e foi muito engraçado, todo mundo se divertiu. Além do Palácio das Esmeraldas, gostei muito do Monumento das Três Raças que deu início ao povo brasileiro: o preto, o indígena e o branco de calça [melhor vestido] mostrando de certa forma sua superioridade, a desigualdade social e o racismo. Indo para o museu, encontramos guias que nos contaram tudo sobre a história da casa e do Pedro, muito incrível, um ambiente carregado de significados. Ao descer a Avenida Goiás, vimos os bustos de grandes heróis e pessoas importantes, o Grande Hotel e o relógio. Na Praça do Trabalhador, vimos a Maria-Fumaça, o museu [antiga estação ferroviária] onde os trabalhadores esperavam o trem, por isso, a praça ganha esse nome. Bem, eu já conhecia um pouco sobre a história, mas não conhecia muitos lugares turísticos, os fundadores, onde começou a surgir Goiânia etc. Foi muito satisfatório porque eu só passava de carro e nem prestava atenção e dessa vez eu estudei e observei tudo (Maria Rita, 9º C).

Estudante 3 - No dia anterior, comprei lanches para levar e, no dia seguinte, acordei, troquei de roupa, peguei minha mochila com meus lanches e fui para a escola. Chegamos na escola, todos os alunos que iam para o passeio ficaram numa mesma sala e tivemos um momento para conversarmos com os nossos amigos de outras salas. No ônibus, foi uma diversão só, nos sentamos perto dos nossos amigos e brincamos muito, dividimos os nossos lanches.

Quando chegamos, visitamos a estátua das três raças e o Palácio das Esmeraldas. O que mais me chamou a atenção foi a visita na casa de Pedro Ludovico. Lá tem coisas intactas há mais de 50 anos atrás porque essa casa só foi ser museu em 2012. Antes dessa visita ao centro de Goiânia eu pensava que a nossa cidade não tinha tantas histórias para contar, mas agora depois dessa visita descobri que a nossa cidade tem uma variedade de histórias a serem contadas e que todos deveríamos saber. Foi muito bom esse passeio, pois agora tenho memórias com os meus amigos e professores que jamais serão esquecidas. Gostei muito da variedade de conteúdos que aprendi nesse passeio, queria agradecer à professora Ana Paula por um momento que eu nunca vou me esquecer e fotos marcantes também. Obrigado, professora! (Heitor Borges, 8º B).

As aulas-passeio extrapolam o objetivo de ser apenas uma aula extraclasse, pois estimulam os alunos a interagir com o lugar, com os colegas e professores fora de um espaço formal. As memórias construídas não estão relacionadas apenas à possibilidade de ter acesso a determinados lugares, mas à experiência de fazer toda essa atividade pela escola e na companhia dos pares, o que propicia uma aprendizagem significativa e lúdica. Essa é a função da escola e do ensino de História, dotar de sentido as experiências humanas, isto é, promover um ensino que faça sentido para os alunos na construção de suas memórias e identidades.

2.5.3 *Que imagem da cidade é essa? O ensino de História, a cidade central e a afetiva*

É muito bom saber que a cidade onde moro há muito tempo tem toda essa história. [...] Eu sempre fui lá na praça das três raças [Praça Cívica] e não sabia da história, era só uma estátua no meio do nada. Não sabia do Coreto, do Grande Hotel, não sabia de nada. É importante saber a história local, porque, depois do passeio, eu fui lá na praça das três raças com minha mãe, quando nós passamos, perguntei se ela sabia o que era [o monumento] e aí fui falando. Ela disse: “Nossa Senhora, tantos anos que eu passo aqui e eu nem sabia disso, menina!” É do projeto da aula de História quando viemos aqui no centro, aí apontei o Palácio das Esmeraldas. Ela disse: foi bom mesmo que você descobriu coisa que nem eu sabia (Francyne, 8º A).

Com esse fragmento do relato da aluna Francyne de Oliveira Reis (gravado), destaco a importância do ensino de História, que impacta a vida dos estudantes e se estende até a suas famílias. Transitar pela cidade é algo corriqueiro, porém, ter acesso à história e à memória ainda é para poucos. A escola é um espaço, para muitos o único, onde é possível entrar em contato com outras formas de estar no mundo, e aprender a respeitar e a valorizar a diversidade nele presente. O ensino de História local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de promover a formação de um raciocínio de história que contemple não só o indivíduo, mas

a coletividade, apresentando as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima e na relação da cidade com a preservação de sua memória e identidade.

Andar pela cidade, no contexto de uma proposta pedagógica, faz com que os estudantes sejam turistas em sua própria realidade. Nota-se, a partir dos relatos após a visita e das observações da professora pesquisadora, que todos os sentidos estavam operantes: na percepção das pichações nos monumentos; nas gameleiras da Praça Cívica; nas bandeiras hasteadas; na arte da cidade, seja em *Art Déco* ou na forma de grafites; no confronto da Goiânia que apareceu nas imagens mostradas em sala de aula e da Goiânia experienciada ao andar pelas suas ruas e descobrir que o novo convive com o antigo; no barulho do trânsito constante e frenético, no comércio, nos moradores de rua mostrando uma cidade desigual no presente e no passado; na análise do Monumento às Três Raças; na narrativa da história oficial institucionalizada e contada pelos vitrais do Palácio das Esmeraldas, ou mesmo na problematização da cidade planejada por Attílio, que excluiu os operários braçais que vieram de outras partes do Brasil a fim de trabalhar em sua construção.

Andar pelo centro de Goiânia significou para os estudantes que a cidade onde vivem tem história e memórias e que isso é importante no processo de construção de identidades sociais e culturais. A escolha do roteiro não foi aleatória, tendo como objetivo o acesso à cidade com seus prédios, monumentos, comércio, trânsito e pessoas. Isso permitiu experienciar uma forma de conhecimento fora da escola, da sala de aula, em um grande “aulão”, e comparar a cidade do presente e do passado, fazendo vir à tona as diversas realidades e narrativas sobre a capital, de um lugar longe do espaço de vivência, ou seja, o bairro, a comunidade próxima. A ideia era permitir um passeio ao ar livre, proporcionando aos estudantes sentir a urbe e, ao mesmo tempo, identificar os pontos fortes em suas observações.

Esse foi o roteiro planejado com a proposta de andar pela cidade, mesmo assim, houve a visita ao museu, a antiga casa do fundador da cidade, Pedro Ludovico Teixeira. O que mudaria nesse roteiro escolhido? Talvez não fôssemos à antiga casa de Pedro Ludovico Teixeira e somente andássemos pela Praça Cívica, Avenida Goiás até a Praça do Trabalhador, até porque o tempo para todas essas atividades foi insuficiente. Em algumas visitas, chegamos com uma hora de atraso na escola, considerando que o término das aulas se dava às 11h25. Poderíamos ficar explorando apenas a Praça Cívica, com seus

museus, monumentos e edificações, como o Palácio das Esmeraldas, observando os seus vitrais.

Outra sugestão de roteiro incluiria a Praça do Trabalhador como ponto de chegada, visitando o museu ali na antiga estação ferroviária, a “Maria-Fumaça”, problematizando a questão dos trabalhadores no presente e no passado, que deram origem ao nome da praça, as mudanças e as permanências, como o monumento aos trabalhadores destruído durante o Regime Militar e que não foi restaurado. Por que não foi? Enfim, explorar a região com a rodoviária, a Feira Hippie, a Rua 44, com suas lojas do comércio atacadista, e o antigo bairro popular. Podem ser pensados diferentes roteiros para explorar a cidade e seu patrimônio material, o que depende da proposta de aula-passeio a ser articulada pelo professor regente. O meu objetivo foi fazer os estudantes circularem o máximo possível pelo centro da urbe, observando, ouvindo, sentindo, isto é, sendo afetados por ela no que tange à ideia de pertencimento.

Os desenhos realizados pelos alunos antes e após a visita demonstraram os pontos fortes com relação à cidade central, com destaque ao Monumento às Três Raças, na Praça Cívica, e o relógio da antiga estação ferroviária, na Praça do Trabalhador, com a sua locomotiva 11 em exposição – a “Maria-Fumaça”. A imponência do Palácio das Esmeraldas, com sua cor esverdeada, é relatada no pós-visita pela maioria dos estudantes com certo fascínio, por saberem que ainda ali é a sede do governo estadual, além do museu, antiga casa de Pedro Ludovico Teixeira, com sua narrativa de mito fundador. Por outro lado, a estátua do Anhanguera na antiga Praça do Bandeirante foi praticamente ignorada. O trânsito, o comércio de mercadorias chinesas, o ônibus do transporte público que corta a cidade leste-oeste, “o *Eixão*”, foram mais evidenciados no trajeto da descida da Avenida Goiás. Apenas um aluno citou o bandeirante durante a caminhada e ainda o rotulou como “*matador de índios*”.

É pertinente destacar que, nos relatos escritos e nos desenhos do percurso, os pontos fortes dos trajetos, tanto da cidade próxima quanto da central, foram as praças. No centro, os alunos destacaram a Praça Cívica e a Praça do Trabalhador; na comunidade onde moram, a “*praça perto de casa*”. Sem dúvida, as praças são os lugares mais frequentados pelos estudantes, com destaque para aquelas perto de suas residências, onde há principalmente um espaço para jogar futebol. A praça da Vila Pedroso localiza-se em frente à Escola Municipal Madre Francisca, e é nesse local externo à unidade escolar que

são realizadas as aulas práticas de Educação Física e de esportes, já que a escola não dispõe de uma quadra poliesportiva, nem de um espaço para a sua construção.

Apesar de as praças quase sempre serem notadas como referência para orientação na cidade, a praça da Vila Pedroso é observada pelos estudantes não somente como um marco, mas como uma extensão da própria escola. Nos desenhos, a praça tem mais destaque do que a própria escola. A questão emocional e afetiva é forte por ser o lugar onde realizam as aulas de Educação Física e as principais atividades extraclasse, como o interclasse e a festa junina.

Se, por um lado, afirmaram não conhecer bem a parte central da cidade, mostraram ser conhecedores da escola, do bairro onde moram, da igreja, da feira, da pizzaria, da sorveteria, do *shopping*, do pasto onde realizam desafios de pipas, da praça onde praticam esporte, enfim, da cidade afetiva onde se sentem acolhidos, onde estão os amigos, familiares e toda a rede de relações, apesar de se sentirem inseguros por causa da criminalidade. É por isso que a história local tem sido necessária para o ensino. Segundo Bittencourt (2008), a compreensão da história ocorre quando o estudante consegue identificar o passado em lugares do seu cotidiano, a escola, a casa, a comunidade, o trabalho, o lazer, isto é, os espaços de convivência, e situar os problemas significativos na história do presente.

A escrita das histórias locais tem diferentes objetivos. Ao produzi-la, os historiadores acabam sendo criadores de memórias, mais do que efetivamente de história. A memória acaba sendo algo relevante na construção de uma história local, tanto para historiadores como para o ensino. Ao buscar reconhecer a identidade dos alunos, recorre-se aos estudos da história local, evitando que essa apenas reproduza a história do poder local e das classes dominantes, mas que seja capaz de criar vínculos com a “memória familiar, do trabalho, da migração, das festas...” – enfim, de grupos silenciados pela história oficial.

Tudo isso significa construir a imagem da cidade por meio de uma espécie de “bricolagem” de múltiplas imagens, considerando que cada habitante tem uma imagem única e própria dela, que pode ser bastante diferente da imagem pública. Além de seus elementos físicos, outros fatores são influenciadores dessa percepção, incluindo o significado social de uma área, a sua história, a sua função ou até o seu nome. Deve-se levar em conta que a realidade é complexa, formada por diversas imagens que, algumas

vezes, são contraditórias, complementares, que dialogam ou tensionam ao formar uma espécie de mosaico.

A imagem de Goiânia criada pelos estudantes da Vila Pedroso da Escola Municipal Madre Francisca é formada por diferentes elementos, derivados de suas percepções individuais acerca do lugar onde vivem e constroem suas relações cotidianas. O ensino de História, nesse movimento, busca contribuir para a construção do pensamento histórico, para o questionamento de verdades estabelecidas, em um esforço para compreender a historicidade da vida social a partir de novos saberes na dimensão problematizadora e crítica.

2.6 A parte propositiva: um *site*

Quando comecei a cursar o ProfHistória, tive acesso a um excelente material produzido para os professores da Educação Básica, porém restrito à academia. No Congresso do ProfHistória em Belém/Pará, em 2024, a discussão girou em torno das possíveis formas de disponibilizar esses produtos educacionais ao professor que está no chão da escola. Por isso, na parte propositiva, compartilharei, em um *site* que será produzido e publicado no *Google Sites*, a experiência desta pesquisa, que estudou o urbano relacionado à história local.

O *site* está em construção e ficará no ar a partir do dia 01/11/2025. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) irá custeá-lo, no âmbito do Programa de Auxílio à Pesquisa Científica e Tecnológica: memória, historiografia e usos do passado, sob a coordenação do professor Cristiano Arrais.

Nesse local virtual, haverá:

1. A apresentação do projeto;
2. Informação sobre o desenvolvimento da pesquisa com as sequências didáticas;
3. O roteiro do percurso realizado no centro de Goiânia;
4. Uma compilação de textos de apoio sobre a temática relacionada ao urbano e às edificações e monumentos do centro de Goiânia;
5. O material visual da imagem da cidade de Goiânia segundo a percepção dos alunos, a partir dos desenhos de percursos do lugar onde vivem e da aula-passeio.
6. Fotografias e vídeos.

A ideia é que o trabalho desenvolvido no ProfHistória seja de fácil acesso e sirva de inspiração para que outros colegas professores possam se embasar e planejar atividades semelhantes, adotando as aulas-passeio como estratégia pedagógica.

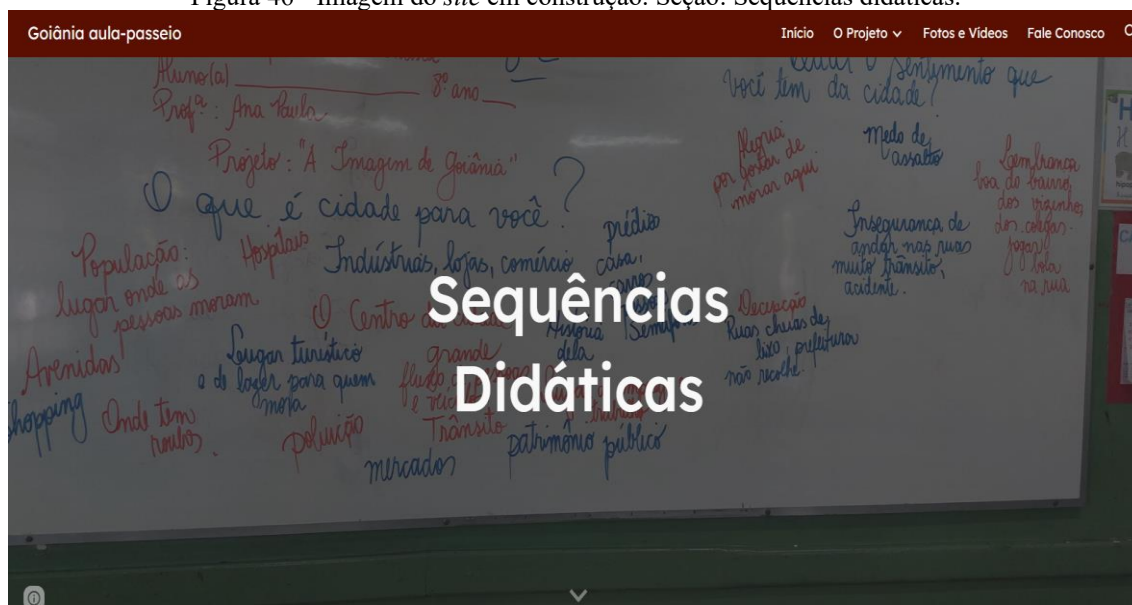
Figura 45 – Imagem do *site* em construção. Aba: O Projeto.



©

Fonte: <https://sites.google.com/view/historiagoiania/in%C3%ADcio>.

Figura 46 - Imagem do *site* em construção. Seção: Sequências didáticas.



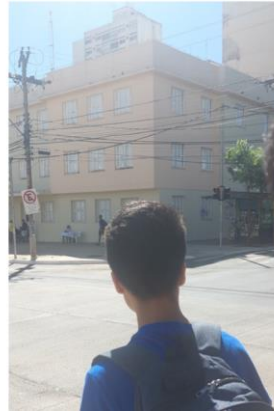
Fonte: <https://sites.google.com/view/historiagoiania/o-projeto/sequ%C3%AAncias-did%C3%A1ticas>

Figura 47 - Imagem do site em construção. Seção: Goiânia aula-passeio.



Relatos dos estudantes da experiência pela cidade.

Estudante 1 - A minha visita ao centro de Goiânia foi assim: escolhi a minha roupa e a vesti, penteei meu cabelo, passei perfume, arrumei meu lanche, fui para a escola. Entrei no ônibus junto com meu amigo, muito animado para ver as estátuas e museus, conversamos no ônibus sobre o passeio e chegamos na Praça Cívica. O detalhe que me chamou a atenção na Praça foram as fontes d'água; o Monumento das Três Raças, o Palácio das Esmeraldas e a Art Déco, pois esse estilo tem formas geométricas que é diferente de outros estilos de arte e se destaca muito. No museu Pedro Ludovico Teixeira me chamou a atenção os elementos dos anos 50 e 60 que são muito diferentes dos elementos modernos. A Avenida Paranaíba, ao cortar a Goiás e as outras avenidas, me chamou a atenção. Na Praça do Trabalhador, notei que a Art Déco está na antiga estação ferroviária. Antes da visita, o centro era um local onde começou Goiânia. Agora: um local cheio de histórias para contar e pretendo visitar alguns museus nesse lugar que não deu para visitar no passeio. Sobre a experiência vivida, pode melhorar a Praça Cívica e a Avenida Goiás, pois estão cheios de pichações nas estátuas, principalmente no Monumento das Três Raças. Foi incrível o passeio! Pois agora conheço mais sobre a história de Goiânia e quero me



Fonte: <https://sites.google.com/view/historiagoiania/o-projeto/a-aula-passeio>.

Figura 48 - Imagem do site em construção. Aba: Fotos e vídeos.



Fonte: <https://sites.google.com/view/historiagoiania/fotos-e-v%C3%ADdeos>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguém sabe onde a professora da turma do 8º ano deixou as provas? A mãe dela ligou porque ela não vem hoje. Está doente. Foi ao médico. Se a gente não der a prova hoje, vai ser a maior confusão! Professora! Corre lá no pátio! Está tendo uma briga. Um aluno caiu e se machucou! Peraí, cara! Deixa eu ouvir isso que a professora tá falando. Acabou a água. Não deu nem para fazer a merenda. O primo veio avisar que ele não vem hoje. Graças a Deus! Assim a gente tem um pouco de sossego. Você fez a tarefa de casa?! Sozinho?! Não acredito! Agora já chega! A professora de Artes não veio, você vai ter que entrar! Mas eu nem iria dar aula naquela sala hoje! A hora de jogar já acabou! Por que estão fora da sala? Vamos parar com esse tumulto, fazer silêncio e prestar atenção na aula. Com essa confusão não dá (Adaptado de Maria Tereza Esteban, 2003, p. 2).

Esse é um pouco do cotidiano da escola! Quando se fala em uma cultura escolar, é necessário considerá-la quando se propõe realizar qualquer projeto de pesquisa. Mesmo que o cotidiano (tempo/espaço) da sala de aula e da escola seja marcado pela imprevisibilidade, surpresa, turbulência, desordem e diferença, as práticas escolares e os processos de ensino/aprendizagem muitas vezes são estruturados para conduzir à homogeneidade, à linearidade e à hierarquização.

As demandas, exigências e burocracias do sistema atuam diretamente nos agentes educacionais e, muitas vezes, dão forma a uma educação pouco humanista e mais tecnicista, que valoriza a aula como mercadoria produzida pelo professor e consumida pelo aluno. A realidade nos exige mais humanidade e sensibilidade.

O espaço é predominantemente a sala de aula, com livros, cadernos, quadro, apostilas, carteiras enfileiradas e o professor como o centro. Dessa forma, acaba-se desconsiderando as possibilidades de ação didática/pedagógica que impulsionem uma participação mais ativa dos estudantes, estimulando a motivação, autonomia, interesse, curiosidade, questionamento e alegria para a descoberta de novos saberes, bem como de estratégias que impliquem pensar a aula em uma dinâmica diferente da usual, isto é, fora da sala ou até mesmo da escola.

As escolas, muitas vezes, não são um espaço de reflexão e produção de conhecimento pedagógico. O professor recebe prontas as propostas pedagógicas, os projetos, os conteúdos programáticos, os livros didáticos, o que o afasta de seu papel como intelectual pesquisador da sua própria prática. Como resultado, ao longo de sua carreira profissional, ele vai perdendo o seu poder de questionamento e crítica da sua prática, já que é apenas um executor de uma concepção de educação pronta e que lhe é imposta.

O trabalho pedagógico fragmentado em disciplinas e a organização rígida de tempo/espço impedem que o ensino seja visto e pensado a partir de um conjunto articulado. O aluno, por sua vez, aprende os conteúdos de forma isolada, com pouca ou sem nenhuma interdisciplinaridade.

Realizar projetos como aula-passeio significa desafiar e contestar a prática pedagógica estabelecida, pois possibilita aos sujeitos construir conhecimentos num movimento dialógico, especialmente os adolescentes das classes populares de escolas públicas, que, em sua maioria, não têm acesso a espaços de lazer, arte e cultura em sua própria cidade.

Por que tive de organizar três visitas ao centro de Goiânia? Como havia mencionado, a procura foi grande. O sucesso se deveu ao anseio dos estudantes em experienciar, com seus pares e professores, uma forma de aprendizagem fora da escola. O projeto, como uma proposta do mestrado do ProfHistória, foi articulado a partir do ensino de História, mas dialogando com Geografia e Arte, o que significou dar autonomia à professora pesquisadora para repensar, refletir e construir a prática no processo de ensino-aprendizagem.

A História escolar deve ser compreendida pelos alunos por meio da abordagem da história-problema, dos métodos ativos, da pedagogia da descoberta e da reflexão sobre o sistema-mundo. Ela não deve se limitar à construção de suas memórias e identidades. Seu papel é possibilitar aos estudantes a criação de sentidos que considerem as rupturas, os conflitos e as crises.

Novas estratégias de ensino resgatam a motivação, o interesse, a curiosidade, o questionamento, a alegria em descobrir novas coisas, em aprender. Desde que me tornei professora, percebia que o mais fiel e melhor *feedback* das aulas vinha dos próprios estudantes, o que me motivava a analisar o que funcionava e o que deveria ser adaptado ou melhorado. A ideia era estar constantemente pensando em estratégias que despertassem nos alunos o interesse pelas aulas de História, desde as mais simples, como aquelas que estimulavam a exposição oral pelo questionamento, abstração e crítica por meio das chamadas “participações positivas”, registradas em uma “cadernetinha” por um aluno “secretário” do dia, que se incumbia voluntariamente de anotar as participações orais dos colegas durante as aulas, até as mais complexas, como aquelas que eram realizadas fora da sala, a exemplo dos passeios pelo teatro, museus, cidades coloniais

como Pirenópolis e Goiás e, agora, pela própria cidade de Goiânia, tendo acesso aos chamados “lugares de memória”.

Dessa forma, estimular aprendizagens fora dos muros da escola possibilitou conhecer melhor os alunos e revelou que até aqueles rotulados como “indisciplinados” ou “desinteressados” participavam, interagiam, descobriam e aprendiam com as novas estratégias de aula. Chamou-nos a atenção o fato de que alunos com dificuldades na leitura e escrita se esforçavam em escrever um relato da experiência após o passeio e, nas rodas de conversa, expressavam-se com alegria.

Em um sistema educacional com pouca abertura e flexibilidade para projetos como esse, considero a experiência bem-sucedida, o que se deveu muito ao apoio dos colegas de Geografia especialmente, bem como aos de outras áreas, da coordenação pedagógica e do gestor. Mas muitas outras ações poderiam ser feitas antes e após a visita. Por exemplo, poderíamos ter:

- Promovido uma visita ao bairro da escola que faz parte da região onde os alunos moram, explorando o lugar, a história, as memórias e experiência do processo de ocupação daquele espaço;
- Desenvolvido um projeto interdisciplinar envolvendo professores da área de Arte e de Língua Portuguesa, que não tiveram a oportunidade de acompanhar os grupos nas visitas, pois deveriam ficar na escola e atender as demais turmas não participantes da atividade;
- Realizado oficinas com comidas, música, costumes típicos goianos, elementos bastante citados pelos alunos quando indagados, nas dinâmicas realizadas em sala, sobre o que sabiam ou conheciam da sua cidade;
- Analisado nas rodas de conversa mais densamente as fotografias da cidade produzidas pelos próprios estudantes e promovido a exposição das imagens para toda a escola;
- Feito um tombamento simbólico da praça da Vila Pedroso onde fica a quadra em que os alunos realizam as aulas de Educação Física, o principal ponto forte na observação.

Se as demandas da escola e de um sistema tecnicista tiram a autonomia dos professores e os transformam em meros executores, é preciso buscar válvulas de escape. Não tem preço ver a alegria dos estudantes por poderem participar do projeto “A Imagem de Goiânia”, sentir o envolvimento deles comigo (professora regente), com a disciplina

de História e com o objeto de estudo: a cidade onde moram e constroem cotidianamente suas relações. É desafiador, mas é possível.

O ensino de História, segundo Monteiro (2007a, p. 19), “traz subsídios do conhecimento histórico para auxiliar a construção e reconstrução da memória que possibilita aos indivíduos estabelecer relações afetivas com a cidade e o país onde vivem”. História essa construída através do tempo, com continuidades e descontinuidades, mudanças e transformações. Concordo com Monteiro (2007a) quando ela diz: “mais do que destruir monumentos, é importante entender por que estão ali, a quem servem, o que representam. Identificar quais monumentos consideramos importante preservar hoje”. Assim vamos estabelecendo o que desejamos lembrar e que representações do passado desejamos construir.

Enquanto professora pesquisadora, pude compreender algo que já percebia, mas que ficou evidenciado na pesquisa: a praça como espaço de convivência e lazer desses jovens e adolescentes. Dessa forma, a pesquisa vem reforçar uma necessidade que deveria ser levada em consideração pelos agentes públicos que administram as cidades, arquitetos e urbanistas: a de criar mais espaços como esses na cidade, dotando-os de iluminação adequada, arborização e quadras para a prática de esportes, para que a urbe seja um direito de todos.

Para a execução do projeto de pesquisa desta dissertação, foram utilizadas diferentes fontes históricas, destacando-se as imagéticas, como as fotografias. A parte de campo, que consistiu em andar pela cidade, visualizar os monumentos, a arquitetura e os prédios, também foi um trabalho imagético. O uso de imagens é uma das ferramentas metodológicas no contexto da sala de aula na disciplina de História. Elas podem ser usadas de várias formas, por meio de vídeos, fotografias, pinturas, mapas, cinema, charges, histórias em quadrinhos, esculturas etc.

Segundo Molina (2007), estamos imersos em redes sociais como Youtube, Instagram, Facebook, WhatsApp etc., em uma dependência que nos leva até mesmo ao excesso de uso e exposição: “é a imagem-velocidade, guiada pela diretriz computacional, que marca hoje, consideravelmente, o atual panorama imagético” (2007, p. 16). Assim, a questão da visualidade tornou-se um fenômeno social. Utilizá-la como fonte de conhecimento no ensino de História resultaria na melhoria do ensino e em aulas mais dinâmicas, provocando mudanças na forma de percepção dos alunos. Nesse contexto

visual em que eles estão inseridos, a cidade, seja a do presente, seja a do passado, torna-se um espaço privilegiado de reflexão histórica.

Por isso, a construção dessa imagem da cidade de Goiânia pelos alunos é feita com a emenda de vários retalhos de uma realidade percebida de diferentes formas e perspectivas, às vezes contraditórias e/ou complementares. Contudo, na relação entre história e memória, estejamos atentos a que o ensino de História seja sustentado por pesquisas, pela análise e pelo discurso crítico, mas que possa ser libertador e não opressor. Por outro lado, que a memória possa ser vista como um instrumento de resistência e transgressão, capaz de ressignificar as representações do passado no presente e auxiliar na construção de identidades sociais, abrindo perspectivas e novos horizontes na forma da consciência histórica.

É possível melhorar o ontem? Iniciei com a provocação de Rüsen e finalizo com ela. Sim! A História e o ensino de História têm a função social de fazer com que o passado se torne melhor. A tarefa de melhorar o passado serve para a orientação da vida humana e da vida prática na esperança de um mundo melhor.

Concordo com Fernandes (2007, p. 95) quando ela diz que “Paulo Freire aponta para a necessidade de o educador ser alguém que tenha esperança, que acredite na utopia. Não aquela utopia que nos cega, mas a que nos impulsiona, que nos faz mais humanos”. Todo educador, apesar das circunstâncias, precisa acreditar. Se não for assim, como praticar a educação? É assim que percebo e acredito na História e, por consequência, no ensino de História, como um meio de orientar a vida prática dos nossos estudantes, possibilitando dotar esse passado de uma história plena de significado para o presente. Mais do que isso, de uma história para a vida!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriano Carlos de. **Uma interpretação da história visual de Goiânia: os registros fotográficos de Hélio de Oliveira (1950 -1970)**. Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidad**. Trad. Pier Luigi Cabra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. **Cidades-capitais do Brasil republicano: representação e mobilização do tempo nas construções de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.
- ARRAIS, Tadeu Pereira Alencar. **Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, 1999.
- BALANDIER, Georges. **O dédalo: para finalizar o século XX**. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARCA, Isabel. Educação história: pesquisar o terreno, favorecer a mudança. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí/PR: Ed. Unijuí, 2009.
- BARRETO, Roseli de Fátima Brito Netto. **Uma arqueologia da memória ludoviquista**. *In*: ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. *In*: FORTUNA, Carlos (org.). **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. [S.l.]: Celta Editora, 1997.
- BENJAMIN, Walter. Paris no segundo império. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3. d. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERNARDES, Genilda Darc. **Goiânia, cidade planejada: cidade vivida, discurso e cultura da modernidade**. Tese (Doutorado em Sociologia). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 1998.
- BERNARDES, Genilda Darc. Considerações sobre o plano de Goiânia. *In*: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo: fronteiras**. Goiânia: Ed. UFG, 2000, p. 155-180.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paul: Contexto, 2013.
- BORGES, Barsanufu Gomides. A economia goiana na divisão regional do trabalho (1930-1960). *In*: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo: fronteiras**. Goiânia: Ed. UFG, 2000, p. 247-272.

BORGES, Pedro Célio Alves. Mudanças urbanas e fragilidades da política de memória: a destruição do Monumento ao Trabalhador em Goiânia. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 2, maio/agosto 2017.

BOSI, Ecléa. Memória sonho e memória trabalho. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Editora, 1987, p. 1-29.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. *In*: Lúcia Lippi Oliveira (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002, p. 16-35.

BURKE, Peter. Cultura material através das imagens. *In*: BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL, Maria Madalena Roberto; BORGES, Maria Elizia. **Monumento à Goiânia**: outro olhar sobre sua trajetória. Cercomp; UFG, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2009.GT1_CABRAL_e_BORGES_-_MONUMENTO_A_GOIANIA_OUTRO_OLHAR_SOBRE_SUA_.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

CAIMI, Flávia Eloisa. Novas e antigas controvérsias: um olhar sobre a historiografia do ensino de História. *In*: OLIVEIRA, Margarida; CAINELLI, Marlene, OLIVEIRA, Almir (Orgs.). **Ensino de História**: múltiplos ensinos em múltiplos espaços. Natal-RN: EDUFRN, 2008, p. 127-135.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de; KULEMEYER, Jorge Alberto (Orgs.). **O lado perverso do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Arraes Editores Ltda., 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *In*: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-78.

CHAUL, Nasr Rayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Cegraf - UFG, 1988.

CHAUL, Nasr Fayad. Marchas para o Oeste. *In*: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo**: fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000, p. 113-128.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6. ed. Trad. Luciano Vieira Macho. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.

COSTA, Gerson Eduardo. **A cidade e o ensino de história**: patrimônio, museu e história local. Dissertação (Mestrado ProfHistória), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliar**: ato tecido pelas imprevisões do cotidiano. Rio de Janeiro: UFF, 2003.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. Escola em ciclos: uma escola inquieta – o papel da avaliação. *In*: KRUG, Andréa Rosana Fetzner (Org.). **Ciclos em revista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARROSINI, Daniela Fávoro; SANTOS, Fátima Aparecida dos; NERY, Beatriz Melo Franco. Brasília imaginada: a cidade representada por meio dos seus processos simbólicos. **DATJournal**, v. 5, n. 3, 2020, p. 156-166.

GONÇALVES, Nadia G.; PACIEVITCH, Caroline. Contribuições para a constituição do campo Ensino de História no Brasil: perspectivas, pesquisadores e ABEH. *In*: ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo (Orgs.). **Guerras de narrativas em tempos de crise**: ensino de história, identidades e agenda democrática. Cáceres: Unemat Editora, 2021, p. 47-64.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **História cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. Imagem, ideia e símbolo. *In*: LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 11-33.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LIMA, Keila da Silva. **Imagens da cidade de Boa Esperança (PR)**: as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o Ensino de História (1997-2018). Dissertação (Mestrado ProfHistória), Universidade Estadual do Paraná – Unespar, 2018.

LOPES, Edmar Aparecido de Barra e. Goiânia: dinâmicas do patrimônio e da memória entre a instituição da cidade-monumento e a cidade-praticada: diálogos e desafios. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 25, n. 48, dez. 2018, p. 275-296.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MAGALHÃES, Sônia Maria de (Org.). **Ensino de história**: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos. Goiânia: Ed. da PUC, 2012.

MOLINA, Ana Heloisa. Ensino de História e imagens: possibilidades de pesquisa. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. I, n. 1, 2007, p. 15-29.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. *In*: SILVA, Gilvan Ventura da; SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel (Orgs.). **História e Educação: territórios em convergência**. Vitória: GM, 2007a.

MONTEIRO, Ana Maria. Os saberes que ensinam: o saber escolar. *In*: MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b, p. 81-111.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, p. 143-162.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Considerações intempestivas**. Tradução de Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História PUC/SP**, São Paulo, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Margareth Dias de. **A potencialidade de aulas-passeio de História: os professores e suas práticas**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/20790/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Margareth%20Dias%20de%20Oliveira%20-%202022%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PACHECO, Luis Eduardo Andrade. **“Mas esta não é a minha cidade”**: narrativas e sensibilidades no ensino de História de Fortaleza. Dissertação (Mestrado ProfHistória), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. *In*: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre, Editora da Universidade / UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis e cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, 2007.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. **Cultura histórica e história ensinada**. Goiânia: Editora UFG, 2014.

RODEGHERO, Carla Simone. **Anistia, esquecimento, conciliação e reconciliação: tensões no tratamento da herança da ditadura no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 97-165.

RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? *In*: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó-SC: Argos, 2011, p. 259-290.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.

SANT'ANNA, Thiago Fernando. Fotografia e ensino de história: entre composições de imagens e de aulas de História. *In*: MAGALHÃES, Sônia Maria de; SILVA, Maria da Conceição (Orgs.). **Ensino de História**: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos. Goiânia: ED. da PUC, 2012, p. 41-52.

SILVA, Ana Lúcia da. **A Revolução de 30 em Goiás**. Goiânia: Cãnone Editorial e Agepel, 2001.

SILVA, Carla Luciana. História e memória da repressão nos anos 1970 e 2014. **Projeto História**, São Paulo, n. 50, p. 138-170, ago. 2014.

SILVA, Janaina Ferreira dos Santos da. Os monumentos em homenagem aos bandeirantes em Goiânia: o(s) passado(s) goiano(s). **Revista Anômalas**, Catalão–GO, v. 1, n. 2, p. 48-68, 2021.

SILVA, Jordana Fonseca. O monumento aos bandeirantes em Goiânia e o mito fundador da nova capital. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 12, n. 33, p. 341-367, 2019.

SILVA, Jordana Fonseca; PINTO, Ana Marcela Ardila. A história do monumento aos bandeirantes em Goiânia. **Fragmentos da Cultura**, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 449-467, 2023.

SILVA, Karinne Machado. **Camadas do tempo**: representações geográficas nas fotografias e cartões-postais da cidade de Goiânia (1933 – 1970). (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. História dos bairros de Goiânia. *In*: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo**: fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000, p. 129-154.

SOUZA, Rildo Bento de Souza. Museu Pedro Ludovico: História, Memória, Identidade e Educação em Goiânia. Anpuh-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História, **Anais...**, Recife, 2019a.

SOUZA, Rildo Bento de. **O Museu, a estátua e a cidade**: leituras sobre o patrimônio em Goiânia. 5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais. Goiânia, UFG, 2019b.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. O problema da mudança da capital. *In*: BRASIL. **Goiânia, coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição para o batismo cultural de Goiânia**. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

WILLIAMS, Raymond **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ANTES DA VISITA (AULA-PASSEIO)



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: “A imagem de Goiânia”. Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): _____ 9º

ano _____

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

2. **Como descreveria a cidade em linhas gerais.** O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

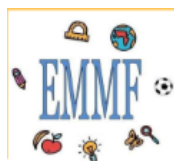
6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – **Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.**

Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APÓS A VISITA

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: “A imagem de Goiânia”. Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): _____

Turma: _____

Você é de Goiás? _____ Nasceu em Goiânia? _____ Mora aqui há muito tempo?

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...
4. Visitamos esses lugares...
5. **Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:**
 - a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?
 - b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...
 - c) No museu... foi ou foram...
 - d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....
 - e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....
6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..
7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
8. **Espaço livre** para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia.
(O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)
9. **Desenhe o mapa** (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)
10. **Para entregar!** Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS ANTES DA VISITA DE ALGUNS ESTUDANTES



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): Maria Eduarda Lima 9º ano A

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Edifícios e comida típica, como a Pecuária de Goiânia e parques com picni e etc.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia é uma cidade que tem muitas coisas diferentes tanto para passear quanto para sentir a experiência.

Tem shows em praças e vários lugares diferentes para ir como shopping, restaurantes com comida típica e vários outros entretenimentos.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Shopping Homburg - 44 - Praia Hippie - Praça - Academia

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Não. Não é inseguro mas sempre em pedestres.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Shopping - Academia - Praça - Parques - praças - restaurantes

-
-
6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

O parque Flomboyant, muito lindo e tem que ser muito preservado para evitar poluição

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Não lembro da Praça.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Diene Diqueira Nunes 8º ano A

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

De uma cidade onde nasci, onde mora
as comidas típicas como pamonha
aquele jantinha, quentinha com espeti
nhos de nsitinha, os locais por onde

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia feminino de Goiás, é a capital
do estado de Goiás, ela foi planejada
a partir de um projeto urbanístico
es específicos com grande influên
cia nos estilos de arte deis. Sua
construção ocorreu entre 1933 e 19
42 e foi um importante marco para
o povoamento do estado de Goiás. Na
atualidade, Goiânia possui mais de 1,4 milha

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar? de habitantes

Escola, casa, centro da juventude,
mercados, praças, restaurantes

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

geralmente me sinto segura, mas quan
do vou a lugares mais longes de
onde eu moro ou não circulo muito
pequenos principalmente sozinho eu
fico um pouco com medo mas isso se de

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

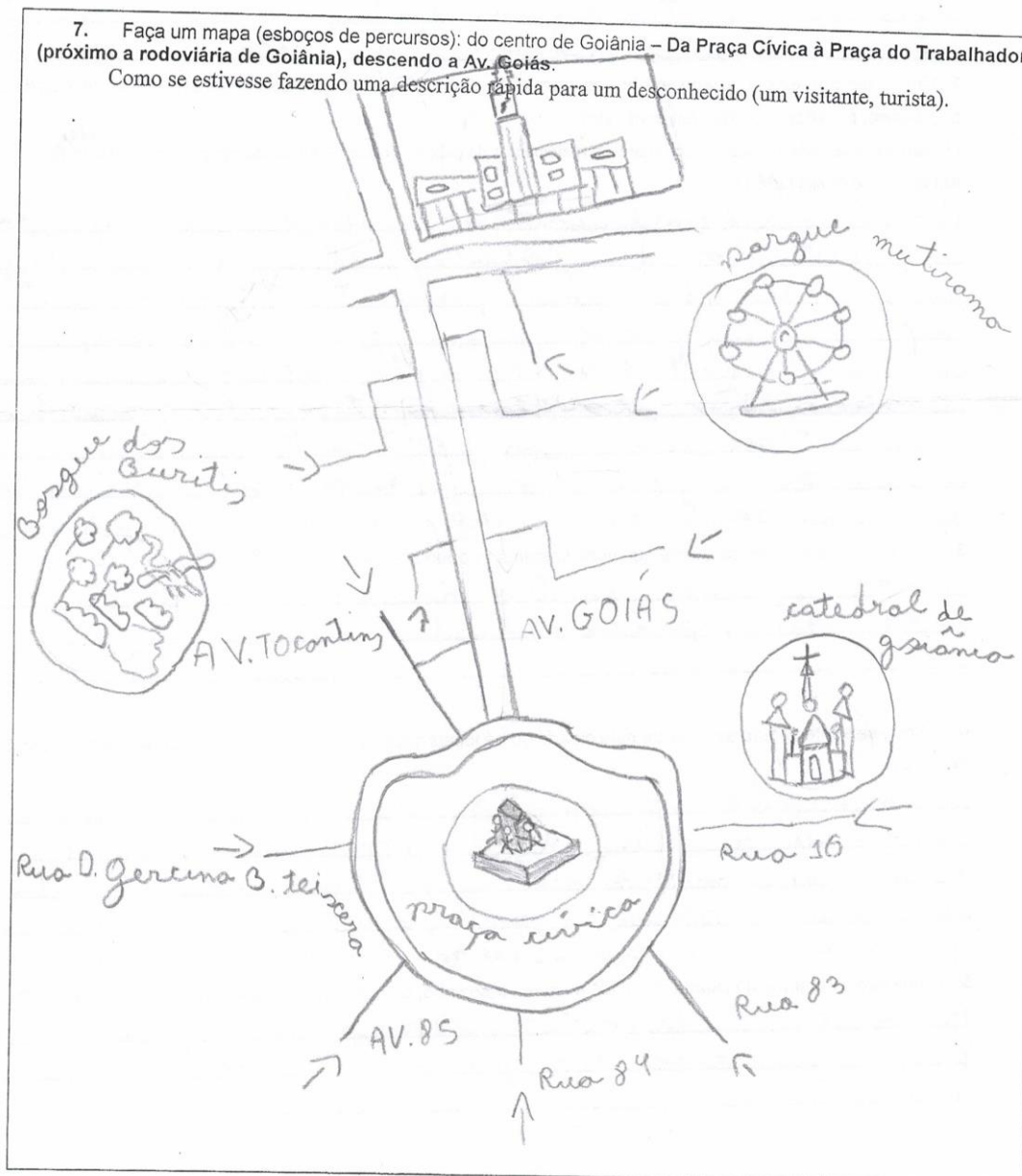
Bosque dos Burutis, shopping, cinema
44, comércio em geral, praças, mutirão
ma, etc.

11 ou uocod se

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

As estações ferroviárias que tem pela cidade

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).





ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Mario Rita

9º ano C

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Uma cidade grande, movimentada, famosa pela comida, pontos turísticos, a cidade do sertão, meus restaurantes favoritos, sorveterias, a praia Rip it

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Passa, porque meus lugares favoritos hoje, foram meus lugares favoritos na infância, os prédios que mais gosto ficam no setor Oeste. O shopping Paroís das águas foi onde fui assistir meu filme favorito de infância, adoro o trajeto que faço todo o sábado para meu curso, porque passa pelo lago das Rosas e perto do casa da minha mãe, e pelas praças que eu costumava andar de patins na infância

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Sorveteria, Parque das Lagoinhas, Restaurante Libanes, Praça perto da minha casa, sanduicheria, Prédios do Setor Oeste, onde fica a casa da minha avó

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Não, por muitos lugares que passo, sinto uma certa insegurança, por exemplo, para ir para a casa da minha tia passo por muitos terrenos baldios, uma praça suja e abandonada, outra também é o terminal Novo mundo.

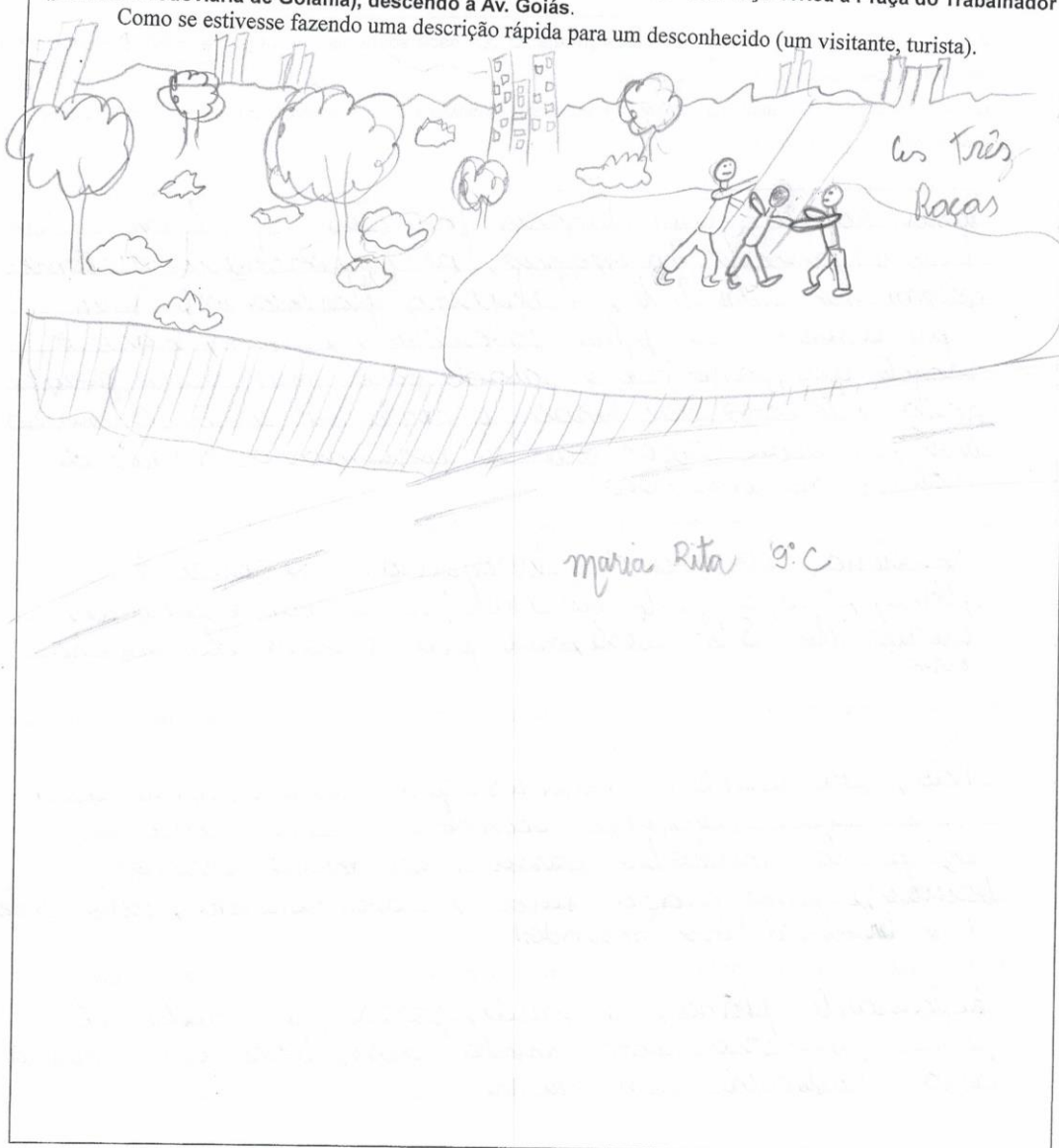
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Restaurante Libanes, pizzaria, praça para andar de patins, sorveteria com minha mãe, teatro com minha irmã, McDonalds com meu pai.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que deveria ser preservado.

Lago das Rosas, um lugar lindo, relaxante, progressivo, romântico, livre de tumultos, maravilhoso para passar o tempo com a família, amigos, seguro e bem localizado.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia - Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás. Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).





ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Patric Gurgel Rocha 8º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Imediatamente eu lembro do Estado "Serra Dourada".

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Eu não sei de nada sobre esse assunto. Mas eu vejo Goiânia como um importante cidade para o Goiás e para o Brasil, por seu Grande Parque.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

O shopping Flamboyant, o parque Flamboyant, o Centro, o estádio da Goiás FC, o Estádio do Atlético-GO etc.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

De forma mais ou menos pela BR mais ou menos, pelo trânsito ser muito pesado, logo se for meu irmão não por ter muito vilas, divisa de Torcida organizada etc.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

O Parque da VP, em estódios e outros lugares.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

A estatua da 3 Rãs.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.

Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Pior que eu não sei o caminho entre essas duas praças.
Porque nunca fui lá.

Pietro Rocha
8º B



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): Maryama Nascimento Silva 9º ano C

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Me lembro pra das comidas como pamonha, pequi, galinhada, feijoada etambem me lembra roça, campo.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Sei que nossa cultura e muito legal as danças, a musica, a arquitetura tudo e unico nós tambem tem muitas lugares historicos.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Clube, cinema, shopping entre outros.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

E me sinto seguro em minha casa.

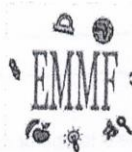
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

E não vou nos lugares sozinho

-
-
6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Praça Cívica ou um museu.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Kauã Marques da Silva Mendes 9º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Uai, a cidade que eu moro.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

A Goiânia é uma cidade pensada e o lugar que eu gosto porque ando pela meus bairros com meus amigos.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Shopping Ibeloyant é pra lado do centro é uma pizzaria aqui perto.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

me sinto seguro na luz do dia de noite me sinto inseguro pois não tem polícia na praça da vila pedreira.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

pizzaria marinera.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

O bosque e o posto do residencial paulo estrela

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).



Kauiã Marques 9º B



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): João Victor C. 9º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

felicidade o lugar onde eu me desentolhi
criei laços e é esse o começo

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

eu não sei da história da cidade
mas eu sei dos tipos de igrejas
as coligadas muito raras e calma
sem muitos prédios e um pequeno mas
a Vila pedreira

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

a praça da vila pedreira a praça
perto de casa a casa dos meus
amigos

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

seguro mais e melhor porque quase
morri um monte de vezes mais na minha
região e seguro por que lá é muito
calma

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

com os amigos agente vai para todo
lugar lá na cidade como concordia
Paula estrela entre outros

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

comercio de roupas esportivas
modificadas e antigas

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

eu fui lá há muito tempo aos 8 anos
não lembro muito



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Winiçius Dias Fernandes 9º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Para mim Goiânia me lembra chacaréis
enormes com vacas, bois. Também tem muitas
comidas típicas como: pamonha, pequi, galinha
de arroz, frango e pequi. E musicos sertanejos.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia é uma cidade de paz, onde tem lugar
para todos os gostos, para você se tranquilizar
lugares com muitos históricos e famosos
que cresceram muito a partir de Goiânia.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Igrejas, praças, shoppings.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Tem lugares que me sinto muito seguro
como os praças, lanchonets, mas também
tem lugares muito perigosos como o centro
sendo viscos de ser assaltado.

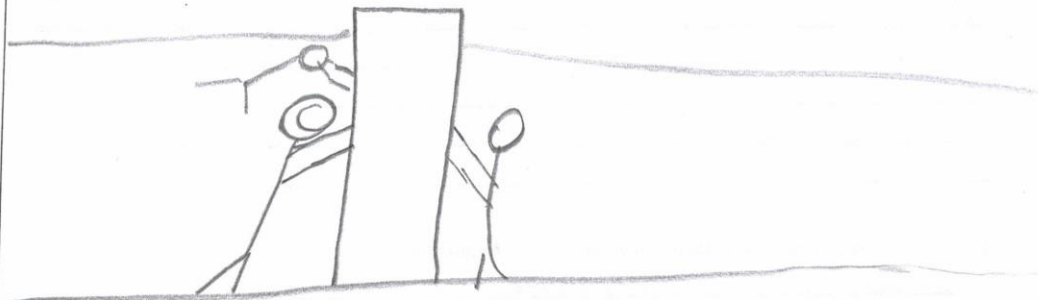
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Academia, igreja e restaurantes.

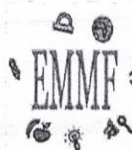
6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Estádio de futebol em leurodo.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).



Winiçius Dias 8ºB



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): Lmanda Bristiessy 9º ano C

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Veja o carro da pamonha, um Citro é R\$ 15 real, Barro sem seta, Versão Berranteiro e empadão...

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia é um município brasileiro localizado na região Centro-Oeste. A cidade é, além disso, um dos principais centros econômicos estaduais.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Praça do Projeira, Senador Banedo, Vila Pedrosa e etc...

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Eu me sinto segura porque tem polícia ao lado e tem o postinho.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Passeio das águas, Mutirama e Bol das novas...

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que deveria ser preservado.

Piqui e Ramonha.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás. Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Esboço de percurso: Praça Cívica - Praça do Trabalhador via Av. Goiás.

Descrição rápida para um desconhecido:

Este percurso começa na Praça Cívica, atravessa a Av. Goiás e termina na Praça do Trabalhador.

Observações: A Av. Goiás é uma das principais avenidas da cidade.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Eras

9º ano A

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

A capital de Goiás, a cidade que eu moro, sempre asfaltada;

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

O pouco que conheço se resume sobre a cultura e algumas pessoas. Romãmbia, Orla Doida e Cochapa são algumas comidas típicas. A única figura histórica que conheço é o Pedro Ludoviciano.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Shopping, Casa da minha avó e João Pessoa Centro de Treinamento de futebol.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização?

Por que?

Não. Alguns lugares tem muitos ladrões e traficantes.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Restaurante Sol Nascente.

-
-
6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Diversas praças pelas regiões. Se não tivesse alguma malha, seria ótima, pois tem diversos elementos que uma praça precisa.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Aghata Victoria Rodrigues da S. 9º ano B



Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Conforto, carinho e alegria.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Não me lembro.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Feira de quinta na Arceira, Cantinho Frio, Delícia - Vila Pedrosa.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Mais ou menos. Tem muito trânsito, fora que a maioria das goianos são mal educadas no trânsito.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Passeio das Águas, Shopping Flaboyant, Parque Flaboyant, Mutirama.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Jardim Botânico.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Sei não



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Emilly Victoria O. Delem Goncalves - 9º ano C

Antes da visita. Yes

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

agrio, pequ, eletro junk

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia é uma cidade muito boa, tem muitos prédios como o shopping público, estílios e etc, mas quando vamos viajar a cidade é ótima

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Shopping

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

nao, porque tem muitos assaltos e etc

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Mutirama, Sorveteria, Shopping



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Edmarcio Ferrero Gemes 9º ano B



Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Goiânia quer dizer exato, esse nome vem no
meu estado como cidade com uma cultura
mais mistica.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Cultura mais mistica com comemorações de
festas, costumes de folclore, Com. do Povoado
Pequeno, Jurema Caiçara

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Costumo ir nos lugares espalhados no meu viz
este Vila Rubens e ainda em meus.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Sim me sinto seguro no lugar de dia a noite
principalmente no bairro do Vila Rubens tem muitos
Bombas de álcool fumando drogas.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Costumo ir no Lago do Vila Rubens, com minha
família costumo ir no Parque Flamingo.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Não sei

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Não me lembro direito porque fiz muito tempo que fui lá



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): Ana Luísa Souza de Farias 9º ano 17

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Baixada, por conta da grande quantidade de leis.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Eu descreveria a cidade como um lugar diferente da comum. Cada canto significa algo para alguém e isso a torna diferente. Não conheço sua história.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Eu frequento o shopping, o centro esportivo, a escola.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Não. Por conta dos assaltos e os assédios.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Para acai, praças e o centro.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

O centro espirita Mães Unidas

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Não conheço a praça Cívica.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Arthur Santos 9º ano C

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Sim, que ela é uma cidade que
tem muito aqui e muito bonito

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Uma coisa que eu sei é que ela
é uma cidade muito bonita em geral
negócios e sobre os seus prédios e o hospital
de Goiânia que é o meu prédio que eu
mais conheço

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Escola e igreja

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Sim, porque eu sempre estou com
alguém.

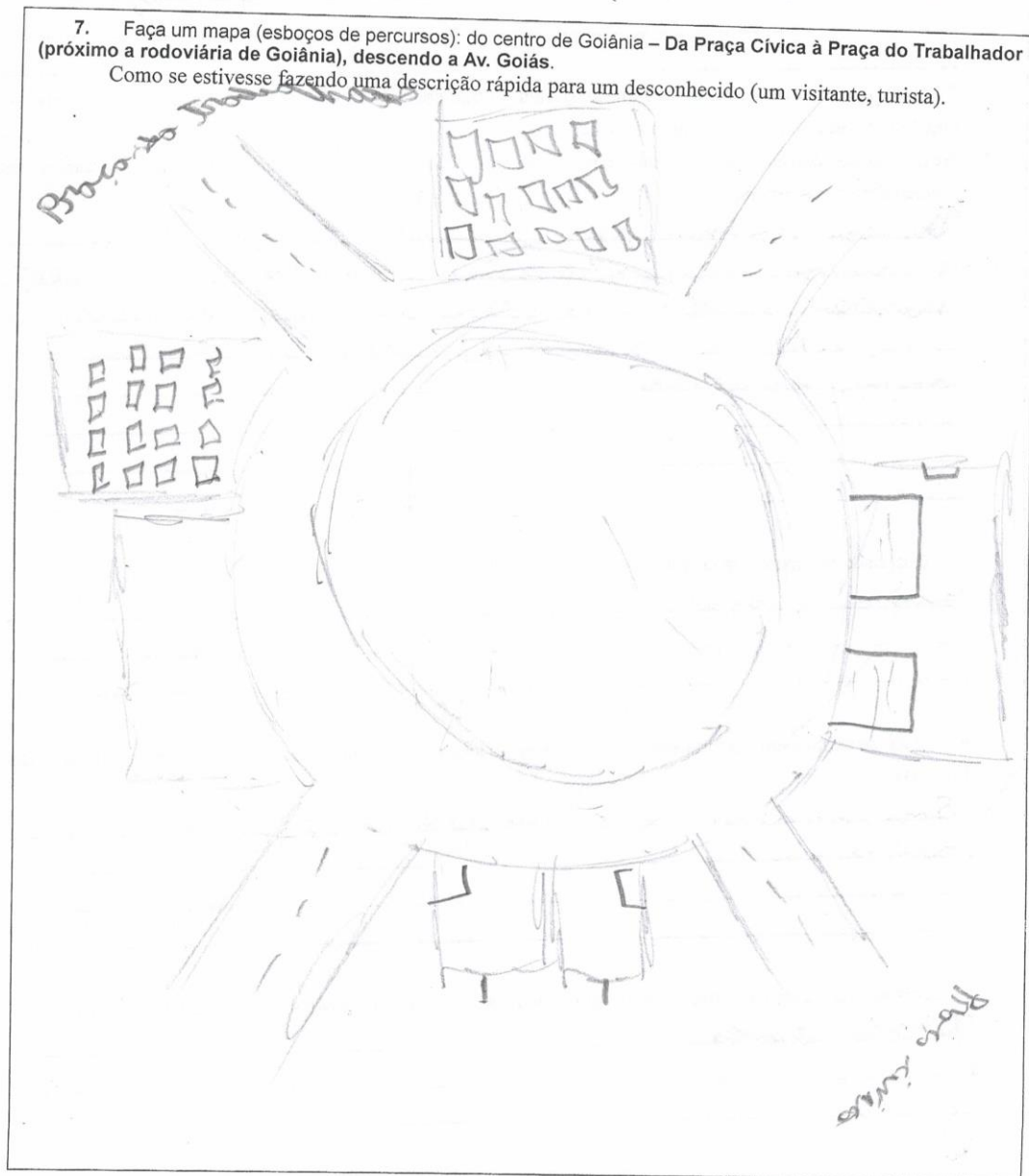
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Para ir visitar

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que deve ser preservado.

~~Arquitetura colonial~~

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás. Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).





ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Caio Gustavo Remy Do Siqueira 9º ano B



Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

A quantidade de times de Futebol

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

A minha cidade tem alguns bairros (Vila Pedro, Vila...

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Eu costumo frequentar muito o Campo de Futebol perto do meu casa

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Na região aqui eu me sinto inseguro muito quando vou com meu cachorro a noite e etc

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Eu gosto que eu vou mais sozinho e o quadro do Vila Pedro

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Parque Ita

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

Nunca fui no Praça Cívica



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Samuel Borges 8º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Futebol, a praça da Nila Pedrosa

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

É uma cidade de bonitas, tem o centro sendo o principal local de comércio, tendo o maior dos monumentos da Bandeira.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

A Praça da Nila Pedrosa e a escola E.M.M.F

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Parte da minha casa eu me sinto seguro, mas na Praça Nila Pedrosa a noite eu acho perigoso

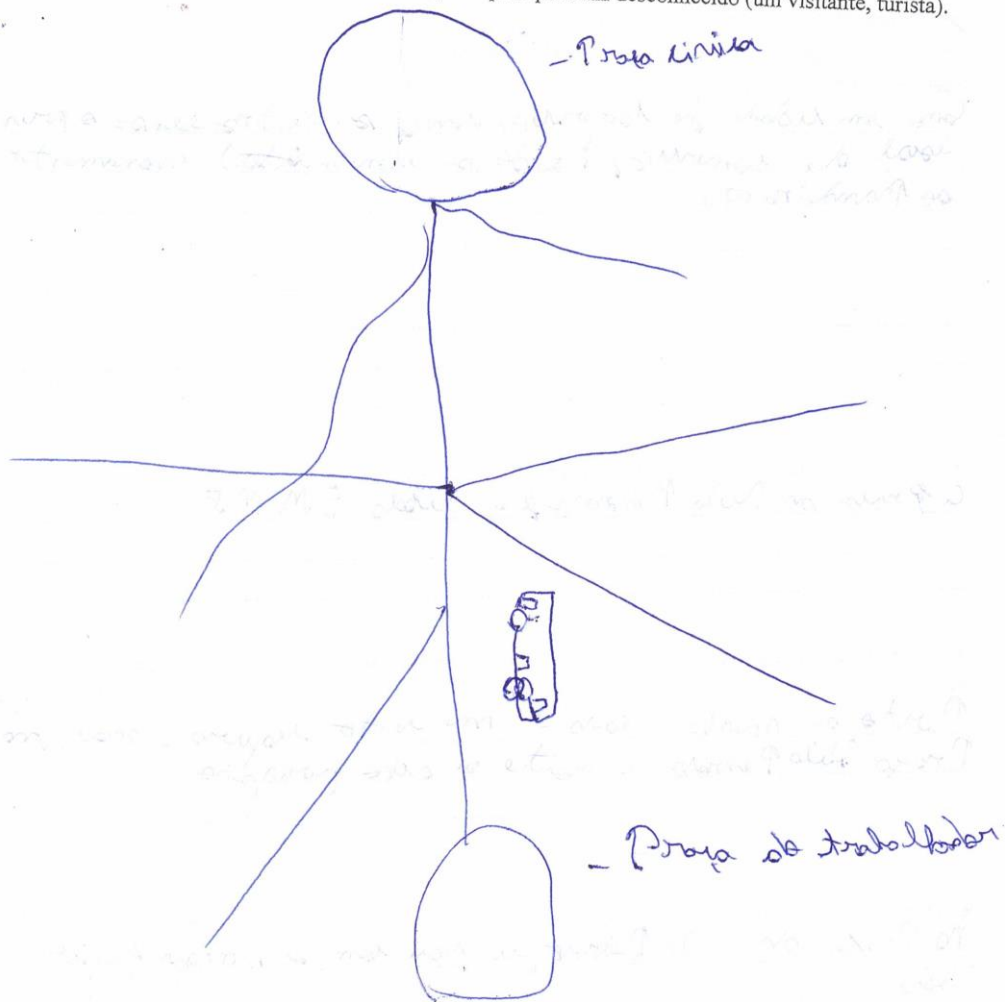
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

Na Praça da Nila Pedrosa, eu vou com os amigos fazer bola

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Multicinema / O antigo parque pi fui.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás. Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).





ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): João Victor Mascimato Figueira 9º ano B

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

casa ou conforto.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Mãe sei muito sobre a cidade minha her-
tória na cidade nasci e cresci e aqui
casar morar Mem bonita Mem Feia
pessoas na maioria legais figuração
quim policiais Mãe toda a cidade entre-
terimento na minha casa.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

a casa da minha Mãe e a Escola.

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

a cidade é segura de dia mas de noite
Mãe fique na rua sozinho.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

na cidade lugar nenhum.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

os pizzaria de Estrogama Fe

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

não sei onde fica ☹
nem como é.

João Victor Nascimento 9º B

Obs: Atividade realizada oralmente, sendo as respostas anotadas por mim, a professora regente. Aluno não alfabetizado.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): João Francisco de Souza 9º ano



Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Fe de manga, na frente da minha casa.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Pouca criança; tem praça perto de casa; onde vou.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

praça; e a quadra na casa; escola

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Sim. Perto da minha casa.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

praça

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

A quadra

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).





ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Evenc Gabriel J. dos Santos 9º ano C

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Eu lembro da História por trás da cidade.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Arboreto, teatro germano, Praça civica, e Praça dos Tradicionais

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

Shopping e meu Bairro.
Praça das águas

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

mesmo uma cidade com mais de 4 milhões de habitantes
eu me sinto segura em certos lugares.

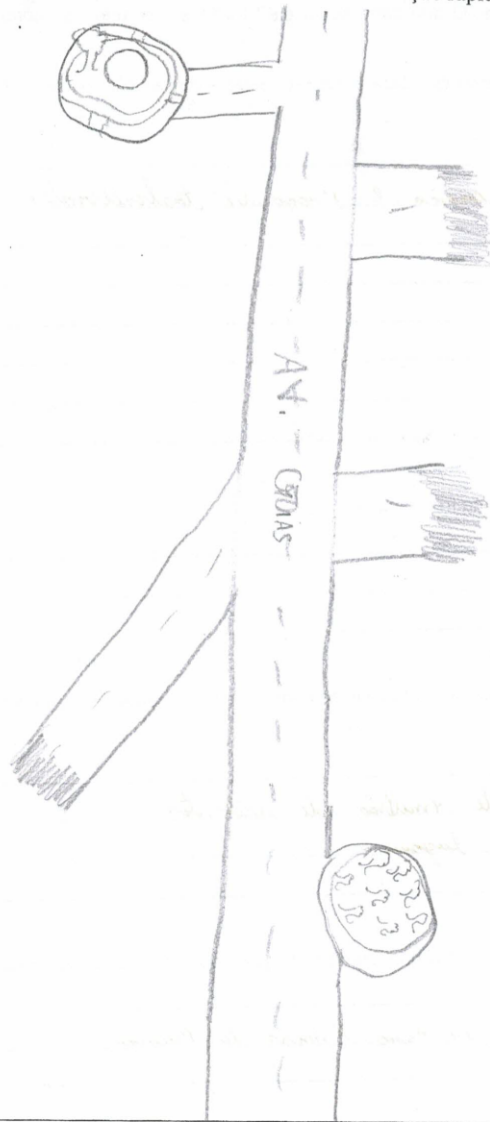
5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

com os amigos eu costumo a ir para Praça de Bomma.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

Estádio Serra da Mesa.

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás.
Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).



Isaac Gabriel 8º C



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): David Wilton da Santa Helena 8º ano A

Antes da visita.

1. Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente que simboliza a palavra para si?

Para mim, lembro uma cidade excluda de Goiás.

2. Como descreveria a cidade em linhas gerais. O que sabe sobre ela? Sua história, prédios, monumentos, arquitetura, pessoas, cultura, costumes, etc).

(Se não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história).

Goiânia uma cidade que está crescendo com passar do tempo. Não sei falar as estruturas nem a história dela mais como cidade com grande significado. Goiânia é uma cidade com muitos cursos, o trânsito é muito movimentado de pedestres.

3. Quais são os lugares da cidade que você costuma frequentar?

4. Você se sente seguro ao transitar pela cidade ou há locais onde se sente inseguro acerca de sua localização? Por que?

Sinto seguro pois a movimentação religiosa é frequente.

5. Quais são os lugares da cidade que você costuma ir sozinho, com os amigos e/ou com a família para lazer?

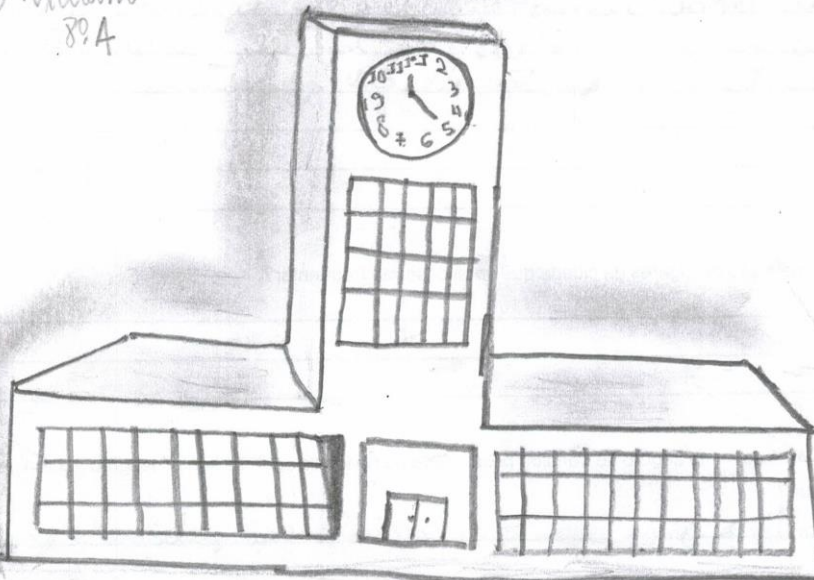
Em praças, lanchonetes e lojas.

6. Cite um elemento na cidade que você o considera como favorito e que se você pudesse o tombaria como um patrimônio que devesse ser preservado.

eu tenho mais um mais tudo todos os pontos pontos de Goiânia

7. Faça um mapa (esboços de percursos): do centro de Goiânia – Da Praça Cívica à Praça do Trabalhador (próximo a rodoviária de Goiânia), descendo a Av. Goiás. Como se estivesse fazendo uma descrição rápida para um desconhecido (um visitante, turista).

David William
89A



APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS DEPOIS DA VISITA DE ALGUNS ESTUDANTES



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Bruno Eduardo Rodrigues dos Santos 8º ano B

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

Eu acordei cedo fui tomar banho me vestir, fui para praça esperar e portão da escola abriu, quando abriu fiquei na sala conversando com meus amigos que são das outras turmas (8ª, 9ª) o professor nos chamou para ir no ônibus tiramos fotos na frente do ônibus.

No ônibus eu e meus amigos, (Lara Louisa, Edson, Gabriel, Samuel Souza) fomos no fundo do ônibus foi muito divertido, vimos várias pontos que muitas pessoas conhecem um desses foi o estagio de vila nova, foi muito bom!

Quando chegamos na praça cívica o primeiro lugar que visitamos foi o museu depois fomos ver o monumento das 3 raças estatueta de Pedro Ludovico e o Palácio das Esmeraldas e depois fomos para casa de Pedro Ludovico.

o que mais me chamou atenção e museu da casa de Pedro Ludovico, foi bem legal ver tudo da casa dele e como era os objetos naquela época e me chamou atenção da sala de Pedro Ludovico, com o fuzil a máscara de escrever e aquela máscara com o rosto dele após a morte dele escolhi esses porque eu gostei muito. Antes de ir visitar eu não ficava muito surpresa com as imagens pois via na internet, agora que vi sinto que foi uma das melhores visitas que fiz por ver uns pontos antigos e visitar e conhecer além de ser divertido.

foi um lugar com aprofundado.

Eu gostei de tudo que tive naquela visita de estar com os amigos conhecer mais sobre a fundação de Goiânia, conhecer uma das primeiras construções de Goiânia, visitar a casa do Pedro Ludovico foi uma das melhores visitas, caminhada também foi muito boa espero que esse tipo de passeio aconteça mais vezes na escola, mas foi só eu que me foi a minha mãe, nós amamos muito e agradecemos por isso, e esperamos mais passeios como este!



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Gyfford Victor feliciano de Brito 8º ano B

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

Ce minha visita ao centro de goiania foi de mais lindos
 lugares que eram bonitos eu acordei cedo e fui me
 preparar pra ir mais peguei sem reais que meu
 pai mudou e comprei de comida e fui no metrô
 tinha muita gente mais senti perto dos meus amigos
 quando cheguei na praça tinha muitas coisas
 legais e vi um casarão e uma casa histórica e além
 vi uma estátua visitamos lá por ser um lugar
 interessante e legal e que mais meu minha atenção foi
 a estátua escolhi ele por ser lindo e muito bonito e
 ser difícil de ser feito e eu nem imagino a qualidade
 e os detalhes e acham que no centro de goiania
 não era eu nada reparando mais era bonito
 e legal.

eu gostei de ficar vendo e passando por
 toda a cidade tinha muitas coisas e eu gostei
 ficaram cansado mais muito bom
 foi top e aprendi que é bom ter história
 para ler e aqui lá foi tudo falando e eu
 vou de novo quando tiver mais eu gostei
 do museu e da escultura que fizeram um
 homenagem a ele eu gostei muito.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Margarida Mano da S.P. 8º ano C

- 1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
- 2. No ônibus...
- 3. Quando chegamos na praça cívica...
- 4. Visitamos esses lugares...
- 5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
- 6. Escolhi esses elementos por que...
- 7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
- 8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
- 9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
- 10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo, no ônibus fui vendo várias coisas, casas, prédios, lojas, quando chegamos na praça cívica, exploramos a praça, vimos o museu góiano, o palácio das Esmeraldas, monumentos das três raças, o monumento do Pedro Ludovico e outros monumentos, várias fontes de água, várias árvores.

Visitamos o museu Pedro Ludovico, a praça dos Bandeirantes, a antiga ferrovia que hoje é conhecida como praça dos Trabalhadores.

O que mais chamou minha atenção foram o museu de Pedro Ludovico, pois o que chamou atenção nele foi os detalhes e nele tem muita coisa de Goiânia e de sua história.

Antes de eu ir eu não imaginava que a história de Goiânia era tão marcante, agora eu sei como a história de Goiânia é importante para seus habitantes e o quanto sua história foi marcante.

Foi incrível passear pelas ruas do centro de Goiânia conhecendo o que eu ainda não conhecia.

Gostei de tudo de cada detalhe, desde do ida até a volta e foi tudo muito interessante e como Goiânia cresceu desde sua fundação.

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Marisa RitoTurma: 9º CVocê é de Goiás? Sim Nasceu em Goiânia? Sim Mora aqui há muito tempo? Sim

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

No arruama, comprei meu lanche, fui para a escola e encontrei minhas amigas super animadas. conversamos, ficamos uma 40 minutos na sala esperando o ônibus, quando ele chegou saímos correndo da sala com um monte de comida e oniversos

2. No ônibus...

Chegamos no ônibus, sentamos todas juntas, colocamos música na caixa de som comemos um pouco, brincamos, tiramos fotos e desercamos por onde passamos.

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

O palácio das Esmeraldas pois é um monumento gigantesco, imponente, com arte, cores, pinturas verde marrom e dourado e pinturas nos vidros de como era Goiânia antigamente, a pintura tem pequenos pontos brilhantes porque a tinta verde contém pó de ouro.

4. Visitamos esses lugares...

É foi uma manhã incrível, além de conhecer toda a história da cidade, as personagens dessa história, também foi muito divertida, passamos por lojas de doces, a gente até quis comprar mais estavam atrasados, praticamente a prof expulsou a gente, mas foi muito engraçado, e todo mundo se divertiu muito

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram)... Por que?

As três raças e o palácio das Esmeraldas. porque as três raças representam as três etnias - que deram início ao povo brasileiro, o preto e Branco e o indígena, o branco de calça mostarda de certa forma sua superioridade o preto e o indígena com, sem nada mostrando a desigualdade e o racismo

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

Indo para a casa, nós encontramos os guias turísticos que nos contaram tudo sobre o histórico da casa, sobre o Pedro

c) No museu... foi ou foram...

Muito interessante, uma noite vintage com uma história emocionante e um ambiente carregado de significado

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

Vimos os bustos de grandes Heróis e pessoas importantes, vimos o Granade Hotel e Relógio etc. Passamos por lago de pedra, pela feira e lugares que se modificaram muito ao longo dos anos

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

Vimos o Mario Fumaga, o museu onde os trabalhadores esperavam o trem, por isso a praça ganha esse nome, por conta dos trabalhadores.

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

Bem, eu já conhecia um pouco sobre o histórico de Goiânia, mas não conhecia muito os lugares turísticos os fundadores, os lugares onde nasceu o surgimento de Goiânia etc.

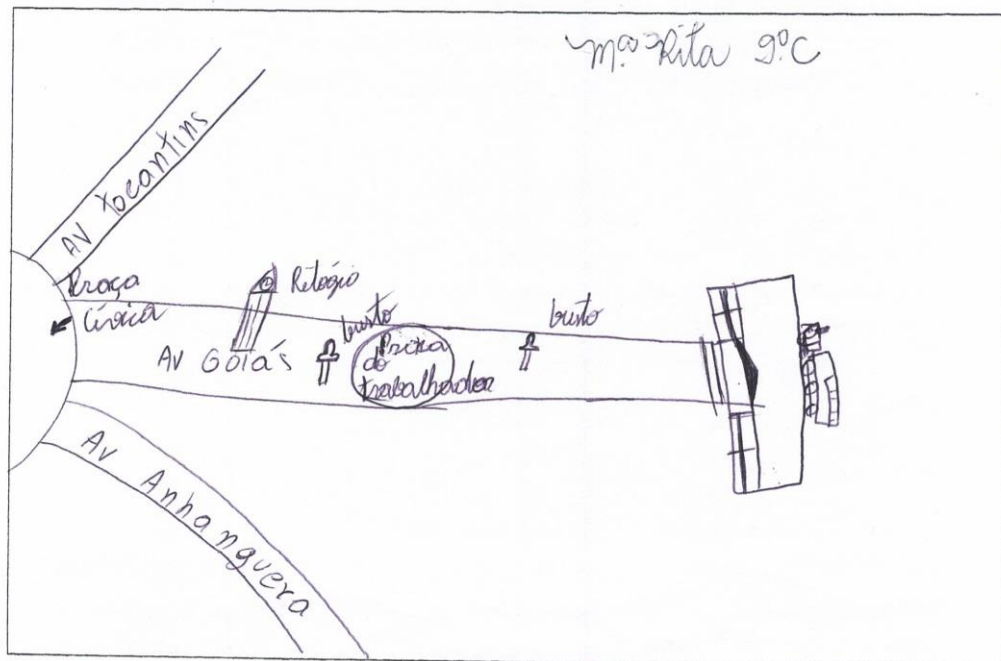
7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

Muito satisfatório, porque eu só passei de carro e nem prestava atenção e desta vez eu estudei e observei tudo sobre.

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia.
(O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

Foi a casa de Pedro Ludovico. Sim, descobri sobre a fundação de Goiânia. Sim, com essas imagens foi bem mais enriquecedor. Andar muito no sol, comi o pão de queijo e tortura. Sim, se não tivesse que andar tanto.

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Analiz Jimenez ★ 8º ano C

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

1º: Eu acordei cedo, fui tomar meu banho, me arrumei, preparei minha mochila e fui para a escola esperar o ônibus.

2º: No ônibus, senti ao lado da minha amiga e fomos tirando algumas fotos, logo, lanhamos e ficamos olhando a vista.

3º: Tive inúmeras fotos dos monumentos e tirei poucas fotos do Palácio das Esmeraldas, que eu achei a estrutura muito interessante.

4º: Museu Pedro Ludovico, Palácio das Esmeraldas, passamos em frente ao Grande Hotel, passamos pelas estátuas do Pedro Ludovico, Monumento das três roças, e a antiga estação de trem de Goiânia onde vimos a Maria Jurema.

5º: O Museu Pedro Ludovico e a estação de trem

6º: A Casa do Pedro Ludovico era bem interessante, tanto pela arquitetura decó quanto pelas mistérios de lá. Gostei da Estação de trem pela a Maria Jurema.

7. Antes eu pensava que era apenas uma cidade comum, mas depois de ver sua história fiquei bem impressionada, sabendo que inicialmente era só uma cidade para 50.000 pessoas e que atualmente tem mais de 1M.

8. Foi bem divertido, saber a história da cidade que eu morei é bem legal

9. O que eu mais gostei foi de fazer isso com meus amigos, foi super divertido cominho pelo e Centro de Goiânia com minha amiga, foi um artigo minha parte favorita

[Faint mirrored text from the reverse side of the page, appearing as bleed-through.]



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Heitor Borges Ferreira da Paz 8º ano B

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, no dia anterior comprei lanches para levar e no dia seguinte acordei, troquei de roupa, peguei minha mochila com os lanches e fui para a escola, chegando na escola todos os alunos que iriam ao passeio ficaram em uma sala e tivemos um momento de conversar com nossos amigos de outras salas.

No ônibus, foi uma viagem só, sentamos perto dos nossos amigos e brincamos muito, distendimos os nossos lanches e preparamos as coisas pois estavam perto de chegar na praça cívica.

Quando chegamos lá na praça cívica tentamos visitar o Museu de Goiânia mas não conseguimos pois estava fechado depois visitamos a estátua dos três Rios onde ficamos lá para saber um pouco da história da cidade, depois fomos até o palácio das Esmeraldas conhecer e ver as pinturas da siderurgia de lá. Depois andamos mais um pouco e conhecemos as antigas ruas mais velhas de Goiânia e conseguimos ver de perto como elas são conservadas e ficamos um bom tempo conversando com o professor e amigos sobre essas coisas.

Retornando a rua já conseguimos voltar a casa

de Pedro Sudorico Teixeira que em 2012 tirou um capote e entrando lá já deixamos as nossas machilas lá fora e as guias já foram separadas em duas turmas uma turma para cada instrutor e nisso depois de conhecermos toda a casa com a ajuda das guias ainda tivemos o privilégio de conhecer o neto do Pedro Sudorico seu Luis que é muito simpático e nos tirou várias dúvidas.

Depois de conhecer o museu e a noite do seu Pedro Sudorico sublinde e sua em direção a Cui. Gaião e lá também tivemos vários pontos e andámos até a final dela chegando ao espaço do trabalho onde que aprendemos muito sobre também.

E quando chegamos ao espaço do trabalho já existiam os similares do outro lado da galeria para irmos embora e o que mais me chamou a atenção na visita foi a obra de Pedro Sudorico tendo obras intactas a mais de 50 anos atrás porque era algo só foi ser um museu em 2012 então se foi só nesse ano que lá colocaram museu nos anos anteriores já não era para ter mais nada de objetos, protótipos, eletrodos, metálicos, etc.

Antes dessa visita ao centro de Gaião eu pensava que a nossa cidade não tinha tantas histórias para contar mas agora depois dessa visita descobri que a nossa cidade tem uma variedade de histórias a serem contadas e que todas nós devemos valorizar. Foi muito bom ter passado pois agora tenho memórias com os meus amigos e professores que jamais serão esquecidas.

Fizti muito da variedade de conteúdos que aprendi nesse passeio, queria agradecer a professora Ana Paula por um momento que eu nunca vou me esquecer e fotos marcantes também, obrigado professora.

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Nicolau Augusto do Carmo Turma: 8º CVocê é de Goiás? Sim Nasceu em Goiânia? Sim Mora aqui há muito tempo? Sim

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

Escolhi a minha roupa, vesti a roupa, peguei meu cabelo, peguei perfume, peguei meu boné para o passeio, fui para escola e chegando na escola entrei no ônibus.

2. No ônibus...

Entre no ônibus junto com meus amigos muito animados para ver as estações e museus, conversamos no ônibus sobre o passeio e chegamos na praça cívica.

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

As fontes d'água, o monumento das três raças, o Palácio das Esmeraldas e o arte deleto.

4. Visitamos esses lugares...

Praça Cívica, Museu Pedro Ludovico, Cas. Goiás e as antigas Estações ferroviária.

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

A arte deleto, pois esse estilo tem formas geométricas que é diferente de outros estilos de arte e se destaca muito no meio delas.

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

Cur. Goiás, Pois ela é centralizada
com a Praça Cívica e Cortes e as demais
estatuas na Cívica.

c) No museu... foi ou foram...

Os Elementos dos anos 50 e 60, Pois eles
são muito diferentes dos elementos modernos

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

Cur. Paraná, Pois ela corta a Cur. Goiás
e outras avenidas.

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

Cur. Goiás, Pois ela está na Antiga
Estação Ferroviária.

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

Antes: Um local que onde começou Goiânia.
Agora: Um local cheio de história para contar
e pretendo visitar de novo e visitar alguns
museus nesse lugar que não deu para visitar
na primeira.

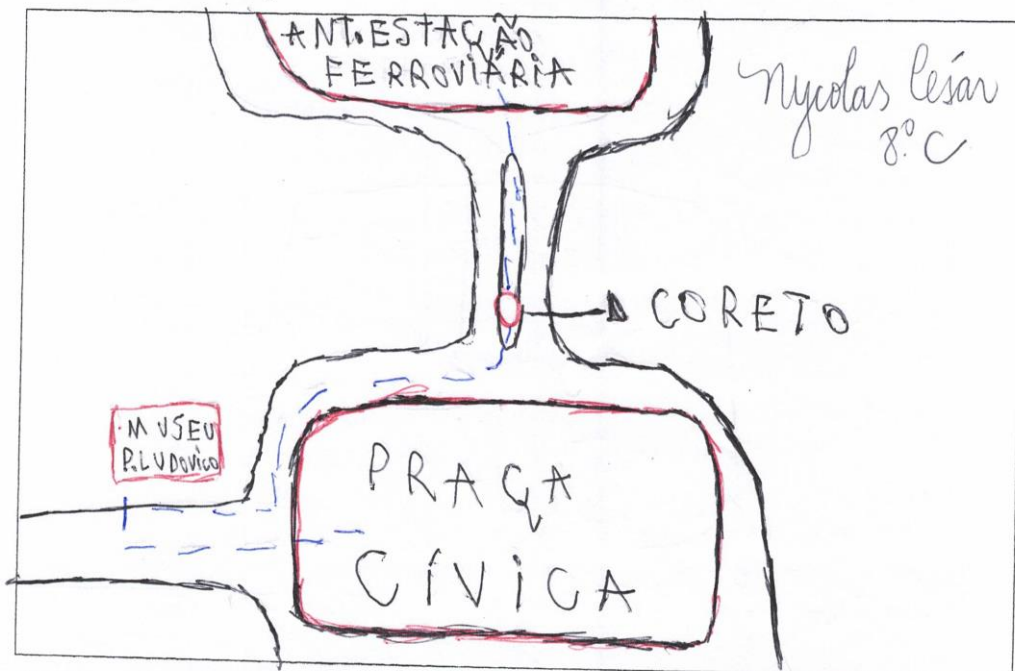
7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

Foi incrível, pois agora conheço mais sobre a história de Goiânia, e eu quero me aprofundar mais nessa história.

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia. (O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

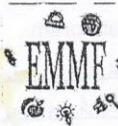
Da praça Cívica, o Museu Pedro Ludovico, aprendi mais sobre a história de Goiânia. A Praça Cívica e o Museu Pedro Ludovico. Pode melhorar a praça Cívica com um lago, jardins, pois está cheia de placas nas estações, principalmente no Monumento das Três Raças.

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Brayson J. Fontenele Turma: 9ºCVocê é de Goiás? Sim Nasceu em Goiânia? Não Mora aqui há muito tempo? Quase

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

Levantei, me vesti, fui para a escola, lanchei, entramos no ônibus e fomos para o centro, visitamos a praça cívica, a avenida N. Kaion, até a praça do trabalhador, lá pegamos o ônibus de volta.

2. No ônibus...

Eu cansei, conversei, tiramos fotos, ouvimos música, foi muito legal.

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

O monumento das Três Raças, o palácio das Esmeraldas e a grande estátua de pedra basáltica em um cavalo.

4. Visitamos esses lugares...

A praça cívica, o palácio das Esmeraldas, a casa de pedra basáltica, a Av. Kaion e a praça do trabalhador.

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

Na praça cívica foi o palácio das Esmeraldas.

b) Na casa de pedra basáltica foi a televisão.

c) Na praça do trabalhador foi a Maria Fumaca.

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

Foi uma loja Maçonica, uma lancharete, um loja chinês e algumas fontes de água que foram.

c) No museu... foi ou foram...

As bancas, a marcara mortuária, as aparelhos da imaginação, a geladeira, os itens médicos de Pedro Ludovico e a grande piscina.

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

Uma loja Maçonica, uma loja chinês, alguns morando lá, um terminal de ônibus um construído, plantas arbores e várias lojas e prédios.

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

Foi a marinha fumaca, o hotel, a torre e um museu que observei pela janela.

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

Antes era um local sem importância e depois da visita eu vejo que é um lugar cheio de história e bem legal.

7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

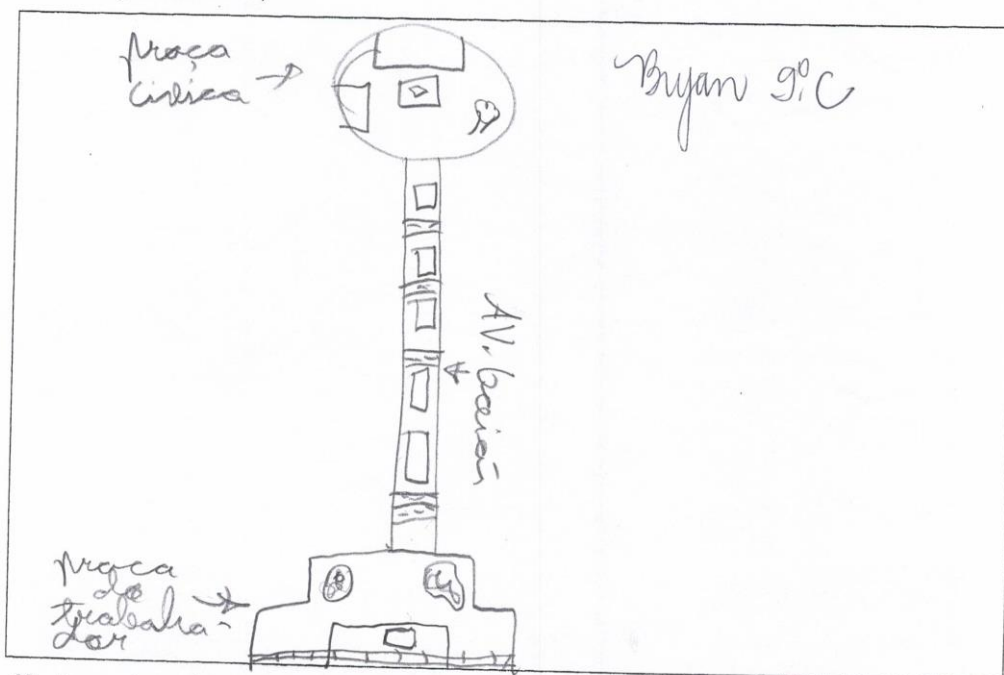
Muito legal e interessante, conhecer mais a nossa capital.

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia.

(O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

Eu gostei de praticamente tudo, aprendi muitas coisas sobre a história de Goiânia a parte mais legal foi a visita ao museu, não teve parte ruim, poderia ser melhor se tivesse mais tempo.

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Galil Silva de Sousa 8º ano C

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi legal e curiosa, acordei bem cedo para me arrumar para ir ao passeio.

2. No ônibus fiquei conversando com meus amigos sobre Goiânia e a visita, enquanto o resto da turma ficava contando novidade.

3. Quando chegamos na praça cívica vimos várias obras históricas e ali o Pedro Ludovico Teixeira.

4. Visitamos o Museu Goiano, o monumento dos 3 rios, o palácio dos embaixadores, o Pedro de Camargo de Almeida, a casa do padre e a praça do trabalhador.

5. O caso do Pedro Ludovico e o palácio dos embaixadores.

6. Parque achei esses lugares bonitos e com histórias mais interessantes.

7. A minha ideia antes era um local com um chás de legumes etc. mas depois vi que era um local muito histórico com vários outros atrativos.

8. Foi muito legal, conheci muita coisa sobre locais históricos.

9. Aquilo que eu mais gostei foi de visitar a casa do Pedro Ludovico, achei muito interessante a praça

do trabalho e grande destaque na pesquisa técnica.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Luana Silveira de Almeida 8º ano C

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.

10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

1 A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo; tomei banho, me troquei e fui para a escola, e fui para lá com o espaldando nos chamaram para entrar no ônibus.

2 No ônibus: entrei junto com os meus amigos de outra escola e sentamos no fundo do ônibus, que conversamos nos brincamos, conversamos, tiramos fotos, cantamos, ouvimos música, e também lanchamos, a professora até chamou nossa atenção por estar sentado perto da janela do fundo, por que ela queria fotos, até fiquei com medo.

3 Quando chegamos na praça cívica: a professora nos explicou sobre o lugar, até pedi o celular de meu amigo para tirar fotos da praça, que por sinal sempre admi muito bonito.

4 Visitamos esses lugares: praça cívica, museu Pedro Ludoviciano, palácio dos comendados, monumento dos 3 erangos, praça do trabalho.

5 Os elementos que mais me chamaram atenção foram: o monumento dos 3 erangos, o palácio dos comendados e o museu Pedro Ludoviciano.

6 Escolhi esses elementos porque: achei os detalhes desses lugares muito bonitos.

7 A minha ideia sobre o centro de Goiânia era assim

antes da visita, e agora: Antes da visita visito certos lugares de economia que eu não conhecia e sabia muito pouco, e agora conheço vários lugares importantes e também fiquei sabendo várias coisas legais.

8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local? Achei muito legal e interessante, além de eu ter aprendido coisas em sala, também aprendi muito na visita.

9. relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade. O que eu mais gostei na visita foi a parte em que conhecemos o museu Pedro Scliar, achei os móveis e os detalhes da casa muito interessante, adorei conhecer porque nunca tinha ido lá antes.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Juliana Rocha Santos 8º ano A

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo, me arrumei, comei, arrumei minha mochila e fui para a escola. No ônibus foi muito legal, eu fiquei conversando com a minha amiga e caminhando toda.

Quando chegamos na praça cívica, visitamos o museu goiástico, a estatua das três raças, o palácio do governo, a estatua de Pedro Sanches Teixeira encima de um casarão. Fomos no museu da casa de Pedro Sanches Teixeira, conversei com o neto dele, e vi toda a casa do Pedro.

Os elementos que mais me chamou a atenção foi o museu goiástico e a estatua das três raças.

Eu escolhi esses elementos porque eu achei muito legal a estatua das três raças e o museu.

A minha ideia era que ia ser muito chato e nada ia me impressionar e meu sentimento sobre o centro de Goiânia era que eu não sentia nada, e agora eu acho legal.

Foi muito legal transitar pela cidade conhecendo mais a história local.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a):

Elisa Souza Martin

8º ano

C

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo e me arrumei e fui para a escola. No ônibus foi até tranquilo e confortável. Quando chegamos na praça cívica a professora explicou o trajeto e um pouco sobre a praça. Lá visitamos esses lugares: o Museu Goiano, os 3 ramos, Palácio das Esmeraldas, uma estatua de Pedro Ludovico Teixeira, a casa que foi de Pedro Ludovico Teixeira e hoje é um Museu, o Bandeirante, o Grande Hotel, a estação ferroviária.

Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram: o Bandeirante, os 3 ramos e a casa de Pedro Ludovico em J. Carlos. Escolhi esses elementos porque me chamaram atenção por ser lugares conhecidos. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era interessante pois eu não conhecia nada e agora é melhor pois sei da história e sei que é bem mais interessante, há bem lugares além de caminhar pela cidade vivenciar a história dela além de podermos estar com nossos colegas, aprendi que Pedro Ludovico teve 6 filhas que foi médica, que Goiânia foi criada para poucas pessoas, porém muito mais pessoas, mas no geral gostei muito.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História

Profª Ana Paula Damasceno Siqueira



Aluno (a): Emily Vitória M. B. Coutinho 8º ano B

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
2. No ônibus...
3. Quando chegamos na praça cívica...
4. Visitamos esses lugares...
5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
6. Escolhi esses elementos por que...
7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo, me arrumei e vim pra escola, nós saímos da escola e fomos para o ônibus. No ônibus a gente lanhou e eu prestei atenção em hospitais, igrejas e etc. Chegando na Praça Cívica nós ficamos lá por um tempinho a estátua do Pedro Ludovico Teixeira sentada no cavalo.

Passamos pelo Museu de Goiânia, pelo coreto, passamos pela estátua das "Três Raças", passamos pelo Palácio das Esmeraldas que era a casa do Pedro Ludovico Teixeira na época do governo dele, que agora é a casa do governador Ronaldo Caiado, depois fomos para o Museu que era a casa do Pedro Ludovico Teixeira, e depois fomos para a praça do Trobador. Os elementos que mais me chamaram a atenção foi o palácio das Esmeraldas, a estátua de Pedro Ludovico sentada no cavalo, e o Museu de Pedro Ludovico Teixeira. Escolhi esses elementos porque são lugares bonitos e interessantes.

Antes eu achava que o centro de Goiânia

não tinha tantos lugares para visitar, mas agora eu sei que tem. Foi muito bom transitar pela centro de Goiânia, porque eu aprendi muito sobre essa região.

Eu amei conhecer o Museu do Pedro Ludovico Teixeira, porque são coisas antigas que tinha lá dentro, e foi muito bom ver as antiguidades que tem lá dentro, e saber mais sobre o Pedro Ludovico, e ver o Palácio das Esmeraldas e a estátua das Três Raças.



ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA

Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Sra Luiza C. Silva 8º ano C

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...
 2. No ônibus...
 3. Quando chegamos na praça cívica...
 4. Visitamos esses lugares...
 5. Os elementos da visita que mais me chamou a atenção foram..
 6. Escolhi esses elementos por que...
 7. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é...
 8. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?
 9. Relate o que mais gostou, achou interessante e/ou aprendeu na visita ao centro da cidade.
10. Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

Minha visita ao centro de Goiânia foi exatamente assim...
 Eu acordei bem cedo me arrumei e vim para a escola, no ônibus eu e os meus amigos conversamos muito, brincamos e rimos até a nossa barriga doer! Quando chegamos na Praça Cívica ficamos ouvindo o que ela tinha pra nos dizer prestamos atenção e começamos a andar lá eu vi a estatua dos 3 padroeiros, também vi o Pedro Eudésio Teixeira montado a cavalo vi a casa da família Caiado, também vi o carro que meu avô usava vi o guarda-roupas dele achei uma garcinha a fogão dele, vi sua espada, chapeis, sapatos e fotos em quadro
 Eu pensei que seria de entediante, mas eu percebi que eu estava completamente errada e que sim foi uma experiência incrível!
 Como foi transitar pela cidade; andamos muito, cheguei até pensar se não conseguia voltar pra casa mas não foi bem assim não, andamos muito mais a cada passo era uma sensação incrível e vistas sensacionais.
 Eu gostei e amei tudo, gostei de nossa ida e volta no ônibus, gostei de ver a casa do Pedro Eudésio Teixeira que hoje é índia e a casa da família Caiado, fiquei impressionada com a porta da entrada da casa, gostei também porque na volta para a escola, tivemos um momento

único e divertido com os professores e alunos!
gostei das maneiras de antigamente na aula das meninas
e delas! e talheres da lapasa dele com as uncinhas
de lá, a geladeira de antes e completamente diferente das
de hoje também, eu amei esse passeio e as experiências
incríveis e inesquecíveis do dia 23/09/24!
Este passeio foi incrível e único! Eu amei demais
este foi o melhor passeio de todos professores!❤

... mais divertido no curso de educação infantil

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Amalúsa Souza de Farias Turma: 3ª AVocê é de Goiás? Sim Nasceu em Goiânia? Não Mora aqui há muito tempo? Sim

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

me arrumei e fui encontrar minha amiga para comprar comidas para comer na excursão e fomos para a escola.

2. No ônibus...

me sentei frente, enquanto outras alunas cantavam e brincavam.

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

As árvores e a fonte que tinha lá.

4. Visitamos esses lugares...

Visitamos a praça cívica, a casa de Pedro Ludovico e a Praça do Trabalhador.

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

As árvores, a fonte, o museu e a estatua de Pedro Ludovico

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

Incrível! Para mim foi a melhor parte da excursão, fiquei admirada de como a casa era pertinho da praça cívica que fica o Palácio.

c) No museu... foi ou foram...

Foi diferente do que pensei, cada detalhe da casa tinha uma história e além de ser uma casa tão linda. Conheci o neto de Pedro Ludovico e ele contou detalhes da casa.

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

me ia consativo, mas, achei tão diferente, porque agora sabia a história e o motivo de cada parte está em seu devido lugar.

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

Viramos o trem "Maria Fumaca" e foi nossa última parada e logo após partimos.

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

O sentimento é de admiração e por conta que cada parte é uma história.

7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

Diferente, pois, por onde passava senti que havia história.

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia.
(O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

Eu gostei bastante da parte que visitamos a casa de Pedro Ludovico. Aprendi que a história e muitas outras coisas sobre Goiânia.

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): Albano Siqueira Turma: CVocê é de Goiás? sim Nasceu em Goiânia? sim Mora aqui há muito tempo? _____

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

me acordei, tomei meu café da manhã
meu para escalar. fiquei aguardando o
ônibus e depois que ele chegou entrei
na e fomos para as visitas

2. No ônibus...

foi muito legal, eu fiquei conversando com as
minhas amigas, escutei música e comi algu-
mas coisas.

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

O palácio das esmeraldas e o monu-
mento das espelhas

4. Visitamos esses lugares...

praça cívica, casa do Pedro Ludovico, pra-
ça do trabalhador, avenida goias.

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

O palácio das esmeraldas, pois eu não
sabia que era uma casa e é muito
bonito e grande e tem vários segur-
anças.

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

as pessoas que estavam na rua por-
que tinha bastante delas morando
na rua, e o lugar que paramos
para comprar coisas.

c) No museu... foi ou foram...

Foi muito legal pois escutei as
historias do Pedro Ludovico, e me
chamou muita atencao os moveis
antigos e coisas que tinha na
casa.

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

foi legal e teve bastante adrena-
lina.

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

A gente viu a Maria Fumaga que
e o trem.

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

Pra mim o centro era sem graça
e sem lugares para visitar (apenas
praças), mas depois que eu fiz a vi-
sita e vi que tem vários lugar-
es legais e um deles e o museu.

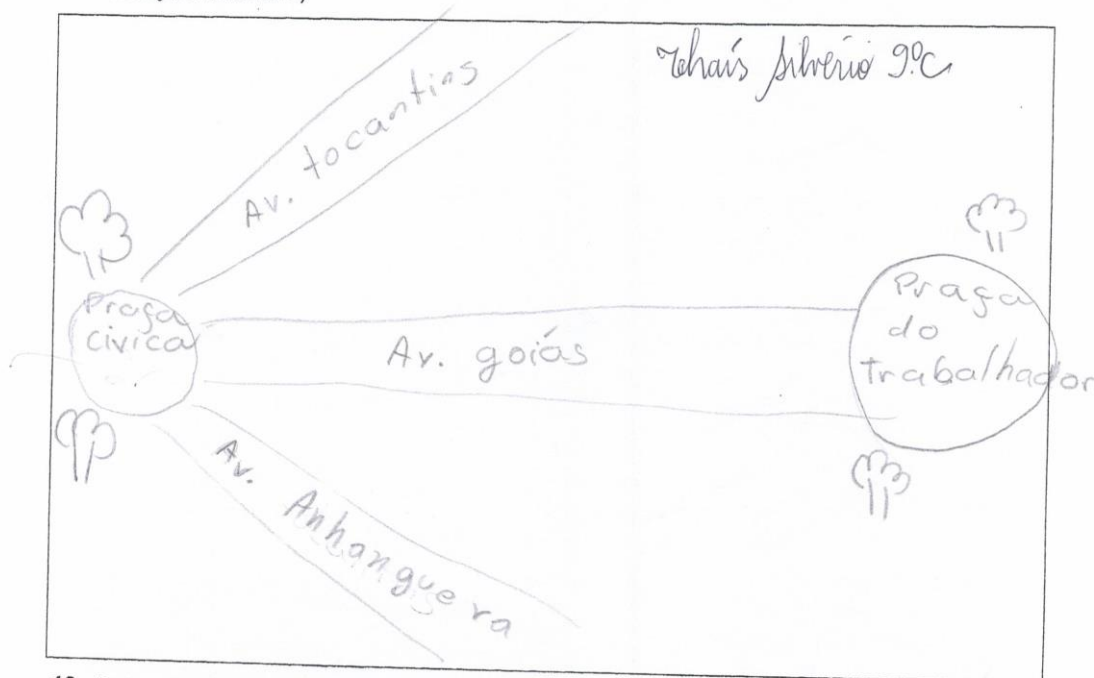
7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

gostei muito e saímos um pouco da rotina.

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia. (O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

O que eu mais gostei foi a casa do Pedro Ludovico, aprendi várias histórias, o mais legal foi andar e aprender com os meus amigos e se divertir, foi muito bom eu amei.

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): William Pereira

Turma: 8ª

Você é de Goiás? Sim Nasceu em Goiânia? Sim Mora aqui há muito tempo? Sim

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

a Minha visita ao Centro de Goiânia foi assim
acordei 6:00 Me arrumei e fui pro escola,
de lá fomos direto a Praça Tiradentes

2. No ônibus...

Na ônibus Brancos cantores e comeres
sem contar que vimos a Catedral

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

a monumento das tres roças

4. Visitamos esses lugares...

Praça Tiradentes; Palácio das esmeraldas; monumento das
tres roças, museu pedro ludovico teixeira foram
os melhores.

5. Os elementos da cidade que mais me chamou a atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

O Palácio das esmeraldas, porque de a enorme e
a cor dele e chomata

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

a expedição a casa de Pedro Ludovico Teixeira
foi excelente fomos muito bem atendidos

c) No museu... foi ou foram...

foi ótimo, conhecemos vestimentas, talheres e outras
coisas que Pedro Ludovico e sua família usavam

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

longos quilômetros, mas pelo menos vimos a
estatua de Brancivante

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

foi ótimo vimos a famosa "Mareta fumante"

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

Pro meu mãe era tão estante assim, agora tem
outros alhos, agora vejo com clareza a Minha
cidade, agora vejo "a imagem de Goiânia"

ESCOLA MUNICIPAL MADRE FRANCISCA



Projeto: "A imagem de Goiânia". Disciplina: História



Profª Ana Paula Damasceno Siqueira

Aluno (a): EVANDRO LIMA Turma: _____Você é de Goiás? sim Nasceu em Goiânia? NÃO Mora aqui há muito tempo? sim

1. A minha visita ao centro de Goiânia foi assim, acordei cedo...

pegi o lanche e fui pra escola entre no ônibus e
vi as estradas e os locais

2. No ônibus...

conversei com meus amigos e fiquei observando com
o cara do lado as estradas do centro de Goiânia

3. Quando chegamos na praça cívica o detalhe que mais chamou minha atenção foi...

as fontes e chafariz, muitas fontes foram tiradas e
criado o Hugo saindo sobre o rio

4. Visitamos esses lugares...

praça cívica, praça do trabalhador e muitos mais

5. Os elementos da cidade que mais despertaram a minha atenção:

a) Na praça cívica foi (ou foram).... Por que?

foi as fontes com chafariz mais vi um antes, casa
do padre João Vítor, fiquei impressionado com tudo lá
e ver tudo que ele fez, usou e praticou muito
bem

b) Indo ou voltando do museu (da casa de Pedro Ludovico Teixeira) foi ou foram...

indo a casa do Pedro vi a arte de vidro e' precioso

c) No museu... foi ou foram...

vi a cara do Pedro e o sorriso que ele tocava

d) Andando ao descer a Avenida Goiás foi ou foram....

vi as estadas e o grande HOTEL

e) Na Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária) foi ou foram....

a maria sumada e o rosto de algumas pessoas que não lembrava

6. A minha ideia e sentimento sobre o centro de Goiânia era assim antes da visita e agora é..

eu penso que não tinha tantos monumentos e em
 vez de Goiânia, achava que era quase no meio
 do deserto

7. Como foi transitar pela cidade conhecendo mais a história local?

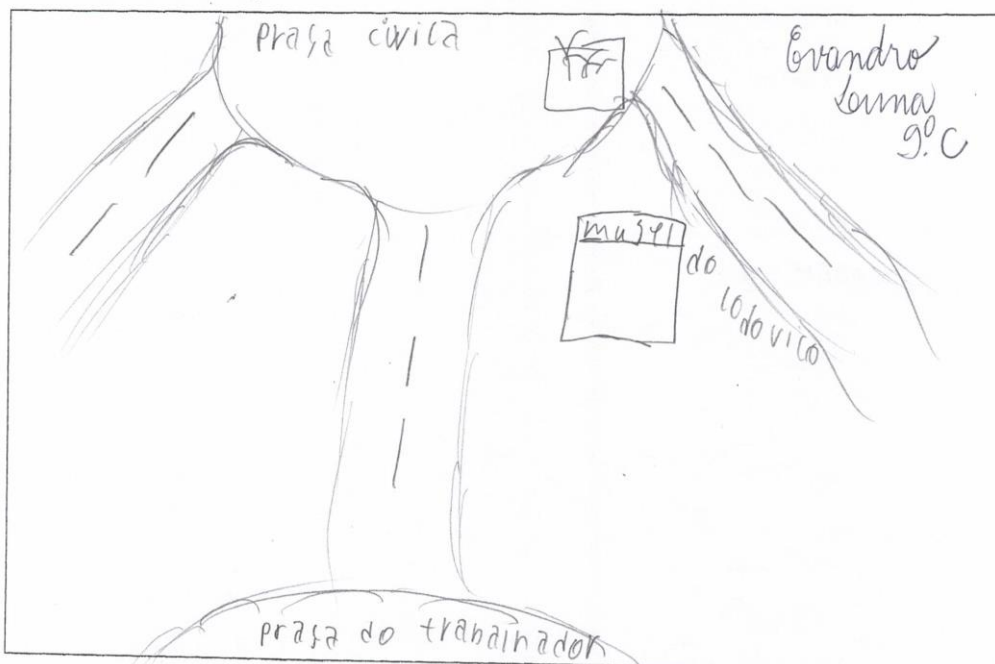
foi incrível, tirei várias fotos e andei e antiveidado

8. Espaço livre para você contar a sua experiência sobre a visita ao centro de Goiânia.

(O que gostou? Aprendeu? Foi mais legal? Não foi bom? Poderia ser melhor?)

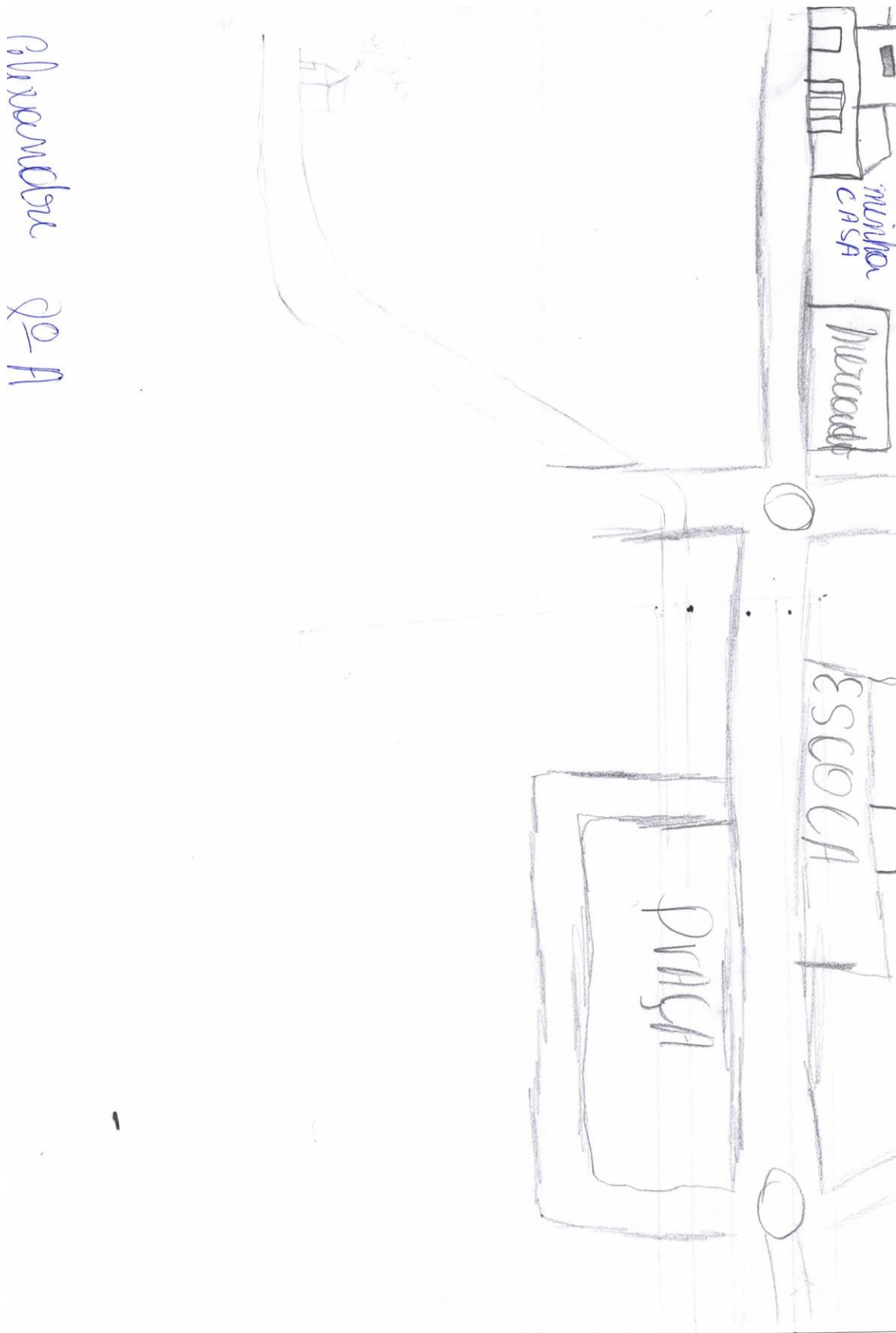
gostei do museu e dos monumentos as estátuas e a memória que dá, mais não foi bom saber da situação de classes

9. Desenhe o mapa (percurso) que você fez da Praça Cívica a Praça do Trabalhador (antiga estação ferroviária)



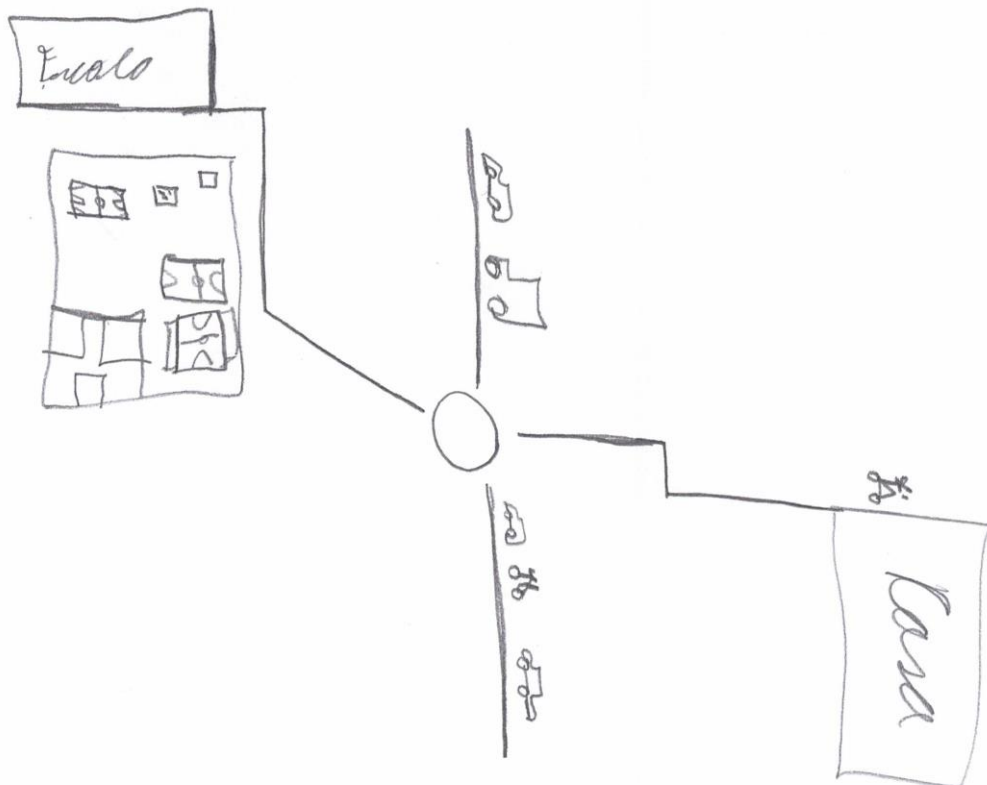
10. Para entregar! Reúna fotos e monte um mural das suas imagens (com legendas explicativas) ou monte um vídeo, uma HQ sobre a sua forma de ver a cidade a central e a do seu bairro ou da sua escola (região).

APÊNDICE E – DESENHOS DO PERCURSO CASA-ESCOLA

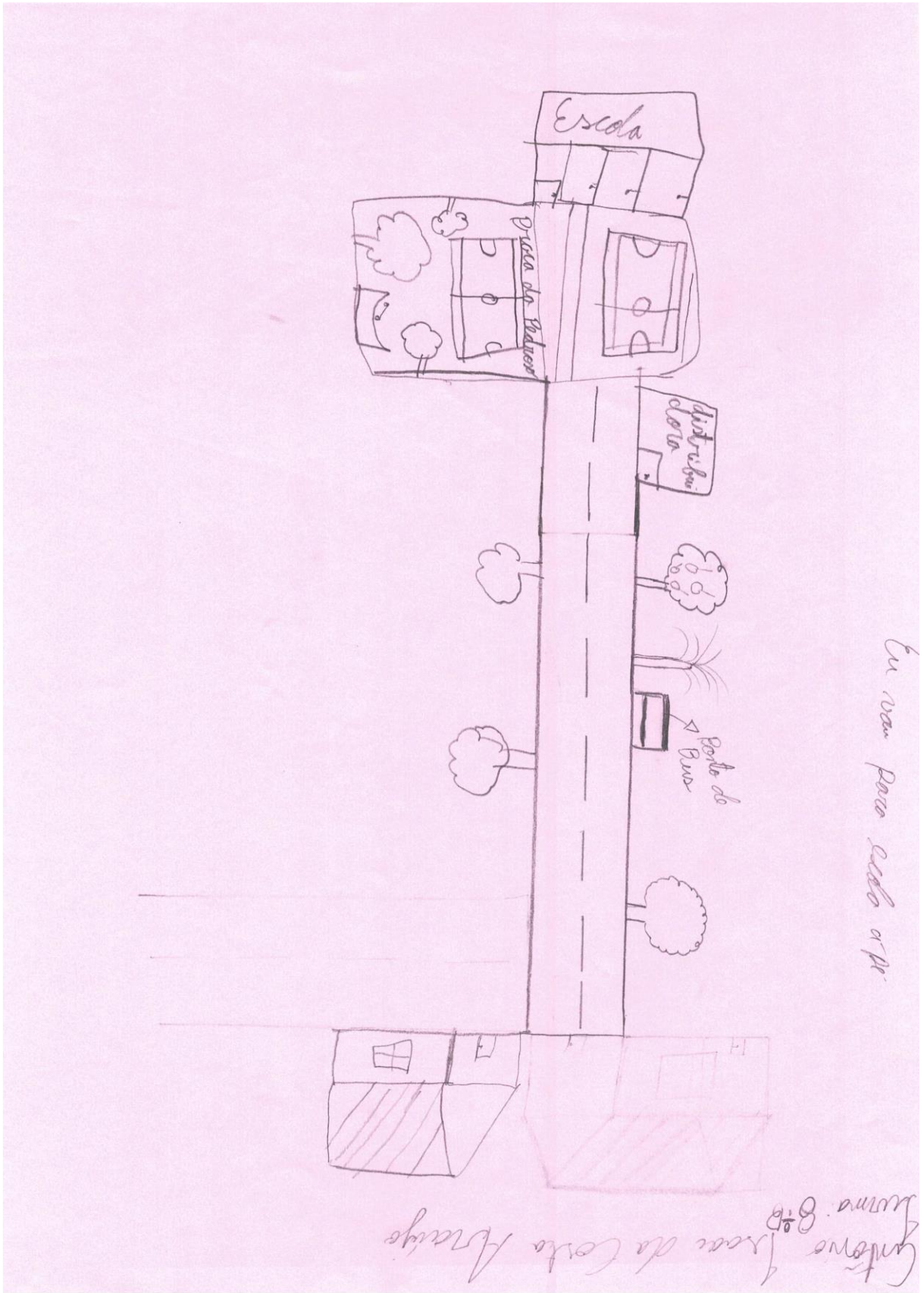


Alvananda 20-A

Mitteleure aus $S=C$



Wen die Buxer pro Kugel-

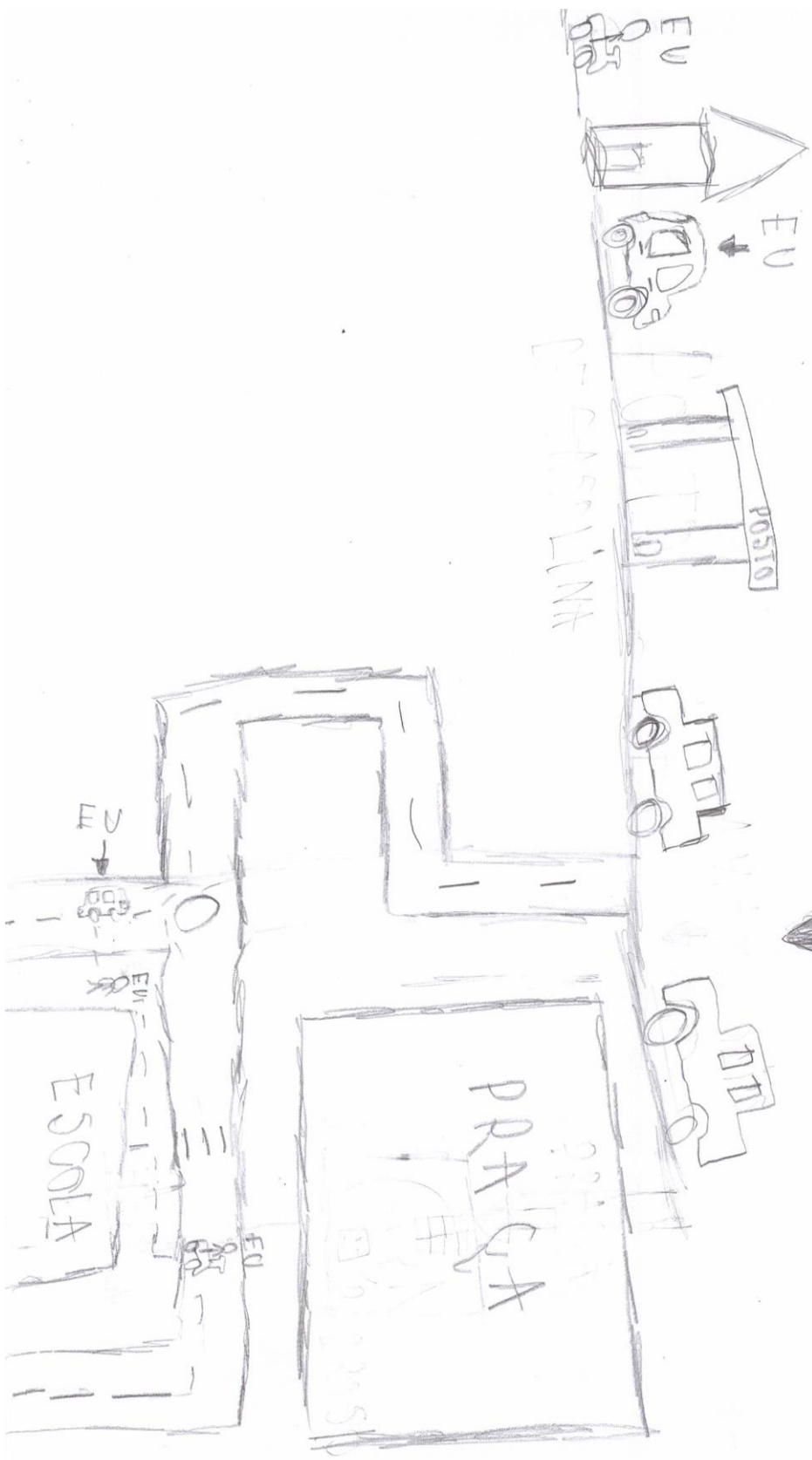


Eu vou para escola a pé.

Gustavo Soares da Costa Araújo 8/10

Mycelium Sensor 8°C

AV. ANNAPOLIS

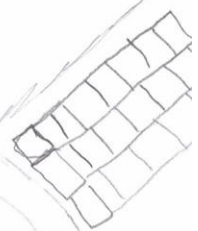


David Belforte Damasceno 9^oC



CASA

Lote com Árvores



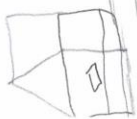
AVENIDA

LOTE VAZIO

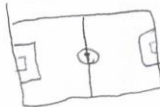
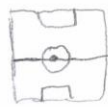


AVENIDA

Escola



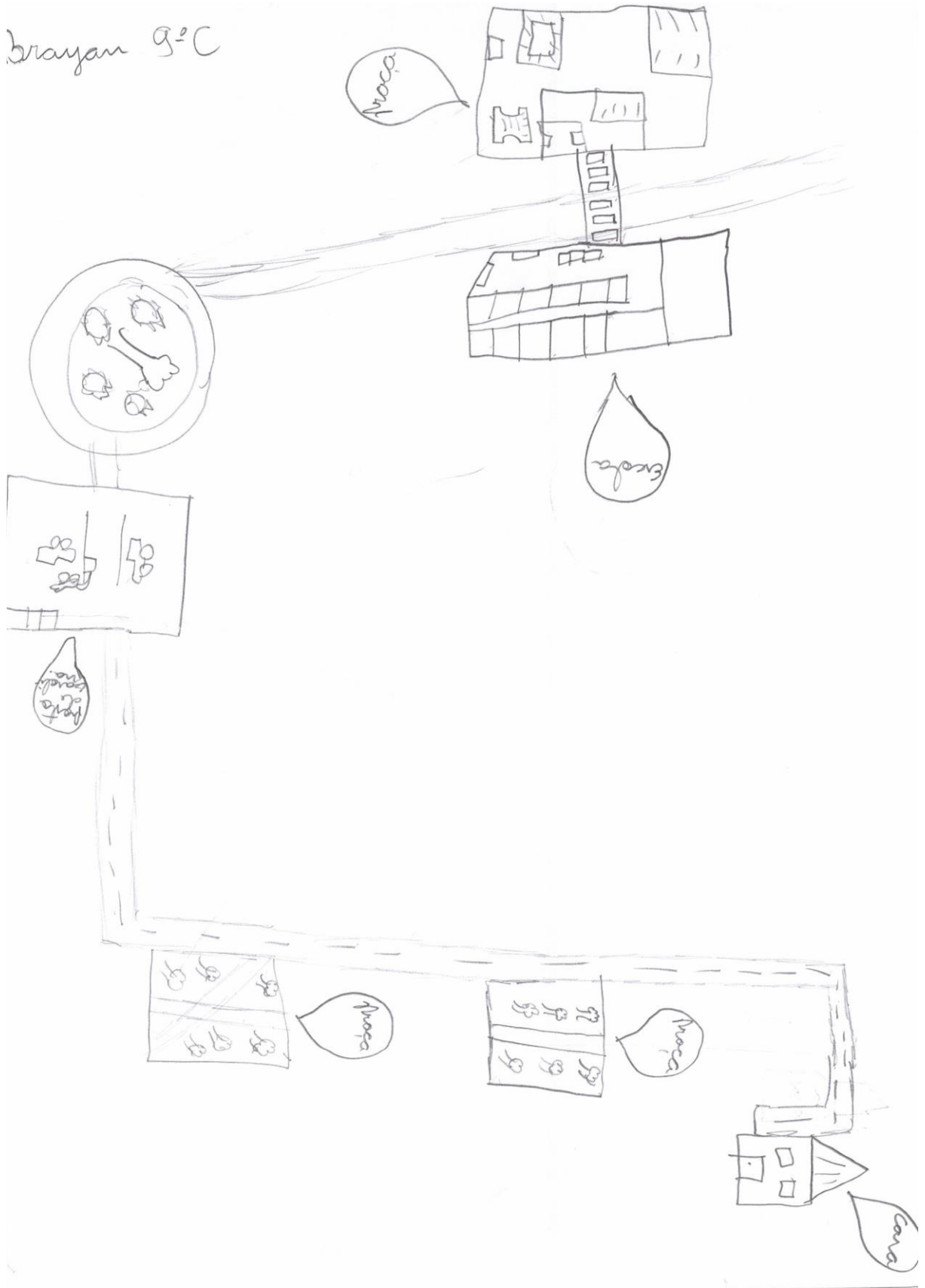
PRAÇA



BAR



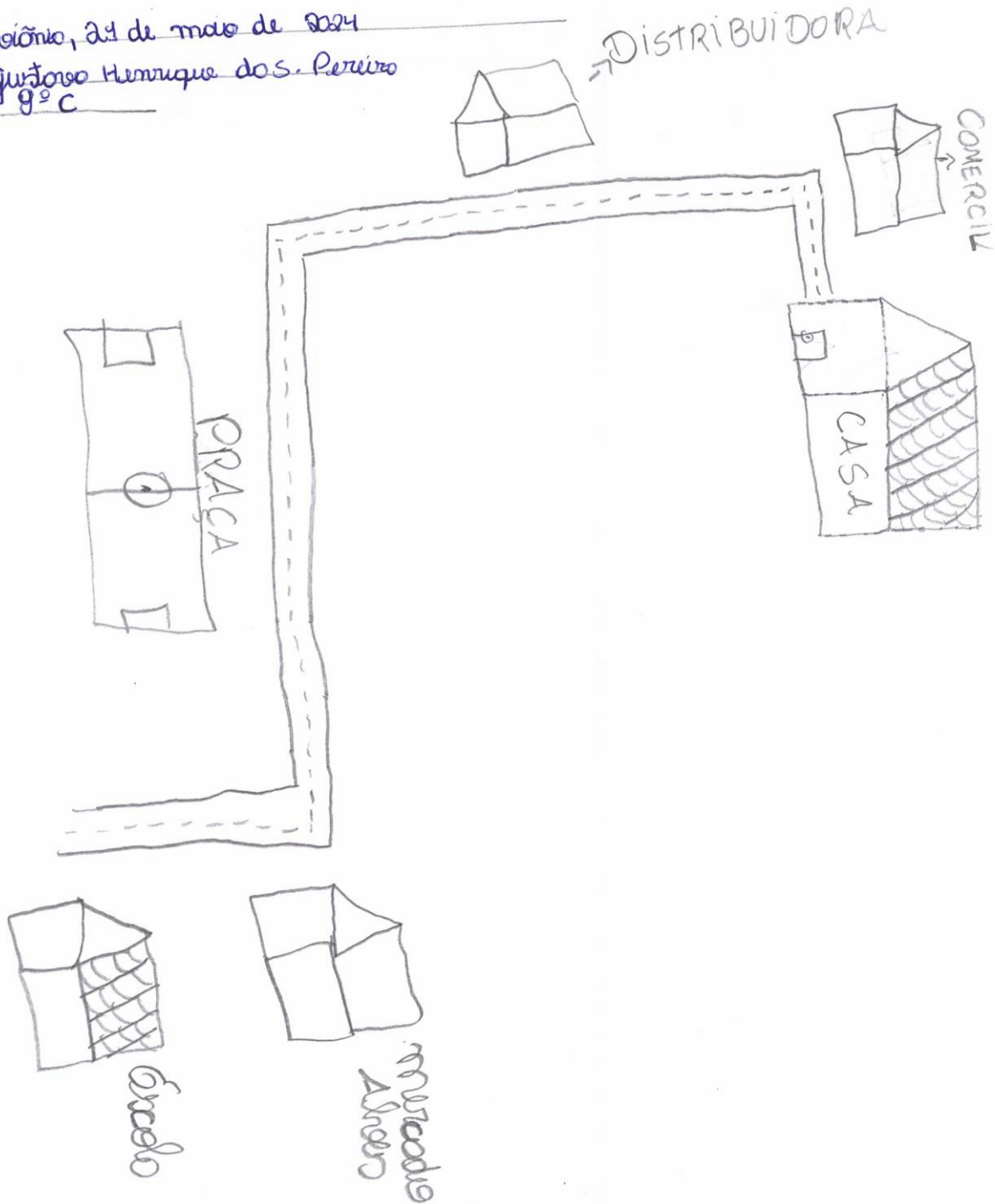
brayan 9°C

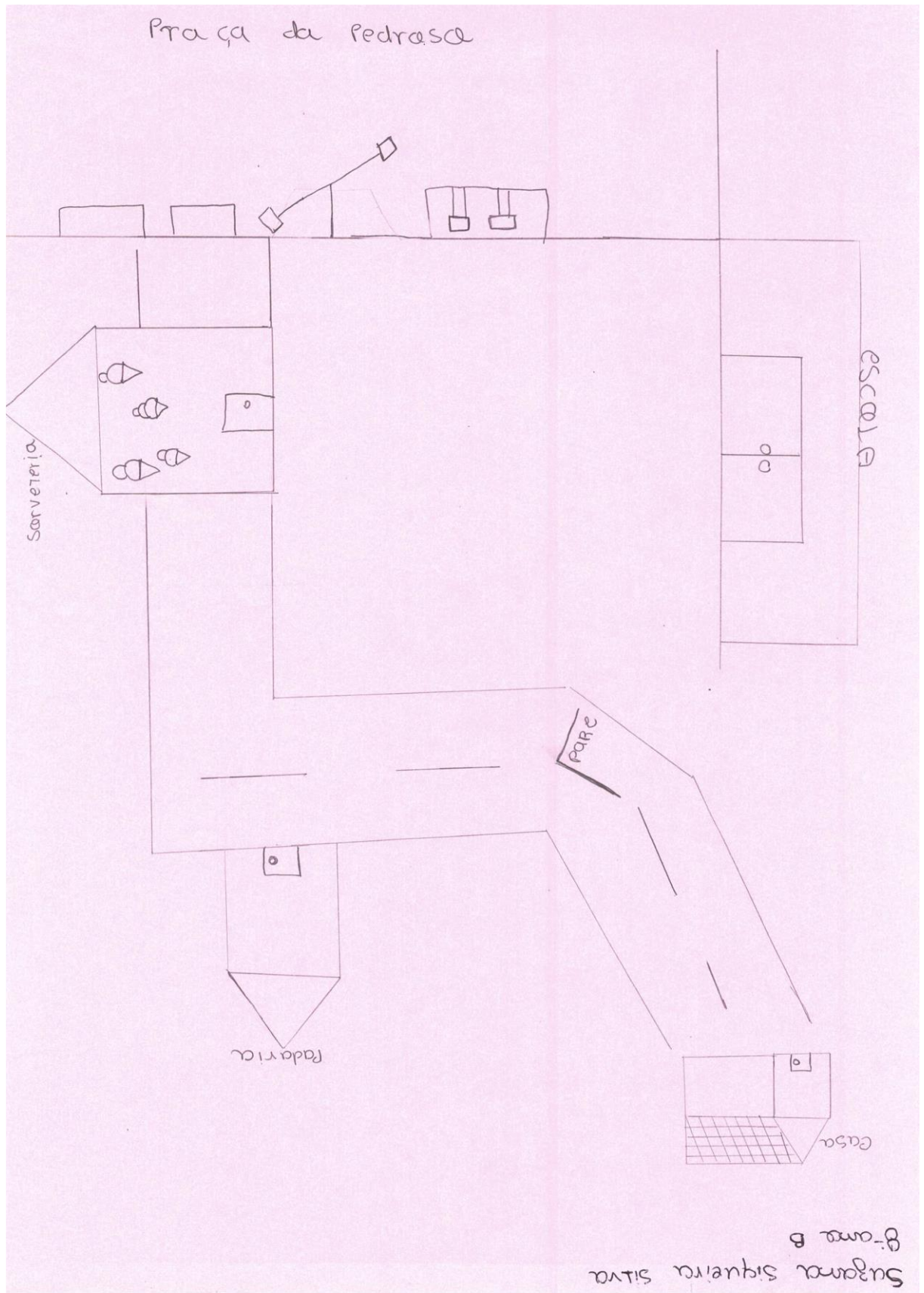


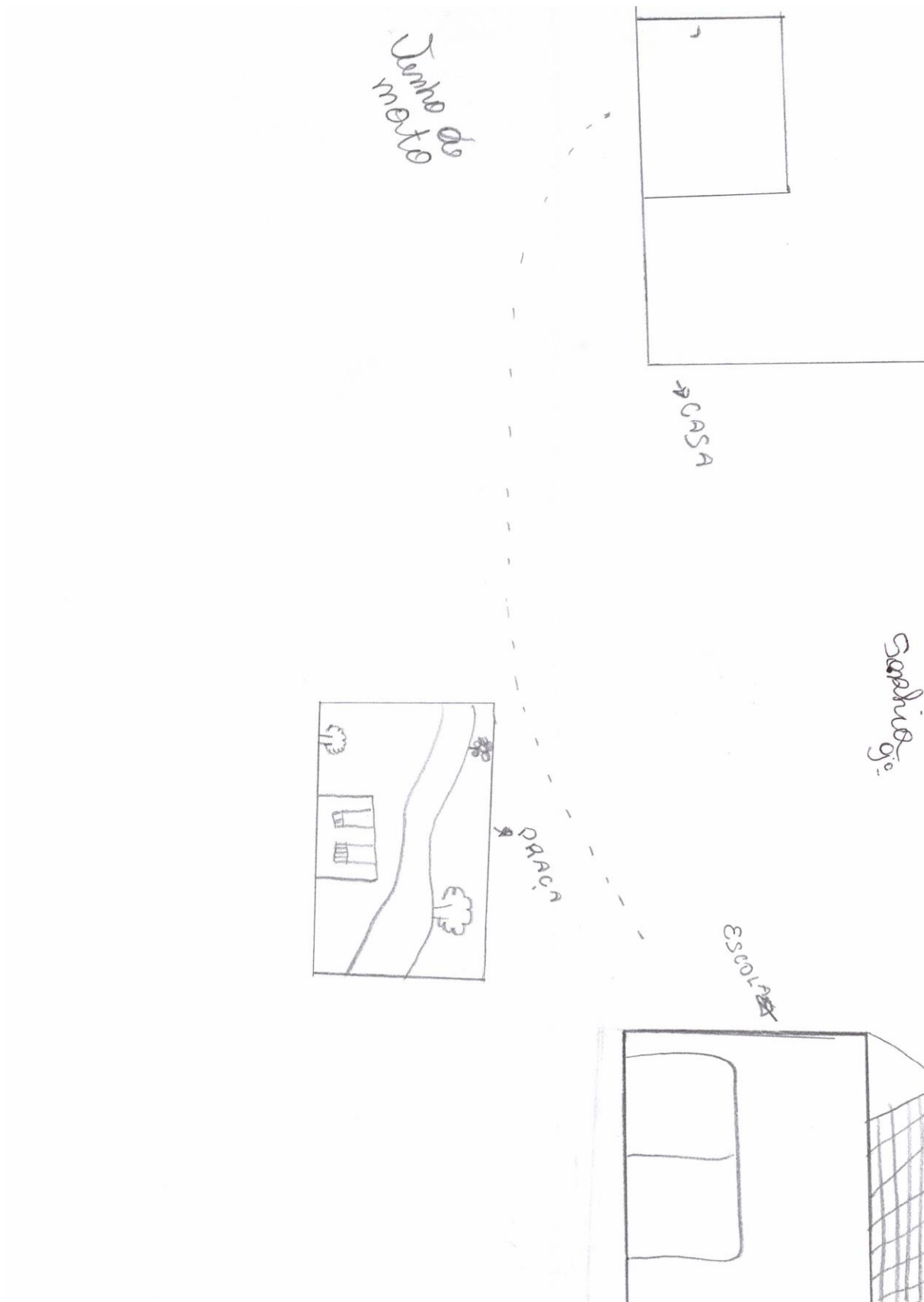
Estado Municipal madre cronosico

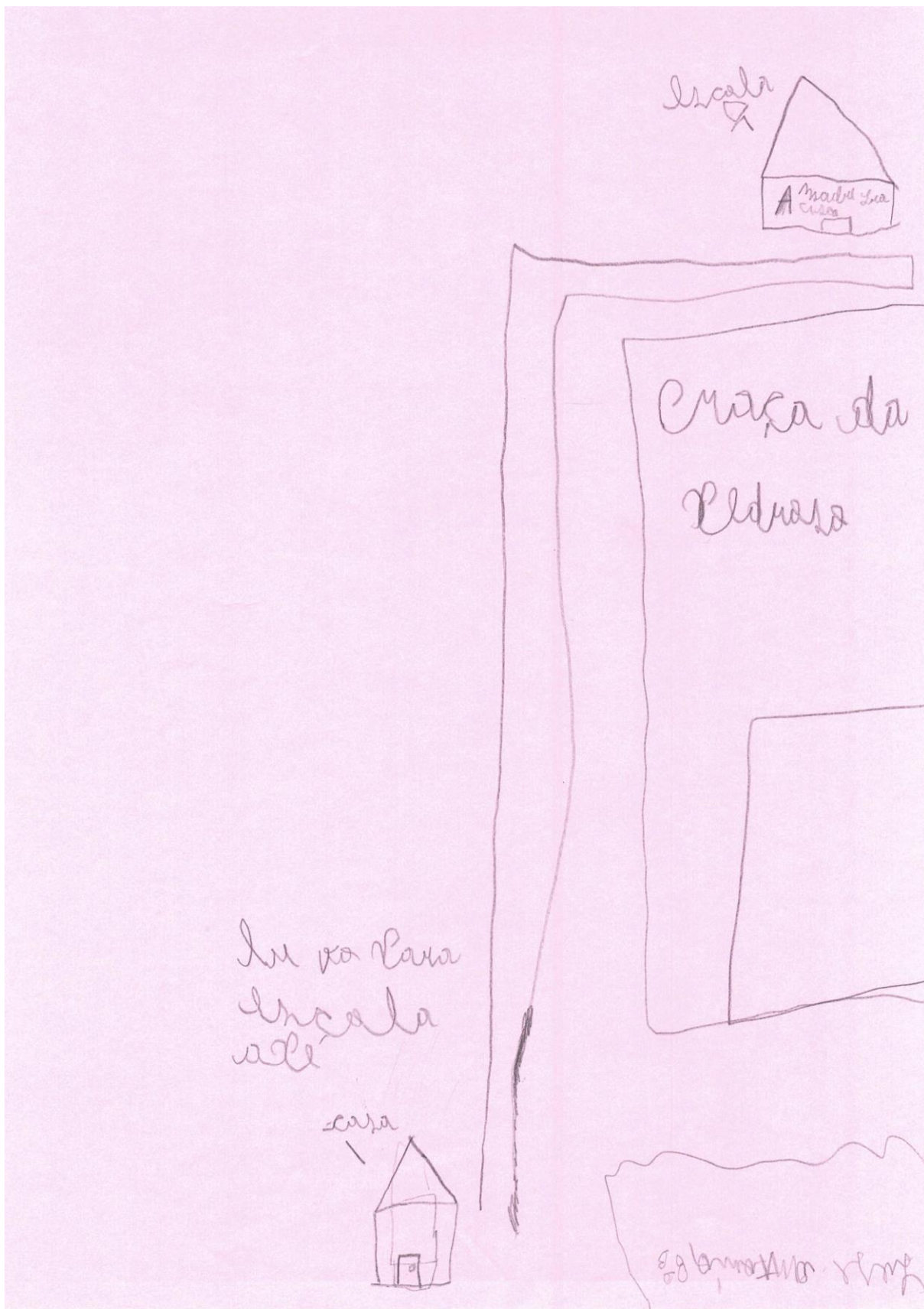
Joião, 21 de maio de 2024

Guilherme Henrique dos S. Pereira
9º C

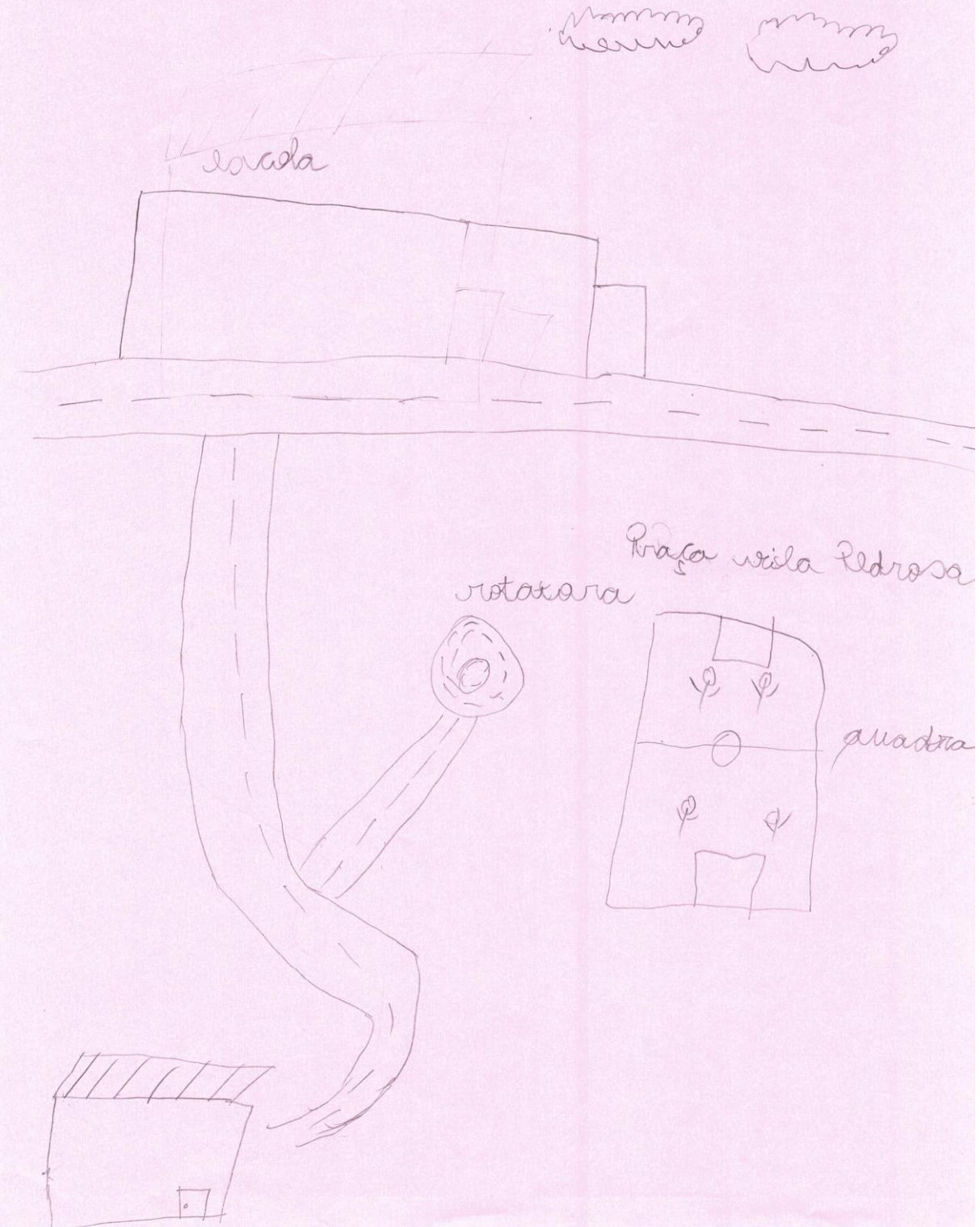




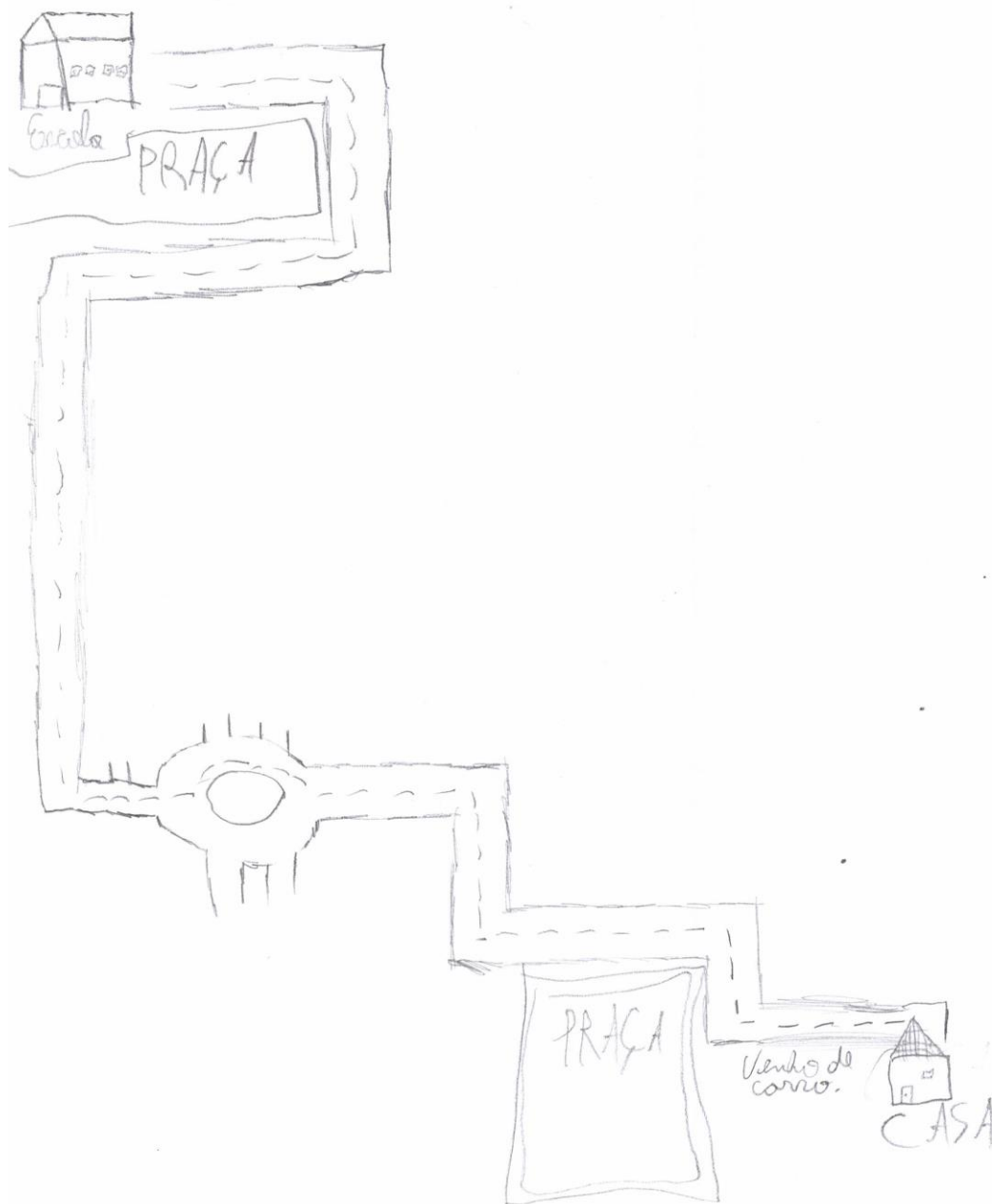




nome: Kana silva di direttore
turno: 8° B
data: 20/05/2024

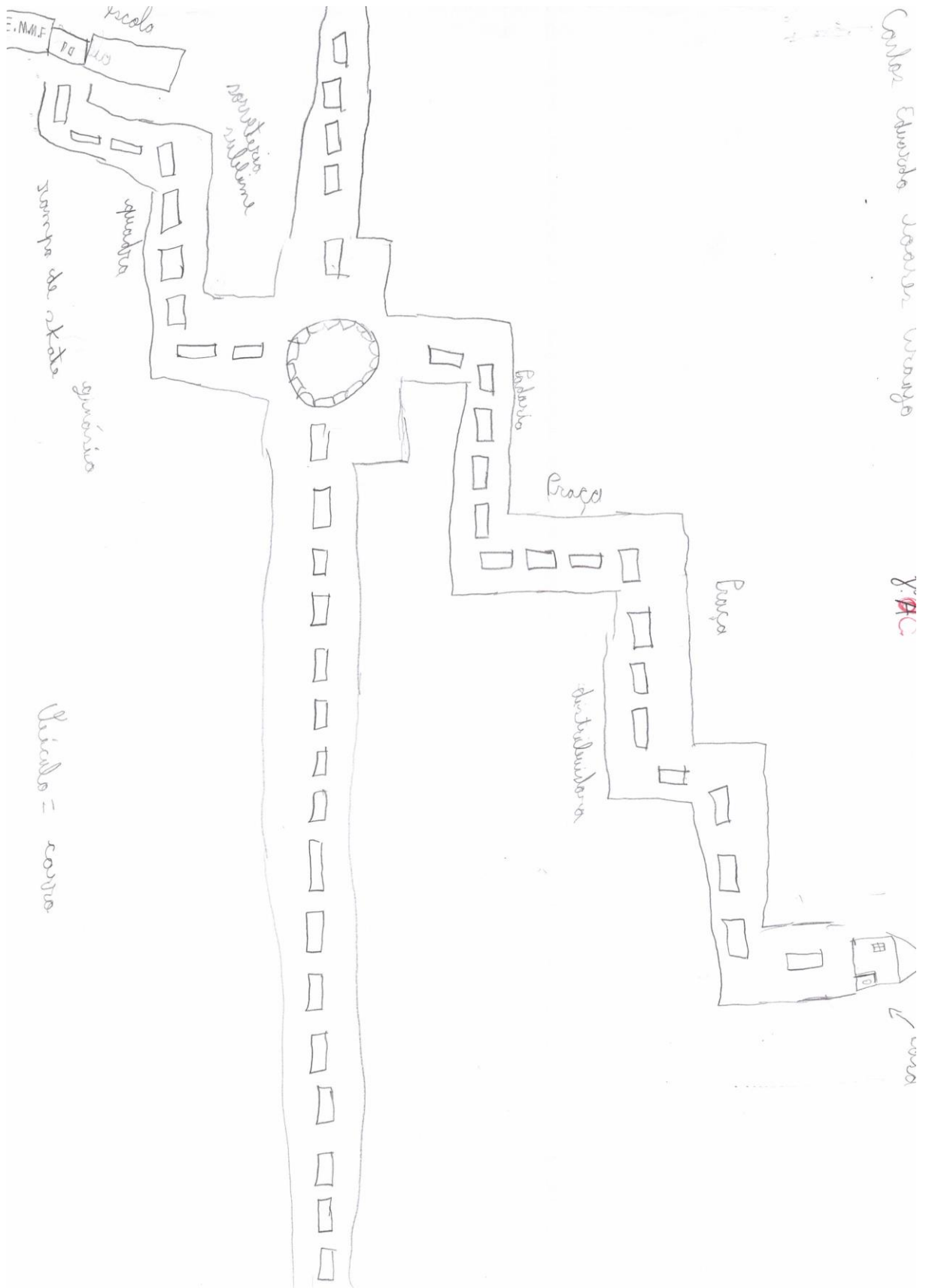


Gustavo Sousa 9°C



Carta Eduarda Maria Vaz

YAC

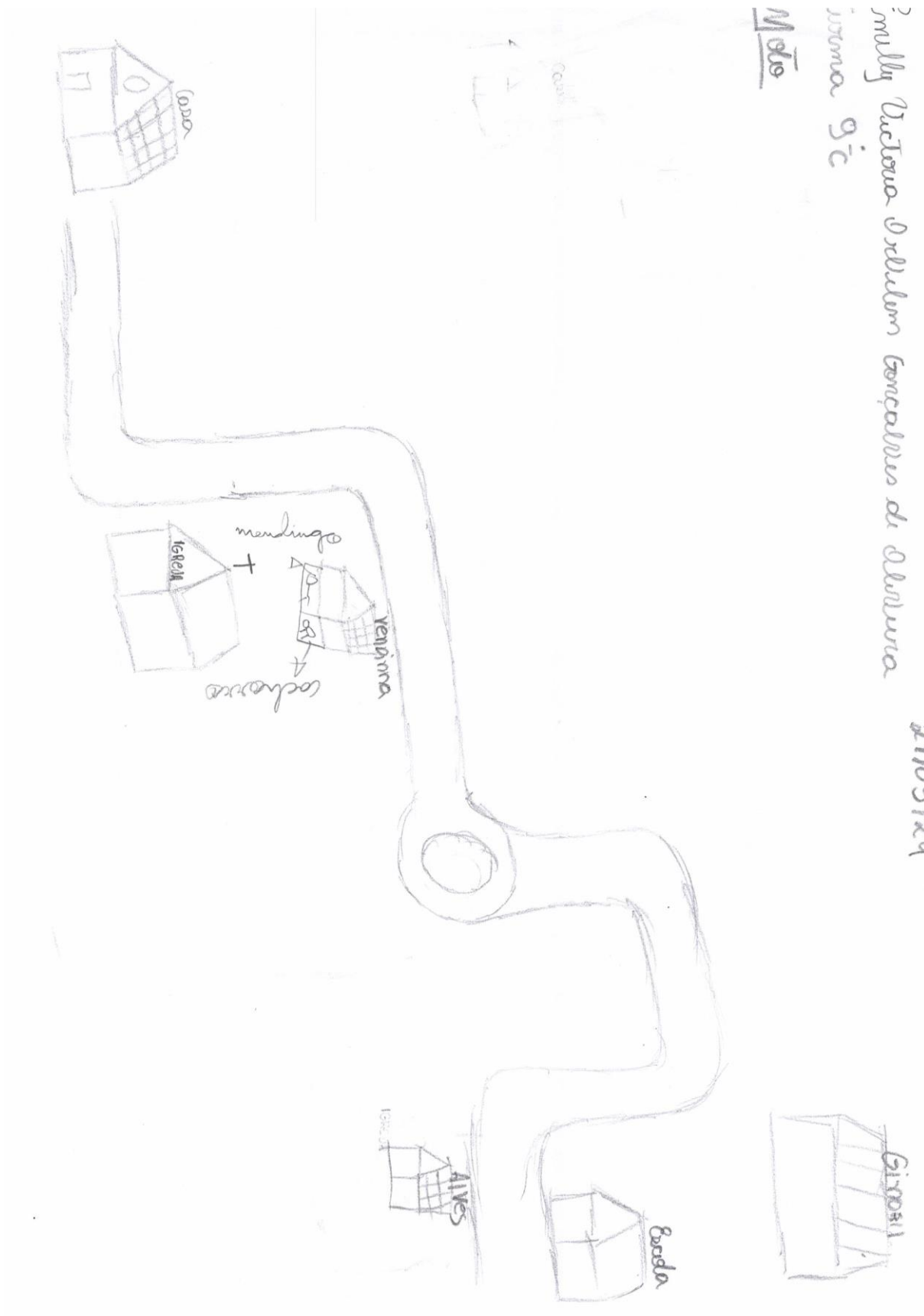


Escada = cozinha

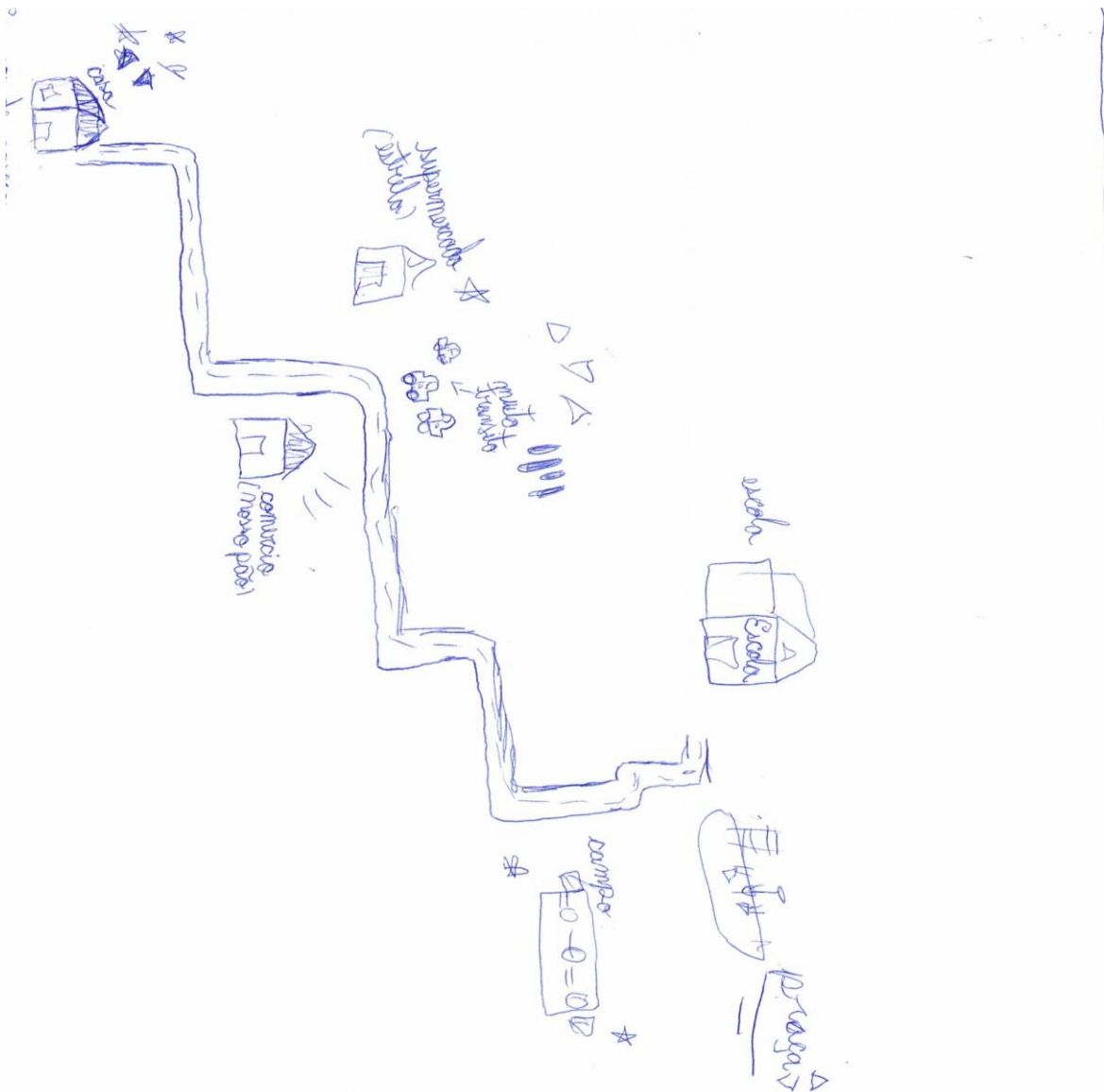
imlly Uctawa Duluun Gencaluru di Dulura
istoma 9c

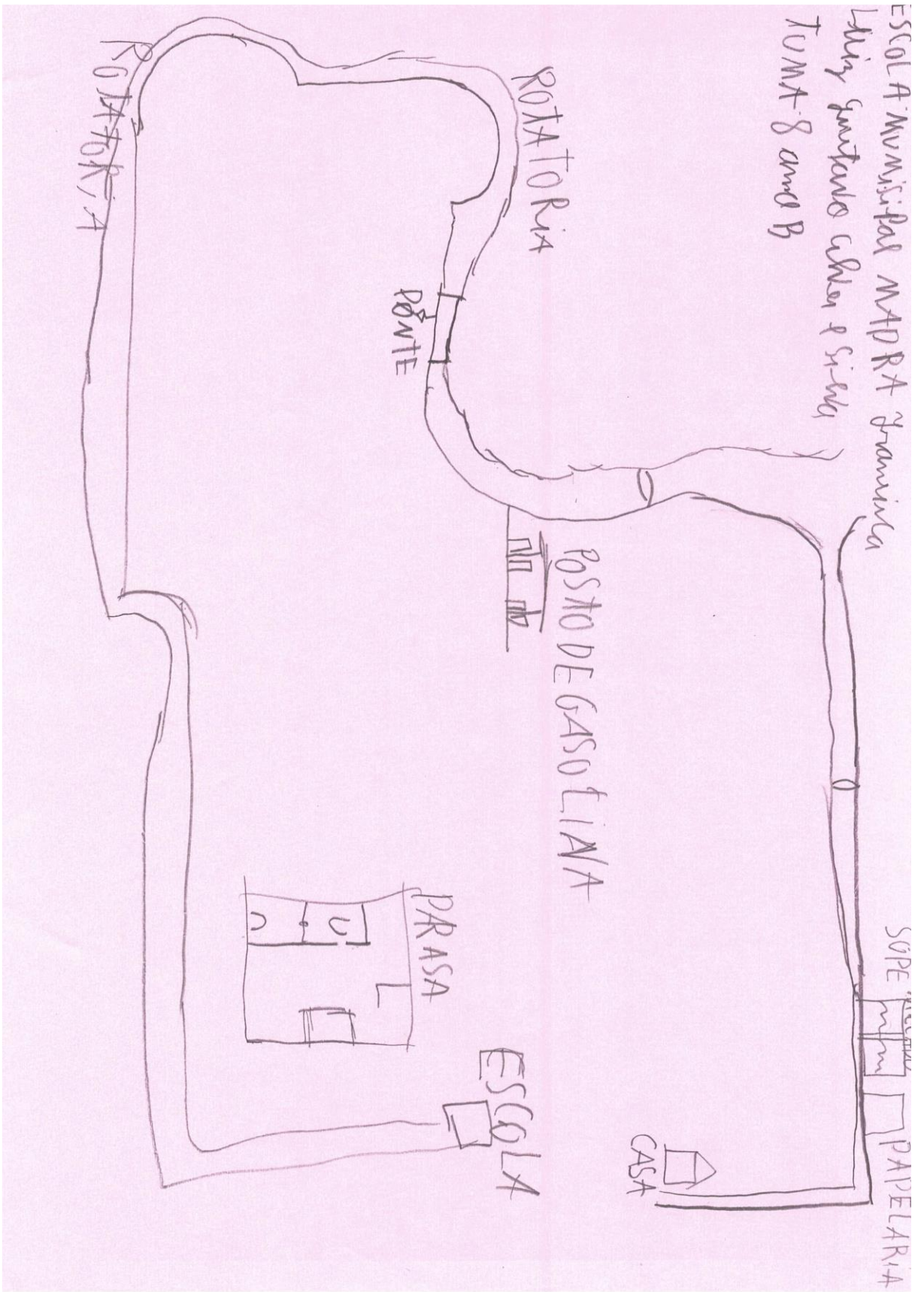
Mete

21105124



Miss Soligo 11/01/2014

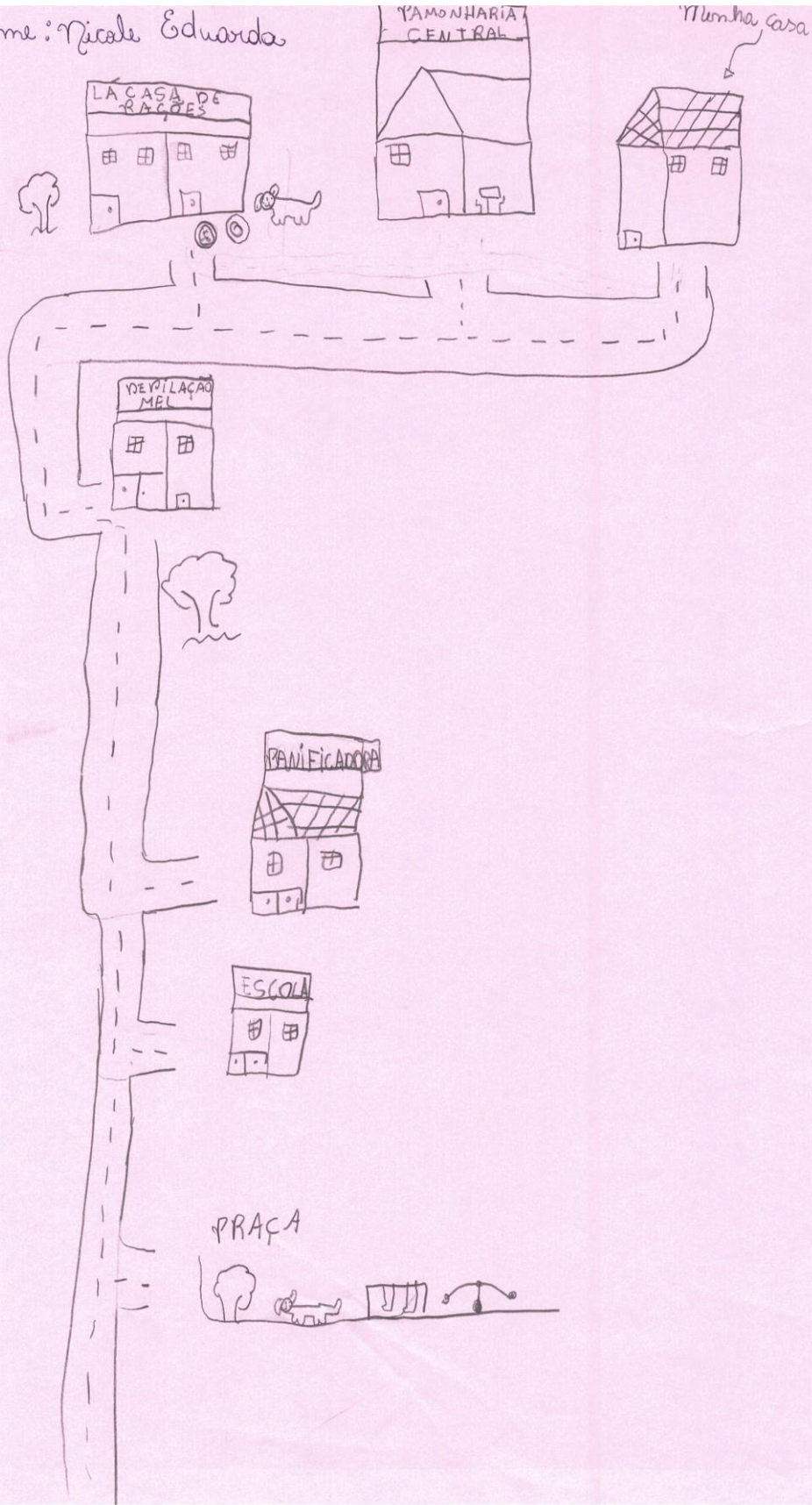




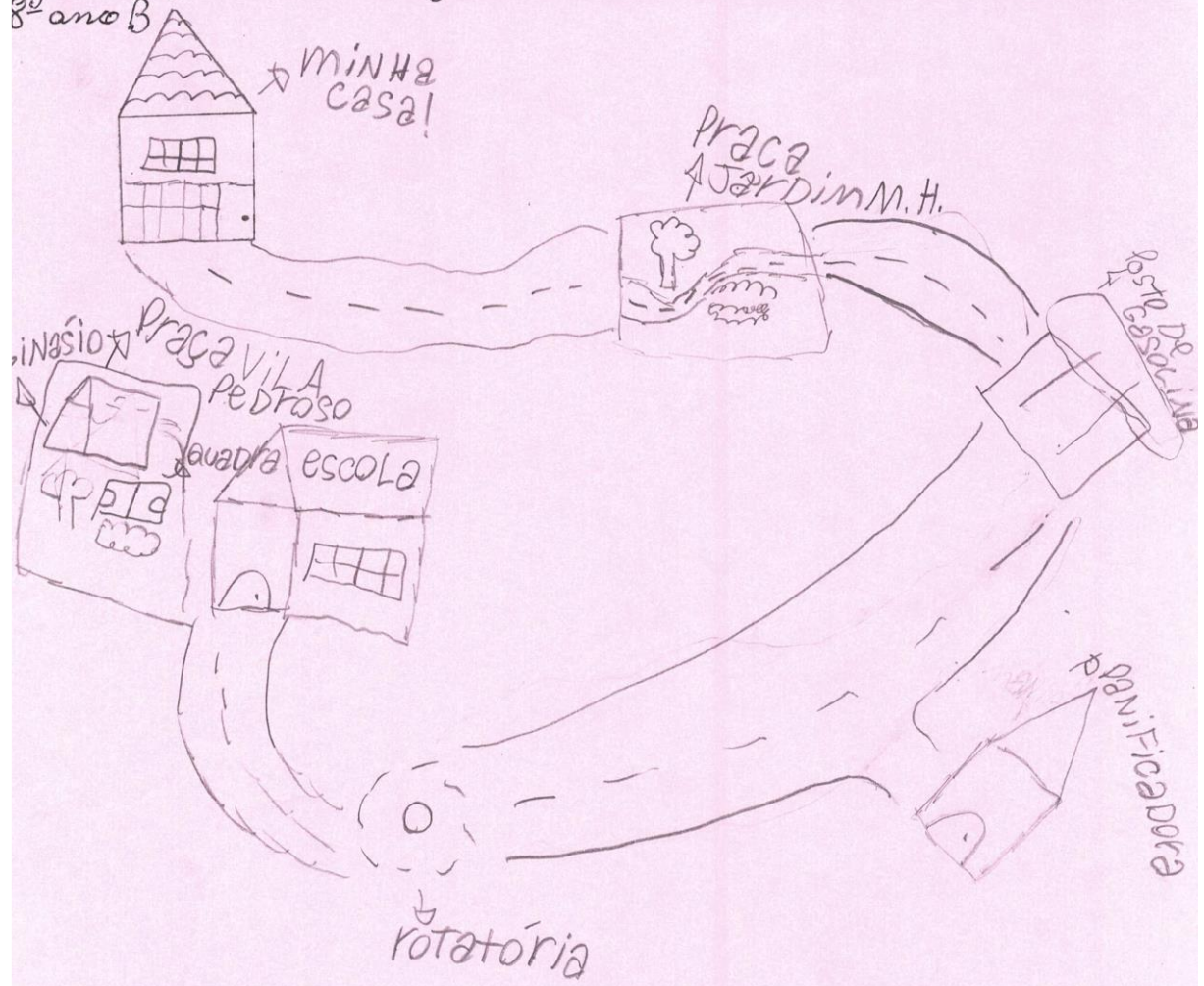
Stromercenter Bus



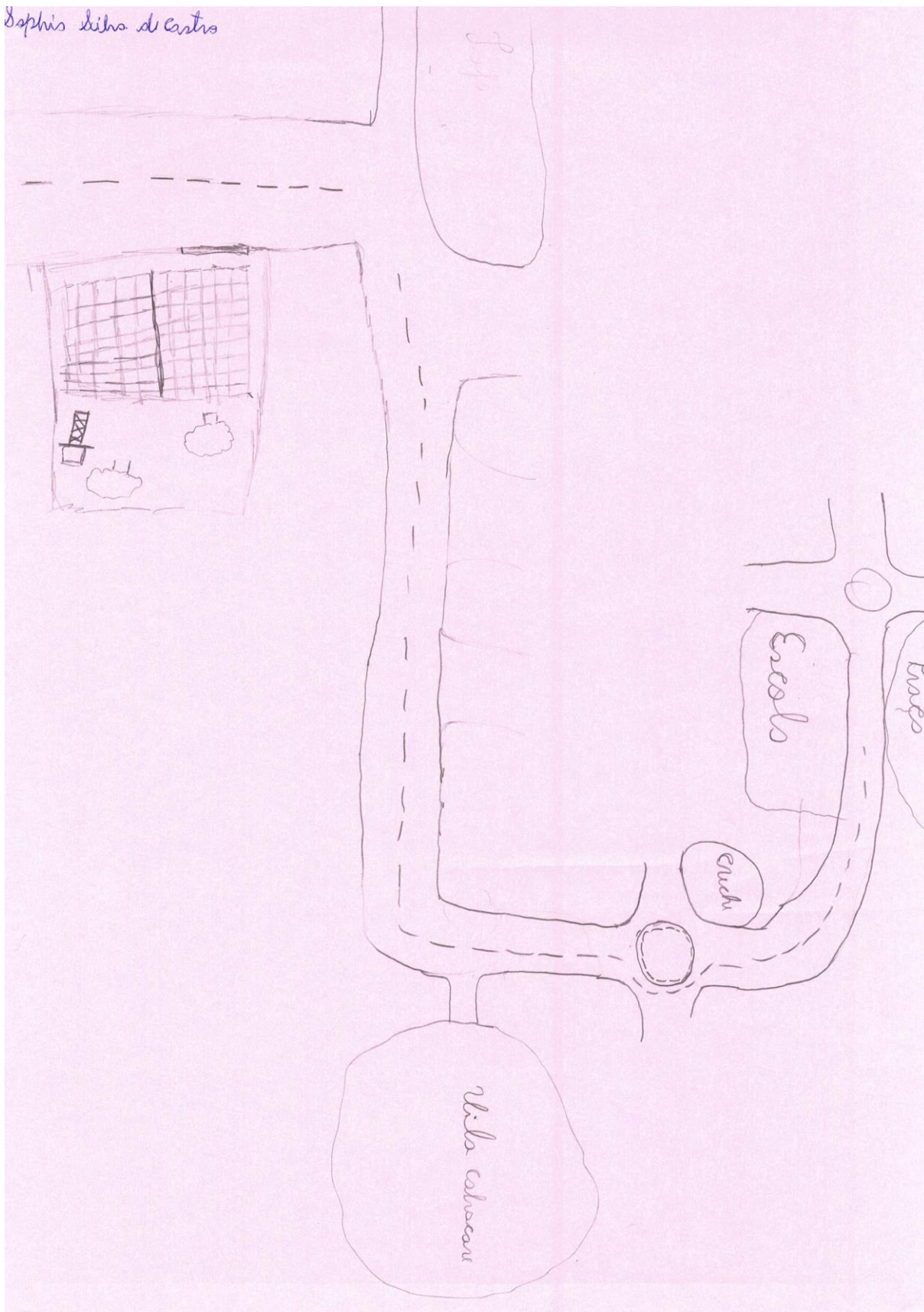
Nome: Nicole Eduarda

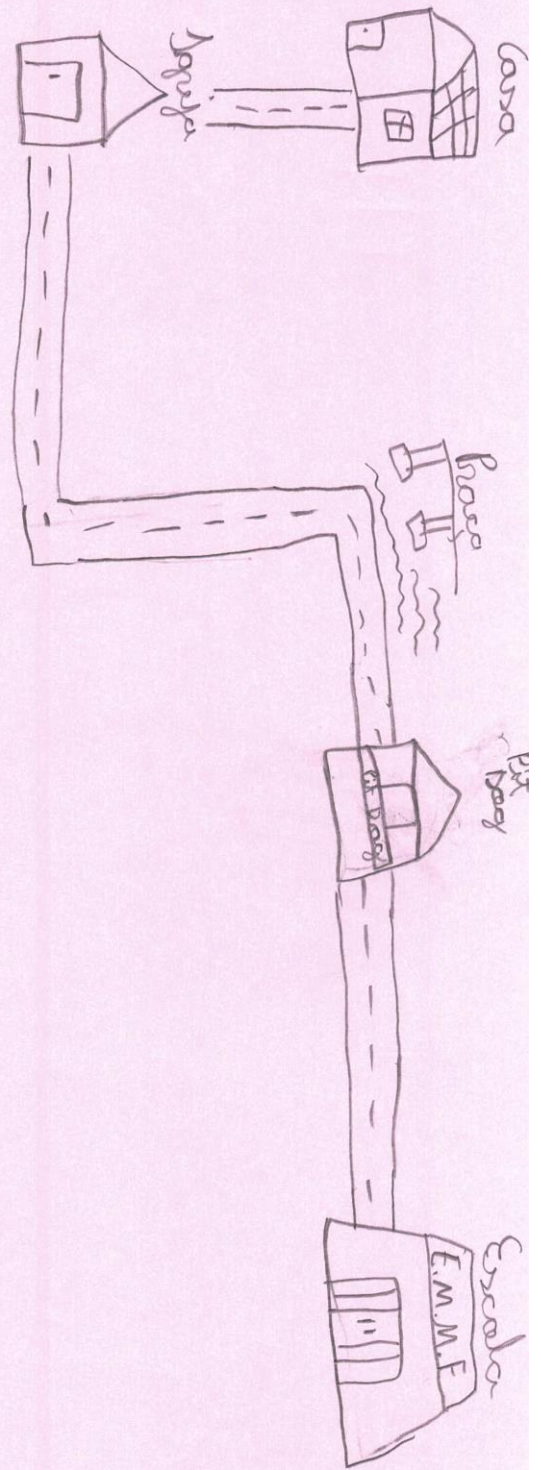


Hilton Bergius Ferreira da Paz
8º ano B

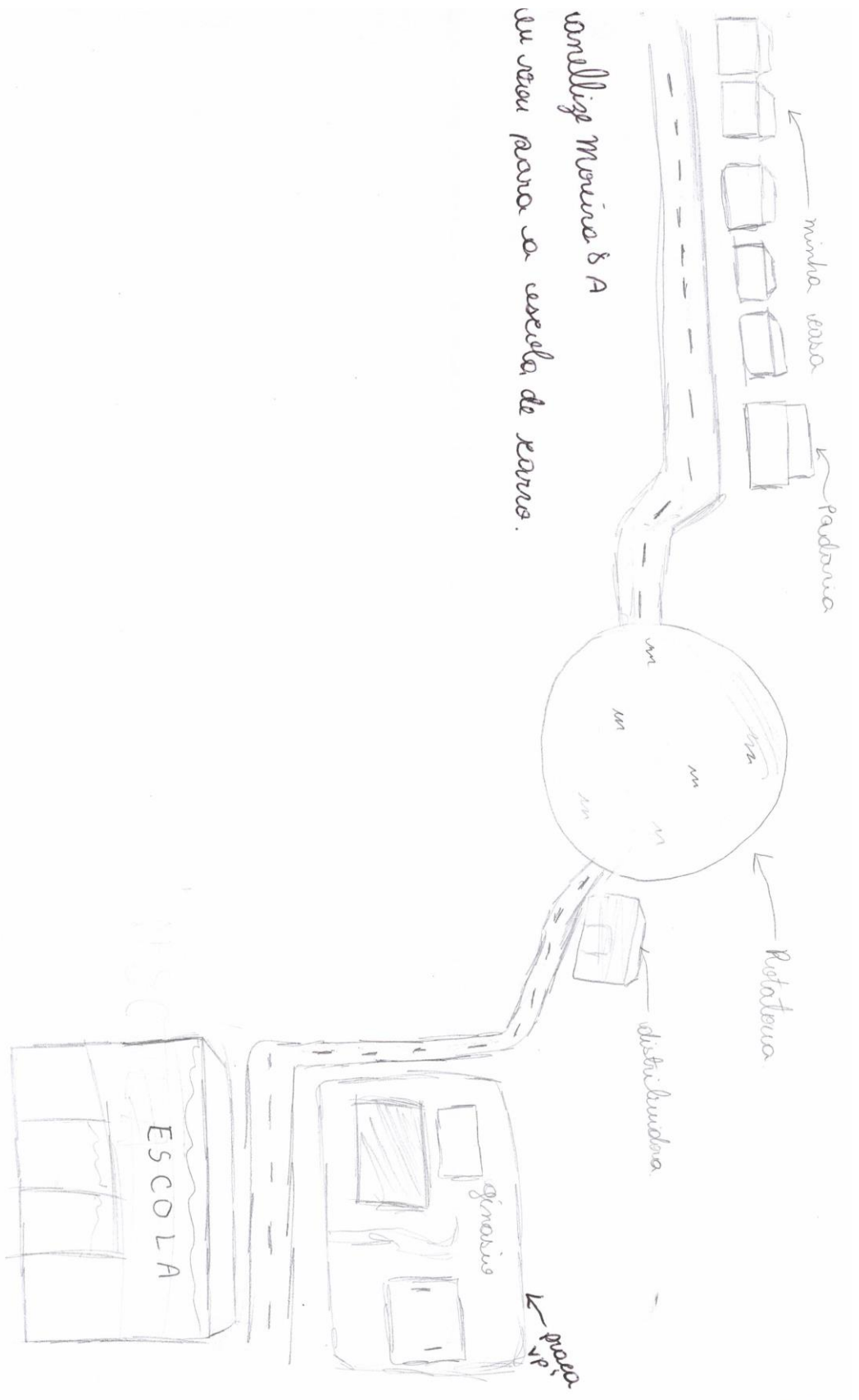


Saphis libro de castro





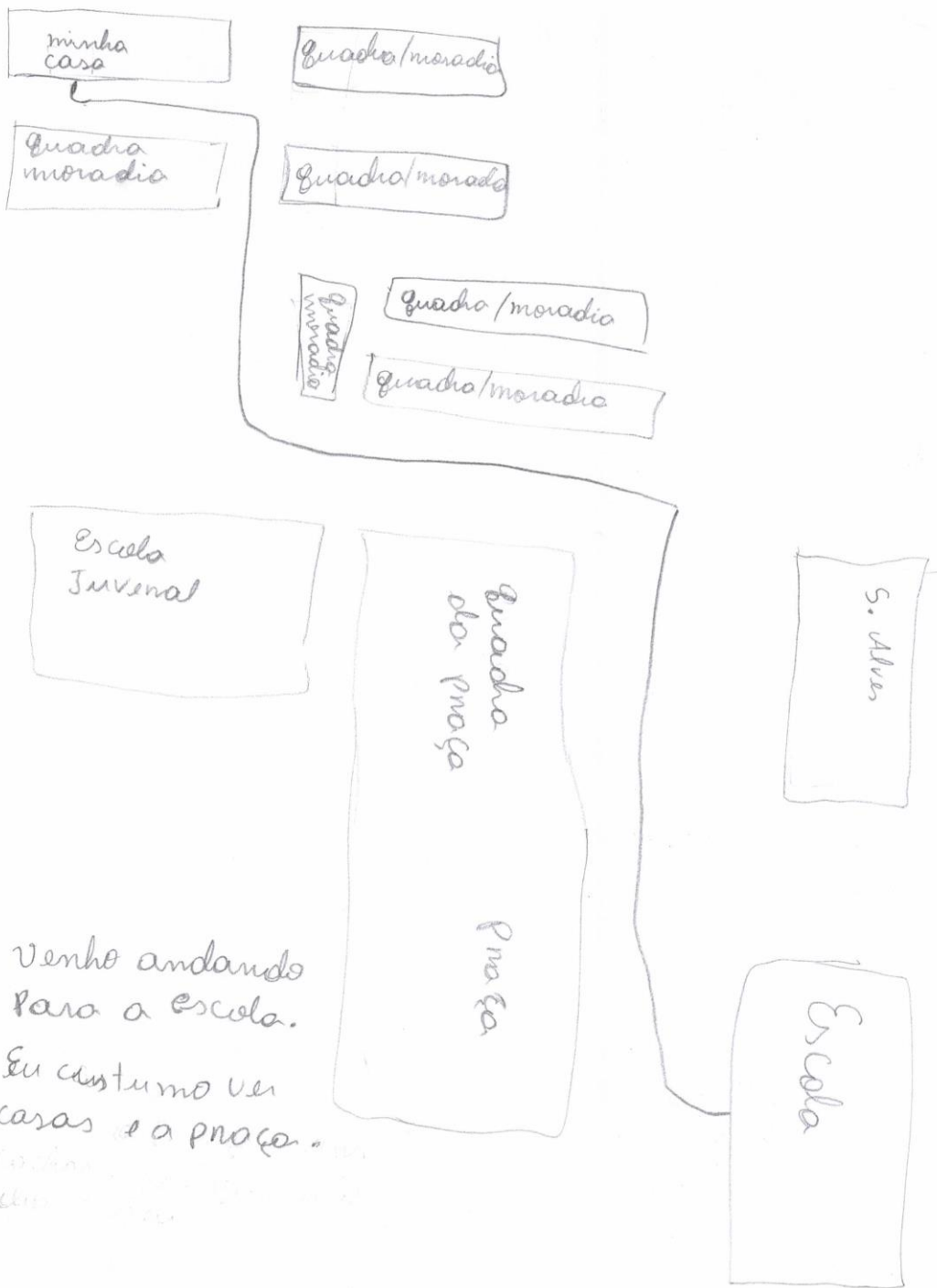
Emmanuel Medina
9B



conclui menina & A
em vista para a escola de cartas.

Filipe do Siqueira Oliveira
9º ano C



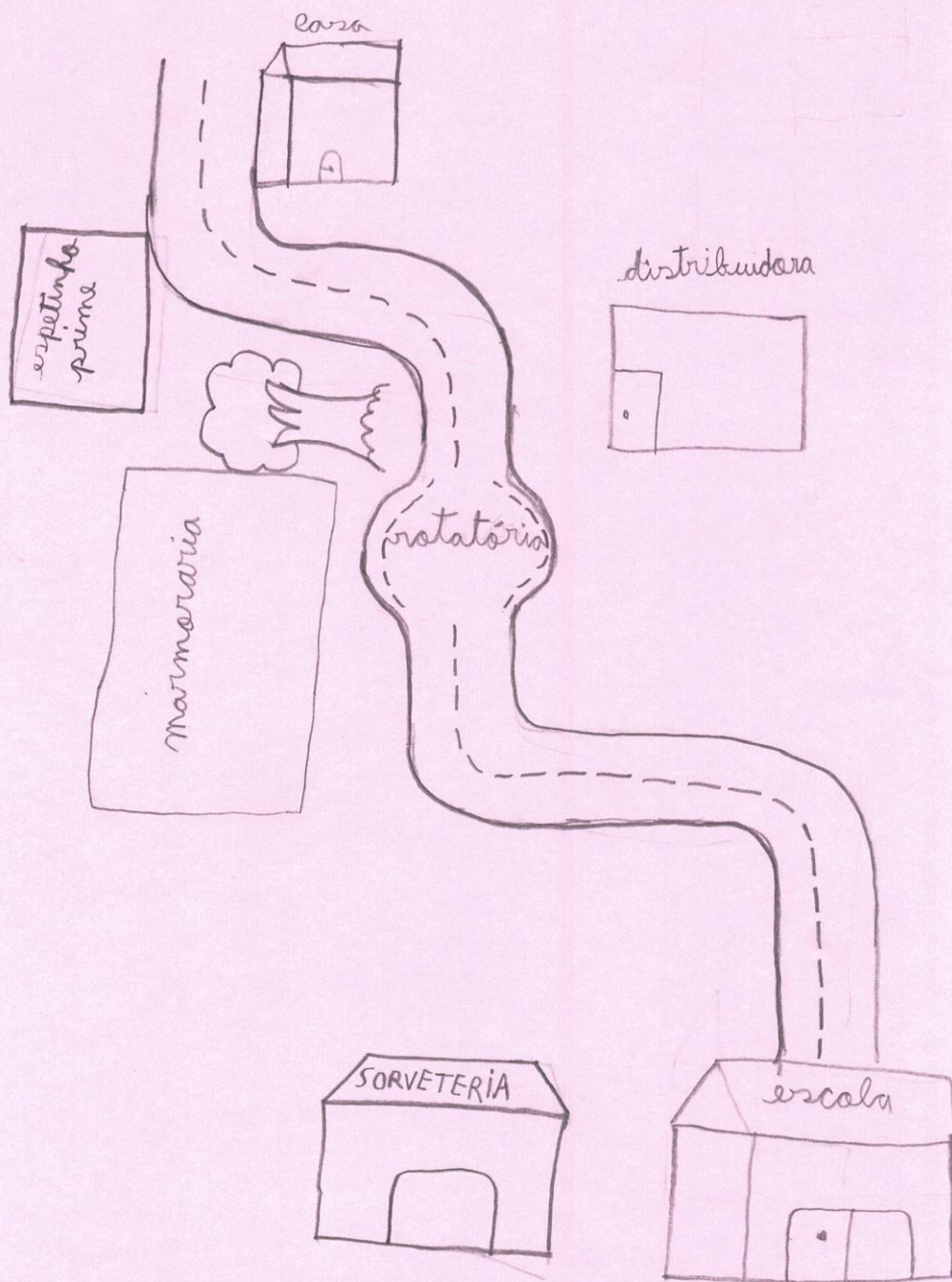


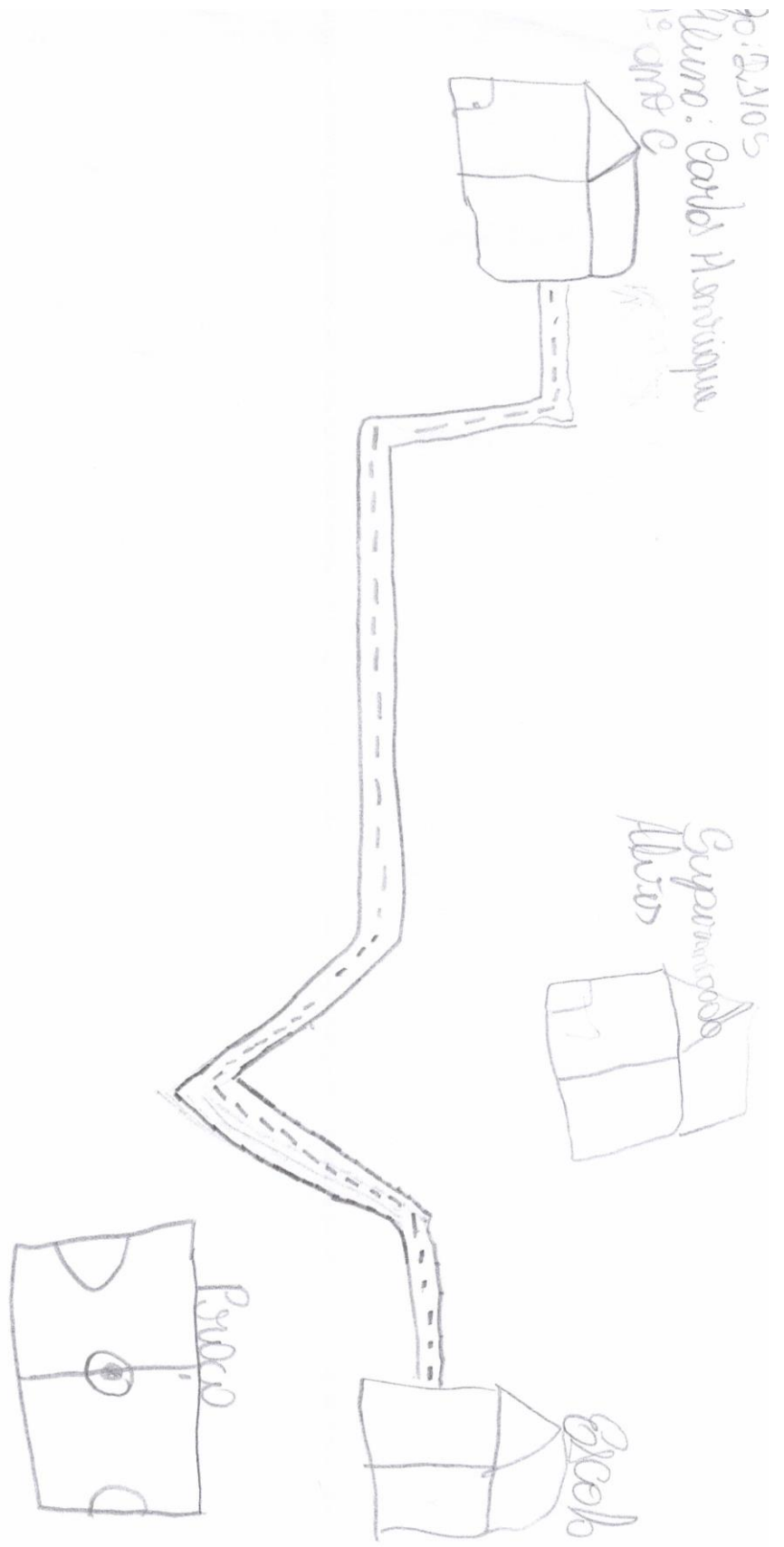
Venho andando
 Para a escola.
 Eu costumo ver
 casas e a praça.

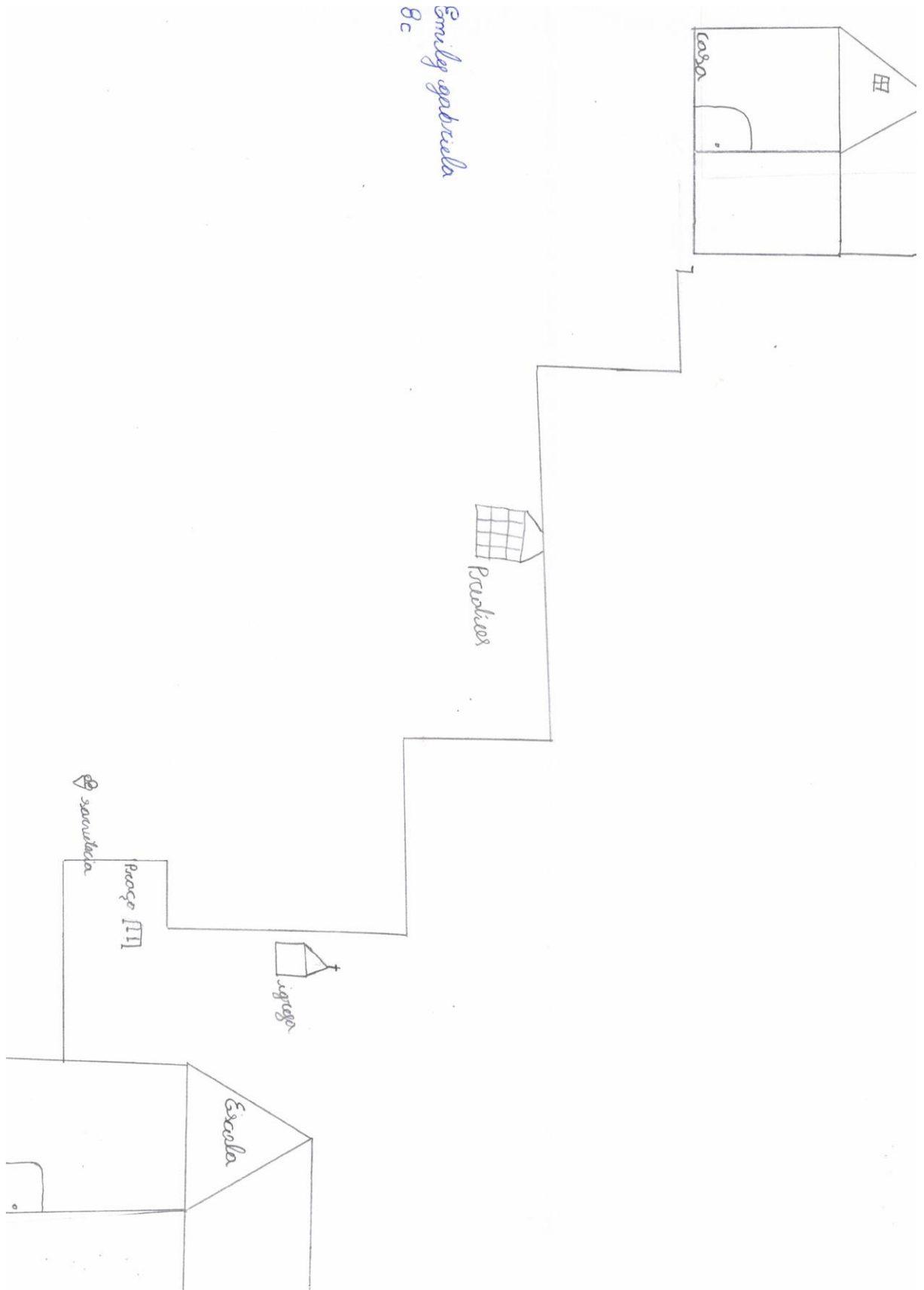
Margarida Mairo da S.P.

8-C

Nome: Emily Vitória Moraes Souza Lima
Turma: 8ºB







Emily gabriela
8c